

ORMEZINDA MARIA RIBEIRO-AYA

PELA ARQUITETURA DA MEMÓRIA

UMA CRÔNICA DA TRAVESSIA NA POÉTICA DA CARREIRA DOCENTE



Brasília 2026

Pela Arquitetura da Memória.
Uma Crônica da Travessia na Poética da Carreira Docente

Memorial Acadêmico para Promoção à Classe de
Professor Titular (D01)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UnB

Brasília, 2026

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL

RIBEIRO, Ormezinda Maria (Aya).

Pela Arquitetura da Memória. Uma crônica da travessia na poética da carreira docente. Memorial Acadêmico apresentado para promoção à Classe E de Professor Titular. Brasília – DF, 2026.

Dados de Identificação da Obra:

Autora: Ormezinda Maria Ribeiro (Aya)

Contato: aya@unb.br

Repositório Institucional: <https://repositorio.unb.br/simple-search?query=ormezinda+maria+ribeiro>

Copyright (©) 2026 Ormezinda Maria Ribeiro- Aya

Editoração e capa: Aya Ribeiro

Este trabalho está licenciado sob a **Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)**.

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar e distribuir este material em qualquer suporte ou formato, desde que atribua o crédito apropriado à autora, não o utilize para fins comerciais e não realize alterações, edições, traduções ou qualquer tipo de obra derivada.

Para consultar os termos desta licença em português, acesse: creativecommons.org.

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

R484p Ribeiro, Ormezinda Maria

Memorial acadêmico-profissional [e-book] / Ormezinda Maria Ribeiro. --
Brasília, DF: junho, 2026.

7 Mb; 211 f. PDF

ISBN: 978-65-02-08805-0

1. Escolas - Administração e organização 2. Ensino superior
3. Pesquisas 4. Professores universitários - Formação profissional
5. Universidade de Brasília 6. Ribeiro, Ormezinda Maria 7. Vivência acadêmica I. Título.

17-11451

CDD-378

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias; Professores universitários; Formação; Vivência Acadêmica:
Educação superior 378



À minha filha, Anna Cecília e aos meus netos, Henrique e Eduardo, meu legado mais precioso.

Que a minha trajetória lhes sirva de mapa para a liberdade e para que sejam, sempre, os autores de suas próprias histórias.

Minha filha e meus netos. Fonte: Foto de Bárbara Souza

Agradecimentos

O Senhor fez grandes coisas por nós, e por isso estamos alegres.

(Salmos 126:3)

Sêneca já dizia que “Sorte é o que acontece quando a oportunidade encontra alguém preparado”. Preciso admitir: tive muita sorte! Fui muito bem-preparada! Em toda a minha trajetória fui privilegiada com excelentes mestres!

Ainda na infância, tive o exemplo de uma avó educadora e a primeira motivação para decidir ser professora! À vovó Maria Augusta, minhas doces e gratas lembranças...

Da vovó Ormezinda, de quem herdei o nome e a vocação para compartilhar sempre, trago o exemplo de resiliência e força, nas minhas limitações! Sigo os passos de seu coração e sou-lhe grata!

Em casa, recebi uma educação amorosa e, com meus pais, José Luiz e Lucinda, aprendi a ser sensível ao outro, a respeitar o diferente como princípio de humanidade; compreendi o valor inestimável da educação, a dignidade do trabalho e a retidão da honestidade como bússolas para a vida. A eles, minha eterna gratidão por serem o alicerce ético e afetivo de quem me tornei!



Meus pais, quando eu nasci. Fonte: acervo pessoal.

Com minhas irmãs, companheiras de vida e de memórias, Lurdinha e Cidinha, aprendi que a caminhada se torna mais leve quando temos com quem dividir nossas conquistas. A elas, agradeço o apoio incondicional e por compartilharem comigo os valores de união e solidariedade que herdamos de nossos pais!

No convívio do nosso lar, com minhas irmãs de coração, Dindinha e Tida, aprendi sobre a importância da solidariedade; a elas agradeço por participarem da minha construção como sujeito e por serem presentes também nos momentos mais difíceis.



Uma pequena parte dos primos, em encontro de família, Uberaba, março de 2024. Fonte: Acervo pessoal

No seio de uma família numerosa e cheia de primos, aprendi a lição de dividir para multiplicar o amor e a amizade; a todos eles agradeço por me ensinarem que o afeto compartilhado é a maior das riquezas.



Com meu saudoso pai, minhas irmãs, filha e sobrinhas. Fonte: acervo pessoal

papéis de professora, mãe e avó; a eles agradeço por serem meus mestres mais ternos e por me ensinarem, dia após dia, que a educação é uma renovação constante pelo amor, mostrando-me que a paciência de Penélope e a doçura do saber com sabor se renovam em cada gesto de cuidado.

Na nova estrutura familiar, que se renova e se fortalece com novos nós e afetos, estendo meu carinho ao meu genro, Luís Guilherme, e ao sobrinho, Fábio, pelo convívio e apoio sempre generosos. Um agradecimento terno e especial ao meu sobrinho-neto, Pedro, cuja infância e alegria trazem luz e frescor aos meus dias, lembrando-me do sentido mais bonito da continuidade. Uma menção carinhosa ao Lucas (Nonô), em estágio probatório para integrar essa grande família. Ao registrar esses novos rostos que hoje partilham de nossa mesa, celebro com imensa alegria a memória viva de meus pais; sorrio com a certeza do orgulho e da felicidade genuína que eles sentiriam ao testemunhar a continuidade da nossa história e ao conviver com esses novos membros, que tão bem guardam, multiplicam e renovam o precioso afeto que deles herdamos.

Na escola pública, recebi a base de minha formação e a inspiração para a escolha de minha carreira. Minhas primeiras professoras, Dona Valmira Silva (pré-escola), Dona Elizene Freitas (primeira série) e Dona Nilcéia Santos Mansur (terceira e quarta séries) marcaram-me de forma indelével como ser humano e como professora, porque me ensinaram não com teorias, mas com exemplo e atitude a educar o outro como outro. Meu profundo reconhecimento!

Na Escola Estadual João Beraldo, aprendi com meus colegas o valor de uma amizade que atravessa décadas e supera distâncias. Com esse grupo, conheci a perenidade dos

Na convivência próxima com minhas sobrinhas, Natália e Amanda, aprendi a ser tia-mãe e a exercer a arte de educar com equilíbrio entre o afeto e a orientação; a elas agradeço por confiarem a mim esse papel tão singular de cuidado.

No cotidiano da maternidade, com minha filha, Anna Cecília, e com meus netos, Henrique e Eduardo, aprendi a lidar com os desafios de conciliar os



Com minha filha, Anna, e meus netos, Henrique e Eduardo, em 02-05-26. Fonte: foto de Bárbara Souza.

afetos nascidos no fazer pedagógico; a eles, meu carinho especial pela presença constante em minha trajetória, provando que o tempo só fortalece o que é verdadeiro.

No Magistério, ainda no ensino médio, encontrei a resposta à minha dúvida entre ser professora ou arquiteta. Devo isso às admiráveis professoras, Dona Judite Furtado e Risete Machado. Minha gratidão profunda!

Na Faculdade de Letras, o desafio de conhecer e de me embrenhar pelos caminhos da Linguística, contrariando a minha motivação inicial, a Literatura. Devo isso à Profa. Mariza Rocha Guimarães. Minha constante admiração!

No Mestrado, mergulhei no universo da pesquisa e, com meu orientador, Prof. Dr. Márcio Chaves-Tannús, aprendi o rigor metodológico e a importância da inquietação intelectual. Guardo com especial carinho a memória das orientações em seu lar, onde a etiqueta germânica e o ritual do chá se misturavam ao calor mineiro com que eu era recebida por sua esposa, Sra. Christina Chaves-Tannús. Essa acolhida generosa me ensinou que o fazer acadêmico também se nutre de gentileza e humanidade.

No desafio do Doutorado, consolidei minha identidade como pesquisadora e, com meu orientador, Antônio Suárez Abreu, assimilei a arte da escrita densa, e ao mesmo tempo criativa, com a profundidade da análise crítica; agradeço a parceria, e por me mostrar que a docência é uma artesanaria criativa. Com ele, compreendi que a motivação para a pesquisa nasce da nossa capacidade de tecer caminhos originais e de olhar para a linguagem com a curiosidade de quem sempre descobre um novo horizonte.

Na jornada da orientação, com meus estudantes de graduação e pós-graduação, vivencio um aprendizado que se renova a cada diálogo. Com eles, bebo da fonte do entusiasmo, compreendendo que a docência é uma travessia na qual, como ensinou Guimarães Rosa, “mestre é aquele que de repente aprende”. A todos agradeço por me desafiarem e por confirmarem o que dizia Cora Coralina: que a verdadeira felicidade reside em transferir o que se sabe e aprender o que se ensina. Com meus alunos, aprendi que a educação não é um ponto de chegada, mas um entrelaçar permanente de saberes e afetos.



Recebendo o carinho de orientandos, nos meus 60 anos. 12-03-24. Fonte: Acervo pessoal.

No cotidiano do Instituto de Letras-IL e da Faculdade de Educação-FE, com os servidores técnico-administrativos, cujo trabalho zeloso garante o alicerce necessário para que a vida acadêmica floresça, aprendi a valorizar a engrenagem que sustenta a universidade e a importância da cooperação mútua. Meu sincero reconhecimento!

No convívio com meus colegas do IL, e da FE, encontrei o território fértil da alteridade e do diálogo. Com eles, aprendi que a universidade se faz no coletivo, na partilha das angústias acadêmicas e na construção conjunta de horizontes possíveis; aprendi que ninguém evolui na carreira sozinho: somos o resultado das mãos que se estendem e das ideias que se entrelaçam com generosidade e respeito. Como mineira raiz, reconheço que esta carreira é “um queijo feito com o leite de muitas vacas”. A cada um(a), agradeço pela interlocução crítica, pelo apoio nos momentos de travessia e por transformarem o ambiente de trabalho em um espaço de mútua inspiração.

No cotidiano da UnB, aprendi a valorizar o alicerce silencioso que faz a universidade funcionar. E ao mapear o terreno deste projeto, preciso reconhecer com carinho e profundo respeito os servidores técnicos da BCE, meus ex-orientandos, Michelle e Seânio, verdadeiros bibliotecários da memória, cujo empenho nos bastidores foi decisivo para viabilizar e garantir a defesa deste memorial. A eles, e ao meu afilhado Diogo, que desde os tempos do antigo CESPE me socorre nos emaranhados da tecnologia, minha gratidão por garantirem a estabilidade documental e digital desta estrutura.

Na minha caminhada de fé, com meus pastores, aprendi que o verdadeiro saber não se encerra nos limites da academia. Sou grata por me ensinarem a valorizar o conhecimento que transcende esta vida e por me guiarem na busca por uma existência plena, pautada pela coerência e pelo compromisso com os mandamentos de Deus, compreendendo que a excelência acadêmica só encontra seu real propósito quando servida por uma ética do cuidado e pela integridade do espírito.

Durante toda minha vida, com meu Mestre Maior, aprendi que a verdadeira sabedoria reside na humildade e no serviço ao próximo. Com Ele, compreendi que cada desafio foi um fio necessário para fortalecer minha fé e minha vocação. Assim, concluo essa parte agradecendo a Deus por todas as oportunidades, pedindo-lhe, como fez o salmista no Salmo 90:12 “Ensina-nos a contar os nossos dias para que o nosso coração alcance sabedoria”.

Um agradecimento especial:

Ao fazer o registro desta travessia, dirijo meu mais profundo respeito e sincera gratidão aos ilustres membros da Comissão Especial de Avaliação. A presença de cada um nesta banca não representa um ato meramente formal de encerramento, mas o coroamento de um diálogo científico e acadêmico que vem sendo tecido solidariamente ao longo de décadas. As leituras atentas, reflexões e generosidade intelectual foram fundamentais para o desfecho deste percurso.

Manifesto meu agradecimento especial aos meus colegas de departamento que integram a Comissão: o presidente da banca, Professor Dionei Moreira Gomes, pela condução exemplar e impecável de todo o processo; e à Professora Edna Cristina Muniz da Silva, pela parceria de sempre e por esse olhar acolhedor e primoroso que tanto nos fortalece no cotidiano acadêmico.

Sublinho com profundo respeito meu reconhecimento aos queridos parceiros de jornada acadêmica: o Prof. Dr. Antônio Suárez Abreu (UNESP), a Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFG/Unisalento), a Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag (UFS) e o Prof. Dr. Josué de Souza Mendes (IFB), cujas valiosas contribuições enriqueceram imensamente este trabalho e honraram este momento de socialização de uma carreira de décadas dedicadas sobretudo à docência, à extensão e à pesquisa.

Agradeço a generosidade de terem feito uma pausa em suas rotinas para se debruçarem sobre as linhas da minha história. Mais do que avaliar esta trajetória, vocês trazem o olhar perspicaz de quem compartilha das mesmas utopias e dos mesmos desafios de fazer ciência e ser professor no Brasil. É uma honra singular rever, na composição desta banca, colegas que foram, e continuam sendo, parceiros fundamentais na minha formação e nas mais diversas atividades acadêmicas.

Submeter a arquitetura da minha memória ao crivo de uma banca que acompanhou o amadurecimento desta trajetória é a certeza de que este trabalho recebeu a leitura generosa e o rigor crítico que dignificam a universidade pública.

Que as considerações e os questionamentos que aqui nascerem sejam acolhidos como contribuições valiosas de pares eminentes, transformando-se em novos fios a serem integrados ao tear de uma busca perene pelo conhecimento, pela ética e pelas parcerias acadêmicas que dão vida à nossa trajetória.

Muito obrigada!

Sob a Lua Crescente de Primavera em Brasília, onde o céu do Planalto e as flores decidiram estar juntos para eternizar este dia especial. 23.09.2026

Aya Ribeiro

Quero trazer à memória o que me pode dar esperança.

(Lamentações 3:21)

Resumo

Em atendimento aos requisitos para a promoção à Classe de Professor Titular da Carreira de Magistério Superior, este trabalho constitui-se como uma Arquitetura da Memória: o relato reflexivo de uma trajetória acadêmico-profissional tecida ao longo de décadas. Analisam-se aqui as experiências dos anos de formação e atuação, abordando a história de vida desde os alicerces da formação acadêmica até a maturidade dos dias atuais. O texto contempla a prática docente como eixo central, articulada à inserção na pesquisa, à extensão e aos desafios da gestão universitária. A narrativa assume um caráter poético-autobiográfico. A produção deste Memorial revelou-se um movimento articulador de afetos, cognição e emoções; processos complexos que, ao serem narrados, reafirmam o propósito de continuar edificando saberes. Representando uma parte de minhas vivências, este trabalho permanece em aberto, pois me constituo na medida em que a vida, e a memória, pulsa.

Palavras-chave: Arquitetura da Memória; Carreira Docente; Ensino; Pesquisa; Extensão; Gestão.

Palavras-chave: Memória; Carreira Docente; Ensino; Pesquisa; Extensão; Gestão

Resumen

En cumplimiento de los requisitos para la promoción a la Clase de Profesor Titular de la Carrera de Magisterio Superior, este trabajo se constituye como una Arquitectura de la Memoria: el relato reflexivo de una trayectoria académico-profesional tejida a lo largo de décadas. Se analizan aquí las experiencias de los años de formación y actuación, abordando la historia de vida desde los cimientos de la formación académica hasta la madurez de los días actuales. El texto contempla la práctica docente como eje central, articulada a la inserción en la investigación, la extensión y los desafíos de la gestión universitaria. La narrativa asume un carácter poético-autobiográfico. La producción de este memorial se reveló como un movimiento articulador de afectos, cognición y emociones; procesos complejos que, al ser narrados, reafirman el propósito de continuar edificando saberes. Representando una parte de mis vivencias, este trabajo permanece abierto, pues me constituyo en la medida en que la vida, y la memoria, pulsa.

Palabras clave: Arquitectura de la Memoria; Carrera Docente; Enseñanza; Investigación; Extensión; Gestión.

Riassunto

In ottemperanza ai requisiti per la promozione alla Classe di Professore Ordinario della Carriera di Magistero Superiore, questo lavoro si configura come un'Architettura della Memoria: il resoconto riflessivo di una traiettoria accademico-professionale tessuta nel corso di decenni. Si analizzano qui le esperienze degli anni di formazione e di attività, affrontando la storia di vita dalle fondamenta della formazione accademica fino alla maturità dei giorni nostri. Il testo pone la pratica docente come asse centrale, articolandola con l'impegno nella ricerca, l'estensione e le sfide della gestione universitaria. La narrazione assume un carattere poetico-autobiografico. La produzione di questo memoriale si è rivelata un movimento articolatore di affetti, cognizione ed emozioni; processi complessi che, nel momento in cui vengono narrati, riaffermano il proposito di continuare a edificare saperi. Rappresentando una parte delle mie esperienze vissute, questo lavoro rimane aperto, poiché mi costituisco nella misura in cui la vita, e la memoria, pulsa.

Parole chiave: Architettura della Memoria; Carriera Docente; Insegnamento; Ricerca; Estensione; Gestione.

Lista de Quadros

Quadro 1 Relação de Estagiários.....	99
Quadro 2 Relação de Monitores	100
Quadro 3 Orientações de PIBID, EXTENSÃO, PIBIC e PIBEX	102
Quadro 4 Participações em bancas de mestrado	158
Quadro 5: Participações em bancas de doutorado.....	161
Quadro 6 Cursos de oficinas Eixo 1	176
Quadro 7 Cursos de oficinas Eixo 2	177
Quadro 8 Cursos de oficinas Eixo 3	178
Quadro 9 Cursos de oficinas Eixo 4	179
Quadro 10 Palestras e cursos em eventos	180

Lista de Figuras

Figura 1 Aya Ribeiro, aos seis anos.	19
Figura 2 Reprodução de tela, pintada por mim, para a capa do livro.	25
Figura 3 Capa da Cartilha.	26
Figura 4 Aparelho semelhante ao da venda de meu avô.....	36
Figura 5 Meus avós maternos.	37
Figura 6 A turma de Dona Nilcéia, em 1974.	38
Figura 7 Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio.	39
Figura 8 A turma de Dona Nilcéia, em 2022..	41
Figura 9 Vista aérea do UNICERP	44
Figura 10 Pórtico da Universidade de Uberaba.	45
Figura 11 Convite para a Colação de Grau em Design de Interiores.....	46
Figura 12 Na colação de grau em Design de Interiores.....	46
Figura 13 UNESP- Campus de Araraquara.....	61
Figura 14 Com uma aluna de minha primeira turma, em 1983.....	74
Figura 15 Escola Estadual "Mariana Tavares"	74
Figura 16 Alguns exemplares dos livros produzidos em OPT.....	79
Figura 17 Estagiárias apresentando seminário, 2026.	98
Figura 18 Lançamento de livros em evento em Natal-RN.	108
Figura 19 Lançamento de livro no XI SILEL.....	110
Figura 20 Capa do livro Tessere Testi.....	112
Figura 21 Livro Por Amor a Deus.....	113
Figura 22 Livro O Ano de Elias.	114
Figura 23 Democracia, deslocamentos e textualidades em contextos latino-americanos.....	115
Figura 24 Livro Diálogos Acadêmicos.	115
Figura 25 Interculturalidade e patrimônio em contextos latino-americanos.....	116
Figura 26 Livro O Poeta que Pariu.....	117
Figura 27 Quíchua Ayacuchano.....	118
Figura 28 Um novo olhar para um velho quadro.	118
Figura 29 Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.....	123
Figura 30 Cartilha Amigo do Campo.....	123
Figura 31 Revista UNIJUS.	127
Figura 32 Livro Em busca de um horizonte.	129
Figura 33 Livro Linguística do Português em Contexto Italiano.....	130
Figura 34 1a. Edição da Revista PASSEI.	146
Figura 35 Diploma e medalhas Mérito Legislativo 2015.	195
Figura 36 A única mulher, ao lado dos demais homenageados, recebendo a comenda em 2015	196
Figura 37 Capa do livro organizado por Juliana Dias.....	199
Figura 38 Prints do WhatsApp.....	202

Sumário

Resumo	10
Resumen	11
Riassunto	12
Lista de Quadros	13
Lista de Figuras	14
Para começar, muito prazer!	19
I O Prólogo e a Cartografia da Origem- As Fundações	27
1.1 O primeiro traço: o alinhavo de saberes pessoais e profissionais	28
1.2 A arquitetura tríplice da memória: estrutura e organização	30
1.3. O solo fértil: a arquitetura da formação	36
1.3.1 Erguendo as paredes sobre bases sólidas: a educação básica	38
1.3.2 Lançando o esqueleto da obra: a graduação como estrutura conceitual	42
1.3.2.1 O Curso de Letras- Português-Inglês: o projeto redirecionado	42
1.3.2.2 O Curso de Arquitetura e Urbanismo: a ratificação vocacional	44
1.3.2.3 O Curso de Design de Interiores: sustentabilidade e o projeto geracional	46
1.3.3 Aprimorando o desenho: as especializações e o refinamento do traço	48
1.3.3.1 Eixo I: Linguagem e Coerência: a precisão do traço e a engenharia textual	49
1.3.3.2 Eixo II: Pedagogia e Criatividade: a arquitetura lúdica e a renovação do espaço	50
1.3.3.2 Eixo III: Cidadania e Tecnologia: o desenho ampliado (tutoria, cidadania e o novo contexto)	50
1.3.4 Elevando a cobertura: o mestrado e a prova de solidez metodológica	52
1.3.5 A Planta autoral: o doutorado como projeto de arquitetura conceitual própria	59
1.3.6 Abertura ao canteiro global: os pós-doutorados e a expansão da fachada acadêmica	65
1.3.6.1 Entre o estilo e a catarse: o potencial da escrita criativa no desenvolvimento humano	66
1.3.6.2 A pesquisa na construção de estratégias para uma Leitura Crítica e Consciente	69
II A Estrutura Vertical- O Ensino como Ponte e o Legado	71
2.1. A construção da cátedra: a poesia do ofício	72

2.1.1 O alicerce e o primeiro ponto: da educação infantil à gestão escolar.....	73
2.1.2 O pilar da graduação: a Universidade de Uberaba.....	75
2.1.2 O portal de entrada: do acolhimento à consolidação da carreira na Universidade de Brasília (UnB).....	77
2.1.3. A docência como ponte e legado.....	80
2.1.4 O legado vertical: autonomia e criticidade.....	82
2.1.4.1 A perspectiva quantitativa: a superação da base.....	82
2.1.4.2 Disciplinas ministradas na graduação	83
2.1.4.3 Disciplinas ministradas na pós-graduação.....	84
2.2. O fio de Ariadne: a arte de orientar e a linhagem.....	85
2.2.1 A orientação como experiência de si e o confronto com a subjetividade.....	87
2.2.2 A escolha do caminho: educação para linguística	88
2.2.3 Fios que se cruzam: orientações e interações	89
2.2.3.1 A linhagem de pesquisa: orientação (mestrado, doutorado) e supervisão (pós-doutorado)	89
2.3.3.1 O Projeto SIGNO como eixo orientador: atividade de orientação em nível de graduação (TCC):	93
2.3.3.2 Atividade de orientação em estágio e/ou monitoria.....	98
2.3.3.3 Atividade de orientação em nível de iniciação científica, projetos de extensão, PIBIC e similares.....	101
III O Pavilhão da Inovação- A Pesquisa como Crítica e Descoberta	103
3.1 A gênese da crítica e o primeiro gabinete de pesquisa.....	104
3.2. As crônicas da descoberta: produção e impacto qualitativo.....	105
3.2.1. Livros e coletâneas: as obras de referência	108
3.2.1.1 Livros autorais: os alicerces da arquitetura.....	110
3.2.1.2 Ágoras acadêmicas: coletâneas e diálogos coletivos	115
3.2.1.3 Pórticos e prólogos: a escrita como acolhimento e travessia	116
3.2.2. O canteiro de obras: produção de material didático e instrucional.....	119
3.2.3 Artigos em periódicos: a pesquisa em movimento.....	123
3.2.3.1 Janelas para a cidade: a crônica como ponte para a popularização da linguística	127
3.2.4. Capítulos de livro: a teia colaborativa	128
3.2.5. Capítulos de livro no prelo: arremate de fios para 2026	133
3.2.6 A arquitetura da escuta e o despertar do conhecimento: diálogos em eventos acadêmicos nacionais ou internacionais	134
3.2.5.1 Diálogos em eventos nacionais e internacionais	134
3.2.5.2 A formação como ato de tecelagem: cursos e oficinas (2009-2026).....	141
3.2.5.3. Síntese do impacto social e acadêmico	144

3.2.6 Curadoria e alteridade: a atividade editorial como expansão dos jardins do inédito	144
3.2.6.1 Liderança e projetos editoriais estratégicos.....	145
3.2.6.2 Vínculos em corpos editoriais e conselhos consultivos	146
3.3. A arquitetura da rede: design e estrutura da colaboração em pesquisa	150
3.3.1 A base da colaboração: formação e prática docente (GAPP).....	150
3.3.2 Grupos de pesquisa nacionais (liderança e interdisciplinaridade).....	151
3.3.2.1 ALEA – Laboratório de Associação da Linguística, Literatura, Educação, Estatística, Antropologia e Artes em estudos do Contato de Línguas, Variedades Linguísticas, Grupos Sociais e Culturas em Áfricas, Europa e Américas:	151
3.3.2.2 SIGNO: significantes e os significados do ensino e da produção de textos: pesquisa, ação, reflexão:	152
3.3.3 Redes de estudo internacionais (projeção e alcance global)	153
3.3.3.1 BADALA - Banco de Dados de Línguas Africanas e Afrodescendentes (Convênio/Rede Internacional):.....	153
3.3.3.2 REDE/Itália - Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo:	154
3.4. Participação em bancas examinadoras e comissões julgadoras.....	155
3.4.1. Bancas de concursos públicos e processos seletivos.....	156
3.4.2 Bancas de mestrado: o refinamento da trama.....	157
3.4.3 Bancas de doutorado: o arremate da trama.....	159
IV O Espelho da Cidade- Gestão e Extensão.....	162
4.1. Ecoar para além dos muros: extensão e a devolução do saber	162
4.1.2. A universidade e a escola pública: diálogos e inclusão	165
4.1.3. Tradução, diversidade e direitos.....	168
4.1.4. Qualificação técnica e profissionalização: o design da eficiência e a engrenagem institucional	169
4.1.5. A extensão como objeto de reflexão crítica	171
4.1.6. Extensão universitária: diálogos, saberes e a interiorização do saber: o alcance nacional via polos UAB	171
4.1.7 A capilaridade da extensão na UAB: orientação de mais de 100 estudantes	172
4.1.8 Síntese da prática extensionista: o canteiro de obras da cidadania	173
4.2 A extensão dos fios: do laboratório à comunidade.....	175
4.2.1. O entrelaçamento dos fios: ações institucionais de extensão.....	176
4.2.2 A expansão das linhas: palestras e cursos em eventos acadêmicos nacionais ou internacionais.....	179
4.3. O arquiteto e o design institucional.....	181
4.3.1 Avaliação e monitoramento: a inspeção da obra (CPA e CESPE)	183

4.3.2. A engenharia da extensão: expansão e normatização (IL e DEX).....	183
4.3.3. A sustentação e o teto do saber: da graduação à pós-graduação.....	185
4.3.4. Governança e alta administração	186
4.3.4.1 Conselho de Administração - CAD (2017-2020)	186
4.3.5. Gestão e representação na extensão: a arquitetura normativa do tripé universitário	186
4.3.5.1 Membro da Câmara de Extensão (2013-2015 / 2015-2017).....	187
4.3.6 Síntese do design institucional: a gestão como equilíbrio das tensões.....	188
V O Epílogo e a Permanência: A Consolidação da Obra	191
5.1. O volume concluído: a síntese da alma acadêmica.....	192
5.1.1 Prêmios, homenagens e o reconhecimento da singularidade	194
5.1.2 Para além das salas de aula: o legado docente na memória de alunos e orientandos.....	197
5.1.2.1 Elogio recebido pela Ouvidoria da UnB.....	197
5.1.2.2 Depoimento de ex-aluno da graduação publicado em livro	198
5.1.2.3 A Voz do Outro: O Arremate no Afeto	202
5.2 O compromisso do titular é de permanência:.....	203
5.3. O Olhar para o horizonte: o compromisso do titular	204
Referências	209

Para começar, muito prazer!

Espero, nesta rede, partilhar este espaço com outros educadores, em uma linguagem que põe a Educação numa dimensão mais ampla e mais dialógica, mais distante do tablado que quase sempre colocou seus atores em posições hierárquicas visivelmente distintas: de um lado os mestres, seus teóricos e pensadores; e de outro, a plateia a que apenas assiste (Ribeiro, 2023, p. 13).

Seguindo os passos do coração: uma apresentação

Sou Cecília, sou Maria, sou Violeta, sou Adélia ou Raquel. Sou todas elas. Não sou nenhuma. Sou eu, sendo elas. E assim vou tecendo essa trama de livros, poemas, palavras e vida...Sou Cecília, sou sonhadora. Sonho com o mar, com navios e noturnos vestidos azuis.

Tenho, também, fases como a lua. Fases em que procuro canteiros para esconder minha tristeza, depois do crepúsculo. Em que ando à procura de espaço para o desenho da vida. Como Cecília, perco-me nos números, por isso gosto das letras. Nelas encontro a medida. Não do tempo ou das coisas, mas a exata medida de minha inquietação. Se escrevo, fujo de mim e me encontro comigo, com Violeta, com as muitas Marias que também sou eu.



Figura 1 Aya Ribeiro, aos seis anos. Predestinada a ser professora! Fonte: acervo pessoal.

Nas palavras enxergo a verdadeira dimensão do vazio que eu mesma crio e que só eu posso preencher. Não sei se vou ou se fico, se desmorono ou se edifico. Queria ser poeta. Então brinco com as palavras como se elas me respondessem. E elas me respondem firmes, duras, que eu sou o que eu digo de mim. E eu digo sempre que eu sou

o avesso, o oposto, o que não querem que eu seja. Não só para contrariar, mas para ser intensa, ainda que tensa e diferente, sendo igual.

Não quero ser. Quero estar sendo, sempre, em um gerúndio *ad infinitum*. Quero dar graças à vida, como Violeta. Mas não quero morrer de amor. Quero viver de amor. Quero sentir a cada instante, a cada pulsação, assim calma, assim pausadamente, o fluir do amor que me cerca e me possui. Intensamente. Não concordo com Bandeira, as almas se comunicam sim, e não estragam o amor. Minha alma sobrevive de amor. Não o meu corpo. Meu corpo quer é paixão, arrepios, mas minha alma quer serenidade. Quer companhia. Para conversar. Falar de amenidades, de poesia, de nuvens. Quer a primavera de Vivaldi e o pôr do sol de Ravel. Às vezes quer movimento, ritmo, o outro.

Meu coração está com Quintana: “se as coisas são inatingíveis... ora! não é motivo para não querê-las...Que tristes os caminhos, se não fora a mágica presença das estrelas!” E também concorda com Bilac: os riscos são necessários, têm que ser corridos.

O maior perigo na vida é mesmo o de não arriscar nada. Ninguém pode viver por mim. Essa dança é minha. Se não arrisco seus passos, posso evitar o sofrimento e o pesar, mas não posso aprender, sentir, mudar, crescer, viver ou amar. Tem razão Bilac: só é livre quem se arrisca. Mas estou com Hilda Hilst “que este amor não me cegue nem me siga. E de mim mesma nunca se aperceba”. Não quero ser o espelho daquele que me congela numa imagem de si mesmo. Sou eu, numa mistura de tudo que vejo, que leio e que me apraz. Que me atrai e até que me repele. Mas que sinto. Eu sou as minhas escolhas. Não o que querem que eu seja.

Não sou Cinderela. Prefiro ser borralheira. Na voz de Hilst encontro eco e repito: “quero que me olhe de novo. Com menos altivez. E mais atento”. Mas não me olhe como tu, ou ela, olhe-me como eu sou. Também já olhei a mim como me olham e não gostei do que vi, pois não sou assim. Sou muito mais bonita, porque não sou igual. Não sou como. Sou o que a outra não é. Sou inteira, sendo fragmento de tudo que encontro e que me encanta. Sou como a massa que escapa por entre os dedos: se quiserem me segurar não me apertem. Sou firme, mas me derreto e, derretida, desvaneço. Sendo firme não

sou palatável, mas me concentro e me esforço. Paradoxo dos paradoxos, sou tão mole, quanto dura!

Sigo os passos do coração e não me arrependo. Esse é o meu nome, a minha sina. Carrego desde antes de nascer e não creio que isso mude, mesmo mudando de nome, porque está no sangue. É hereditário. Vem de minha avó, que seguia os passos do coração como eu. E não foi esse órgão fragilizado e doente que a matou. Depois de sete décadas e meia reclamando baixinho, parou por causa de um câncer. Seu coração insistia ainda em ser seguido por ela. Mas mesmo tendo seu nome eu sei que sou bem diferente. Eu falo alto, grito e não deixo as dores entrarem em meu coração. Ele é o único que me suporta, o resto do corpo não. Prefiro não armazenar problemas nele. “E eu ainda sou bem moça pra tanta tristeza¹”. E eu ainda quero ver a vida. Como deve ser. Como eu penso que é. Não como querem que seja.

E assim eu me defino como uma fênix, a que não se deixa morrer. A que renasce das cinzas de um verso perdido...

Escrever sempre foi um exercício catártico. Antes escrevia quando estava melancólica. Saudosa das coisas que não conhecia, que ansiava viver. Saudosa das minhas próprias fantasias, que pareciam reais. Hoje, com a saudade de quem viveu uma fantasia tão real e, acreditando piamente que elas de fato existiram, sente falta delas, então escrevo para sentir novamente a sensação.

Acredito que, mais do que atores, somos autores de nossa própria história. A minha, hoje eu sei, estava escrita nos meus cadernos amarelados com os anos, nas folhas de rascunho, no verso de qualquer papel, até mesmos nos do banheiro, lugar em que a inspiração e a vontade de registrar o pensamento que teimava em se manifestar era oportuno. Cenário prosaico para fragmentos de textos que eu pensava ser poesias. Fragmentos de um poeta, no banheiro. Título interessante para um livro de poemas, se tomado até a locução adverbial. Acrescida essa, um sugestivo título para uma comédia. Mas o engraçado é só a irreverência, pois meu lado cômico nunca foi acentuado.

¹ Do poema “Marcha” de **Cecília Meireles**, publicado no livro *Viagem*, 1939.

O que importava mesmo era o pretexto para escrever: o lugar e o papel eram detalhes. Na aula de História do Brasil esbocei muitos poemas. Circunstancialmente de crise existencial. Não que o tema da aula fosse inspirador, ou que se relacionasse com meus escritos. Ao contrário. Era o avesso, do avesso, como diria Caetano. Nunca acreditei muito na história contada nessas aulas, mas gostava da matéria e ainda me recordo da professora, Dona Olga. Ela nem imaginava que rabiscava poemas nas aulas dela. Era muito séria e exigente, mas me passava uma aura de simpatia que me cativava. Talvez por isso sua rigidez nunca tenha limitado minha vontade de escrever.

Nas aulas de Física não escrevia nada. Acho que nem mesmo as fórmulas. Mas gostava de ler. Escondida pela enorme e velha carteira, ficávamos eu e os livros que tomava emprestados na Biblioteca Pública. Perdida no encantamento das letras que me fascinavam, eu não queria saber de números. Para quê? Queria viajar na literatura, conhecer novos mundos, enxergar novas paisagens, antes que o professor me tomasse o livro e o entregasse ao diretor até que o empréstimo vencesse.

Pagava a multa. O velho professor de Física me tirava o livro, o diretor consumia minhas economias com seu “sábio” castigo, mas ninguém me tirava o encantamento. Essa viagem eu fazia embarcando na fantasia que cada história me trazia. Hoje penso que o castigo que eu recebia por não ser boa aluna, na concepção dos discípulos de Newton, foi um tiro que saiu pela culatra. Quanto mais me impediam, mais eu queria ler. E essas histórias me capturaram.

Ler e escrever caminham juntos. Quando não lia M. Delly, e toda a coleção das Moças, lia os clássicos da Literatura Brasileira e Universal. Também muitas fotonovelas, muitas Júlias, Sabrinas e Biancas. Quantas e quantas noites em claro para terminar a leitura de um livro. Para mamãe eu dizia que lia para fazer um trabalho no dia seguinte. Na escola lia escondendo meu objeto de desejo, de fuga e de descobertas, atrás da carteira, entre um exercício e outro, entre um questionário pouco atrativo, entre conjugações de verbos. Todos eles intransitivos para mim.

Alguns me deixaram marcas profundas e indeléveis. “Entre Dois Amores”: essa obra me custou o lanche da semana toda. Ficou na gaveta do

diretor, para satisfação sádica do professor de Física. O livro virou um filme, grande sucesso em Hollywood, um clássico do cinema e da literatura mundial, que vim a assistir depois de muitos anos, mas não com o mesmo gosto com que me debrucei sobre suas folhas. Do professor não guardo mágoa. Ao contrário, sou-lhe grata. Devo a ele um espírito crítico e uma sede de ler, sem falar na habilidade que desenvolvi de ler rapidamente, próxima das ações clandestinas, sem deixar de fazer outras coisas.

Adolescente gosta de desafio, do que lhe é proibido. Interessante que os livros sobre sexo e as fotonovelas não me foram impedidos. Mas os livros sim. Então, para não fugir à regra, quis o que não podia. Como um namorado não consentido. Por ele fazia planos, aguardava ansiosamente o sinal da última aula tocar, para me dirigir ao lugar em que me encontraria com meu objeto de desejo proibido: a Biblioteca Pública, que ficava entre o caminho da escola e minha casa. Pouco me importava se o estômago reclamava de fome. Procurar na estante algo que não tinha lido era muito mais saboroso. O alimento que aquelas páginas me traziam era muito mais nutritivo.

Alguns ficaram de uma forma especial: o célebre Cem anos de solidão. A incomparável obra de Gabriel García Márquez foi um desafio: precisei esquematizar uma árvore genealógica para ler aquela saga com tantos nomes repetidos, sem me confundir. Outros que me encantaram profundamente “O velho e o mar” de Ernest Hemingway; Enterrem meu coração na curva do rio”, de Dee Brown; “Não apressem o rio. Ele corre sozinho”, na profundidade de Barry Stevens; Madame Bovary e Boulevard e Pecuchet, de Gustave Flaubert. Operação Cavalo De Tróia 1 de J. J. Benítez; Ana Karenina, o romance clássico de Leão Tólstoi; A Ilíada e A Odisséia, de Homero, clássicos que dispensam comentários. Também Os Lusíadas, esse um pouco por obrigação, que acabou se transformando em interesse. Dele, o episódio de Inês de Castro foi muito forte para meu coração adolescente. Muitos anos depois, pude visitar os túmulos dos amantes, cuja história me enterneceu. No Mosteiro de Alcobaça, em Portugal, não mais com a sensibilidade adolescente, mas com o olhar da arte me encantei com aquelas obras-primas da escultura gótica.

Mergulhei no mistério semiótico de “O Nome da Rosa”, de Umberto Eco, e percorri as rotas épicas de “O Conde de Monte Cristo”, de Alexandre Dumas.

Fui capturada pelo enigma de Machado de Assis e pelo lirismo de José de Alencar, de quem herdei o fascínio pelo anagrama de Iracema e até hoje me pego intrigada com os olhos de ressaca da Cigana dissimulada, mas também me permiti o embate com o polêmico e contestado Henry Miller, com seus inesquecíveis “Primavera Negra” e “Trópico de Câncer”, expandindo as fronteiras da minha percepção literária.

Percorri o realismo e o naturalismo de Aluísio de Azevedo e Raul Pompeia, atravessei os dilemas de Anne Frank, e de Oscar Wilde, e me encantei com a ludicidade de Lewis Carroll e Saint-Exupéry.

Das vozes de Érico Veríssimo, Rachel de Queiroz bebi a essência da terra. E foi em obras como Sagarana, do mestre Guimarães Rosa, e Chapadão do Bugre, de Mário Palmério, que encontrei a raiz do meu interesse pelo falar regionalista. Desse último, destaco o privilégio de ter convivido com seu autor, com quem trabalhei na Universidade de Uberaba. Essas leituras não foram meros registros: foram o alicerce da minha escuta para a linguagem e para o humano.

A lista é interminável, mas ainda me lembro de muitos, dentre tantos traduzidos do francês para a Coleção Menina e Moça e meus primeiros esboços de leitura: a coleção completa de Monteiro Lobato, na biblioteca do grupo escolar onde iniciei meus estudos, batizada em homenagem ao criador da boneca tagarela.

Todos eles entraram em minha pasta, cheia de cadernos, nos quais eu pouco escrevia, a não ser meus poemas, e eram folheados avidamente por detrás das velhas carteiras da Escola Estadual ou das carteiras um pouco mais modernas da Escola Normal. Eles eram sempre os meus fiéis companheiros. Alguns eram indicados na escola, para uma ficha de leitura, mas a grande maioria era escolhida por mim, pelo interesse no título ou seguindo a orientação da bibliotecária, ou ainda adquiridos pelo Círculo do Livro. Por tanto interesse pelos livros, conquistei o prêmio de maior leitora da Biblioteca Pública Municipal, em 1977.

Assim, minha formação foi tecida por uma biblioteca vasta e heterogênea, e cada obra exigiu um novo modo de olhar.

Nos cantos, escondida, no guardanapo do restaurante, nas capas dos cadernos e em tudo que fosse plano, escrevia: fagulhas de inspiração, que eu

pensava ser poemas. E se não eram hoje são. Se antes eram registros de adolescência para fugir da mesmice e da monotonia das aulas que não me encantavam tanto, do cotidiano que se apresentava sem cor e sem sabor, hoje podem ser o que eu quiser que sejam. Não me envergonho deles. São restos digeridos do que fui, ou gostaria de ser. Representam a busca de uma

identidade, que só poderia ser projetada e dada à luz por mim, gerada no meu eu adormecido. Lia pelo prazer e escrevia para não morrer. Meus textos eram meus restos, minhas cinzas como uma fênix que não se deixa morrer, nos versos mal rimados eu renascia e me encontrava.

Descobri que falo muito por culpa de minha iniciação à leitura, aprendi com Emília. E soube bem depois que meu gosto pelo espaço da biblioteca já estava predestinado: não foi por acaso que nasci em 12 de março, dia do bibliotecário, data escolhida em



Figura 2 Reprodução de tela, pintada por mim, para a capa do livro. Fonte: acervo pessoal.

homenagem ao poeta Bastos Tigre.

A Primeira Pedra: O Alicerce da Autoria

Na minha formação como leitora e escritora, um episódio da juventude se consolidou como a primeira e mais importante "pedra" que pavimentou o caminho da autoria e da integridade. Em 1975, ainda na quinta série do Ensino Fundamental, uma redação minha foi selecionada para concorrer ao prestigiado concurso "Nossa Ilha", promovido pela Secretaria da Receita Federal.

Contudo, essa oportunidade me foi negada. A diretora da escola vetou minha participação, sob a cruel alegação de que eu não teria escrito aquele texto sozinha.

Essa desconfiança, embora profundamente frustrante e injusta na época, pois o texto era integralmente meu e sem qualquer auxílio, não se tornou um obstáculo, mas sim um alicerce inabalável. A diretora, ao duvidar da

minha capacidade e me negar o crédito, involuntariamente me ofereceu a primeira grande avaliação do meu potencial: entendi, então, que a qualidade do texto era tal que estava sendo considerada impossível para uma jovem autora.

Naquele momento, o julgamento injusto e sem comprovação se tornou uma convicção interna mais valiosa do que o prêmio ao qual eu poderia concorrer nas etapas posteriores. A oportunidade de concorrer me foi tirada, mas, segura de minha autoria, aceitei a exclusão forjada no fogo da desconfiança. Essa foi a primeira pedra que encontrei no caminho e que

me serviu de fundação para a defesa incessante da minha Planta Autoral ao longo de toda a carreira. A integridade começou ali: sabendo quem eu era e do que eu era capaz, independentemente de quem me negasse o crédito.

Às vezes, eu me pergunto se o mundo é realmente tão estranho ou se sou eu que vejo tudo de um jeito diferente (Lewis Carroll 2000).

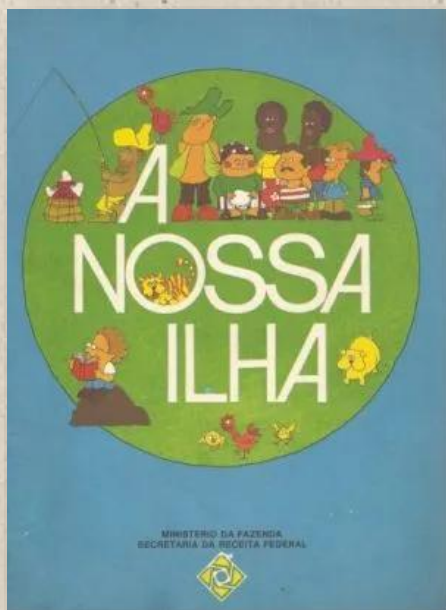


Figura 3 Capa da Cartilha, cujo texto serviu de inspiração para o concurso. Fonte: internet.

I O Prólogo e a Cartografia da Origem- As Fundações

Arquitetura é, pois, gênese, e, como tal pode subverter modelos, despir-nos dos óculos sociais que nos fazem enxergar apenas silhuetas nas sombras de nossas projeções de realidade (Ribeiro, 2023, p. 39).

Este Memorial é uma Crônica da Travessia, um convite à reflexão sobre a jornada que culmina na Titularidade. Para narrar essa experiência, busco inspiração no diálogo filosófico proposto por mim em “A Teia de Penélope. Metáforas na Educação”², que coloca, lado a lado, Alice³ e Narciso⁴. Se Alice simboliza a curiosidade e a travessia pelo País das Maravilhas do conhecimento, forçando a desconstrução e a busca por novos limites, Narciso evoca a autorreflexão e o olhar para o espelho, essencial à construção da identidade.

Minha trajetória, assim como o tecer constante de Penélope⁵, é a síntese desses dois movimentos: a ousadia de me perder para me encontrar no saber, e o rigor de me autoavaliar para construir uma carreira sólida. Assim, as epígrafes retiradas do meu livro, encadeadas com trechos de Lewis Carroll, escolhidas para cada seção, são meus espelhos e os caminhos que balizaram o registro desta jornada.

Foi em Brandão que busquei uma explicação para este Memorial, para situar uma travessia nesse resgate de dados que me ajudasse a compreender e situar a minha própria trajetória pessoal e acadêmica, entendendo que elas estão imbricadas e que se fundem, pois, conforme esse educador-antropólogo: “não devemos esquecer que a lembrança não reconstrói apenas um passado ou uma fração do passado. Ela funda a cada vez um presente ao restabelecer as suas origens” (Brandão, 1998, p. 11). E “não há como exteriorizar uma experiência vivida sem se apoiar numa

² Livro que publiquei em 2013 e reeditei em 2023, pela Editora Pontes, no qual reuni ensaios, pesquisas e experiências acadêmicas, com vistas a subsidiar minhas aulas na disciplina Estágio Supervisionado de Português.

³ Personagem de Lewis Carroll.

⁴ Personagem da Mitologia Grega.

⁵ Personagem famosa na Odisseia de Homero como a esposa fiel de Ulisses (Odisseu), rei de Ítaca. Figura central da mitologia grega.

linguagem. É ela que aponta o norte, descortina os caminhos, e, não raras vezes, muda os rumos imaginados" (Ribeiro, 2023, p.92).

Nessa esteira, reporto-me a Benjamim (1994, p. 209), ao afirmar que

A narrativa segue o curso da vida, ela não se explica à parte da vida, simplesmente flui. Na medida em que a história é narrada, os fatos surgem acompanhando a memória do narrador, que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas.

Assim, registro neste documento, notas às vezes despretensiosas, às vezes impregnadas de saudosismos daqueles que conviveram ou ainda convivem com as muitas pessoas que sou eu. Essas notas, que constituem a essência deste Memorial, representam etapas da minha trajetória que não poderiam ser desprezadas, pois compõem o itinerário de uma viagem iniciada há um longo tempo...

1.1 O primeiro traço: o alinhavo de saberes pessoais e profissionais

Ser professor é, portanto, um exercício de integração de práticas e saberes... É um alinhavo de saberes pessoais e profissionais nas tramas do cotidiano da educação (Ribeiro, 2023, p.96).

O memorial configura-se como um gênero narrativo de notável complexidade, sendo, por excelência, um testemunho da experiência, pois se torna um depoimento históricos da vida acadêmica, oferecendo fontes ricas para a história institucional e a história da educação.

Assim, a relevância pessoal e reflexiva pode ser considerada como a dimensão mais profunda, ligada à poesia da escrita de si. Isso porque ela emerge da resignificação da trajetória de vida do autor. Nesse sentido, o ato de escrever o memorial impulsiona a autoavaliação crítica, transformando as vivências em experiências analisadas. Ele permite ao sujeito relembrar, repensar e resignificar sua prática, o que é um ato de autoconhecimento. É o momento de alinhar os saberes pessoais e profissionais, reconhecendo como a vida e a formação humana fundamental dão sentido e suporte à atuação profissional (Ribeiro, 2023).

Ao narrar a própria história, o autor consolida a sua identidade profissional, compreendendo a origem das suas dificuldades e facilidades e,

projetando seu futuro com uma visão mais consciente e madura, fortalece a construção da sua identidade.

Em suma, a importância do memorial reside em sua capacidade de ser, simultaneamente, um documento de prestação de contas pública (institucional) e um monumento de reflexão íntima (pessoal).

Como estratégia de autoconhecimento, o memorial permite a reflexão consciente e fundamentada na experiência, atuando como um exercício de interrogação da própria trajetória para a construção de uma nova identidade. Tal como afirma Ecléa Bosi (2001), a memória não só emerge, misturando-se com as percepções atuais, como também satura o espaço da consciência, provando que "não existe presente sem passado." A verdadeira excelência, portanto, reside na seletividade reflexiva, um esforço de organização e análise quando o autor assume a posição de sujeito que se auto interroga, olhando a vida através de um "retrovisor" para compreender criticamente o significado das suas dimensões.

Nessa perspectiva, o propósito primordial desta Crônica da Travessia é justificar o mérito do meu trabalho junto à Universidade de Brasília- UnB, fornecendo os dados e análises necessários para a ascensão ao patamar mais elevado da carreira docente: a promoção para Professor Titular (Classe D), conforme a legislação vigente (Lei n. 12.772/2012, Portaria n. 982/2013-MEC e Resolução CEPE/UnB 179/2017).

Para tanto, apresento este relato como um alinhavo de saberes pessoais e profissionais. A carreira aqui registrada será analisada sob a lente da Tripla Arquitetura do Saber, a ciência do Espaço (Arquitetura/Design), a arte da Linguagem (Letras) e a práxis da Interação (Educação) , que fundamenta minha atuação, com base na minha formação.

Assim, em analogia à arquitetura, este Memorial é descrito como a planta baixa: um exercício sistemático que mapeia o terreno complexo das experiências passadas para projetar novos sentidos sobre o presente. Não se trata de um mero registro cronológico, mas da projeção intencional da lembrança, na qual o passado é ativamente reconstruído pela perspectiva do agora.

Considerando o memorial como uma ponte epistêmica fundamental que liga os saberes pessoais aos saberes profissionais, permitindo a

ressignificação da prática, o alinhavo de saberes aqui apresentado está estruturado em eixos que refletem essa visão unificada.

Ao elaborar este Memorial, cumpro rigorosamente as exigências normativas que regem a promoção à Classe D – Professor Titular, registrando e descrevendo minuciosamente as atividades desenvolvidas ao longo dos últimos 16 anos, desde o meu ingresso na Universidade de Brasília (UnB). Entretanto, para além do cumprimento do rito administrativo, optei por incluir nesta narrativa registros e vivências que antecedem o meu percurso nessa instituição.

Essa escolha é deliberada, pois acredito que a trajetória de um docente não se inicia com um ato de posse, mas se consolida em um *continuum* de buscas e descobertas. Tais recortes, embora não obrigatórios para fins de pontuação normativa, são trazidos à luz por serem substancialmente a base da minha essência profissional. Ao apresentar esses marcos formativos e produções de períodos anteriores, busco revelar a gênese do meu olhar investigativo e os valores éticos e pedagógicos que hoje sustentam minha maturidade acadêmica.

São, portanto, escolhas de uma “Alice” que olha para trás para melhor projetar o futuro, compreendendo que a solidez do que construí na UnB repousa sobre alicerces lançados em solo anterior, sem os quais minha identidade como pesquisadora e educadora não estaria completa.

Nesse sentido, declaro que não encaro este documento apenas como uma prestação de contas burocrática, mas como um testemunho de formação de identidade, apresentando à Comissão Especial Avaliadora e aos potenciais leitores a possibilidade de enxergar a gênese da minha essência profissional.

1.2 A arquitetura tríplice da memória: estrutura e organização

Esses signos, nossas habitações provisórias, mas que nos abrigam por longos períodos, ainda que a ideia de longo seja construída em nossas idiossincrasias, são representações de nossos desejos e sensibilidades que vão além de si mesmos, e constroem assim sua face de identidade e realização ou são reflexos e refrações de projeção social (Ribeiro, 2023, p.37).

A Arquitetura da Memória que apresento está erigida sobre três eixos ou pilares conceituais e organizacionais, a fim de que o relato se mova da interpretação, a Crônica, para a comprovação, o Fato:

I. A Planta Baixa, o Memorial Narrativo, intitulado “Pela Arquitetura da Memória: uma Crônica da Travessia na Poética da Carreira Docente”.

Trata-se desta Crônica da Travessia propriamente dita, em que me (re)constituo no ato de narrar. Faço um relato seletivo e analítico dos principais marcos de minha vida formativa, acadêmica e intelectual. Essa seção alinha os saberes pessoais e profissionais, comentando, de modo sintético, o conteúdo e a visão conceitual das atividades-chave de Ensino, Pesquisa, Extensão e Gestão que desenvolvi ao longo de 16 anos, no interstício entre minha entrada na Universidade de Brasília até a presente data. Por vezes, retomo a experiências anteriores, a fim de apresentar meu alicerce de formação.

As atividades são relatadas nem sempre em ordem cronológica, mas a ênfase é dada à significância qualitativa e à coerência do traço que optei por imprimir, e não à simples enumeração.

Nesse aspecto comungo com Benjamim, (1994, p.68), a compreensão de que

[...] a narração não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação faz) integra-o à vida do narrador para passá-lo ao convite como experiência. Nela ficam impressas marcas do narrador como os artigos das mãos do oleiro no vaso de argila.

II. O Inventário Estrutural, o Curriculum Vitae Quantitativo, ou a listagem das atividades realizadas ao longo de minha carreira docente.

Essa segunda parte funciona como o Inventário Estrutural da Obra. Nela, apresento um panorama estritamente descritivo, no formato de Curriculum Vitae consolidado, a Tabela de Atividades, com o resumo dos indicadores de qualidade constantes do artigo 6º da Resolução CEPE/UnB 179/2017 e as pontuações para uso da Comissão Examinadora.

Esse inventário enumera a totalidade das atividades realizadas, cujas provas documentais estão apresentadas no Dossiê intitulado “O Gabinete de

Provas”. Esse volume serve como o registro detalhado e exaustivo que sustenta a seletividade e a análise da primeira parte.

III. O Gabinete de Provas (A Comprovação Documental)

A terceira e última parte é o Gabinete de Provas, estritamente documental. Ela é composta por um dossiê, cujos anexos contêm a comprovação material de todas as atividades relatadas. Esse dossiê está organizado por categorias e segue a mesma sequência temática do Inventário Estrutural, a Tabela de Atividades, de modo a facilitar o manuseio e a verificação pela Banca Examinadora:

Volume I: 1-Identificação; 2- Formação; 3- Informações Complementares

Volume II: Comprovantes das Atividades de Ensino

Volume III: Comprovantes de Atividades de Pesquisa e Extensão

Volume IV: Comprovantes de Gestão Acadêmica

A opção por essa forma de organização visa apresentar não só o projeto da carreira docente, mas o seu alicerce e estrutura, imprimindo forma e solidez conceitual, corroborada pela comprovação factual.

Assim, a crônica dessa travessia acadêmica tem início com “O Prólogo e a Cartografia da Origem” (I), que ergue as fundações da trajetória, mapeando o desenvolvimento da minha Planta Autoral desde a Educação Básica até a Abertura ao Canteiro Global (Pós-Doutorados), quando a Arquitetura da Formação se completa.

No entanto, ao chegar a esse ponto do Memorial, quando a Arquitetura da Formação parece, enfim, completar-se em seus eixos fundamentais, é preciso fazer uma ressalva ética e epistemológica: a completude aqui apresentada é apenas formal.

A carreira docente, tal como a teia de Penélope, não se encerra com a titularidade; ao contrário, ela se renova por meio da incompletude inerente a quem faz da busca o seu modo de vida. Se o título de Professor Titular representa o ápice de um percurso normativo de 16 anos na UnB e de mais de quatro décadas dedicadas ao ensino, ele não marca o fechamento de

uma carreira, mas a consolidação de um alicerce que me permite continuar construindo.

Uma arquitetura viva nunca está pronta; ela exige o reparo constante, o “puxadinho” da nova ideia, a “troca das telhas” que o tempo desgastou e, sobretudo, a abertura de portas para que outros, meus alunos, orientandos e pares, possam entrar e ressignificar esse espaço.

A promoção a Titular é, portanto, aceitar que o aprendizado é um movimento perpétuo e que a minha essência profissional, embora madura, guarda a beleza de estar sempre “em obras”, pronta para os desafios que a Linguística e a Educação ainda hão de me apresentar.

Na sequência, a “Estrutura Vertical” (II) eleva a docência ao seu patamar central, descrevendo o ensino como a ponte para a formação do legado. Essa seção detalha a Construção da Cátedra e o Fio de Ariadne na orientação, que consolida a linhagem de novos autores e professores.

A terceira parte, “O Pavilhão da Inovação” (III), concentra-se na pesquisa, detalhando as “Crônicas da Descoberta e a Orquestra da Colaboração (Redes de Excelência), demonstrando que a produção é movida pela crítica e pelo impacto qualitativo, indo além da métrica quantitativa.

Em seguida, “O Espelho da Cidade” (IV) reflete a atuação na gestão e na extensão, evidenciando o compromisso de ecoar para além dos muros da Universidade, como desenho estratégico para o serviço à comunidade.

Por fim, “O Epílogo e a Permanência” (V) sela a Crônica da Travessia, apresentando o volume concluído, a síntese da alma acadêmica e o compromisso com o horizonte que se expande, de modo que “o que merece ser, continue a ser”⁶.

O objetivo deste Memorial, portanto, é construir um panorama analítico e crítico da minha trajetória profissional, utilizando a Arquitetura como metáfora para mapear os alicerces (formação), as estruturas (atuação) e o legado (visão de futuro) de uma carreira dedicada ao tripé que sustenta a Universidade.

⁶ Galeano, 2001.

A Arquitetura da Memória aqui apresentada repousa integralmente sobre a tríade indissociável que sustenta a universidade brasileira: Ensino, Pesquisa e Extensão. Para além de uma mera exigência regimental, o tripé é, na minha visão, a Estrutura Vertical que confere sentido, relevância e permanência à Cátedra.

O Ensino (Seção II) é o Pilar que garante o Legado, atuando como a Ponte que conecta o saber estabelecido à nova geração, dedicando-se à formação da Planta Autoral do futuro professor. É a tecelagem constante da Teia de Penélope, outra metáfora que emprego na tentativa de conceituar como penso o fazer pedagógico: um eterno tecer e destecer “para esperar aquele que virá. Aquele que ocupará nossas salas, nossos espaços, que dividirá conosco novas e velhas experiências” (Ribeiro, 2023, p.13).

A Pesquisa (Seção III) é o Pavilhão da Inovação, um motor de crítica e descoberta que se apresenta como uma atividade dinâmica, colaborativa e harmônica, caminhando lado a lado com o ensino e a extensão.

Longe de buscar a reprodução de respostas prontas, orienta-se no sentido de transformar o fazer pedagógico, atuando como catalisador de práticas ativas e pioneiras, de modo a assegurar que a produção do conhecimento se mantenha em vanguarda, pautada pela ética e aplicada à solução de problemas complexos que a sociedade demanda.

A Extensão (Seção IV), como o Espelho da Cidade, indica a responsabilidade social da academia. É o braço que leva o conhecimento para ecoar para além dos muros, transformando a teoria em serviço e devolvendo à comunidade o investimento público feito na Estrutura Vertical.

Entendendo que a Titularidade não é apenas o coroamento da excelência em cada pilar isolado, mas sim a validação de uma atuação que integra harmoniosamente esses três eixos, pretendo demonstrar que a Alma Acadêmica serviu ao seu propósito máximo: construir uma ponte sólida, alicerçada na pesquisa crítica, com a finalidade última de servir à comunidade.

Por isso, este Memorial não é somente um inventário, mas a Crônica de uma Travessia: um texto a partir do qual narro a construção de uma identidade acadêmica distinta, ligando o rigor da pesquisa à paixão do

percurso. O objetivo é revelar a coerência interna da jornada, a qualidade do impacto e a visão de futuro que consagra o Professor Titular.

Assim, este documento configura-se como um Memorial para Progressão à Classe de Professor Titular, no qual a minha narrativa biográfica é indissociável da análise crítica e factual. Aqui minha trajetória é apresentada como a construção de um edifício intelectual, demonstrando a coerência, o impacto qualitativo e a visão de futuro que justificam a ascensão ao ápice da carreira docente. Com esse desenho, ao traçar o recorte do que quero apresentar, faço o que em arquitetura denominamos “partido arquitetônico”⁷ e, tal qual o arquiteto, decido nessa arquitetura intencional da lembrança o que dá sentido ao meu presente na Universidade de Brasília, por meio de uma reflexão do passado acadêmico, com vista à ascensão à Classe de Titular .

Para tal, a normativa exige um Memorial que documente a totalidade da trajetória docente, cobrindo cada eixo de excelência no Ensino Superior. Contudo, a verdadeira distinção reside na seletividade reflexiva: é imperativo ir além do mero registro factual para construir um efeito discursivo que revele a história pessoal, intrinsecamente ligada à trajetória profissional.

Nesse exercício de rememoração, o recorte não se limita aos dados objetivos, mas mergulha no emaranhado de experiências que foram talhadas ao longo do meu percurso. A memória, nesse sentido, não é um repositório neutro, ela constitui uma interpretação condicionada por fatores diversos: as circunstâncias culturais, as opções políticas e as relações sociais que me definiram como um “ser-em-educação”⁸.

A partir desse ponto, o foco analítico se concentrará na projeção dos aspectos mais relevantes desse processo formador, da atuação consolidada no Ensino, na Pesquisa e na Extensão, e na experiência em Gestão. Esses períodos serão tecidos com considerações que, como um projeto arquitetônico, visam desvelar a complexidade das identidades que me compõem.

⁷ Segundo Houaiss, partido arquitetônico é a “consequência formal decorrente de uma série de fatores determinantes de uma construção, tais como o programa do edifício, a topografia do terreno, as condições locais, as verbas disponíveis, a legislação e, principalmente, a intenção plástica do autor do projeto”.

⁸ Termo que tomo emprestado de Brandão (2008).

Minha formação em Arquitetura, em Design de Interiores e em Letras, sob a lente da Educação, valida essa abordagem, pois entendo que a memória não é um repositório neutro; ela constitui uma interpretação condicionada por fatores diversos que definem o ser. Assim, por compreender que a carreira a ser analisada transcende os limites dos espaços formais, optei por alinhar a narrativa com os marcos formativos que se estenderam para além dos muros escolares.

Nesse sentido, recorro a Eduardo Galeano (2001, 30), quando diz que “a memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo”.

1.3. O solo fértil: a arquitetura da formação

Se construímos nossa realidade e nossos signos num processo cíclico de reprodução da práxis, somos essencialmente o que as lentes do mundo refletem e refratam em nós (Ribeiro, 2023, p. 62).

Nasci na cidade de Patrocínio⁹, no Triângulo Mineiro, grande produtora do café arábica, o que a tornou internacionalmente conhecida. Dos três meses de vida aos cinco anos de idade, vivi na fazenda de meus avós maternos, em Santo Antônio do Quebranzol, porque meu pai cuidava da saúde bucal dos moradores daquela região rural. Ali, pude ouvir muitas histórias e conviver com minha avó Maria Augusta, mulher de fibra, dinâmica e reconhecida na comunidade por sua inteligência e determinação. Vovó Maria era a parteira e a professora do arraial, onde meu avô José Affonso da Cunha tinha uma venda, local de reunião dos fazendeiros e lavradores da região. Ali se encontrava de tudo: de secos e molhados a tecidos e sapatos femininos. E também o famoso fumo de rolo, que ele picava para empalhar, enquanto contava histórias aos seus fregueses e ouvia de tudo que se passava nas redondezas. Era ali também que as pessoas se reuniam para ouvir o



Figura 4 Aparelho semelhante ao da venda de meu avô. Fonte: internet.

⁹ Confira, para maiores informações: <https://eptriangulo.com.br/cidades/patrocinio/>

rádio, de notícias a novelas, para fazer negócios, para falar com os parentes e amigos por telefone ou por carta, porque ali também funcionava o posto dos Correios e o único telefone do arraial, um telefone à manivela que encantava a mim e aos demais netos.



Figura 5 Meus avós maternos, Maria Augusta e José Affonso. Fonte: acervo pessoal.

Na venda do vovô Inhô, como ele era conhecido, eu observava o movimento nos dias de festas. Com vovó Maria Augusta, eu aprendi a ler as nuvens. Ela me levava ao quintal e me contava histórias, retirando os personagens das nuvens que se transformavam aos nossos

olhos. Depois, na adolescência, ela me apresentou a Bíblia, essa biblioteca que visito sempre.

Naquele pequeno arraial eu descobri o valor de uma educação baseada em princípios e em valores sólidos. Vovó Maria era bastante respeitada por ter sido professora de quase todos os moradores da região.

Um dia, na cozinha, ela me ensinou um dos conceitos-base que tanto influenciou minha formação de educadora e que trago até hoje. Usando a massa do pão de queijo que fazia, ela me definiu o que é educar.

Esse conceito ficou impregnado em mim e com ele fundamentei a minha prática. Com a massa na mão, ela me ensinou o limite da educação: se deixarmos a mão aberta a massa cai, mas se a apertamos muito a massa escorre por entre os dedos. Então, me mostrou que o ideal é sempre o equilíbrio: nem soltar, nem apertar, tendo a mão entreaberta, com os dedos como apoio. Essa imagem nunca se perdeu em minha memória e fixou-se como base de minha vida profissional na carreira que escolhi.

Paralelamente a essas lições de vida e de letramento, papai me alfabetizou, ao modo dele, ensinando-me o alfabeto e a juntar as sílabas que, inicialmente, eu não compreendia, mas as decorava com entusiasmo. Nunca me esqueço de quando elas fizeram sentido para mim. Mais do que

juntar as sílabas ba + la e repetir a palavra bala, eu entendi o que aquelas letrinhas juntas significavam. Foi como sentir seu sabor e isso me fez irromper o gabinete de trabalho de meu pai para mostrar a ele a minha descoberta. Repetia “bala, bala” como uma criança que pede o doce, mostrando-lhe o escrito no papel, até que ele entendesse que eu não estava pedindo a guloseima, mas, precocemente, havia aprendido a ler e não somente a repetir a lição.

1.3.1 Erguendo as paredes sobre bases sólidas: a educação básica

A única coisa própria do Ser Humano é sua linguagem, inata desse ser, pois, somente a partir dela, ele poderá se transformar em um ser individual, social e cultural possuindo uma consciência coletiva (Ribeiro, 2023, p. 14).

Quando eu estava com cinco anos, meus pais decidiram voltar para a cidade, porque já era hora de me matricular em uma escola regular. O Grupo Escolar João Beraldo, uma escola pública que fica na mesma avenida em que morávamos, foi minha primeira escola, onde cursei a pré-escola já praticamente alfabetizada e lá continuei até a quarta-série. A Biblioteca Monteiro Lobato era meu refúgio, e meu encantamento com as obras do patrono que me faziam, cada vez mais, gostar do ambiente escolar, do qual nunca mais quis sair.



Figura 6 A turma de Dona Nilcéia, em 1974, na quarta-série primária da Escola Estadual João Beraldo. Na primeira fila: eu conversando sem olhar para o fotógrafo. Fonte: acervo pessoal.

Ao final da quarta série do ensino fundamental, não havia uma escola pública próxima à minha casa e nem transporte coletivo naquela cidade do interior de MG. A única escola pública ficava do outro lado, muito distante de minha casa. A solução encontrada por meus pais, que não tinham condução própria, à época, foi me matricular em uma escola particular em frente à casa de uma tia, onde cursei a quinta série. A partir da sexta série, eu atravessava a cidade caminhando pela extensa rua Cesário Alvim, em companhia de uma prima¹⁰, para estudar no majestoso Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, o elegante Colégio das Freiras.



Figura 7 Escola Normal Nossa Senhora do Patrocínio, na Praça da Matriz. Fonte: Patrocínio Online.

Esse antigo internato para moças, naquela época estava aberto às meninas e garotas da elite da cidade e, por exceção, na minha classe admitiram quatro rapazes de famílias importantes. Eu e outras meninas recebemos bolsas e tínhamos que garantir um bom desempenho para continuarmos os estudos.

Ali terminei as últimas séries do antigo 1º grau e segui cursando o Magistério, iniciando a minha formação de professora, simultaneamente ao tempo em que também cursava o 2º grau, em um colégio outrora administrado por padres, e que ao final da década de 70 pertencia ao quadro das escolas do Estado de Minas Gerais, o Colégio Estadual Dom Lustosa.

¹⁰ Não posso deixar de registrar que, foi com essa prima que segui atravessando minha jornada na educação e com ela sigo até hoje em constante interação acadêmica e pessoal. Refiro-me a me à prima Vaninha, minha amiga e comadre. Hoje, a Dra. Vânia Maria de Oliveira Vieira.

Naquele período, o Colegial (atual Ensino Médio) estava segmentado em três itinerários principais: o Científico, voltado para as Ciências Exatas e Biológicas; o Clássico, que abrangia as Humanidades; e a Escola Normal, cujo currículo era igualmente centrado em Humanidades, contudo com enfoque profissionalizante.

Minha inclinação e preferência curricular já se manifestavam, à época, pela área de Humanidades, mas segui fazendo os dois em turnos diferentes.

Nessa etapa, pela manhã, eu e minha irmã, Lurdinha, atravessávamos a cidade para cursar o Científico, à noite, em companhia da prima Vaninha e das colegas que arrebanhávamos pelo extenso caminho, íamos para as aulas do Magistério. No intervalo, no período da tarde, eu fazia o estágio na Escola Estadual Irmã Gislene, uma das escolas públicas de 1º grau, que ficava em um bairro bem distante de minha casa.

Trazendo à memória esse percurso, percebo o quanto caminhávamos e como isso era saudável em um tempo em que não havia academias. Quantas histórias nos marcaram e quão rica foi a nossa formação, que não se limitou a conhecimentos enciclopédicos. Estabelecemos nesse período as bases sólidas de uma carreira e de amizades que perduram até hoje. Mesmo morando em cidades distantes, ainda reencontro minhas colegas da Escola Normal e depois de um longo período, posso me reunir anualmente com a maioria dos colegas da antiga quarta série, da Escola João Beraldo, graças à tecnologia e, sobretudo, à sólida amizade que construímos ainda crianças e que nos mantém unidos até hoje.

Depois de cinco décadas, poderíamos nos perguntar como Cecília Meireles: “em que espelho ficou perdida minha face?” O que éramos, o que sonhávamos em meados dos anos 70 pode nos parecer distante, porque nós nos tornamos pessoas diferentes das crianças que frequentaram aquela escola, mas sabemos que aquilo que foi extremamente vivido permanece, por isso relembro aqui o que nos diz Adélia Prado “O que a memória ama, fica eterno”.

Sim! Hoje, depois de mais de cinquenta anos, podemos reafirmar que a memória é contrária ao tempo, porque ela traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos.

Se diante do tempo envelhecemos, e mesmo que nossos planos tenham mudado, para a memória ainda sou uma daquelas crianças que se divertiam à sombra da jovem sibipiruna, que alegrava o pátio escolar de minha infância e que se mantém soberana, testemunhando firme o desenvolver de tantas crianças das gerações que sucederam à minha.

E embora tantos anos tenham se passado, a nossa memória afetiva não obedece a calendários, não caminha com as estações. Hoje, volto no tempo e me lembro claramente daquela época...

O mais bonito disso tudo é que podemos reviver esses momentos, porque pela iniciativa de alguns colegas queridos tivemos essa oportunidade de nos reencontrar. E estar sempre juntos, ainda que de forma virtual, criou em nós uma certa cumplicidade, que nos faz crer que é possível reviver esses momentos quando a gente quiser.



Figura 8 A turma de Dona Nilcéia, em 2022. Na primeira fila: eu entre duas colegas, a minha professora do Pré-escolar D. Valmira, a diretora D. Alfonsina, a professora da nossa primeira série, D. Elizene, ao lado da nossa bibliotecária, D. Geralda. Na segunda fila, da direita para a esquerda, Hebe Mansur, representando sua mãe, nossa querida D. Nilcéia (in memoriam). Fonte: acervo pessoal.

Assim, as crianças que ainda somos podem celebrar com alegria, certas de que o tempo não passa para a memória que eterniza amigos, brincadeiras, apelidos e ignora os cabelos brancos, as artroses e as rugas, porque temos a oportunidade de criar memórias para as próximas décadas e de viver com a mesma alegria que a gente tinha antes, pois amigos verdadeiros e professores sensíveis, mais do que forjar nosso caráter, têm a capacidade de se eternizar dentro da gente “É que a memória é contrária ao tempo. Enquanto o tempo leva a vida embora como vento, a memória traz de volta o que realmente importa, eternizando momentos” (Prado, s/d).

1.3.2 Lançando o esqueleto da obra: a graduação como estrutura conceitual

Não sabemos: só podemos conjecturar, ecoa a fala de Popper. Mas acreditamos que a resposta para essa questão está em nossas aulas. Brandão chamou-a de pequeno milagre, Barthes (1997) tomou-a como tema de sua aula magna no College de France, e nós acreditamos que é nela que está o sentido da escola. Não o sentido organizado em módulo que vão de 45, 50 a 75 minutos, mas o sentido revisitado pela Nova Retórica: o do paradoxo e do maravilhamento (Ribeiro, 2023, p. 68).

1.3.2.1 O Curso de Letras- Português-Inglês: o projeto redirecionado

O caminho se abriu em dupla porta, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patrocínio-FAFI, com a aprovação no vestibular em janeiro de 1982, contudo não era essa a planta inicial. Aos dezessete anos, a alma ansiava pela Arquitetura, o traço exato, a geometria do sonho, a estrutura. Entretanto, o destino me impôs a espera por mais dez anos: o curso dos meus sonhos, mais próximo da minha cidade natal, estava apenas na capital de Minas Gerais- Belo Horizonte, ou aqui em Brasília. Sua criação coincidiu com a fundação da UnB e com a construção na capital do Brasil. Embora minha grande família mineira estivesse distribuída também nessas duas capitais, meus pais não se sentiram confortáveis em despedir a filha mais velha, em tenra idade, para estudar distante do calor e da segurança do lar. A impossibilidade ditada pelo afeto familiar redirecionou o impulso, fazendo do desejo de cursar Arquitetura um projeto adiado.

Mas foi nesse impasse, e com a possibilidade de escolher um curso de licenciatura, nessa encruzilhada, que o interesse em aprofundar meus

conhecimentos na língua-mãe e aprender mais sistematicamente a língua inglesa surgiram. De um lado, a herança basilar, a alma de Camões e de Drummond. De outro, o idioma global, a ponte forte que nos conecta ao mundo.

O interesse inicial, a motivação mais profunda que me fez escolher o Curso de Licenciatura em Letras- Português Inglês e suas Literaturas veio das estantes, na promessa dos livros lidos, buscando na Literatura a fruição, o sublime que me fazia escolher as bibliotecas como uma casa alternativa. Todavia, esse encantamento não durou um semestre letivo. O desenho do curso não se ajustava ao meu projeto: a análise literária não me arrebatava. Senti a frustração, a falta de calor, naquelas páginas que já não me atraíam como antes.

A grande virada veio com a Linguística, aguda e precisa. Pela voz inspiradora da professora Mariza Rocha Guimarães, o desafio mudou: a voz do poeta não mais ecoava em mim, mas era a engenharia da fala que me encantava. A descoberta da ciência da linguagem, com a revelação de Ferdinand de Saussure e a formalidade do Curso de Linguística Geral- CLG me descortinaram a estrutura sistemática que eu tanto buscava. O fascínio era duplo: a dicotomia signo/estrutura como base da Arquitetura Conceitual e o vislumbre de seus anagramas, que me absorvem até hoje, mostraram-me que o rigor conceitual se dissolve em poesia oculta. Entendi que não precisaria desistir da Literatura. Fui cooptada pela Linguística. As aulas da exigente e competente Mariza Rocha eram puro desafio para mim. Nelas nasceu a linguísta que nunca abdicou da fruição da literatura e nem abandonou a ideia de cursar Arquitetura e jamais se esqueceu de que a educação era a sua bússola.

Assim, a Licenciatura se teceu no rigor e na vastidão. Forjada para entender o mundo em suas duas línguas, a Ciência da Linguagem tornou-se a primeira grande obra, o alicerce sólido sobre o qual a verdadeira Arquitetura da Memória seria, enfim, erguida, ciente de que a Didática deve unir a estrutura (o Design) e a fruição (a experiência).



Figura 9 Vista aérea do UNICERP, outrora FAFI. Fonte: <https://www.unicerp.edu.br/campus-universitario/>

O Curso de Letras me deu a dimensão do alcance da linguagem e de como somos movidos por ela. Não somos meros leitores: somos arquitetos do discurso, escavadores que buscam no silêncio a raiz mais funda de cada verso. Na Sintaxe e na Morfologia, aprendemos a rigorosa forma da estrutura, contudo, é na Semântica, no sutil deslize, que a alma da mensagem se captura. Somos tradutores não apenas de vocábulos, mas de culturas e de olhares. E o mais importante: entendi que a educação, tal qual a teia de Penélope, exige que o saber seja feito, desfeito e refeito, não por falta de estrutura, mas por compromisso com o estudante que virá.

Aquele que ocupará nossas salas, nossos espaços, que dividirá conosco novas e velhas experiências. Aquele com o qual executaremos nossos projetos. Os mais singelos, ou mais elaborados planos: projetos de aula, projetos de curso, projetos de vida, projetos de educação (Ribeiro, 2023, p. 14).

1.3.2.2 O Curso de Arquitetura e Urbanismo: a ratificação vocacional

A semente da Arquitetura, plantada na juventude e tolhida pelo zelo paterno, ficou em estado de dormência, todavia, jamais secou. No início dos anos 90, já tendo me firmado na carreira do magistério e portando a solidez da Licenciatura em Letras, concluída em 1985, retomei o sonho adiado.

Iniciei o curso, na Universidade de Uberaba-Uniube, buscando, finalmente, dominar o traço, o cálculo estrutural e o design do espaço.

Esse retorno, contudo, não se deu como um desvio, mas como um teste definitivo para a alma. Enquanto mergulhava na complexidade dos projetos de construção e no planejamento do canteiro de obras, percebi a clareza da minha verdadeira vocação. A precisão exigida pela Arquitetura era fascinante, mas o meu impulso criativo e a minha energia transformadora já estavam irrevogavelmente comprometidos com o ambiente da sala de aula e com a edificação do conhecimento no e com o outro.

O curso de Arquitetura, portanto, foi o laboratório que eu precisava para a certeza. Ele me legou a visão sistêmica, a metodologia de projeto e o domínio da planta baixa conceitual, ferramentas que



Figura 10 Pórtico da Universidade de Uberaba. Fonte: imagem da internet: <https://www.google.com>

viriam a formar cada aspecto da minha prática pedagógica e de gestão. Contudo, ao confirmar a excelência na Arquitetura da Linguagem e na Teia do Sentido, eu soube que meu lugar não era supervisionando a fundação de edifícios, mas atuando como arquiteta do saber, dedicando-me integralmente ao projeto da Educação. Assim, o desejo frustrado da juventude se converteu, na maturidade, em certeza inabalável e em ferramenta de análise para toda a minha trajetória profissional.

E foi nesse período que eu consegui entender, aceitar e perdoar a atitude dos meus pais, quando não permitiram que eu concretizasse o sonho de ser arquiteta. Eles já sabiam da minha verdadeira vocação. E eu precisei fazer um novo vestibular, voltar a ser estudante, enquanto era professora, passar as madrugadas em claro fazendo as atividades do curso, porque as horas do dia e da noite eram divididas entre dar aulas e assistir aulas... Tudo isso para descobrir que a minha realização profissional não estava na prancheta, mas na lousa.

1.3.2.3 O Curso de Design de Interiores: sustentabilidade e o projeto geracional

O ciclo de formação se completou em um tempo de profunda ressignificação. No período pós-pandêmico, retornei ao universo do traço e da forma pelo Curso de Design de Interiores, feito no Centro Universitário de Brasília- IESB.

Esse não foi um gesto de planejamento para o pós-carreira, mas sim a busca ativa por uma nova perspectiva filosófica e social. A iniciativa se tornou um elo geracional: minha filha, formada em Medicina

Veterinária, já casada e mãe do meu primeiro neto, inspirada pelo meu



Figura 11 Convite para a Colação de Grau em Design de Interiores. Fonte: acervo pessoal.



Figura 12 Na colação de grau em Design de Interiores, com minha colega e filha, Anna. Fonte: acervo pessoal.

histórico na elaboração de projetos e no cuidado com o aproveitamento consciente das formas, tornou-se minha colega de classe. Em 2022, iniciamos o curso juntas, gerações distintas unidas pelo mesmo entusiasmo pelo belo e pela visão do potencial criativo.

Essa experiência me trouxe à memória o livro “Quando eu voltar a ser criança”, um ensaio sobre como é ser criança num mundo feito por e para adultos.

Escrito com sensibilidade singular por Janusz Korczak, pseudônimo do médico pediatra e educador judeu

Henryk Goldszmit que viveu entre 1878 e

1942, esse livro foi um divisor de águas na minha forma de agir pedagogicamente.

Li essa obra, durante minha formação básica, por indicação do Círculo do Livro, e sua mensagem ficou impregnada em minha mente de forma que continua fazendo parte de meu acervo de leitura e de recomendação aos licenciandos que oriento nas disciplinas de Estágio Supervisionado em Português. Desde a primeira leitura, compreendi que não era um livro para ser lido simplesmente, mas para ser sentido e introjetado, como o próprio exercício do narrador/autor.

Não se trata de um livro pedagógico, no sentido estrito, mas de um romance de ficção. À guisa de categorização, pode ser enquadrado no gênero relações humanas, mas vai além dessa classificação, pois incorpora toda a dimensão pedagógica sem o didatismo das obras com esse fim. Ele traduz em seu enredo o programa pedagógico de Korczak, baseado na tese de que as crianças devem ser plenamente compreendidas em seu próprio mundo mental.

Janusz Korczak escreve com a alma dos que entendem a psicologia infantil sem discursar sobre a criança, mas se faz porta-voz dela, voltando a ser criança e revivendo um mundo por meio dos olhos, sensações, tristezas e desencantos que toda criança vive.

O trabalho de Korczak, que se tornou parâmetro de educação nos meios internacionais, constitui-se na base adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) para a formulação da Declaração dos Direitos da Criança.

Fiz aqui essa digressão, buscando no baú da memória as lições desse livro, porque, tendo a oportunidade de voltar a ser estudante, com a mente amadurecida de uma professora e sendo colega de minha filha, o curso de Design de Interiores tornou-se para mim o laboratório prático dessa forma de perceber o outro.

Mais do que uma habilidade, cursar Design de Interiores ao lado de minha filha me fez reviver as lições de Janusz Korczak. A experiência em que eu era ora professora, ora aluna, resgatou a essência desse livro, concretizando a percepção de que a perspectiva da criança (ou, nesse caso, da colega/aluna) deve ser levada a sério. O Design de Interiores se tornou, assim, a aplicação prática da ética do espaço de Korczak: construir uma atmosfera de confiança em vez de mandar, a fim de que a ergonomia do saber promova o bem-estar e o respeito ao outro.

Essa jornada também me permitiu transcender a estética do privilégio. Enxerguei o Design não como um luxo para o alto poder aquisitivo, mas como uma ferramenta de impacto social e sustentabilidade, capaz de renovar o velho, o gasto, o que seria descartável.

Assim, o curso ratificou a minha ergonomia do saber. O Design de Interiores, com seu foco na função, na interação e na otimização de recursos, tornou-se a prova do conceito de que a estrutura deve servir ao bem-estar e ao propósito. Trouxe, definitivamente, para o meu arcabouço teórico, a convicção de que meu trabalho acadêmico, seja na sala de aula, na pesquisa ou na gestão, é, essencialmente, um ato de design estratégico focado no aproveitamento sustentável do potencial humano e institucional.

Voltar à sala de aula como aluna, sendo colega de minha filha, me fez enxergar outro aspecto sensível da minha carreira docente: somos sempre aprendizes. E aqui é impossível não ecoar a voz de um conterrâneo mineiro que sempre me inspirou: João Guimarães Rosa, para quem "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende."

Acima de tudo, a experiência de ser colega de minha filha trouxe a síntese perfeita da Teia de Penélope e da humildade do saber. Essa lição encerra, por ora, o meu ciclo formativo na graduação e define a minha visão de Titularidade: a verdadeira maestria reside na capacidade de aprender de forma repentina e na consciência da natureza cíclica do aprendizado, em que a estrutura se dobra em favor da interação e do crescimento mútuo. Foi, portanto, metanoia, na consciência dessa natureza circular, e na humildade de saber que o legado que busco é o da eterna travessia do aprender.

1.3.3 Aprimorando o desenho: as especializações e o refinamento do traço

Assim, emprego a metáfora do pintor, com sua paleta, escolhendo para sua obra as cores que lhe aprazem, ensaiando um diálogo com outros educadores, linguistas e filósofos que me constituem como ser em educação (Ribeiro, 2023, p.16).

Após a consolidação dos alicerces na Graduação, o período de Pós-Graduação *Lato Sensu* representou, na minha carreira, a fase de detalhamento do projeto, assim como o Design. Nessa esteira, por analogia, o traço conceitual é refinado e expandido em três eixos que podem ser

classificados em: I- Linguagem e Coerência, II- Pedagogia e Criatividade, e III- Cidadania e Tecnologia, que abarcam as quatro especializações que cursei.

1.3.3.1 Eixo I: Linguagem e Coerência: a precisão do traço e a engenharia textual

Minha primeira incursão no terreno da Especialização foi um passo decisivo para a consolidação do aprendizado adquirido durante a graduação, sobretudo nas aulas de Linguística, transformando a teoria em ferramenta prática para o ensino.

O Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa, concluído na Universidade Federal de Uberlândia-UFU (1993-1995), foi fundamental para traduzir o rigor do Curso de Linguística Geral de Saussure em design pedagógico. O estudo culminou no projeto intitulado "A intertextualidade como recurso de coerência textual", sob orientação da profa. Vania Maria Bernardes Arruda, à época doutoranda na Unicamp, orientada pelo Prof. Dr. Eduardo Guimarães.

A escolha do tema para o trabalho de conclusão revelou o meu interesse em ir além da estrutura superficial da gramática, focando na coerência, a engenharia textual que une diferentes partes em um todo sólido. Esse trabalho consolidou a base do meu entendimento de que a leitura e a escrita são, acima de tudo, atos de interação e construção lógica. Enquanto fazia o curso, elaborei o projeto para ingresso no mestrado na Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, consultando a biblioteca do professor José Geraldo Guimarães, graças à generosidade de sua viúva, Dona Zenaide Guimarães, mãe do Prof. Eduardo Guimarães, com quem, posteriormente, tive a oportunidade de cursar a disciplina Semântica da Enunciação, na Unicamp.

Esse curso de especialização foi um divisor de águas, pois pude retomar o gosto pelos estudos, pela vida acadêmica, deixada de lado pelo tempo em que me dediquei à gestão de uma escola pública e depois às numerosas turmas tanto nas escolas do Estado de Minas Gerais, como nas escolas do Município de Uberaba. Entre o término de minha primeira graduação e a conclusão dessa especialização em Linguística se passaram dez anos.

1.3.3.2 Eixo II: Pedagogia e Criatividade: a arquitetura lúdica e a renovação do espaço

Além de fazer parte do quadro da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, no qual havia ingressado em 1983, ainda como estudante de Letras, e também, desde 1986, do quadro da Secretaria Municipal de Uberaba, em 1995, integrei, também, o corpo docente da Universidade de Uberaba-Uniube. Nessa instituição fundada pelo escritor Mário Palmério, eu ministrava, inicialmente, a disciplina Laboratório de Leitura e Produção de Textos, em diversos cursos e, posteriormente, no Curso de Letras, as disciplinas de Introdução à Linguística e bem como aquelas voltadas para a prática de ensino.

Foi quando tive a oportunidade de cursar uma especialização direcionada à educação. A Especialização em Pedagogia na Pós-Modernidade (Uniube, 1997-1998) que, sob a orientação do Prof. Dr. Angel Raimundo Dinello, preparou-me para o trabalho lúdico no ensino da leitura e da produção de textos, conciliando áreas determinantes em minha carreira: as artes, as letras e a educação.

Nesse período, busquei ferramentas para infundir criatividade e significado no processo de ensino. O trabalho "Leitura e produção de textos numa perspectiva lúdico criativa" marcou a união entre a Linguagem e a Pedagogia. Aqui, o design foi aplicado à experiência. Entendi que o aprendizado eficaz exige a arquitetura lúdica, capaz de transformar a rigidez da sala de aula em um laboratório de criatividade. Esse foco no lúdico dialoga com a minha visão de não limitar o saber, mas torná-lo atraente e acessível.

1.3.3.2 Eixo III: Cidadania e Tecnologia: o desenho ampliado (tutoria, cidadania e o novo contexto)

Mais recentemente, entre 2023 e 2025, enquanto estava afastada para estudos de pós-doutoramento, achei por bem conciliar minha pesquisa com a realização de mais dois cursos de especialização, tendo em vista a realidade de meu trabalho na Universidade de Brasília, considerando que atuo também em cursos de EaD, coerente com meu concurso de ingresso nessa instituição: "O Ensino de Língua Portuguesa Presencial e a Distância".

Assim, os cursos mais recentes, abrangendo Cidadania e Tecnologia, demonstram o meu desejo de constante aprimoramento, e de construir espaços de aprendizagem que me coloquem em diálogo permanente com o novo, permitindo a adaptação do meu saber à complexidade do século XXI.

O Curso de Especialização em Tutoria em Educação a Distância, realizado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul- UFTM, de 2023 a 2025, me fez compreender o papel do tutor em EaD, em suas especificidades.

Trabalho com EaD desde 1996, na UnB desde 2009, sempre assumi funções diversas, mas nunca a de tutor, especificamente. Como Supervisora de Tutoria, em alguns períodos, senti a necessidade de conhecer com mais profundidade esse importante papel. Sempre defendi o argumento de que o tutor¹¹ é o verdadeiro professor em uma sala de aula sem paredes, e nunca me conformei com essa denominação que, no meu entender, diminui a sua expressão e cria hierarquias que não contribuem para a qualidade que se pretende nessa modalidade de ensino.

Essa especialização demonstra a prontidão para adaptar meu design pedagógico aos novos ambientes virtuais, a fim de que o ensino de qualidade persista além do espaço físico da universidade. Meu trabalho final intitulado “A Centralidade da Tutoria e da Mediação Pedagógica na Educação a Distância: um Plano de Ação para o Moodle UFMS” foi determinante para que eu compreendesse a arquitetura de uma sala de aula virtual e como o trabalho do tutor é a viga de sustentação desse edifício sem paredes.

Por outro lado, a Pós-Graduação em Direitos das Mulheres, também cursada de forma remota na Faculdade I9 Educação, entre 2024 e 2025 indica que a minha atuação acadêmica busca ativamente um design social. Ela alinha o meu compromisso com o direito e a cidadania, reforçando a convicção de que o saber linguístico e pedagógico deve ser colocado a serviço de causas sociais relevantes. Não basta falar em inclusão e em direitos humanos sem

¹¹ Com o novo marco regulatório da Educação a Distância (EaD), estabelecido pelo Decreto nº 12.456 de 19 de maio de 2025, a função e a denominação de "tutor" sofreram mudanças significativas para valorizar o suporte pedagógico, separando-o das funções operacionais. O termo "tutor" foi restrito a profissionais que atuam exclusivamente em tarefas burocráticas, administrativas e de suporte operacional, como organização de prazos, documentação e acesso à plataforma. As funções didáticas e de mediação de aprendizagem (fóruns, interação em tempo real, suporte ao conteúdo) agora são exercidas pelo mediador pedagógico, outrora denominado tutor.

compreender com profundidade o sentido desses termos em uma universidade diversa, reflexo de uma sociedade multifacetada.

Assim, compreendendo que o conjunto dessas especializações atesta um refinamento do traço que não foi linear, mas sim estratégico, então, estabeleço um empenho para que a Arquitetura da Memória se mantenha sempre atualizada, coesa e socialmente engajada e em constante atividade...

Destaco que a arquitetura da minha formação não é uma estrutura acabada, mas um organismo que se expande para responder aos novos desafios do tempo. Em 2026, esse movimento de atualização se materializa no curso de especialização em “Direito das Mulheres e Atuação na Advocacia”, atualmente em andamento.

Mais do que uma nova etapa acadêmica, este curso representa o aperfeiçoamento e o aprofundamento de uma especialização anterior na área jurídica. Se o primeiro passo foi o da fundamentação, este momento atual é o da práxis: o refinamento da atuação direta e a busca por instrumentos técnicos que deem voz e suporte às mulheres. Estar, hoje, no exercício dessa aprendizagem é reafirmar que a docência e a advocacia bebem da mesma fonte, unidas pela tessitura da linguagem: é por meio da palavra, dita, escrita e partilhada, que se move o compromisso ético com o outro e se consolida a crença de que o conhecimento só é pleno quando se transforma em ferramenta de emancipação e justiça.

1.3.4 Elevando a cobertura: o mestrado e a prova de solidez metodológica

Com Foucault, retomo o compromisso de novas leituras: a do presente incorporada ao passado (Ribeiro, 2023, p. 16).

O Mestrado representou a elevação da cobertura do meu projeto formativo, conferindo-lhe solidez metodológica e rigor teórico. Foi o momento de testar a base conceitual construída na graduação e aplicá-la à complexidade do ensino. O desejo de fazer o mestrado em Linguística era acalentado há anos, desde que me mudei da minha cidade natal, Patrocínio, para Uberaba, tão logo concluí o curso de Letras. Uberaba sempre foi conhecida por suas instituições de ensino e efervescência cultural. Em meados da década de 80, não havia naquela cidade, tampouco no interior de Minas Gerais, nenhum programa de pós-graduação *stricto sensu* na minha área. Todavia, o que me

motivou foi a localização estratégica de Uberaba. Além de ser uma cidade de porte médio, daria fácil acesso às cidades com programas consolidados, como Belo Horizonte, no mesmo Estado, Campinas, Araraquara ou outros centros acadêmicos no Estado de São Paulo, por situar-se praticamente na divisa de MG com SP e por ter uma ampla malha viária e um aeroporto bem-posicionado.

Mas a despeito dessa minha intenção inicial, adiei por dez anos a realização do Mestrado. Não por ter abandonado meus propósitos de pesquisadora, mas por estar muito comprometida com a gestão de uma escola pública, depois com o curso de Arquitetura, dentre as demandas da sala de aula, nas redes públicas estadual e municipal.

A oportunidade de fazer a Especialização em Linguística pela UFU, com o incentivo da Secretaria de Educação de Uberaba me reacendeu o desejo de continuar ampliando meus estudos, mas ainda assim os desafios eram muitos.

A decisão de elevar a cobertura do saber por meio do Mestrado não veio sem um alto custo pessoal. O Mestrado, que deveria ser um momento de imersão total na teoria, tornou-se uma longa travessia.

Estimulada pelas discussões e aprendizados da Especialização na UFU, entre professores de excelência, decidi fazer um projeto de pesquisa para a seleção do Mestrado em Linguística no IEL da Unicamp, para ingresso no primeiro semestre em 1995. Um tema que me perseguia desde a adolescência era o estudo sociolinguístico de falantes de uma região rural do município de Patrocínio. O que muitas vezes era motivo de riso e até mesmo de discriminação pelos demais falantes e de negação da origem pelos falantes dessa comunidade, para mim, era um despertar para a busca científica dos caminhos da linguagem (Ribeiro, 2006).

Assim, transformei a minha curiosidade, compartilhada com muitos de meus conterrâneos, em objeto de pesquisa: esbocei um projeto para o mestrado e o submeti à seleção da Unicamp. Foi nesse momento em que enfrentei o desestímulo e o ceticismo de alguns, que viam a distância e a concorrência como barreiras intransponíveis. Foi um momento de prova, em que a escolha era entre aceitar o limite imposto pelo cenário ou reafirmar a ambição do meu projeto intelectual.

Optei por fazer ouvidos moucos à voz do desânimo e segui em frente. A recusa em internalizar a limitação externa fortaleceu o meu compromisso e a minha arquitetura da disciplina.

A partir daí, outros desafios se sucederam. A jornada acadêmica tornou-se um canteiro de obras pessoal, quando os quilômetros que me ligariam à Unicamp se converteram nas primeiras barreiras a serem transpostas. Além disso, eu não teria licença para me afastar da sala de aula e não poderia renunciar às minhas atividades docentes, porque dependia delas para meu sustento e até mesmo para pagar as despesas de viagem a Campinas.

Encontrei uma saída, apresentado à Secretaria de Educação um projeto de apoio à leitura que seria desenvolvido nos três turnos, de modo que eu pudesse cumprir minha jornada de forma concentrada em alguns dias da semana para poder me ausentar da escola pelo menos nos dois dias em que estaria na Unicamp. Na Universidade, consegui distribuir minhas aulas liberando um dia e meio para esse deslocamento, contudo não tinha autorização para sair mais cedo da aula na noite da viagem.

O Mestrado, que deveria ser um momento de travessia simbólica, converteu-se em uma travessia literal de 400 km entre Uberaba e Campinas. Os horários eram implacáveis: o último ônibus partia da cidade de origem exatamente no horário de término da minha última aula, às 23h.

A solução para não perder o fio da pesquisa e da orientação foi uma invenção da necessidade. Adotei a tática da vigília nas estradas: após as aulas, eu me dirigia a postos rodoviários para embarcar em qualquer ônibus em trânsito durante a madrugada, tornando a espera e o sono fragmentado parte da rotina de aprendizado. Foi assim que consegui cursar as três disciplinas básicas, no primeiro semestre de 1995: Semântica, com o Prof. Dr. Eduardo Guimarães; Sintaxe, com a Profa. Dra. Mary Aizawa Kato; Fonética, com o Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

Essa jornada acadêmica, marcada por uma travessia noturna e pela resiliência, provou que a estrutura do saber pode ser erguida mesmo em condições adversas, contanto que a perseverança se torne o cimento mais forte da obra. Entendi, assim, que a verdadeira maestria é, pois, forjada na superação da jornada.

A falta de proximidade com os centros de pesquisa exigiu que o tempo de estudo fosse tecido em jornadas duplas de trabalho e estudo, e o silêncio necessário para a escrita conquistado à força da vontade, transformando a perseverança no principal cimento da minha estrutura. Assim, a jornada acadêmica se converteu em um canteiro de obras pessoal em que os quilômetros se tornaram as primeiras barreiras a serem transpostas.

Essa distância forçada não foi um obstáculo, mas a argamassa que fortaleceu a minha vocação. Se recusei o canteiro de obras da Arquitetura, abracei o da Linguística, entendendo que a solidez metodológica seria construída por meio da perseverança, do sacrifício e da fidelidade ao projeto intelectual.

Nesse cenário, o tempo tornou-se a matéria-prima mais escassa e preciosa: as leituras eram feitas durante os deslocamentos, nas esperas pelos ônibus, nos curtos intervalos das aulas, no trajeto rodoviário. Minha rotina era uma demonstração da Teia de Penélope aplicada ao estudo, quando cada minuto ocioso era tecido em aprendizado. Posso dizer que as dificuldades me impulsionaram e, apesar do sono que se manifestava nas aulas após o almoço, o conteúdo foi integralmente aprendido e fixado, fornecendo uma base sólida e segura para a continuidade da minha formação.

Mas eis que no mapa da jornada acadêmica havia um ponto de inflexão não previsto na cartografia original. O destino, em sua imponderável sabedoria, interveio. De repente, ao final do semestre, o projeto de conclusão do Mestrado sofreu uma súbita reconfiguração: a descoberta da gravidez!

A alegria da maternidade veio acompanhada de um risco concreto para a minha saúde, intensificado pela insalubridade da jornada. Embarcar em ônibus de linha durante a madrugada era um desafio que ganhava contornos de urgência e vulnerabilidade, intensificados pela minha gestação. Naquele espaço confinado, a ausência de bom-senso de alguns passageiros devido ao fumo generalizado dentro dos veículos, uma prática que ignorava não apenas a sensatez, mas a cortesia elementar e o cuidado com a vida que eu carregava.

Apesar de a legislação federal de 1979 proibir o fumo em viagens interestaduais, a aplicação da lei era fragmentada: eu só estava amparada legalmente por cerca de 50 km dentro do estado de Minas Gerais. Uma vez

atravessado o Rio Grande, marco divisório com São Paulo (onde a lei só vigoraria a partir de 2009), eu ficava à mercê da (in)sensibilidade dos viajantes.

A solução encontrada, um ato de extrema resiliência e adaptação, foi pedir permissão para viajar sentada na escada, aos pés do motorista, antes da divisória de vidro. Era a única forma de criar uma barreira física contra a fumaça.

Essa luta por um espaço respirável e saudável foi uma prova de fogo da minha arquitetura da disciplina. A maternidade, em vez de interromper o projeto intelectual, impulsionou-o. Minha dedicação ao estudo (a Teia de Penélope tecida nos deslocamentos) se uniu à minha luta por dignidade, provando que a estrutura do saber pode ser erguida mesmo quando o corpo e as leis parecem conspirar contra a perseverança. Foi quando contei com a Providência Divina. O curso de Mestrado em Linguística na região do Triângulo Mineiro aprovado e criado em março de 1994 (Resolução 06/94 do Conselho Universitário) iniciou suas atividades em agosto de 1995 na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Saber da abertura do edital de seleção de uma universidade mais próxima e na qual eu tinha uma experiência consolidada foi um refrigério e uma perspectiva de continuidade

A manutenção da rotina de vigília nas estradas e o desafio de viajar na escada do ônibus em estado de gravidez tornaram a continuidade do Mestrado insustentável. A fragilidade da minha condição física, somada à necessidade de manter as responsabilidades profissionais e a longa distância, apontavam para uma interrupção inevitável.

No entanto, a Providência apresentou uma reconfiguração estratégica da rota: o anúncio da abertura do edital de seleção para um programa de Mestrado em uma universidade significativamente mais próxima, e onde eu já tinha uma experiência profissional estabelecida.

Esse refrigério não apenas me ofereceu a perspectiva de continuidade, mas reduziu a travessia de 400 km para apenas 100 km. A nova logística eliminava a brutalidade das viagens noturnas e a necessidade de encontrar ônibus em trânsito: o trajeto poderia ser percorrido de carro, em apenas uma hora, se em condições de tráfego normais.

Decidi, imediatamente, concorrer à seleção. Essa mudança, motivada pela maternidade e pela busca por dignidade, foi a prova de que a Teia de Penélope é tecida não apenas com perseverança, mas com a inteligência estratégica de saber adaptar o projeto às necessidades vitais. A continuidade de minha formação estava garantida em uma base mais sólida e humanamente sustentável.

Em agosto de 1995, ingressei na primeira turma de Mestrado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), ao mesmo tempo em que gestava minha única filha e seguia minha jornada como professora em várias instituições.

Minha busca pelo amadurecimento acadêmico estava, literalmente, entrelaçada ao nascimento e ao futuro, mas fui amparada pela marca da solidariedade que encontrei entre os colegas e professores. Graças a esse apoio, consegui cursar as disciplinas mesmo durante a minha licença-maternidade.

Assim, entre teorias linguísticas, amamentação e trocas de fraldas, concluí a fase de cumprimentos de créditos. Contudo, os desafios não se esgotaram. O projeto de dissertação que apresentei – na mesma temática do que seria defendido na Unicamp – precisou ser abandonado. A professora que atuava como minha orientadora acadêmica teve o processo de seu doutoramento impactado pela morte de seu primeiro orientador (Fernando Tarallo) e pelo adiamento de sua defesa, devido à estada no Japão de sua segunda orientadora, a professora Mary Kato, impedindo-a de assumir a orientação formalmente.

Tive que mudar radicalmente o projeto e buscar um orientador fora do Instituto de Letras e Linguística- ILEEL. Foi no Instituto de Filosofia- IFILO, que encontrei o Professor Dr. Marcio Chaves-Tannús, graduado em Filosofia Pura e Germanística, Doutor pela USP, especialista em Lógica, História da Lógica e Filosofia da Linguagem. A distância conceitual entre o rigor da Lógica e a minha pretensão original de pesquisa no Ensino de Língua Portuguesa tornava a conclusão do Mestrado altamente improvável. O projeto parecia fadado a mais um impasse.

No entanto, esse movimento interdisciplinar, forçado pela contingência, revelou-se um enriquecimento: o formalismo da Lógica e da Filosofia da

Linguagem se uniu à minha base em Linguística. O conhecimento do Professor Chaves-Tannús sobre linguística, calcado na sua formação em Germanística e em Filosofia da Linguagem, ofereceu o arcabouço para aprofundar a questão do ensino de gramática, considerando a articulação do pensamento na língua, o tema da minha dissertação.

A austeridade exigida pelo novo projeto foi, assim, diretamente proporcional ao ritmo logístico imposto. O que parecia ser um problema transformou-se na melhor das soluções. Tive o privilégio de ter um orientador exclusivo, que me atendia com dedicação e, mesmo que impondo uma rigidez metodológica característica da sua formação na lógica germânica, era transbordante em humanidade.

Dessa orientação surgiu a dissertação "O ensino de gramática na escola: suas relações com o signo linguístico e com a articulação do pensamento na língua", defendida em uma sessão exaustiva de cinco horas de sabatina, mas avaliada com a nota máxima, o primeiro caso no ILEEL.

A dissertação buscou ir além do ensino tradicional da gramática normativa. Utilizando o funcionamento do signo linguístico (o legado de Saussure) como ferramenta analítica, demonstrei que o domínio da língua não reside na mera memorização de regras, mas na articulação consciente do pensamento. O grande desafio era provar que a gramática, quando entendida como estrutura (forma), se torna essencial para a produção de sentido (função).

Essa pesquisa foi fundamental para a minha ergonomia do saber, pois estabeleceu a premissa de que a estrutura linguística é indissociável da estrutura cognitiva. Minha atuação docente foi, a partir daí, permanentemente marcada por essa visão: a gramática é a planta baixa necessária para que o aluno possa, com autonomia e consciência, erguer o edifício do seu próprio pensamento e da sua expressão no mundo. O Mestrado, assim, confirmou o meu compromisso com a Ciência da Linguagem aplicada à transformação pedagógica.

E, mais uma vez, em um momento crucial da jornada, aconteceu o imponderável...

Em um gesto de profunda gratidão e reconhecimento, enviei uma cartinha-convite, personalizada, às professoras que alicerçaram minha vida estudantil, registrando o que elas representaram em minha jornada.

Qual não foi minha surpresa e emoção ao ter, na Seção de Defesa, a presença de minha professora do primário: Dona Nilcéia Santos Mansur. Ela foi conduzida àquele cansativo rito acadêmico por seu segundo marido, o Sr. João Santaella. E foi nesse instante que o ciclo se fechou de forma poética e inesquecível: descobri ali que o Sr. Santaella é o pai de Lúcia Santaella, uma das minhas referências teóricas centrais naquele longo texto.

A presença de Dona Nilcéia (a base sólida) e o parentesco de seu esposo com Lúcia Santaella (o refinamento teórico) simbolizaram a união perfeita da origem e da teoria. Foi a constatação de que nada é por acaso nesta Arquitetura da Memória, erguida sobre a fundação da Educação Básica e pavimentada pela pesquisa. O Mestrado foi, assim, concluído não apenas com a solidez metodológica, mas com a certeza afetiva de que a teia do saber nos conecta de formas imprevisíveis e profundas.

O rigor da dissertação "O Ensino de Gramática na Escola: suas relações com o signo linguístico e com a articulação do pensamento na língua", sob a orientação de Marcio Chaves-Tannús, foi, portanto, a prova de que a estrutura do saber pode ser erguida mesmo em condições adversas, contanto que o propósito seja inabalável. A metanoia iniciada na Graduação se confirmou: a singular maestria é forjada na superação da jornada.

Entendo, assim, que a verdadeira Titularidade é tecida nessa capacidade de adaptação estratégica e de busca incessante pela excelência, mesmo quando o plano original desmorona.

1.3.5 A Planta autoral: o doutorado como projeto de arquitetura conceitual própria

Com Bakhtin incorporo o dialogismo, reconstruo o outro no eu, e com Brandão associo a prosa teórica ao lirismo poético do outro no eu, do euto, apresentando a intertextualidade como síntese de vários mundos, de várias culturas, de vários pontos de vista, enfim (Ribeiro, 2023, p. 16).

Segundo Lúcio Costa (1962, p.244), "arquitetura é, antes de mais nada, construção; mas construção concebida com o propósito primordial de ordenar e

organizar o espaço para determinada finalidade e visando determinada intenção”.

Nessa analogia, o Doutorado marca o momento de afirmação da Planta Autoral, quando a voz e a pesquisa se consolidam em um projeto arquitetônico original. Para mim, significou o reencontro com o tema que, de fato, me perseguia desde a adolescência, mas que as circunstâncias impuseram o adiamento.

O verdadeiro cerne do meu interesse sempre residiu no estudo sociolinguístico de falantes de uma região rural do município de Patrocínio. No Mestrado, essa pesquisa foi frustrada pela impossibilidade de encontrar um orientador que pudesse me acompanhar no desafio da Travessia Sociolinguística, o que me levou ao enriquecedor desvio para a Lógica e a Filosofia.

Contudo, a Teia da minha formação não admite projetos abandonados: tal como na artesanaria de Penélope, existem apenas tramas adiadas que aguardam o tempo da maturidade para serem integradas ao desenho final.

Cada fio tem seu tempo de maturação; o que foi postergado foi a base que garantiu a integridade e a beleza do tecido final.

Em dezembro de 1998, ainda em fase de escrita da dissertação de Mestrado, decidi submeter o projeto à seleção de Doutorado na UNESP, em Araraquara. A ousadia de concorrer a um novo nível de formação enquanto finalizava o anterior era a prova da urgência desse tema em minha trajetória.

A aprovação para a única vaga disponibilizada pelo orientador, para a retomada exata desse tema, não foi apenas uma conquista acadêmica, mas uma validação existencial. A pesquisa, nascida do desejo juvenil e forjada na resiliência da maturidade, estava finalmente pronta para ser erguida. O Doutorado, a partir desse instante, seria o canteiro de obras definitivo para o meu projeto na Sociolinguística.

A aprovação na UNESP- Araraquara trouxe consigo um novo e complexo esquema de construção. Em março de 1999, iniciei o Doutorado cursando as disciplinas do elenco, mesmo antes da defesa final do Mestrado, que ocorreria apenas em três de setembro do mesmo ano.

O desafio logístico não apenas persistiu, como se multiplicou. Minha rotina exigia uma geometria de deslocamentos implacável: viagens semanais

de cerca de 300 km até Araraquara para as disciplinas do Doutorado, concomitantemente aos deslocamentos quinzenais de 100 km até Uberlândia para as orientações minuciosas da dissertação de Mestrado, ainda em fase final de escrita.

Tudo isso era administrado sem a possibilidade de me ausentar da sala de aula e, simultaneamente, como mãe de uma filha de apenas três anos.

Essa fase se tornou a prova máxima da minha arquitetura da disciplina. Foi uma época de jornadas triplas – docente, pesquisadora e mãe – quando a Teia de Penélope era tecida não apenas no tempo ocioso, mas na própria urgência do cotidiano. A manutenção do meu compromisso com o trabalho e o avanço contínuo na formação, em meio à intensa demanda familiar, demonstrou que a solidez do meu projeto acadêmico era inseparável da minha resiliência pessoal.

A defesa bem-sucedida do Mestrado, em três de setembro de 1999, marcou o fim de parte da travessia e o mergulho no Doutorado. No entanto, o alívio de encerrar o ciclo anterior foi logo substituído por um desafio estrutural inesperado.



Figura 13 UNESP- Campus de Araraquara. Fonte: Arquivo Digital Unesp

Após a seleção, perdi o contato com meu orientador que, infelizmente, se aposentou, sem que tivéssemos tido sequer um único encontro de orientação depois da entrevista inicial. Fui compelida a iniciar a fase de disciplinas sem a bússola essencial do Doutorado: a figura do orientador.

Esse período se configurou como uma fase de navegação solo. A ausência de direcionamento formal não me paralisou; pelo contrário, reforçou a minha autonomia e capacidade de autogestão, graças à base sólida das orientações recebidas no Mestrado. Mantive a determinação e a rotina de

produção: segui cursando as disciplinas obrigatórias, participando ativamente de eventos e publicando artigos.

Assumi a responsabilidade pela condução da pesquisa, cumprindo rigorosamente, por iniciativa própria, o que havia sido estabelecido no projeto aprovado. O trabalho de campo, o estudo e a coleta de material foram realizados com a convicção de que esse acervo seria, posteriormente, o alicerce para a tese. Essa fase provou que a Planta Autoral havia se tornado tão forte que podia ser erguida mesmo na ausência do seu arquiteto-mestre.

Seguindo na fase de navegação solo, fui finalmente designada a uma nova orientadora, já em um momento avançado do percurso. Inicialmente, no pouco contato que tivemos, ela elogiou a minha condução autônoma e a qualidade da escrita. No entanto, mais uma vez, o imponderável estava prestes a tomar uma forma devastadora: faltando apenas dois meses para a extinção dos prazos de qualificação e defesa, a orientadora ignorou todo o material produzido, o mesmo que havia elogiado, e exigiu que o relato da pesquisa fosse refeito de outro modo.

O choque foi profundo. Naquele dezembro, às vésperas do recesso de final de ano, e com o prazo esgotando-se em fevereiro, a exigência tornava-se quase impossível. Concentrei-me inteiramente no novo direcionamento, mesmo que nada daquilo fizesse sentido para mim – não era o meu projeto, mas eu não tinha escolha. Não podia jogar fora o sacrifício pessoal e os anos de travessia.

Dediquei o período de recesso a escrever uma outra tese. Abdiqueei da convivência familiar, enclausurei-me no escritório, renunciei às festas e às minhas necessárias férias, na tentativa desesperada de cumprir o prazo.

Contudo, ao ligar para a orientadora, comunicando que havia concluído o trabalho solicitado, fui surpreendida por sua resposta: ela declarou que não teria tempo para a leitura e aconselhou-me a solicitar o desligamento do programa.

A dor e a frustração daquele momento são indizíveis. Eu não tinha essa opção, não poderia aceitar o descarte de anos de vida dedicados àquela pesquisa. Minha reação imediata foi escrever um e-mail de desabafo, expondo a situação na esperança de encontrar uma solução que não o abandono daquele projeto há anos acalentado. Para minha perplexidade, a orientadora

utilizou essa comunicação particular para solicitar, ao Colegiado, o meu desligamento do Doutorado, sem meu conhecimento ou autorização.

Fui surpreendida por uma decisão arbitrária, uma violação de confiança que colocava em risco a totalidade do meu projeto de vida e de carreira. O colapso estrutural era iminente, mas a determinação de defender a minha Planta Autoral permaneceu inabalável.

Passado o susto e o profundo impacto causado em minha estrutura, recuperei a lucidez estratégica e procurei pessoalmente o Coordenador do Programa. relatei detalhadamente o ocorrido, totalmente desconhecido por ele; o Colegiado acreditava que meu desligamento era um ato de minha própria vontade, formalizado pela orientadora.

O Coordenador, reconhecendo a gravidade e a natureza arbitrária do episódio, compreendeu imediatamente o risco institucional. O ocorrido estava fora de todos os protocolos e representaria um ponto altamente negativo para um programa de excelência, caso eu optasse por levar o fato à Justiça.

A solução encontrada foi uma reconfiguração emergencial do Projeto, um verdadeiro ato de design estratégico institucional. Fui aconselhada a submeter-me a uma nova seleção, mas em outro curso da Universidade. Isso permitiria o aproveitamento integral das disciplinas cursadas e do material de pesquisa já colhido, restando-me apenas cumprir o prazo mínimo para a defesa.

Preferi acatar essa sugestão a me desgastar em um longo e doloroso processo judicial. Minha integridade me impedia de macular a instituição por causa da atitude inconsequente de uma única pessoa. Essa decisão de proteger o ambiente que eu tanto valorizava reforçou minha convicção de que a carreira acadêmica deve ser guiada por um profundo senso de ética e de lealdade institucional. A travessia continuaria, mas agora sob bases éticas e estrategicamente renovadas.

Após a reconfiguração estratégica, submeti-me à nova seleção e fui aprovada. O desfecho da crise me reservava o privilégio de ser acolhida e orientada por um pesquisador cuja linha de trabalho estava perfeitamente alinhada aos meus propósitos originais de pesquisa, o Professor Dr. Antônio Suárez Abreu.

Ele não apenas me acolheu como orientanda, mas se revelou a bússola calibrada que faltava nessa travessia marcada por tantos reveses. Com ele, eu finalmente havia encontrado o rumo e uma teoria que de fato me agradava e que estava em sincronia com o meu interesse sociolinguístico original. A ausência inicial de orientadores deu lugar à plenitude da orientação, na figura sempre presente e segura do Prof. Suárez Abreu, o Tom, como carinhosamente o chamávamos.

Mesmo diante de um prazo mínimo para a defesa, construí outra tese – com outro título, outra fundamentação e outra metodologia. Esse novo projeto, embora formalmente distinto, foi a concretização do meu Projeto Autoral. A tese definitiva me deu imenso prazer intelectual, pois representou o desdobramento natural dos meus questionamentos de juventude, agora amparados pela excelência acadêmica.

Assim, apresentei uma pesquisa sobre um grupo de falantes de uma região rural conhecida como Dourados, no município mineiro de Patrocínio e egressos dessa região, residentes nessa cidade, intitulada “Construções de sentido de um grupo de falantes da região de Patrocínio-MG: um estudo sobre o cômico e o ambíguo”.

A tese defendida, em uma data altamente simbólica, oito de março de 2006, se constituiu em uma investigação de variação linguística que, passando pela abordagem da Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1994), caracterizou-se como um estudo nos campos da Linguística Cognitiva, guardando uma relação com o quadro da Sociolinguística e da Antropologia Linguística.

O falar característico desse grupo, propagado por diversas gerações, distingue esses falantes nas demais comunidades. Assim, partimos da hipótese de que o aspecto cômico provocado pela ambiguidade nas construções realizadas por esse grupo é determinado, na maioria dos casos, pela relação metafórica e metonímica e pelos efeitos da projeção de imagens, localizando a metáfora no modo de conceptualizar um domínio mental em termos de um outro. Sem perdemos o foco da análise linguística, dedicamos um tempo à pesquisa histórica e antropológica, para apresentar o grupo em seu contexto histórico-social.

O modelo dos “espaços mentais” proposto por Fauconnier (1994) e os mapeamentos metafóricos de Lakoff e Johnson (2002) constituíram o aporte teórico para tentar explicar os processos cognitivos que se estabelecem na mente desses falantes, quando se envolvem em um evento de fala. Concluímos que a fala, aparentemente peculiar do grupo, é também apresentada em outras comunidades, pois, conforme esses autores, a maior parte de nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, ou seja, é parcialmente compreendido em termos de outros conceitos.

O Doutorado foi, então, concluído com a Planta Autoral integralmente erguida: um projeto que nasceu da adversidade, foi salvo pelo respeito e lealdade à integridade institucional e floresceu graças ao reencontro com um orientador que soube guiar a minha arquitetura da linguagem até a sua forma final. Uma teia feita e desfeita pelas circunstâncias adversas, mas sólida no entrelaçamento dos fios e harmoniosa no tecido final.

1.3.6 Abertura ao canteiro global: os pós-doutorados e a expansão da fachada acadêmica

Estamos cada vez mais compelidos a uma aproximação de culturas e de áreas de conhecimento, a uma convergência de saberes (Ribeiro, 2023, p. 87).

Concluída a Planta Autoral do Doutorado, a fase de Pós-Doutorado representou a expansão final do projeto, a Abertura ao Canteiro Global, de modo que a fachada acadêmica permanecesse relevante e conectada com as fronteiras mais recentes da pesquisa.

Embora eu já tivesse direito à licença para aperfeiçoamento desde 2015, o projeto de Pós-Doutorado foi postergado por duas vezes devido a demandas institucionais e familiares prioritárias. Primeiramente, ao encerrar meu segundo mandato na Coordenação de Extensão do Instituto de Letras, fui instada a assumir a Coordenação do Curso de Português Licenciatura Diurno. Adicionalmente, a perspectiva inicial de cursar o Pós-Doutorado no exterior foi colocada de lado em razão do ingresso de minha filha no curso de Medicina Veterinária, um momento que, naturalmente, exigiu meu acompanhamento e suporte mais próximo.

Somente após a conclusão integral desse mandato, e com a certeza de que as responsabilidades primárias estavam asseguradas, é que pude elaborar o projeto de pesquisa a ser desenvolvido.

1.3.6.1 Entre o estilo e a catarse: o potencial da escrita criativa no desenvolvimento humano

Assim, o primeiro estágio de Pós-Doutorado foi realizado de março de 2019 a março de 2020, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB), sob a supervisão da Profa. Dra. Carmem Jená Machado Caetano.

O projeto de pesquisa, intitulado “A (re)construção de identidades e da autoestima pela escrita: um estudo de representações sociais e discursivas”, nasceu de um trabalho desenvolvido em oito anos ministrando a disciplina Oficina de Produção de Textos (OPT), e teve como objetivo investigar a escrita como uma poderosa estratégia de autoconhecimento e libertação.

As oficinas que motivaram a elaboração do projeto e o desenvolvimento da pesquisa não tinham a pretensão de ensinar técnicas formais, mas sim de despertar o escritor, promovendo a leitura criativa, a autocrítica, a experimentação e a autoria em diversos gêneros.

A metodologia subvertia os paradigmas da repetição e do tempo cronos (linearidade e rigidez), valorizando o tempo kairós (tempo oportuno para a criação). Nesse sentido, eu e os tutores atuávamos como interlocutores privilegiados e leitores atentos, e não como juízes, com a intenção de aprimorar o texto sem prescrição de regras. O resultado dessa liberdade era o trabalho final de editoração e apresentação de um livro com autoria e estilo definidos pelo próprio aluno.

Ao longo desses anos, foram contabilizados cerca de 500 livros produzidos, apresentados em eventos nacionais e internacionais como exemplos de escrita significativa, e tiveram seu alcance pedagógico e sociopsicológico como o aspecto mais marcante.

Para além das questões formais da linguagem, a leitura desses textos revelou uma realidade inquietante: o processo de escrita permitiu que muitos alunos expressassem conflitos existenciais profundos e recorressem à escrita como forma de catarse.

Trazendo a ponderação de Marguerite Duras em *Escrever*, "Escrever é também não falar. É se calar" (Duras, 1994, p. 26-30), para a experiência das oficinas, formulei a hipótese de que existe algo no processo de escrita criativa que coloca o escritor diante de uma escolha terrível: escrever ou morrer. Recebi diversos relatos de estudantes que manifestaram na escrita o desejo de cometer suicídio, mas que encontraram na atividade de reescrever a própria história a via de expressão e libertação, salvando-se de uma atitude drástica.

Diante da recorrência de episódios de suicídio ou de tentativas no âmbito universitário, o Pós-Doutorado se tornou um imperativo ético e de design social. O projeto não se limitou à análise literária, mas buscou, por meio dos Estudos Críticos do Discurso e em aliança com os Direitos Humanos, desenvolver um trabalho sobre as Representações Sociais da escrita como estratégia de autoconhecimento e de resgate da autoestima e da autovalorização.

Acredito que, ao investigar o efeito representacional da escrita, podemos traduzir uma experiência em linguagem para torná-la mais visível e compreensível. O Pós-Doutorado teve como devolutiva concreta a proposição de oficinas de escrita para a comunidade interna e externa da UnB, transformando a pesquisa em uma contribuição ativa no combate à invisibilidade e ao sofrimento.

Esse estágio não foi apenas uma formalidade, mas um ato de design estratégico focado na interseção entre linguagem e subjetividade, e consolidou o meu compromisso com o design social, focando no poder transformador da linguagem.

Nessa perspectiva, o estudo se dispôs a analisar como o ato de escrever pode se tornar um processo catártico em eventos e práticas sociais, com o propósito de encorajar o resgate da autoestima e da autovalorização de alunos da UnB e da comunidade externa.

A pesquisa partiu da premissa de que a produção textual pode atuar como um agente de reflexão capaz de demover o potencial suicida e de traduzir a experiência em linguagem, tornando-a mais visível e compreensível. Ao dar voz ao autor anônimo, busquei compreender as relações estabelecidas com a linguagem, identificando as marcas semióticas na produção textual e as representações acerca da escrita formadas ao longo de suas trajetórias.

Para tal, empreguei a Teoria das Representações Sociais (TRS), entendendo que essa abordagem psicossocial permite um diálogo significativo com outras teorias. As teorias linguísticas foram utilizadas como pilares para embasar a produção, distribuição e consumo dos textos, objetivando responder a questões centrais: Em que medida as representações sociais dos participantes da pesquisa evidenciam o ato de escrever como uma estratégia potencial de autoconhecimento e de (re)adaptação social? Como a metodologia de trabalho com a produção de textos influencia no processo de resgate da autoestima e da autovalorização dos estudantes da UnB?

Partindo do pressuposto de que a representação é uma construção e expressão do sujeito e tomando a prática da escrita como objeto, procurei apreender as representações acerca da escrita como estratégia de autoconhecimento e libertação, e compreender seu papel como um processo catártico e de (re)adaptação social.

Para captar esses sentidos, a metodologia se apoiou em dois instrumentos principais: o TALP (Teste de Associação Livre de Palavras) para a identificação do campo semântico e os registros das falas espontâneas nas rodas de conversas.

A coleta de dados ocorreu em dois cursos distintos, ministrados no primeiro semestre de 2019, que serviram como laboratórios sociais controlados:

"Fagulhas de uma fênix: escrita criativa e autovalorização": Ofertado à comunidade em geral, focava em escrita criativa e registro de vivências, visando dar voz ao autor anônimo como estratégia de catarse e autovalorização da vida.

"A (re)construção da identidade e da autoestima por meio da escrita: estratégias de escrita e de ensino": destinado a profissionais (professores, assistentes sociais, psicólogos e pesquisadores), teve a mesma carga horária, mas metodologia diferenciada.

Em ambos os cursos, por meio do relato de vida do escritor, durante a socialização do texto, buscamos compreender as relações estabelecidas com a linguagem e as representações formadas ao longo de suas trajetórias. Contudo, no curso para profissionais, acrescentamos a etapa de reflexão sobre

a metodologia aplicada e o debate sobre o alcance da proposta, atuando como uma formação de multiplicadores do design social da escrita.

O Pós-Doutorado na UnB cimentou a minha convicção de que o ensino e a pesquisa da linguagem são, essencialmente, atos de design estratégico e de intervenção. A escrita é vista não apenas como estrutura gramatical, mas como uma ferramenta de (re)engenharia da autoestima e de adaptação social. Foi a confirmação de que a Teia de Penélope é tecida para dar sustentação e dignidade à voz do sujeito.

1.3.6.2 A pesquisa na construção de estratégias para uma Leitura Crítica e Consciente

Cumprido o interstício regimental de quatro anos, reforcei o meu compromisso com a contínua renovação do saber e com a internacionalização da minha pesquisa. E, assim, submeti um projeto à Universidade Federal de Goiás (UFG), que me ofereceu a possibilidade de cumprir um estágio pós-doutoral na Università del Salento, em Lecce, Itália, sob a supervisão da Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão.

Esse segundo projeto foi realizado entre 01 de abril de 2024 e 31 de março de 2025, sob o título "Os significantes e os significados do gênero lide: condutor ou indutor de leituras?"

A pesquisa concentrou-se na arquitetura da informação e na função discursiva de um gênero textual central na comunicação jornalística. O estudo buscou analisar se o lide (o elemento estrutural do texto jornalístico) atua como condutor (provocando e mobilizando outras leituras e reflexões) ou como indutor (limitando a interpretação do leitor à informação veiculada, muitas vezes enviesada).

Essa nova etapa, com a perspectiva internacional, validou a minha abordagem de que o rigor linguístico deve ser aplicado com impacto na sociedade.

Este projeto nasceu das indagações e pesquisas suscitadas pelo Grupo "SIGNO – Os significantes e os significados do ensino e da produção de textos: pesquisa, ação e reflexão" (CNPq), que coordeno. O Grupo SIGNO objetiva analisar práticas de sala de aula voltadas ao texto, verificando as teorias que norteiam o trabalho com a leitura e a produção de textual.

A expansão internacional foi um movimento estratégico ancorado na possibilidade de integração ao projeto "Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo" (REDE/Itália), coordenado pela Professora Casseb-Galvão. Desse modo, a pesquisa e as atividades realizadas nesse período estabeleceram um diálogo profícuo com universidades italianas (Unich, Roma Tre, Unipi, Unisalento, Perugia) e brasileiras (UFG/UEG/UnB/UFMT), com ações conjuntas em Pesquisa, Ensino, Extensão e Publicação.

O convite para integrar a REDE/Itália teve o propósito de estabelecer os alicerces de uma ponte Brasil-Itália, visando: 1) conhecer descritivamente as multifaces da língua-cultura brasileira; e 2) difundir a língua falada e escrita no Brasil para aumentar a procura pela formação em português como língua estrangeira e de herança.

Nesse sentido, o meu estudo sobre o gênero lide e sua função como condutor ou indutor de leituras serve como um exemplo prático das metas do Grupo SIGNO.

O Pós-Doutorado na UFG/Unisalento permitiu que a minha produção e docência se mantenham na vanguarda da pesquisa e em diálogo com as grandes questões da contemporaneidade.

Assim, reforcei o meu compromisso com a contínua renovação do saber e a internacionalização da minha pesquisa, concordando com John F. Kennedy quando afirma que "Quanto mais aumenta nosso conhecimento, mais evidente fica nossa ignorância".

II A Estrutura Vertical- O Ensino como Ponte e o Legado

As interações da prática comunicativa constituem o meio pelo qual se reproduzem cultura, sociabilidade e personalidade, pois esses processos de reprodução cobrem as estruturas simbólicas do mundo da vida.

E, como Alice, maravilhada e perplexa diante do que nos parece novo, nos perguntamos: como ensinar o outro como outro? (Ribeiro, 2023, p. 69).

A Estrutura Vertical de uma carreira não se apoia apenas na solidez das fundações (Prólogo), mas na altura e na resistência dos pilares que sustentam a Cátedra. O ensino, neste Memorial, é concebido como a ponte essencial que conecta o arcabouço teórico da pesquisa ao legado que se deseja perpetuar.

Entendo que, longe de ser uma atividade secundária, a docência é o dom que exige dedicação contínua, conforme nos exorta o apóstolo Paulo em Romanos 12: 7 "aquele que ensina, esmere-se ao fazê-lo". É na sala de aula que a Planta Autoral se materializa, inspirando novos pesquisadores a encontrarem sua própria voz. É também por meio dessa ponte que a Teia de Penélope ganha propósito social, para que o saber seja transmitido com integridade, ética e o compromisso de formar o cidadão do futuro.

Assim, a educação pode ser entendida como uma grande rede, um conjunto de elementos que se relacionam de múltiplas formas, então é preciso considerar as experiências pessoais como um fio dessa teia, que entrelaça saberes, ações, técnicas e métodos. E entender que a noção de entrelaçamento está muito mais ligada à relação que os sujeitos da educação estabelecem consigo mesmos e com os seus pares é admitir que o que nos faz ser professor é uma conjugação de saberes que extrapolam ao aprendido nos espaços acadêmicos (Ribeiro, 2023).

Nesse sentido, a atuação docente, a seguir detalhada, é a manifestação desse firme compromisso com a formação e a construção das novas gerações, considerando o que nos diz (Foucault, 2012, p.69-70).

Prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro

Ao longo de uma vida dedicada ao ensino, compreendi que meu ofício foi justamente o de construir as escadas para transpor esses muros. Minha teia

não foi tecida apenas com acertos, mas com a coragem de desfazer e refazer cada ponto diante das adversidades, transformando o cotidiano da sala de aula em um espaço de resistência e de invenção de si. Se a titularidade é o horizonte que hoje vislumbro, ela é, antes de tudo, o testemunho de uma caminhada em que o aprendizado nunca se encerrou no diploma, mas na persistência do caminhar, concordando com Lewis Carroll, (2000), para quem “o verdadeiro valor está em tentar, não no resultado”.

2.1. A construção da cátedra: a poesia do ofício

Alice não sabe aonde ir, mas não quer continuar onde está. E procura um caminho. Sabe que a direção a seguir implica escolhas e admite que não tem preferência quanto ao lugar para onde vai. Mas tem certeza de que não quer ficar onde está. É essa certeza que lhe garante a saída (Ribeiro, 2023, p. 63-64).

Se a Estrutura Vertical da carreira exige solidez e rigor, a construção da cátedra requer, sobretudo, a poesia do ofício. A docência, em sua plenitude, não pode ser reduzida à mera transmissão de conteúdo; ela é o espaço da reinvenção e do encantamento, do risco e da pedagogia do rompimento.

A trajetória que aqui apresento não se pretende uma sucessão linear de fatos, mas uma construção movida pelo desejo de transformar o "impossível" em horizonte acadêmico. É nesse espírito que abraço a máxima de Charles Kingsleigh, o pai de Alice na adaptação de Tim Burton (2010): "A única forma de chegar ao impossível é acreditar que é possível". Essa crença não é um devaneio, mas o combustível para uma carreira dedicada a romper barreiras entre a teoria e a prática, entre a universidade e a vida.

Essa busca pelo inédito evoca o espírito das narrativas de Carroll (2000), sugerindo-nos que, no percurso do conhecimento, é preferível o arriscado desvario da invenção ao tédio da mesmice. No contexto dessa narrativa, quem não acredita representa a fossilização do ensino, o conformismo burocrático e a mera reprodução de respostas prontas que asfixiam a criatividade. O "maluco"¹², aqui compreendido como o heterodoxo e o criativo, surge, em contrapartida, como a personificação da chama da

¹² O Chapeleiro Maluco, personagem de Lewis Carroll, de comportamento excêntrico e lógica nonsense que figurativiza a loucura do País das Maravilhas. É o anfitrião que desafia Alice com modos estranhos e ideias confusas, e que aparece também no livro Alice Através do Espelho.

inovação; é o motor da crítica e da descoberta que garante a vitalidade da sala de aula e a renovação dos sentidos.

É esse olhar, que celebra a invenção e rejeita a inércia, que sustenta a ponte que construí ao longo de décadas para levar o aluno à autoria e à descoberta de sua própria identidade. A narrativa dessa construção, detalhada a seguir, é o reflexo de uma vida dedicada à poesia do ofício, em que cada pergunta feita e cada resposta provisória colhida reafirmam o compromisso de uma docente que nunca deixou de acreditar que o impossível é apenas o que ainda não foi ousado.

Esta seção mergulha na poesia do ofício docente, demonstrando que a sala de aula e os espaços pedagógicos não são locais passivos de reprodução de conhecimento, mas sim laboratórios de arquitetura e gênese. A epígrafe que escolhi estabelece o princípio fundamental desta atuação: o cerne da cátedra reside na capacidade de usar a palavra que se faz criadora para transformar e recriar a arquitetura da universidade.

A docência, vista sob essa ótica, é um ato de design e iluminação, quando o professor se torna um artífice que, por intermédio do verbo (a palavra), conduz os alunos a uma gênese transgressora – a crítica e a desnaturalização do que é dado. A poesia do ofício é a beleza encontrada na rigorosa construção do saber que inspira e liberta.

Minha trajetória pedagógica, detalhada a seguir, reflete esse compromisso com a docência criativa e transformadora, articulando-se em três eixos centrais que configuram a cátedra:

A Cátedra, portanto, não é apenas um lugar de ensino, mas um palanque de criação, onde o compromisso com a palavra é o motor para a transformação institucional e pessoal.

2.1.1 O alicerce e o primeiro ponto: da educação infantil à gestão escolar

Tecer na seara da educação seria cruzar os fios que os seres-em-educação trazem da infância, e que alinham ao longo de toda a vida, figurativizados por símbolos, sentidos de vida, desejos e sensibilidades para além de si mesmo, e com os quais constroem a sua face de identidade e realização no tear de educadores (Ribeiro, 2023, p. 74).



Figura 14 Com uma aluna de minha primeira turma, em 1983. Fonte: acervo pessoal.

Antes que as salas de aula da graduação ocupassem o centro da minha teia, os primeiros tijolos da minha arquitetura docente foram dados em 1983, na Escola Estadual Mariana Tavares, em minha cidade natal, Patrocínio-MG. Ali, na delicadeza da educação infantil, compreendi que alfabetizar é, antes de tudo, um ato de esperança e paciência.

Naquele cenário de iniciação, aprendi que a linguagem não é apenas um código a ser ensinado, mas uma ponte que se constrói para que a criança possa habitar o mundo. Trabalhar com os pequenos me exigiu a artesanaria do olhar: perceber o tempo de cada aprendizado e a importância de uma base sólida para as travessias que viriam. Se hoje dialogo com a complexidade da prática de ensino, no preparar para o chão da escola novos professores na graduação, e com a densidade teórica da Linguística na pós-graduação, é porque minha escuta foi treinada no burburinho das primeiras letras e na pureza daquele início.

A Escola Estadual “Mariana Tavares” não foi apenas o meu começo; foi o canteiro de obras onde assentei os tijolos da ética e do afeto que sustentam, até hoje, a minha postura como professora universitária.

O ano de 1986 marcou um rito de passagem definitivo em minha arquitetura profissional. Recém-egressa do curso de Letras e em tenra idade, assumi o desafio de dirigir uma escola municipal em Uberaba. Exercer a liderança institucional tão jovem foi um exercício de maturidade precoce, exigindo-me a compreensão da trama completa: a gestão de pessoas, o planejamento pedagógico e a articulação com a comunidade.

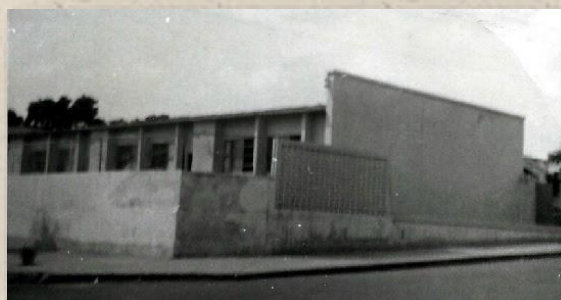


Figura 15 Escola Estadual “Mariana Tavares”, na década de 80. Fonte: fotosantigaspatrocinio.org.blogspot.com

No entanto, foi justamente no gabinete de chefia, entre as responsabilidades administrativas e as decisões burocráticas, que fiz a descoberta mais importante da minha carreira: minha paixão definitivamente era estar na sala de aula. Embora a gestão tenha me dado a visão sistêmica da educação, ela serviu também como um espelho que revelou onde meu 'fio' melhor se tecia. Percebi que, enquanto os gabinetes oferecem o controle da estrutura, é na sala de aula que se opera a verdadeira alquimia da transformação humana. Essa escolha consciente, feita ainda no início da jornada, selou meu compromisso com a docência. Saí da direção não por renúncia ao desafio, mas por fidelidade ao meu propósito: o de ser, antes de tudo, uma educadora que prefere erguer de paredes e edificar projetos no chão da escola a habitar gabinetes.

Compreendi, como nos ensina o texto sagrado, que “para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3:1). O meu tempo de gestão foi a ocasião da maturidade, mas o meu propósito inabalável é o encontro direto com o aluno.

Inspirada por Adélia Prado, descobri que a minha vocação tem a ver com o alfabeto das coisas e com a beleza do trabalho que se faz com as mãos e o coração, por isso reitero o que ela poetiza “O que a memória ama, fica eterno”.

Entendi que os gabinetes são feitos de memórias que passam, mas a sala de aula constrói o que fica eterno na alma do aluno.

Então, percebi que, se permanecesse nos gabinetes, correria o risco de perder a face que mais me define: a de professora.

2.1.2 O pilar da graduação: a Universidade de Uberaba

A arquitetura da universidade, ou de qualquer espaço habitado para a prática pedagógica pode sim ser transformada ou recriada pela ação da palavra que se faz criadora. E nessa gênese transgressora o verbo pode iluminar (Ribeiro, 2023, p.38).

A transição da educação básica para o ensino superior não foi uma ruptura, mas uma expansão de horizontes. Ao ingressar na docência universitária, levei na bagagem a sensibilidade da docência na Escola “Mariana Tavares” e a autonomia de minha formação montessoriana. Percebi,

precocemente, que o estudante de graduação, embora imerso em complexidades teóricas, guarda a mesma necessidade de um ambiente que encoraje a descoberta e o pensamento crítico.

No magistério superior, a 'preparação do ambiente' transmutou-se na curadoria de bibliografias e na mediação de debates que tencionam o real. Se antes eu auxiliava no nascimento das primeiras letras, na universidade passei a mediar o nascimento de novos professores de letras. O método de observar o aluno para entender sua trajetória, pilar que aprendi em 1983, tornou-se a bússola para orientar mais de 160 turmas, garantindo que cada acadêmico encontrasse seu próprio fio na vasta teia do conhecimento.

Essa travessia consolidou em mim a certeza de que a educação é um contínuo: não importa o nível de ensino, o verdadeiro mestre é aquele que prepara o terreno para que o discípulo o ultrapasse. É com esse espírito de quem conhece o valor de cada etapa do saber que apresento a seguir as linhas de força de meu desempenho na graduação.

Minha atuação docente na Graduação, desde o início da carreira, concentrou-se não apenas na transmissão do conteúdo linguístico, mas na reforma metodológica e no fomento ativo da autoria e do espírito crítico. Em março de 1995, iniciei minha carreira docente no Ensino Superior, na Universidade de Uberaba, a convite da Pró-Reitora de Gestão de Pessoas, que já me conhecia como aluna do Curso de Arquitetura dessa Instituição de Ensino Superior, e por saber de meu ingresso no mestrado. Assim, assumi, como horista, as aulas de Língua Portuguesa Aplicada à Administração; Linguística I, para o curso de Letras e Língua Portuguesa 1 e 2, para estudantes dos diversos cursos da Universidade. A partir de 1999, passei para o regime de 40 horas e me dediquei com exclusividade aos novos cursos de Letras Português- Inglês e Português- Espanhol, tendo sido uma das responsáveis pelo Projeto Político Pedagógico desses cursos de Licenciatura, no recém-criado Instituto de Formação de Educadores-IFE.

Nessa Universidade, atuei por dez anos, tendo sido docente dos cursos de graduação, professora e coordenadora de cursos de especialização, coordenadora de vários projetos de extensão, e também coordenadora de equipes nos processos da Comissão Permanente de Seleção, nos diversos eventos como vestibular, Processo Especial de Seleção- PES, Programa de

Ingresso por Avaliação Seriada- PIAS. Além disso, integrei o Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa-GAPP, ministrando cursos de formação continuada aos colegas de outras áreas que não tinham formação pedagógica em sua graduação de origem.

Foi nessa Universidade que iniciei meu trabalho com a educação a distância- EaD, em cursos de especialização, inicialmente, e, posteriormente, de 2002 a 2005, nos cursos de Formação Superior de Professores, como o Curso Veredas, oferecido a professores da 1ª a 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais, para o qual produzi uma série de materiais instrucionais.

Durante um ano, concomitantemente ao meu trabalho na Universidade de Uberaba, exerci também a docência no Curso de Letras, na Fundação Carmelitana Mário Palmério- FUCAMP, uma instituição de ensino superior na cidade natal do fundador da Uniube, idealizada por ele que ocupou a cadeira de número 2, na Academia Brasileira de Letras- ABL, sucedendo outro escritor mineiro, João Guimarães Rosa.

Foi na Uniube que tive a sorte de dividir a mesa de trabalho com o educador-antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, com quem muito aprendi sobre cultura, sobre educação, sobre saberes populares e principalmente, sobre humanizar e poetizar a sala de aula.

Foi quando tive o privilégio de ser a leitora-revisora dos originais desse grande educador e a felicidade de tê-lo como leitor e incentivador de meus escritos. Esse encontro se deu sob a égide da sabedoria que nos guia: “O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. E então, só então que estarás no país das maravilhas”. A partilha intelectual e o afeto construíram, naquele momento, o verdadeiro País das Maravilhas onde minha identidade como professora-pesquisadora foi solidificada.

2.1.2 O portal de entrada: do acolhimento à consolidação da carreira na Universidade de Brasília (UnB)

A instituição escolar é um espaço da maior importância em todo esse fluxo de intercomunicações. Mas é preciso partir do princípio de que ela não é a única e de que é apenas um dos muitos cenários de realização da vida como conhecimento (Ribeiro, 2023, p.89).

Minha trajetória na Universidade de Brasília não se iniciou com uma assinatura burocrática, mas com um gesto de acolhimento que definiu meu respeito por essa instituição. Em outubro de 2006, em um momento de transição e de revisão de projetos após um revés em concurso na UFTM, decidi buscar novos horizontes em Brasília. Fui recebida pela então diretora do Instituto de Letras (IL), a saudosa Profa. Maria Luísa Ortiz Alvarez, que me atendeu com uma disponibilidade e atenção raras.

Ao relatar a decisão de deixar para trás uma vida construída em Uberaba em busca de um ideal acadêmico na capital do Brasil, encontrei nela não apenas uma gestora, mas uma visionária. Maria Luísa prontificou-se a avisar-me caso surgisse uma oportunidade. Confesso que, naquele momento, o encanto pelo acolhimento foi acompanhado por uma ponta de ceticismo: seria eu, uma desconhecida, lembrada pela diretora, em meio às diversas demandas do IL?

A resposta veio em janeiro de 2007. Atendendo ao pedido da professora, o secretário do IL telefonou-me para avisar de um processo seletivo cujo prazo expiraria no dia seguinte. Sem hesitar, reuni documentos e percorri os 530 km que separavam meu antigo mundo no interior de Minas, do meu futuro no coração do Brasil.

O caminho, contudo, me impôs mais um teste de resiliência. Embora aprovada na seleção para substituta, a banca baseou-se em um julgamento subjetivo: uma das integrantes considerou que meu currículo era "bom demais" para que eu aceitasse um cargo temporário e de baixo salário, duvidando que eu abandonaria minha estrutura em Minas Gerais. Esse julgamento tirou-me a vaga, mas não a esperança.

Voltei para Uberaba, mas mantive o olhar fixo na UnB. Meses depois, em uma nova seleção, a aprovação foi incontestável. Atuei como professora substituta por dois anos com assiduidade e compromisso, até que a efetivação ocorreu, em 2009, consolidando minha permanência por concurso público.

No último dia daquele ano, ao assinar meu termo de posse como docente efetiva, procurei a Professora Maria Luísa Ortiz. Agradei-lhe não apenas pela informação sobre a vaga, mas por ter me "aberto as portas" sem me conhecer. Com sua sensibilidade aguçada, ela anteviu o compromisso

filme que eu teria com a UnB, um compromisso que hoje, ao pleitear a Classe de Titular, reitero como a pedra angular da minha jornada.

Minha caminhada na Universidade de Brasília teve início em 2007, quando ingressei como professora substituta. Naquele momento, tive a oportunidade de assumir as aulas de Leitura e Produção de Textos, uma disciplina ofertada pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas- LIP a diversos cursos da UnB, e que dialogava diretamente com a minha experiência prévia. Nesse período, também ministrei as disciplinas do fluxo obrigatório do Bacharelado em Português, Oficina de Produção de Textos- OPT; Redação Oficial; e Processos de Leitura e Escrita- PLE. Disciplinas que segui ministrando mesmo depois de meu ingresso definitivo,



Figura 16 Alguns exemplares dos livros produzidos em OPT. Fonte: arquivo pessoal.

como Professora Adjunta 1, por concurso público regido pelo Edital 568/2009, “Ensino de Língua Portuguesa nas modalidades de ensino Presencial e a Distância” no qual fui aprovada em primeiro lugar com a média 9,2.

O rigoroso Concurso Público validou meu objetivo e consolidou meu vínculo com a instituição. Somente em 2011, assumi a disciplina Estágio Supervisionado de Português, sem, contudo, deixar de ministrar as disciplinas já mencionadas do Bacharelado, incluindo o Estágio Supervisionado de Bacharelado. Nesse ano,

assumi, também a disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa- Literatura 1 e Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa- Literatura 2, no noturno.

Esse movimento marcou a transição do trabalho com a autoria individual, na produção de textos, para o compromisso com a formação da linhagem de futuros professores, solidificando meu papel na Estrutura Vertical da Carreira e na perpetuação do legado. A partir de então, a docência na UnB tornou-se o principal palco para a execução da minha Planta Autoral e o serviço à comunidade acadêmica.

Considero importante destacar minha opção por continuar ministrando as disciplinas do Bacharelado, Redação Oficial e Oficina de Produção de

Textos-OPT, mesmo tendo assumido as disciplinas objeto de meu concurso que já estavam além da exigência de carga-horária mínima.

A experiência de ministrar a disciplina OPT, que durou uma década e resultou em cerca de 500 livros organizados pelos próprios alunos, não se restringiu à didática tradicional. O ápice dessa atuação foi o rompimento de paradigmas: a disciplina rejeitava a reprodução de modelos e a tirania do tempo cronos. Ao dar liberdade de escolha do gênero e do estilo, e ao permitir que os textos fossem elaborados no tempo kairós (tempo qualitativo), foi quebrado o ciclo vicioso de reprodução acadêmica com o deslocamento do foco do processo para o "eu-autor": O objetivo era despertar o escritor, usando a escrita como um processo de autoconhecimento e transbordamento, conforme detalhado no Prólogo, na seção 1.3.6, tendo o professor atuando como interlocutor privilegiado e atento, e não como juiz.

Essa proposta metodológica ratifica a afirmação de Richard Bach (2012, p. 18), “Aprender é descobrir aquilo que você já sabe. Fazer é demonstrar que você o sabe. Ensinar é lembrar aos outros que eles sabem tanto quanto você”.

Essa e outras práticas inovadoras foram diretamente incorporadas nas discussões de reforma curricular, contribuindo para que o curso de Letras adotasse uma visão mais humanística, crítica e voltada para a produção textual autêntica e reflexiva, retomando o princípio de um de seus pioneiros, na UnB, o Professor Dr. Cyro Versiani dos Anjos, conterrâneo de Darci Ribeiro e ocupante da Cadeira 24 da ABL, em sucessão ao poeta Manoel Bandeira.

2.1.3. A docência como ponte e legado

Só pode ser professor quem se pergunta frente ao novo, ou ao aparente novo: *por que não?* Perguntar o que já se sabe é desconsiderar o que se pode saber. Não há bom professor que não seja pesquisador de sua própria prática. Quem não aprende ao ensinar não ensina, diria Paulo Freire, ecoando Guimarães Rosa, para quem “mestre é quem de repente aprende” (Ribeiro, 2023, p. 86).

Minha Planta Autoral foi traçada em um momento de sinergia entre a academia e o serviço público. O ingresso na Graduação em Letras (1982) foi simultâneo ao meu início como professora na Educação Básica. Desde esse marco, o interesse pela pesquisa e a urgência em estabelecer o tripé ensino-

pesquisa-extensão na minha prática docente foram determinantes. Esse compromisso com a função social da educação foi logo validado pela atuação no cenário político-educacional: em Patrocínio-MG, fui redatora e relatora do documento municipal do I Congresso Mineiro de Educação, idealizado pelo educador Neidson Rodrigues.

Minha formação sedimentou-se no campo da Educação, com especial olhar para a Educação Básica, entretanto tive a oportunidade de percorrer todos os níveis de ensino. Na Educação Básica, minha atuação foi além da sala de aula, pois exerci funções pedagógico-administrativas como coordenadora, orientadora e gestora educacional, ainda bem jovem.

O ponto mais alto dessa atuação foi o trabalho em Uberaba-MG. Além de ter sido Diretora de escola pública municipal, fui formadora e orientadora no Centro de Formação de Professores, tendo o privilégio de receber orientações diretas do Prof. Paulo Freire, durante a gestão de sua orientanda, a Profa. Maria de Lourdes de Melo Prais, então Secretária de Educação do Município de Uberaba (SEMEC).

Na SEMEC, atuei como coordenadora de Programas e Projetos Educacionais, mantendo, simultaneamente, o vínculo com a Universidade de Uberaba- Uniube. Nessa IES, integrei o Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa (GAPP) por dez anos, convivendo com renomados educadores como Carlos Rodrigues Brandão, Miguel Arroyo, José Carlos Libâneo e Joel Pimentel Ulhoa, que solidificaram minha opção pela área de ensino.

A culminância desse processo deu-se na Universidade de Brasília (UnB), quando firmei minha opção pelo Eixo do Ensino de Língua Portuguesa Presencial e a Distância, assumindo o Estágio Supervisionado a partir de 2011.

Minha missão, desde então, tem sido alicerçar o trabalho de pesquisa e orientação na Graduação e na Extensão, formando pesquisadores-professores aptos a desenvolver a autoria, autonomia e criatividade na escrita dos diversos gêneros.

Ao assumir as disciplinas de estágio, objeto de meu concurso, procurei desenvolver um trabalho que efetivamente pudesse não só relacionar a teoria à prática, mas também o ensino à pesquisa e à extensão, considerando a docência como ponte e legado, posto que a filosofia que rege essa prática

docente se baseia na compreensão de que o professor é, antes de tudo, o arquiteto da ponte que liga o saber estabelecido à nova geração.

Nessa analogia, a ponte é a via pela qual o professor, munido do saber estabelecido, o rigor da Linguística, a arquitetura da linguagem, convida o aluno à travessia. O objetivo não é apenas transmitir o conhecimento, mas sim o de propiciar as ferramentas para que cada aluno encontre e defenda sua própria Planta Autoral. A Oficina de Produção de Textos, por exemplo, funcionou como essa ponte, transformando a escrita em um processo de catarse e (re)engenharia da autoestima (Design Social).

2.1.4 O legado vertical: autonomia e criticidade

É nessa escola em que o outro-que-não-sou-eu, a despeito de ser sujeito composto, pode ser único e solidário com os outros que- não-são-ele e de fato educar-se no diálogo e no entrelaçamento das múltiplas atividades que redundam na autonomia e na liberdade de ser e estar, de estar-sendo e de deixar de ser, e, assim, declarar-se sujeito, senhor de suas escolhas e de seu conhecimento (Ribeiro, 2023, p. 50).

Minha trajetória na graduação e na pós-graduação é, em essência, o exercício desse entrelaçamento. Educar o outro como outro e não como uma projeção do que penso ser.

Cumpre destacar aqui que o ensino entendido como processo contínuo e dinâmico se manifesta no compromisso com o legado. A prática docente visa quebrar o modelo horizontal de repetição, incentivando o aluno a ascender ao nível de crítica e autoria, cujo sucesso reside em levar a uma linhagem de futuros professores e pesquisadores que não apenas dominem as regras, mas que tenham a coragem de subvertê-las em nome de um estilo e de uma arte próprios.

Mais do que o cumprimento de uma carga horária, cada sala de aula foi um laboratório de humanidade e um exercício de escuta, consolidando um legado vertical que se projeta na formação de novos docentes e pesquisadores.

2.1.4.1 A perspectiva quantitativa: a superação da base

Embora o mínimo regulamentar estabelecido para o corpo docente da Universidade de Brasília-UnB indique uma carga horária equivalente a oito créditos (120 horas semestrais), a análise dos componentes curriculares ministrados demonstra que sempre ultrapassei esse limite.

Em muitos semestres, minha carga horária docente não apenas ultrapassou o mínimo exigido, mas chegou a dobrar ou triplicar em função dos diversos componentes curriculares assumidos. Esse compromisso integral com a graduação, e de modo muito particular, com as orientações de estágio, refletiu uma escolha deliberada: a de adiar meu ingresso na pós-graduação para sedimentar, com o rigor necessário, a base no ensino e na extensão. Antes de formalizar minha atuação nos programas de pós-graduação, priorizei o fortalecimento do alicerce acadêmico, compreendendo que a excelência da pesquisa se nutre da experiência vivenciada na base.

Nesse aspecto, meu compromisso a cada semestre é restaurado: a carga horária elevada é, em última análise, a prova numérica da permanência e do compromisso renovado com o horizonte que se expande, rejeitando a inércia e reforçando o dinamismo do Pavilhão da Inovação.

A dedicação ao ensino é materializada na ministração de aulas para 160 turmas da graduação e da pós-graduação, nas dezenas de disciplinas listadas a seguir para alcançar milhares de estudantes.

.2.1.4.2 Disciplinas ministradas na graduação

- 1-Laboratório: resolução de problemas de leitura e de redação - 60 h (3 turmas)
- 2-Leitura e produção de textos - 60 h (9 turmas)
- 3-Oficina de produção de textos - 60 h (21 turmas)
- 4-Redação Oficial - 60 h (16 turmas)
- 5-Seminário de português - 60 h (21 turmas)
- 6-Estágio supervisionado - Bacharelado - 90 h (3 turmas)
- 7-Estágio supervisionado em língua portuguesa-literatura 1 - 60 h (2 turmas)
- 8-Estágio supervisionado em língua portuguesa-literatura 2 - 90 h (3 turmas)
- 9-Projeto de curso - 60 h (12 turmas)
- 10-Programa institucional de bolsa de iniciação à docência - 30 h (2 turmas)
- 11-Estágio supervisionado em português 1 - 60 h graduação (17 turmas)

- 12-Estágio supervisionado em português 2 - 60 h (3 turmas)
- 13-Laboratório de leitura e criação literária para o ensino fundamental e Médio - 90 h. (2 turmas)
- 14-Estágio supervisionado em português 1 - 210 h graduação
- 15-Laboratório de produção de texto para o ensino fundamental e médio - 90 h (2 turmas)
- 16-Estágio supervisionado em português 2 - 210 h
- 17-Laboratório de ensino da gramática - 60 h (2 turmas)
- 18- Laboratório de literatura para o ensino fundamental e médio - 90 h (1 turma)
- 19- Estágio supervisionado em português 2 - 90 h (1 turma)
- 20- Processos de Leitura e Escrita – 60 h (2 turmas)

2.1.4.3 Disciplinas ministradas na pós-graduação

- 1-Estudo dirigido de linguagem e ensino - 30 h (1 turma)
- 2-Estágio docente I - linguagem e sociedade - 45 h (7 turmas)
- 3-Laboratório de análise linguística 1: linguagem e ensino - 30 h (3 turmas)
- 4-Laboratório de análise linguística 2: linguagem e ensino - 30 h (2 turmas)
- 5-Metodologia de pesquisa e elaboração de projetos - 30 h (2 turmas)
- 6-A escrita de textos acadêmicos - 60 h (3 turmas)
- 7-Letramento como prática social - 45 h (4 turmas)
- 8-Seminário avançado de pesquisa: linguagem e sociedade - 30 h (3 turmas)
- 9-Atividades programadas em pesquisa 1- 30 h
- 10-Tópicos especiais em linguísticas 1 - 15 h (1 turma)
- 11-Atividade programada em pesquisa 2 - 30 h (2 turmas)
- 12-Educação e trabalho - 60 h (1 turma)
- 13-Tópicos especiais em linguísticas 2 - 30 h (1 turma)
- 14- Estágio Docente 2- 45 h (2 turmas)

Olhar para esse inventário de salas de aula é, antes de tudo, percorrer a arquitetura da minha própria memória, reconhecendo que a formação humana é um tecido vivo, feito e refeito na artesanaria do cotidiano. É nessa base sólida, tecida no diálogo entre o rigor da norma e a ousadia da (re)invenção, que

sustento o meu compromisso com a universidade e me reconheço feliz e realizada na sala de aula. É quando vejo claramente que o ensino, longe de se esgotar no registro burocrático de um diário de classe, é o espaço onde a memória se torna legado: uma fundação invisível, mas perene, sobre a qual a continuidade do conhecimento e o futuro de milhares de estudantes se estabelecem.

2.2. O fio de Ariadne¹³: a arte de orientar e a linhagem

Essa teia tênue, cujo tecido não segue um único modelo, mas é composta de fios singulares, na pluralidade de tramas e de nós, é muitas e muitas vezes desfeita, para ser novamente tecida com outra forma, em outro momento (Ribeiro, 2023, p.13).

Se a Poesia do Ofício se manifesta na sala de aula, o legado se estabelece na arte de orientar. O processo de formação de mestres e doutores é a mais pura expressão da Estrutura Vertical, pela qual o professor-orientador cumpre o papel de entregar o Fio de Ariadne ao aluno.

Diante do labirinto da pesquisa, complexo e, por vezes, assustador, o orientando precisa de um guia que o encoraje e que o empodere. É nesse espírito que a orientação se funda na máxima de Carroll (2000), reafirmando que o sucesso da jornada reside, sobretudo, na autonomia e no potencial inexplorado do próprio aluno.

A linhagem intelectual, a ser detalhada a seguir por meio dos dados concretos de orientações e supervisões concluídas (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado), é a demonstração de que a Planta Autoral foi transmitida com entusiasmo e determinação, estabelecendo uma autêntica escola de pensamento na área do Ensino de Língua Portuguesa, da Linguística Cognitiva, da Sociolinguística, da Linguística Textual e das Representações Sociais. O volume dessas orientações é a materialização da nossa mais forte contribuição à comunidade acadêmica: a formação de novas vozes. É quando Narciso encontra Alice e estabelece o diálogo necessário.

¹³ O "fio de Ariadne" é uma expressão que significa uma solução, um guia ou um método que ajuda a sair de uma situação complexa ou confusa, como um labirinto. Remete à mitologia grega, quando a princesa Ariadne entrega um novelo de lã a Teseu para que ele possa encontrar o caminho de volta após derrotar o Minotauro no labirinto. No contexto deste Memorial, ele simboliza o método, o guia e a orientação que o professor oferece ao aluno para navegar e sair com segurança da complexidade do labirinto da pesquisa acadêmica, garantindo o caminho de volta à Planta Autoral do pesquisador.

A filosofia de pesquisa e o olhar para a inovação curricular, conforme detalhado em meu livro “Na Teia de Penélope. Metáforas na Educação¹⁴”, encontram seu fundamento no encontro de Narciso e Alice. Essa síntese é o cerne do meu Pavilhão da Inovação.

Narciso representa a introspecção necessária, o momento inicial da Planta Autoral, a autorreflexão profunda que o pesquisador e o estudante devem fazer sobre seu próprio discurso, sua identidade e sua história. É o mergulho no eu-autor. E Alice representa a ruptura e a ação, a travessia, o ato de questionar o que está posto: o currículo, as normas, as estruturas rígidas da academia. É a ação de atravessar o espelho para confrontar o Mundo do Averso.

A verdadeira Crítica e Descoberta (Seção III) só é alcançada quando o pesquisador integra essas duas forças: o conhecimento profundo de si (Narciso) e a coragem de transformar a realidade externa (Alice). A inovação curricular, portanto, é o resultado desse diálogo: a garantia de que a Estrutura Vertical da universidade não se fossilize em modelos obsoletos, mas seja sempre um espaço de metamorfose e de autoria legítima.

E foi nessa perspectiva que, saindo da visão de Narciso, escolhi orientar sob a perspectiva de Alice, propondo um diálogo transdisciplinar entre a Linguística, a Educação e a Literatura.

Lembrando Foucault (1987, p.77) no capítulo II, “A prosa do mundo”, de sua obra “As Palavras e as Coisas”: “O homem jamais aparece em sua positividade sem que essa seja logo limitada pelo ilimitado da história”, valho-me dessa asserção para acrescentar que a linguagem daquele que trilha o caminho da educação também se propaga ou se perde na linearidade do tempo, e, portanto, só pode ser resgatada mediante a ação de um olhar que se configura, na linguagem de Foucault (1986), como uma arqueologia. A essa busca “arqueológica”, chamamos memória e foi escavando essa memória que desenvolvi pesquisas nos campos da educação, com olhar de linguista e de educadora, sem perder o olhar estético da arte (Ribeiro, 2006).

¹⁴ RIBEIRO, Ormezinda Maria. Na teia de Penélope. Metáforas na Educação. 2.ed. Campinas: Pontes, 2023.

2.2.1 A orientação como experiência de si e o confronto com a subjetividade

Não somos padronizáveis. Somos seres únicos. Com saberes e experiências singulares, próprias de cada movimento que são urdidos numa teia única e particular, ainda que entrelaçada a outras tantas teias. O fuso que nos impulsiona pode ser o mesmo, mas o compasso tem um ritmo singular (Ribeiro, 2023, p. 89).

Entendendo a dimensão filosófica do texto em epígrafe, consideramos, então, que a orientação transcende a mera supervisão metodológica; ela se configura como um trabalho de sala de aula como experiência de si, conforme expressei já no início de minha imersão no universo da pesquisa¹⁵. Assim, a pesquisa, tal como a escrita criativa, é vista como um espaço de confronto com a subjetividade, quando o pesquisador se revela e se transforma.

O cuidado de si, para Foucault (2009), envolve o cuidado do outro, e é nesse enfoque que acredito ser a escola um dos espaços para se problematizar a sacralidade das regras que governam professores, alunos e demais profissionais da educação. Ao rever onde, quando, por quem foram instituídos e a quem interessam tais regras de convivência, é possível construir outras que não se voltem contra os indivíduos, mas a favor deles, o que nos possibilita pensar e exercer relações sociais menos restritas.

A perspectiva estética das análises foucaultianas propõe a revisão contínua dos modelos e padrões estabelecidos na prática docente. Esse olhar é fundamental para romper a circularidade das relações saber/poder e, no nosso caso, as relações saber-fazer que constituem tanto o docente quanto os demais sujeitos envolvidos na formação de educadores. Busco ressonância na fala do filósofo e historiador francês quando afirma: “em vez de traçar o plano de um edifício a ser construído, dediquei-me a fazer o esboço – reservando-me o direito de fazer muitas correções – do que realizara por ocasião de pesquisas concretas” (Foucault, 1986 p. 234).

Nesse entendimento, a pesquisa deve estar em sincronia íntima com o fazer pedagógico. A investigação da própria prática torna-se, assim, o alicerce que fundamenta toda a construção acadêmica. Foi ao compreender a dimensão desse processo e a relevância do papel do orientador, não apenas

¹⁵ Em trabalho intitulado “A sala de aula como experiência de si”, apresentado no GT 08 da 26. Reunião Anual da ANPED, em Poços de Caldas- MG, 2003.

como alicerce, mas como a argamassa que sedimenta as paredes dessa obra feita a várias mãos, que estabeleci a minha forma de conduzir a relação com os futuros pesquisadores, com os colaboradores e com a comunidade que será beneficiada pelos resultados das pesquisas.

Essa perspectiva foi aprofundada em trabalhos do Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa- GAPP, grupo em que fui iniciada no labor investigativo, e desenvolvida em artigos que abordam a “Sala de aula e produção de subjetividades: medos e perigos”¹⁶, reconhecendo que o ambiente acadêmico, especialmente no estágio e na escrita do texto final, expõe o aluno aos seus próprios conflitos existenciais. O orientador, portanto, é um mediador nesse processo de catarse e (re)engenharia da autoestima, para que o rigor teórico caminhe ao lado da integridade pessoal.

2.2.2 A escolha do caminho: educação para linguística

Minha área é basicamente a da linguagem, não a linguagem técnica voltada para o marketing, ou para outras finalidades, mas a linguagem sistematizada da educação, portanto, não posso falar simplesmente de linguagem sem abordá-la como um elemento imbricado no processo educacional (Ribeiro 2023, p.14).

O ingresso na Pós-Graduação foi inicialmente motivado pela minha profunda ligação com o ensino e a urgência de fundamentar teoricamente a docência como ponte no Programa de Pós-Graduação em Educação- Modalidade profissional (PPGE-MP-FE/UnB), na Área de Concentração “Desenvolvimento Profissional e Educação”, enquanto a linha de pesquisa “Linguagem e Ensino” ainda estava em discussão para ser implantada como a terceira linha da área de concentração “Linguagem e Sociedade”, do Programa de Pós-Graduação em Linguística- PPGL, do Instituto de Letras- UnB.

Contudo, a necessidade de aprofundar o rigor metodológico na análise discursiva e na arquitetura da linguagem, que de fato sustenta a crítica, conduziu-me, posteriormente, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB). Essa transição não foi um abandono, mas um refinamento, buscando a base teórica mais sólida para formar pesquisadores capazes de

¹⁶ Artigo publicado na Revista Educação - Porto Alegre – RS, ano XXVIII, n. 2 (56), p. 317 – 332, maio/ago. 2005.

mergulhar na perspectiva do discurso sem negligenciar a dimensão humana e transformadora do fazer pedagógico.

Recentemente, em 2025, o Instituto de Letras aderiu ao Programa de Mestrado Profissional em Letras, o ProfLetras, integrando-se à rede nacional, voltada para a formação continuada de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental da rede pública. Assim, fui integrada ao ProfLetras, como orientadora na linha de pesquisa “Estudos da Linguagem e Práticas Sociais”.

Adiante, apresento as orientações de mestrado e doutorado, concluídas sob minha orientação nos programas de pós-graduação dos quais sou membro permanente na Universidade de Brasília.

2.2.3 Fios que se cruzam: orientações e interações

Não trago nada novo, mas espero cruzar olhares. Tento descobrir o que não sei, o que é suscitado a partir de lacunas que percebo na educação e que me levam a refletir (Ribeiro, 2023, p.14).

O volume de orientações concluídas é a concretização das discussões que se transformaram em uma grande teia de saberes, cujos fios se interconectam, quer por afinidade teórica, quer por afinidade prática. Ao longo dos anos, o Fio de Ariadne foi sendo tecido com mestrandos, doutorandos e pós-doutores nessas jornadas de pesquisa.

A Cartografia da Linhagem revela, então, uma teia, na qual os fios se cruzam e se reforçam, estabelecendo eixos de profunda relevância que ligam o Ensino Crítico, a Linguística Aplicada e o Design Social.

Os trabalhos a seguir demonstram a consolidação de uma escola de pensamento que articula o rigor da pesquisa com a urgência da transformação social, por meio da pesquisa que não é desassociada do ensino e da extensão.

2.2.3.1 A linhagem de pesquisa: orientação (mestrado, doutorado) e supervisão (pós-doutorado)

Os trabalhos, provenientes das orientações de Mestrado e Doutorado e das Supervisões de Pós-Doutorado, refletem o foco em três grandes áreas temáticas, diretamente ligadas ao meu trabalho iniciado já na Graduação.

I. Letramento e biblioteca como ferramenta crítica

Esse eixo investiga a biblioteca não como um mero depósito de livros, mas como o primeiro Labirinto da Pesquisa e um espaço crucial para o desenvolvimento do Letramento Informacional. Os trabalhos aqui orientados convergem na análise da relevância institucional da biblioteca na formação do hábito de leitura e na (in)formação do jovem pesquisador. Tais estudos traçam as trilhas necessárias para a autonomia acadêmica, conforme defendido nas dissertações:

1. E no meio do caminho tinha uma biblioteca: relevância da biblioteca na formação do hábito de leitura e o projeto Clube do Livro: perspectivas de letramento. (Marcelo José Rodrigues da Conceição- 2018)
2. Letramento em pesquisa: o papel da biblioteca na (in)formação do jovem pesquisador (Michelle Soares Pereira- 2018).
3. Processos de letramento informacional na biblioteca universitária: uma cartografia das estratégias de busca. (Seânio Sales Avelino- 2025).

II. Formação, Identidade Docente e Representações Sociais

Esse eixo de orientação reflete a investigação profunda na dimensão humana da docência como experiência de si, analisando como a Formação Continuada atua na Identidade do professor, dos técnicos da educação e como as Representações Sociais moldam a prática pedagógica e os resultados de letramento.

Esse grupo de trabalhos mostra o mergulho na dimensão humana da docência como experiência de si, analisando como as Representações Sociais e as estruturas de poder moldam a identidade e a prática do professor. Os trabalhos convergem na análise do lugar do sujeito dentro da academia e da Educação Básica, investigando desde as políticas afirmativas na Pós-Graduação, até o papel dos servidores técnicos na Universidade e a voz do professor, no seu sentido literal.

1. Professor, onde está a sua voz? uma proposta de formação continuada (Ivone Oliveira Silva- 2020).
2. Ouvir estrelas: o que pensam os servidores técnicos administrativos do Instituto de Letras da Universidade de Brasília sobre sua formação (Fabiana Rodrigues Araújo-2019).
3. Políticas afirmativas na pós-graduação da FACE: um estudo das representações sociais (Selma Monteiro Coelho-2020).

4. Da caneta ao cursor: representações sociais de alfabetizadores acerca das formações continuadas baseadas nas TIC (Tayse Castelo Ribeiro-2023).

III. Linguagem, Variação e Práticas de Letramento

Esse eixo concentra as investigações que se debruçam sobre as diversas modalidades de Letramento (social, histórico, digital, visual, acadêmico e literário) e sua relação com a diversidade linguística e cultural e as práticas pedagógicas transformadoras.

Os trabalhos convergem na análise de fenômenos da linguagem, examinando desde a variação/diversidade do português brasileiro e o preconceito linguístico no ambiente escolar, até o estudo e a difusão de línguas minoritárias, como o quíchua, e as implicações sociopolíticas do debate sobre o gênero gramatical neutro.

O foco é a ação e o contexto, explorando a experiência lírica na EJA, as práticas de letramento em contextos de ensino remoto, a análise do dialogismo e autoria em textos dissertativo-argumentativos, a relação entre letramento e identidade cultural em comunidades específicas (como a Kalunga) e o impacto do letramento digital na formação docente e nas travessias da internet. Tais pesquisas cumprem o papel de trazer à luz as questões de subjetividade, poder e autonomia do estudante em contextos sociolinguísticos e educacionais diversos.

Mestrado:

1. Poesia, professor? Reações de estudantes da EJA à poesia lírica em aulas de português durante a pandemia (Manuel Carlos Montenegro Lopes da Cruz-2021).
2. O estudo da competência comunicativa no ensino da língua portuguesa: investigando a variação/diversidade linguística no Ensino Médio (Susana Menezes Araujo-2020).
3. Quíchua ayacuchano: panorama sociohistórico, linguístico e educacional. (Armando Gutiérrez Cisneros-2020).
4. Práticas de letramento no ensino remoto emergencial (Stephanie Sales Rodrigues Nonato-2023).
5. Um certo pé de laranja lima que fala por todo canto: efeitos de dialogismo em textos dissertativo-argumentativos sob a perspectiva dos estudantes (Weruska Karrize Coutinho Furriel-2023).

6. Letramento e identidade cultural: Ternos e bandeiras: um estudo sócio-histórico do letramento na Comunidade Kalunga (Erildo Fernandes de Souza-2024).
7. Letramento digital e a formação docente: efeitos dos cursos do NTE-Samambaia. (Vivian Maia Lima- 2025).

Doutorado:

1. Um galo sozinho não tece uma manhã: contribuições da extensão universitária para o desenvolvimento do letramento acadêmico (Ruy Martins Batista dos Santos-2024).
2. Da escuta sobre o preconceito linguístico no ambiente escolar às ações: uma proposta de intervenção para o trabalho com a variação linguística em escolas públicas do Distrito Federal. (Susana Menezes Araujo-2025).
3. Letramento visual como prática social: conexões sociossemióticas a partir do conjunto escultórico de Alfredo Ceschiatti presente nos espaços de poder de Brasília (João Balbino Silva-2026).

Orientações em andamento:

Mestrado:

1. Programa de competência em informação: as necessidades de informação do pesquisador da Universidade de Brasília (Luciana Marques Setúbal).
2. Entre Ausências e Permanências: Determinantes Sociais do Absenteísmo Escolar no Processo de Alfabetização (Viviane de Oliveira e Silva).
3. Orientação educacional e educação midiática nos anos iniciais do ensino fundamental: estratégias para a cidadania digital, prevenção de violências e promoção da cultura de paz no contexto escolar (Leilane Andrea da Silva Araujo).
4. Eu sou protagonista da minha história: ações da Orientação Educacional para fortalecimento da autoestima, promoção da empatia e prevenção de comportamentos autolesivos na adolescência (Pollyana Gonçalves de Carvalho Saldanha).
5. Gestão escolar e sustentabilidade: desafios e perspectivas para a promoção integrada das dimensões econômica, social e ambiental na educação pública brasileira (Wellington de Oliveira Soares)
6. Alfabetização e letramento: desafios na formação continuada do professor da EJA no Distrito Federal (Niquele de Souza Costa)

Doutorado:

1. Da Venezuela para o Brasil: a inclusão social, cultural e linguística de estudantes venezuelanos imigrantes e refugiados em escolas públicas do Distrito Federal (Weruska Karrize Coutinho Furriel).

2. Quíchua como língua estrangeira: curso básico, intermediário e avançado- conhecimento, ensino e difusão. (Armando Gutiérrez Cisneros).
3. Neutro de ontem e neutro de hoje: implicações educacionais, sociolinguísticas e sociopolíticas (Bruno Bonadio Toledo).
4. O sertão é do tamanho do mundo. Reflexões sobre travessias docentes em um grande ser-tão chamado internet. (Victor Araújo Coutinho).
5. Práticas de letramentos na comunidade quilombola Riachão – Monte Alegre- GO: oralidade e interações sociolinguísticas presentes nos saberes tradicionais do povo kalunga (Lourdes Fernandes de Souza).

Supervisão de Pós-Doutorado:

Concluída:

1. “N(os) meandros de redigir para o Exame Nacional do Ensino Médio: pensando a relação professor de Língua Portuguesa com os saberes sobre escrita” (Hélder Sousa Santos-2024).

Em andamento:

2. “Inteligência artificial generativa na educação básica: percepções, desafios e potencialidades para o desenvolvimento do pensamento crítico” (Luciene Pereira).
3. “Letramentos e formação docente: da teoria à prática” (Maria Emanuele Pereira Costa).

2.3.3.1 O Projeto SIGNO como eixo orientador: atividade de orientação em nível de graduação (TCC):

A orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) representa, na minha trajetória acadêmica, um dos momentos mais significativos de acompanhamento da autoria discente. É o estágio final da graduação em que o aluno é desafiado a selecionar seus próprios "fios" teóricos e metodológicos para tecer uma reflexão original sobre a linguagem e a educação.

Como orientadora busco equilibrar o rigor acadêmico com o encorajamento intelectual. Entendo que o TCC é um exercício de "fazer e refazer", tal qual a teia de Penélope, quando o estudante aprende que a escrita científica é um processo de constantes ajustes e descobertas. Ao longo desses anos, orientei trabalhos que versam sobre a diversidade, o ensino de língua portuguesa e as práticas de estágio, sempre incentivando que o saber produzido tenha o "sabor" da descoberta pessoal e o compromisso com a transformação da realidade escolar.

O Trabalho de Conclusão de Curso, orientados na graduação, corresponde às disciplinas Projeto de Curso (noturno) e Seminário de Pesquisa (diurno) e estão diretamente relacionados ao meu Projeto de Pesquisa cadastrado no CNPq. São desdobramentos diretos do projeto de pesquisa SIGNO: Os significantes e os significados do ensino e da produção de textos: pesquisa, ação, reflexão.

Esse projeto constitui o "tear" em que todos os fios da minha produção docente foram tecidos. Pautado na tríade pesquisa-ação-reflexão, o SIGNO busca investigar a linguagem em sua totalidade, unindo o rigor teórico da linguística à prática social da sala de aula. Sob essa ótica, as orientações foram organizadas para responder aos desafios da produção textual contemporânea, resultando em uma produção diversificada, mas teoricamente unificada, distribuídos em cinco eixos temáticos, a partir dos quais listo os trabalhos orientados e concluídos, que refletem esse compromisso com a formação de sujeitos críticos, no período entre 2010 e 2026.

I- Processos de Escrita, Reescrita e Avaliação do Texto

Esse eixo reúne os trabalhos que versam sobre a produção textual acadêmica/escolar, o papel da revisão e o impacto dos critérios do ENEM.

- 1- Análise da importância da produção de diferentes gêneros textuais no desenvolvimento acadêmico do aluno (Ana Carla Reis Bezerra 2013/2).
- 2- As atividades de retextualização em uma coleção de língua portuguesa para o ensino médio (Lucas Figueiredo Lima Viana 2018/2).
- 3- Coesão textual: um estudo sobre a coesão lexical na prova de redação para o ENEM (Silvio Heleno C. Pinheiro- 2018/1).
- 4- A construção do texto dissertativo-argumentativo para o ENEM em redação de alunos de escolas públicas (Sara Susane R. Rocha 2015/1).
- 5- Correção ou revisão de texto na educação básica (Jussara dos Santos C. Gomes-2013/1).
- 6- A escrita criativa: um emancipador pessoal. Análise do processo motivacional e criativo dos livros produzidos pelos alunos de graduação da disciplina de Oficina e Produção de Textos (Nilza Marcelina Dobre Terra 2013/2).
- 7- A escrita nos processos seletivos – ENEM (Lara Patty R. Barbosa- 2014/1).
- 8- A influência dos critérios de avaliação do ENEM na metodologia de ensino de redação do ensino médio nas escolas do Distrito Federal (Fernanda Hottum R. Ambrozio- 2014/1).

- 9- A interferência da fala na escrita na produção de textos dissertativos de alunos de nível superior (Luciana Silva Cantanhede 2013/2).
- 10-O papel da reescrita de textos no ambiente universitário: uma mediação por meio de novas tecnologias (Milene de Freitas Ângelo- 2013/1).
- 11-Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos (Marina Pereira Cavalcante- 2017/2).
- 12-A representação do discurso da mídia brasileira sobre a divulgação das notas de redações do ENEM (Renata Madeira M. Sales 2015/1).
- 13-Revisão de textos: conceituação, o papel do revisor textual e perspectivas do profissional do texto (Letícia Figueiredo Guedes- 2013/2).
- 14-Revisão e reescrita de textos a partir do gênero textual resenha crítica: uma experiência com professores (Andreia Lívia de Jesus Leão- 2014/2).
- 15-Intertextualidade na redação do ENEM: uma reflexão sobre a competência cinco (Samarah Regia de Souza 2016/2).
- 16-A reescrita de textos como prática de produção textual universitária: a experiência de LPT na UnB (Mayara Silva Andre 2013/2).
- 17-Conhecimento e Prática da produção de textos: uma abordagem permeada na perspectiva dos conceitos de Tipos e Gêneros Textuais. (Mirze de Sousa Melo- 2011/2).
- 18-Ler, compreender e produzir textos no ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado (Janaína Moraes de Oliveira- 2016/2).

II- Linguagem, Novas Tecnologias e Multimodalidade

Esse eixo concentra os trabalhos que enfocam os novos suportes de escrita, redes sociais e recursos visuais/lúdicos como mediadores da aprendizagem.

- 1- Gramática e imagens: recursos visuais para a construção de noções gramaticais- (Égon Lucas Alves Neves- 2020/2).
- 2- A inserção do lúdico como prática alternativa: elemento motivador da produção textual (Bianca da Silva Rocha- 2013/2).
- 3- Leitura, reescrita, rede social e sala de aula (Ana Luiza Miranda 2014/2).
- 4- Memes nas redes sociais: o humor como fonte de leitura crítica (Mylena Viriato de Sousa-2020/2).
- 5- Onde estão Racumim e Racutia em tempos de tecnologia? Os formadores de leitores são leitores? - (Hadassa Quéren Camacho- 2017/2).
- 6- Sistema Moodle como ferramenta de suporte ao ensino presencial: estudo de caso da disciplina Oficina de produção de textos do curso de

Letras Português da Universidade de Brasília- (Anna Karoline Rodrigues- 2014/2).

- 7- O blog como motivador da produção textual (Tayane Tássia R. Gomes- 2011/2).
- 8- A inserção do lúdico como prática alternativa: elemento motivador da produção textual (Bianca da Silva Rocha 2014/1).
- 9- Ensino de língua portuguesa a partir de textos das redes sociais- (Isadora Lélis Beltrami 2016/2).
- 10- Os signos e as funções de linguagem presentes nas imagens publicitárias- (Letícia de Oliveira Santiago- 2018/1).
- 11- Explorando a multimodalidade em sala de aula a partir do gênero crônica- (Caio Adriano Oliveira Lemes- 2018/1).

III- Linguagem em Contextos Profissionais, Oficiais e de Trabalho

Esse eixo reúne os Estudos sobre a norma culta, linguagem jurídica, redação oficial e gêneros textuais.

1. Acessibilidade da linguagem jurídica (Greice Kelen M. Pereira- 2015/1).
2. Desenvolvimento de habilidades comunicativas em entrevista de emprego: emancipação e independência comunicativa (Diego Santos de Sousa- 2020/2).
3. Evolução da linguagem nas comunicações oficiais no âmbito do Governo do Distrito Federal, de 1988 a 2011 (Darlan Rodrigues Souto- 2011/2).
4. O e-mail suplantando o memorando no âmbito empresarial (Sheila Ferreira da Silva- 2014/2).
5. Parabéns, seu e-mail foi sorteado: níveis de linguagem em diferentes gêneros textuais (Adriana Machado de Oliveira- 2014/2).
6. Revisão textual com base no manual da Câmara dos Deputados (Jaynne Lima G. Pereira- 2017/2).
7. Comparação entre manuais de redação oficial, destacando o manual de indexação da Subsecretaria de Anais do Senado Federal (Rosiane Dias Rodrigues- 2012/1).
8. Adequação da linguagem em diferentes gêneros textuais: reflexos na prática social (Rayssa Caixeta S. Guimarães- 2017/1).

IV- Sociedade, Diversidade e Inclusão na Educação

Esse eixo reúne trabalhos que trazem reflexões éticas e políticas sobre minorias, inclusão linguística e desafios sociais da escola.

1. O ensino de português como segunda língua para surdos: história, conquistas, capacitação e a necessidade de adequações nas provas (Mônica Dias Florêncio- 2012/2).
2. Parâmetros da evasão escolar em redes de ensino públicas do Distrito Federal durante a pandemia de COVID-1 (Maria Eduarda G. Siqueira- 2022/2).
3. Produção textual e o gênero verbete na educação de jovens e adultos (EJA): termos da educação financeira (Rafael Veloso Mendes- 2018/2).
4. A produção textual no contexto da educação superior indígena inclusiva na universidade pública (Umberto Euzébio- 2015/1).
5. Promovendo o letramento literário no ensino médio (Ricardo Ribeiro- 2012/2).
6. As sensações expressas por meio da escrita (Magda de Castro- 2013/2).
7. Letramento: definição e relevância na EJA (Andreia Lima Nascimento- 2015/2).
8. Português Inclusivo: a língua e suas questões de gênero (Flávia Duarte- 2015/2).
9. Sistema Educativo Comparado – Brasil-Cuba (Ivete Cano Sanches- 2025/1).

V- Variação Linguística, Gramática e Identidade do Falante

Esse eixo reúne os trabalhos que se dedicam à análise de fenômenos linguísticos em uso e a relação entre fala, escrita e ensino.

1. Uma análise do uso do pronome eu/mim como sujeito em orações infinitivas no contexto de grupos virtuais de jovens brasileiros (Júlia Tôres Ferreira Vaz-2020/2).
2. Brasileiro tem sotaque? Estudo sobre a percepção da identidade linguística do falante de Brasília (Carolina Silva R. O. Pinto- 2014/2).
3. A concordância verbal em redações do ensino fundamental (Hayane Kimura da Silva- 2011/2).
4. O ensino da variação linguística na escola (Daniel Félix de Alfaz Neto- 2017/1).
5. Marcas da modalidade da língua oral: a fala em textos escritos (Ana Cristina S. Teixeira- 2014/1).
6. Leitura e gramática: uma perspectiva de ensino (Caroline Bemfica Bernardes- 2013/2).
7. Mudanças linguísticas: variações ou erros na língua? (Maria Dalcicléia Freire-2012/1).
8. O ensino de produção de textos na escola a partir de gêneros discursivo (Jonathan Furtado Pedroza- 2011/2).

9. O fenômeno da concordância em ambiente informal (Helaine de Araujo Moreira- 2015/2).
10. Um estudo quantitativo da mudança paramétrica do acusativo no português brasileiro (Lídia Santos do Nascimento- 2015/2).
11. Produzir poesia e aprimorar a escrita: contribuições teóricas para a prática do educador em sala de aula (Manuel Carlos Montenegro- 2017/2).
12. Concordância nominal de número em sala de aula: um ensaio sobre variação linguística e ensino (Lucas Bandeira de Araújo- 2018/2).

2.3.3.2 Atividade de orientação em estágio e/ou monitoria

A orientação de estágio e monitoria constitui o espaço onde a teoria acadêmica e a prática profissional se entrelaçam de forma mais direta. Ao acompanhar monitores e estagiários, exercito a docência como um ato de supervisão dialógica, permitindo que o aluno experimente os primeiros pontos de sua própria trajetória no magistério.

A monitoria, especificamente, permite um aprofundamento nos conteúdos das disciplinas, enquanto o estágio supervisionado abre as portas para o cotidiano escolar. Em ambos os casos, minha atuação foca na integração entre o saber científico e o saber da prática, orientando o "fazer e refazer" pedagógico essencial para a formação de profissionais críticos e reflexivos.

1-Orientações de Estágio

Desde o primeiro semestre de 2011 (1/2011), ministro as disciplinas de Estágio Supervisionado, focadas na prática docente de observação, planejamento e regência. Minha atuação abrange o Ensino Fundamental – anos finais (Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 1) e o Ensino Médio (Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 2). Ocasionalmente, colaborei com a regência das disciplinas de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa-

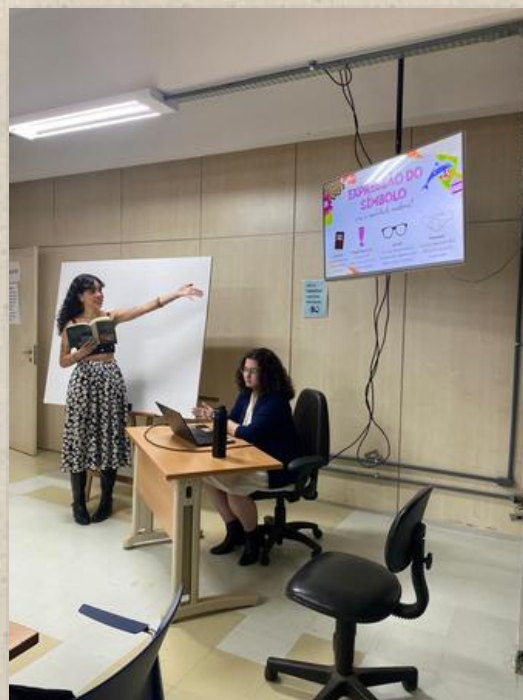


Figura 17 Estagiárias apresentando seminário, 2026.
Fonte: acervo pessoal.

Literatura 1 e 2, bem como como o Estágio Supervisionado – Bacharelado, em substituição às colegas dessas disciplinas, quando em período de licença.

O funcionamento desses componentes curriculares é estruturado em uma composição equilibrada de 50% de atividades teóricas e 50% de atividades práticas. A ementa contempla a análise dos fundamentos pedagógicos das diretrizes curriculares, como a BNCC e o Currículo em Movimento (SEEDF), promovendo a reflexão sobre práticas de linguagem contemporâneas (leitura, escuta, escrita, oralidade, análise linguística e multisemiótica). A vertente prática materializa-se na escola campo, por meio da observação, planejamento de aulas e produção de material didático autoral.

É importante destacar a transição ocorrida em 2022: inicialmente, as disciplinas tinham carga horária de 60h e de 90h; todavia, para atender às exigências do MEC, houve uma ampliação para 210 horas. Esse aumento impactou significativamente a densidade do acompanhamento e a profundidade do "alinhavo" entre universidade e escola básica.

A seguir, sistematizo o quantitativo de orientações realizadas no período de 2011 a 2026:

Quadro 1 Relação de Estagiários

Semestre	N. Estagiários	Semestre	N. Estagiários
2011-1	66	2020-1	36
2011-2	25	2020-2	15
2012-1	21	2021-2	24
2013-1	25	2022-1	45
2013-2	25	2022-2	23
2015-2	62	2023-1	21
2016-2	104	2023-2	28
2017-1	30	2024-1	35
2017-2	17	2025-1	15
2018-1	16	2025-2	23
2018-2	18	2026-1	26
Total	409	Total	291
Total	700		

Orientação de Monitoria

Complementarmente às atividades de estágio, a orientação de monitoria constitui, em minha trajetória, um espaço fundamental de iniciação à docência e de apoio à qualidade do ensino de graduação. O monitor é incentivado a transitar entre a posição de estudante e a de colaborador pedagógico, desenvolvendo competências de mediação de aprendizagem e aprofundamento teórico-prático. Essa atividade não é apenas um suporte administrativo, mas um campo de experimentação, no qual o licenciando ou bacharelado começa a alinhar sua identidade profissional por meio do atendimento a pares, da organização de materiais didáticos e do suporte técnico em sala de aula.

A seguir, apresento o quadro com o quantitativo de orientações realizadas, organizadas por período letivo:

Quadro 2 Relação de Monitores

Semestre	Monitores	Disciplina
2012-1	Humberto Borges	OPT
2012-2	Priscila da Silva Rocha	Redação Oficial
2013-1	Ana Carla Reis Bezerra	OPT
	Isadora Lellis Beltrame	
	Natália Gouveia Moura	
2013-2	Helaine de Araujo Moreira	OPT
2014-1	Thais Cristina da Silva	OPT
	Anna Karoline de Mesquista	
2014-2	Larissa Vitória Santana	OPT
	Juliana Alvarenga Leite	
	Anna Karoline de Mesquista	
2015-1	Lorena Loren de Oliveira	OPT
	Kamila Reginna Silva Oliveira	
	Alexandre José da Silva Conceição	Redação Oficial
2015-2	Lucas Tomaz de Jesus dos Santos	OPT
	Paula Pereira Rodrigues	
	Julia Ramalho Tierno	
	Ludmila Ribeiro de Oliveira	
	Priscila Mikaelen Silva Muniz	
	Rayssa Freire de Sousa Ramalho	
	Alexandre José da Silva Conceição	Redação Oficial
2016-2	Pollyana Souza Silva	Est. Super Português 1
	Juliana Alvarenga Leite	
2017-1	Pollyana Souza Silva	Est. Super Português 1
2017-2	Caio Adriano Oliveira Lemes	Est. Super Português 1
2018-1	Gabriel de Amorim Leite	Est. Super Português 1

	Caio Adriano Oliveira Lemes	
2018-2	Debora Rocha de Carvalho	Est. Super Português 1
	Juliana Quadros	
2020-2	Daniela Ramos de Jesus	Est. Super Português 1
2022-1	Thallyson Alessandro da Cunha	Est. Super Português 1
2023-2	Anna Laryssa Ferreira Neves	Est. Super Português 1
2025-2	Camilly Eduarda Marques dos Santos	Est. Super Português 1
2026-1	Maria Eduarda Sá de Souza Dias	Est. Super Português 1
	Ana Clara Rodrigues de Assunção	
Total		35

2.3.3.3 Atividade de orientação em nível de iniciação científica, projetos de extensão, PIBIC e similares

As atividades de orientação em Iniciação Científica (PIBIC) e em Projetos de Extensão representam o ápice da formação acadêmica na graduação, pois convocam o estudante a assumir o papel de produtor de conhecimento e de agente social. Nessas instâncias, a orientação deixa de ser apenas uma transmissão de métodos para tornar-se um acompanhamento da autonomia: o "escolher os fios" da pesquisa e da ação extensionista exige rigor ético e teórica, sempre com o olhar voltado para o "outro", seja o leitor da pesquisa ou a comunidade atingida pela extensão.

No âmbito do PIBIC/PIBID, foco no desenvolvimento do rigor metodológico e na capacidade crítica de analisar os fenômenos da linguagem e da educação, incentivando o bolsista ou voluntário a publicar seus primeiros achados. Já nos Projetos de Extensão, a orientação visa a "tradução" do saber acadêmico em práticas cidadãs, a fim de que o estudante compreenda a função social da universidade pública. Em ambos os casos, busco consolidar o que defendo durante toda a minha carreira: a formação de sujeitos que não apenas reproduzem modelos, mas que refletem e transformam sua própria prática.

A seguir, apresento o quadro resumo dessas orientações:

Quadro 3 Orientações de PIBID, EXTENSÃO, PIBIC e PIBEX

Semestres	Atividades/ N. de estudantes/			
	PIBID	Extensão	PIBIC	PIBEX
2013/2014 2 Semestres			1	
2014/2015 2 Semestres				8
2015/2016- 2 Semestres				4
2017/2019 4 Semestres				4
2018/2020 4 Semestres				3
2018/2020 4 Semestres				4
2014/2015 4 Semestres	6			
2024-1 -1 Semestre		34		
2024-2 -1 Semestre		37		
2025-1- 1 Semestre		67		
2025-2- 1 Semestre		8		
2026-1- 1 Semestre		40		
Total	6	186	1	23

III O Pavilhão da Inovação- A Pesquisa como Crítica e Descoberta

Proponho-me a criar, criticar, participar com a leitura de vários autores, busco apresentar a linguagem como constitutiva da realidade... (Ribeiro, 2023, p.16).

Se a formação e a orientação de novos pesquisadores representam o Fio de Ariadne para a travessia do labirinto acadêmico, a seção O Pavilhão da Inovação é o espaço no qual a Crítica e a Descoberta se materializam em projetos concretos. Este Pavilhão não é apenas um repositório de publicações, mas um laboratório de ideias onde a pesquisa transcende a descrição para se tornar design social.

A epígrafe sintetiza a própria essência do meu trabalho: entendo que o pesquisador é, antes de tudo, um arquiteto da realidade. Ao tomar a linguagem como constitutiva do real, e não apenas um reflexo dele, a pesquisa se torna uma ferramenta poderosa para criar e criticar o que está posto.

Nesta seção, será detalhada a produção intelectual que articula a linguística e a formação de professores. Serão apresentados os resultados que demonstram como a investigação acadêmica, ao adotar uma postura de engajamento e inovação, cumpre seu papel de transformar o espaço, a criação e a gênese dos sujeitos na sociedade.

Apresento os frutos da maturação do meu pensamento acadêmico. As publicações aqui listadas não são apenas números em um currículo, mas os tijolos e vidraças que compõem o corpo da minha contribuição à Linguística. Cada artigo, livro ou capítulo, representa um momento em que a pesquisa deixou de ser um processo interno para se tornar um diálogo público, submetido ao crivo dos pares e à leitura da sociedade.

Assim, o desenvolvimento desta Seção III se articula em três pilares principais:

3.1 A Gênese da Crítica: O estabelecimento do Primeiro Gabinete de Pesquisa como o ponto de partida para a formalização das investigações.

3.2 As Crônicas da Descoberta: A produção intelectual quantificada e qualificada (artigos, livros, capítulos), destacando o impacto qualitativo e a contribuição para a área.

3.3 A Arquitetura da Rede: A demonstração da capilaridade e do alcance da minha atuação por meio da criação e da liderança de Grupos de Pesquisa Nacionais (3.3.2) e Redes de Estudo Internacionais (3.3.3).

Essa estrutura evidencia como a investigação acadêmica, ao adotar uma postura de engajamento e inovação, cumpre seu papel de transformar o espaço, a criação e a gênese dos sujeitos na sociedade.

3.1 A gênese da crítica e o primeiro gabinete de pesquisa

O educador de hoje não pode mais ter respostas prontas. Só pode ser professor quem se pergunta frente ao novo, ou ao aparente novo: por que não? Perguntar o que já se sabe é desconsiderar o que se pode saber. Não há bom professor que não seja pesquisador de sua própria prática. Quem não aprende ao ensinar não ensina, diria Paulo Freire, ecoando Guimarães Rosa, para quem “mestre é quem de repente aprende (Ribeiro, 2023, p.86).

O Pavilhão da Inovação foi erguido sobre a recusa em aceitar respostas prontas. A minha busca pela crítica e descoberta é uma vocação que remonta à Educação Básica, iniciada nas feiras de ciências no curso primário e acentuada durante o Curso Científico e o Curso de Magistério das Séries Iniciais, quando já atuava como pesquisadora da minha própria prática, jamais me contentando com as certezas dos livros didáticos. Já nesse tempo, eu buscava ativamente revistas de divulgação científica para jovens da época, um sinal precoce da fome intelectual que exigia um olhar para além do currículo. Desde sempre, mesmo que intuitivamente, entendi que a curiosidade é que impulsiona as descobertas. Por isso, concordo com Claude Lévi-Strauss quando diz que “O cientista não é o homem que fornece as verdadeiras respostas; é quem faz as verdadeiras perguntas”¹⁷.

Minha curiosidade inata encontrou seu lastro formal na Universidade de Uberaba- Uniube, sendo conduzida nos primeiros passos da pesquisa pela colega Marcia Elizabeth Bortone. Foi com ela que desenvolvi o projeto de pesquisa “Construindo Trajetórias para a Leiturização” (1998-1999), na Uniube, e, posteriormente, com quem dividi, por oito anos, a disciplina Estágio

¹⁷ Confira em: https://www.pensador.com/frases_ciencia/

Supervisionado de Português e o gabinete de trabalho na Universidade de Brasília- UnB.

Essa parceria não apenas solidificou as bases metodológicas do meu ofício, mas também reforçou a compreensão de que a pesquisa é uma prática contínua, um diálogo constante entre a teoria e a realidade. Preciso registrar que a convivência de anos com a colega Marcia Bortone foi fundamental para me mostrar que o impulso de questionar o óbvio era, na verdade, a essência da inovação acadêmica. Esse motor de crítica e descoberta é que impulsiona a minha produção, consolidada nas Crônicas de Descoberta e na Arquitetura da Rede, em que apresento minhas experiências concretas de pesquisadora, na perspectiva de vislumbrar novos paradigmas, com impacto reconhecido para além das fronteiras institucionais.

3.2. As crônicas da descoberta: produção e impacto qualitativo

Somos não o que sabemos, mas a conjugação do conhecimento que aprendemos a integrar de maneira significativa. Nesse sentido a consciência socrática nos encaminha para a constante e crescente necessidade de buscar a cada dia novos e múltiplos saberes (Ribeiro, 2023, p. 50).

Meu trabalho de pesquisa, ao se ancorar na dinâmica da sala de aula e na abordagem qualitativa, fez-me romper com a visão da academia isolada, voltando-me para o chão da escola como fonte primária de inovação. A produção intelectual que se segue não é apenas um registro de publicações, mas a própria expansão das experiências de ensino, pesquisa e extensão, um ecossistema de conhecimento em que cada artigo, livro ou projeto é uma nova floração de ideias destinadas a retroalimentar o meu fazer pedagógico e a promover o diálogo sempre necessário com a comunidade acadêmica.

Essa premissa norteia a materialização do meu percurso acadêmico. A produção intelectual que apresento a seguir não é um inventário estático de títulos, mas a arquitetura de uma conjugação significativa: o registro de uma mente que buscou, na "consciência socrática", o combustível para integrar a precisão do design, a fluidez da linguagem e a profundidade da fé que me mantém de pé em todos esses anos de dedicação à carreira que abracei.

Ao se ancorar na dinâmica da sala de aula e na abordagem qualitativa, voltei-me para o chão da escola como fonte primária de inovação,

compreendendo-o como o verdadeiro canteiro de obras onde o saber é testado e edificado. Sob essa ótica, a universidade atua como o Espelho da Cidade, em uma produção que busca não apenas refletir, mas refratar a realidade para transformá-la.

A produção bibliográfica que se desenha nesses pavimentos é, portanto, a própria expansão das minhas experiências de ensino, pesquisa e extensão. É um ecossistema de conhecimento em que cada artigo, livro ou projeto de intervenção constitui uma nova floração de ideias destinadas a: desconstruir o preconceito, especialmente o linguístico, atuando como um andaime que permite aos sujeitos silenciados escalarem as barreiras da exclusão, conforme demonstram meus trabalhos sobre variação, quilombos e políticas afirmativas; erguer novos paradigmas, impulsionando a renovação metodológica e curricular no ensino da Língua Portuguesa, transformando a gramática de "grade" aprisionadora em "ferramenta" de libertação e design social.

Nessa complexa teia, o saber teológico atua como o dínamo central. Ele fornece o suporte emocional e o reforço estrutural necessários para que a arquiteta da educação não se perca no labor do "fazer e refazer". Minhas obras autorais e devocionais são os vitrais dessa construção; elas pretendem que o "verbo que ilumina" traga sentido ético e espiritual à exaustão do cotidiano acadêmico, permitindo que a estrutura permaneça sólida, resiliente e pautada pela ética do cuidado, na expectativa de quebrar o preconceito, especialmente o linguístico, conforme demonstrado em trabalhos que abordam a variação e as políticas afirmativas; buscar novos paradigmas, impulsionando a renovação metodológica e curricular no ensino da Língua Portuguesa.

A seguir, detalho as peças dessa engrenagem, divididas por sua tipologia e finalidade nessa grande obra de vida.

Assim, nesta seção, a minha produção intelectual é apresentada não como um acúmulo estático de títulos, mas como a materialização dessa conjugação significativa. Se a pesquisa é o projeto invisível, o livro e o artigo são o monumento, a prova física de que o conhecimento foi integrado, habitado e compartilhado.

A "consciência socrática" mencionada na epígrafe é o motor dessa construção. É o reconhecimento de que a arquitetura do saber nunca está totalmente pronta; ela exige esse "fazer e refazer" da Teia de Penélope,

impulsionando-me a buscar múltiplos saberes, da precisão das plantas arquitetônicas à fluidez da análise do discurso; do rigor da norma linguística à transcendência do saber teológico, que me dá o suporte emocional e espiritual, para uma atuação ética e profissional.

Publicar, para mim, é o ato de dar “sentido ao acontecer do que nos acontece” (Larrosa 2002, p.26). Cada registro bibliográfico aqui listado representa um ponto de ancoragem na minha teia, quando a teoria deixa de ser um “saber sobre as coisas” para se tornar um “saber da experiência”, integrado em prol de uma educação mais dialógica e humana.

Dentro da conjugação de saberes que compõem minha trajetória, o conhecimento teológico não ocupa um anexo isolado; ele é, em verdade, o dínamo que gera a energia e a luz necessárias para a sustentação de todos os outros pavimentos da minha carreira. Se a arquitetura me ensinou a projetar espaços e a linguística a habitar o discurso, a teologia me forneceu o suporte emocional e espiritual, o alicerce invisível, mas inabalável, que permite à estrutura acadêmica resistir às intempéries do tempo e das crises institucionais.

Esse saber funciona como um reforço estrutural de natureza ética. Como afirmei em meu livro “Na Teia de Penélope. Metáforas na Educação” (Ribeiro, 2023), a consciência socrática nos impele a buscar múltiplos saberes, então, encontrei na teologia a resposta para o “sentido do que nos acontece” (Larrosa 2002). Minha produção nessa área, como as obras “Por amor a Deus (2012)”, “Portas abertas (2015)”, “Na Presença!” (2024), “Conheçamos e prossigamos em conhecer” (2025) e, mais recentemente, “O Ano de Elias. Um tempo de posicionamento” (2026), materializa esse posicionamento existencial.

Assim, descrevo esse saber por meio de duas funções vitais:

O saber como dínamo: A teologia atua como uma força motriz. Ela transforma o conhecimento técnico em sabedoria, impedindo que a prática se torne vazia de sentido. É o “verbo que ilumina” as decisões administrativas no Conselho de Administração- CAD, as orientações de teses e dissertações no PPGL e no PPGE-MP e as ações de extensão na comunidade externa. Ele gera a luz que refrata a realidade, permitindo-me ver além da burocracia, enxergando o ser humano que habita cada processo.

O saber como suporte: Na “Teia de Penélope” da vida acadêmica, quando muitas vezes o que se teceu de dia parece desmanchar-se à noite, o

suporte espiritual é o que impede o rompimento dos fios. É a ética do cuidado em sua forma mais pura: o autocuidado espiritual que se expande para o cuidado com o outro. O livro “O Ano de Elias. Um tempo de posicionamento” simboliza precisamente esse tempo de decisão e definição: a coragem de manter-me firme em meus valores, a fim de que a "arquiteta" tenha equilíbrio emocional para continuar projetando mesmo sob pressão.

Portanto, integrar o saber teológico à minha carreira de professora titular é reconhecer que a excelência acadêmica não nasce do vácuo. Ela é fruto de uma vida integrada, em que a ciência e a fé não se anulam, mas se conjugam para formar uma profissional que não apenas sabe, mas que compreende, acolhe e sustenta.

A seguir, detalho como essa integração se organiza em diferentes pavilhões de saber:

Para facilitar a leitura dessa arquitetura intelectual, organizei a produção em três pavilhões principais.

3.2.1. Livros e coletâneas: as obras de referência

Eis o grande desafio de Narciso: atravessar o espelho e alcançar o universo que rompe com o real criado pelas percepções culturais, conformadas no limite da cultura, dos valores e ideologia a que se está imerso (Ribeiro, 2023, p. 63).

Se entendemos a produção intelectual como uma "conjugação de saberes", esse pavilhão dedicado aos livros e coletâneas representa o meu esforço deliberado em atravessar o espelho. Publicar uma obra autoral ou organizar uma coletânea, conjugando saberes coletivos, é o ato de romper com a autossuficiência do pensamento isolado para buscar o universo que pulsa além das nossas próprias percepções e limites ideológicos.

Nessa arquitetura da alteridade, cada



Figura 18 Lançamento de livros em evento em Natal-RN -2015. Fonte: acervo pessoal.

livro aqui listado funcionou como uma ferramenta de "quebra do vidro". Ao escrever sobre a metáfora na educação ou ao organizar diálogos sobre interculturalidade, meu objetivo foi sempre desestabilizar as conformações culturais que nos limitam, permitindo que a luz da ciência linguística e do saber teológico ilumine o "real" que muitas vezes nos escapa.

As obras de referência que compõem este Memorial são, portanto, os marcos de fundação de uma trajetória que não se contentou com o reflexo cômodo da academia. Elas são o resultado do "Dever do Sempre": o compromisso de tecer uma rede, como Penélope, que não apenas nos protege, mas que nos lança para fora, em direção ao chão da escola, às comunidades quilombolas, aos saberes indígenas, e aos grandes dilemas da educação contemporânea.

Esse desafio de Narciso, o de atravessar o espelho, é o que dá sentido à multiplicidade das obras a seguir. Elas são as passagens que construí para que eu, meus pares e meus alunos pudéssemos alcançar um universo de saberes mais plural, ético e verdadeiramente humano.

Neste pavilhão, apresento as obras que consolidam as bases teóricas da minha trajetória. Cada livro é um alicerce que sustenta o diálogo entre a Linguística, a Arquitetura e a Educação. Assim, os livros e coletâneas erguem-se como os pilares estruturais que sustentam a cúpula do meu pensamento acadêmico. Se a pesquisa é o projeto invisível, o livro é o monumento, a materialização física e perene da palavra que, ao ser impressa, deixa de ser apenas discurso para se tornar habitação para o saber do outro.

Aqui, a metáfora da Teia de Penélope e a precisão da Arquitetura fundem-se para dar corpo a obras que buscam não apenas informar, mas transformar a realidade educacional e social.

3.2.1.1 Livros autorais: os alicerces da arquitetura

I. Letramento e Processos de Leitura

Janelas na construção da leitura. Uberaba: Editora Vitória, 2006. Esse



Figura 19 Lançamento de livro no XI SILEL

livro tem um valor simbólico e acadêmico central, pois foi o meu primeiro livro autoral e base do meu ingresso como docente na Universidade de Brasília (UnB). Nele, a metáfora da "janela" é utilizada para discutir a abertura de novos horizontes no processo de letramento e a construção de sentidos pelo leitor. O livro antecipa a integração entre a sensibilidade da arquitetura (o olhar através da fresta, a moldura do mundo) e a aplicação na linguística, estabelecendo o tom interdisciplinar que viria a definir minha atuação no LIP/UnB¹⁸, pois discute como o sujeito constrói sentidos, saindo do "imposto e

do suposto", conectando-se com a Alice que trago como reflexão para a descoberta polissêmica.

II. O tear da metáfora e a gênese do pensamento

No centro dessa estrutura encontra-se o trabalho que define minha identidade teórica e base de minha práxis pedagógica, "Na teia de Penélope: metáforas na educação" (2023, 2ª ed.; 2013, 1ª ed.). Esse livro é o meu plano diretor e a síntese do meu pensamento. Ele reúne, em forma de ensaios, décadas de reflexão sobre os pilares que sustentam o fazer acadêmico: a leitura, a escrita, a avaliação, o uso de tecnologias, a ética e o entrelaçamento entre saberes pessoais e profissionais.

A escolha de Penélope como figura central não é fortuita. Nesse livro, não abordo a metáfora meramente no terreno técnico da linguística; antes, procuro apropriar-me dela como um recurso epistemológico. A metáfora é o fio

¹⁸ Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras- UnB.

que possibilita a compreensão do alcance do "fazer e se refazer" na e pela educação. Como a tecelã de Ítaca, entendo que a educação é um processo de construção contínua, em que desmanchar o que estava pronto para tecer algo novo e mais resiliente não é um erro, mas o exercício máximo da liberdade e do aprendizado. É, em última análise, a obra que justifica por que me defino como uma designer que habita a linguagem, para projetar espaços onde o saber nunca é estático, mas sempre um devir humano e ético.

Por isso, defino esse livro é o plano diretor da minha trajetória. Nele, a



tecelagem de Penélope torna-se a lente para compreender que educar é um ato de "fazer, desfazer e refazer" constante. É a proposta de uma pedagogia que não é estática, mas uma trama viva, resistente e acolhedora, na qual a metáfora atua como a viga que une o conhecido ao novo.

Lançamento da 2a. edição do livro, no XXVI Congresso Internacional de Humanidades, 2023. Fonte: acervo pessoal.

Diálogos sobre letramento: de professores para professores (2015):

Esse livro é uma ponte horizontal. Ele quebra a hierarquia vertical da academia para criar um espaço de escuta mútua, em que o saber da experiência (Larrosa) é valorizado como o reforço estrutural da escola pública. É o resultado da discussão sobre o tema letramento com professores da educação básica e pesquisadores que cursaram a disciplina ministrada por mim e pela colega Marcia Bortone "Letramento como Prática Social", ofertada pelo PPGL.

II. A engenharia da prática pedagógica e a expansão transfronteiriça

Esses volumes representam o canteiro de obras, no qual o design institucional e linguístico é aplicado para construir competências reais nos

sujeitos. Recentemente, essa frente de trabalho ganhou uma dimensão internacional, provando que os fios tecidos na UnB têm resistência para habitar outras culturas:

“Tecer textos: fios e desafios” (2015) e sua tradução “Tessere Testi” (2025): Originalmente, uma obra que sistematiza a escrita como um processo de tecelagem, esse projeto atingiu sua maturação internacional durante o meu Pós-Doutorado na Universidade Federal de Goiás (UFG), com estágio de pesquisa na Università del Salento (Unisalento), Itália (2024-2025).

A versão italiana, “Tessere Testi”, com o apoio da colega italiana e membro do meu grupo de pesquisas SIGNO, Profa. Dra.

Francesca Degli Atti, não é apenas uma tradução, mas uma ponte transcultural. Ela representa o momento em que a minha arquitetura da linguagem foi posta à prova em solo europeu, dialogando com as tradições acadêmicas italianas e consolidando a ideia de que o ato de escrever é uma tecelagem universal. Esse estágio na Unisalento permitiu que o design pedagógico brasileiro fosse compartilhado e ressignificado, transformando a obra em um monumento de cooperação acadêmica internacional, com adesão dos estudantes dos Cursos de “*Laurea Triennale e Laurea Magistrale Lingua Portoguesa e Brasiliana*”, sempre apoiada pelos colegas do Projeto Rede/Itália.

O foco de “Tecer textos: fios e desafios” é a sistematização da escrita como um processo de tecelagem. É a arquitetura da frase e a solidez do parágrafo, guiando o autor-aprendiz pelos labirintos da produção textual com a segurança de um fio condutor ético e estético. Dele participou uma ex-aluna de um curso de especialização e colega no Projeto Gestar 2-Língua Portuguesa, a professora Rosa Maria Olímpio.

Série de Redação (5ª a 8ª série) (1995) e Diretrizes Curriculares (2000/2006): Meus primeiros projetos de “urbanismo educacional”. Esses

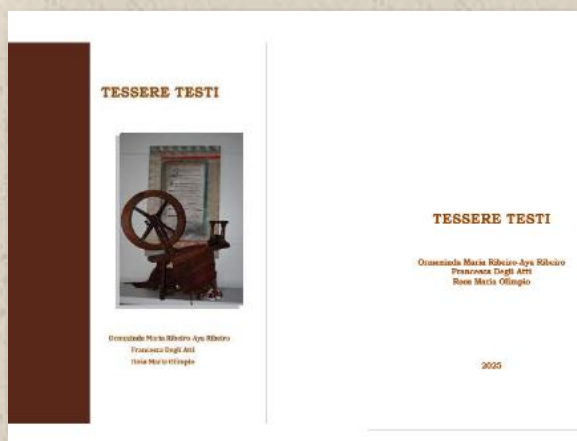


Figura 20 Capa do livro *Tessere Testi*.

trabalhos organizaram o espaço de aprendizagem de redes municipais inteiras, estabelecendo as fundações para o ensino de língua e escrita em larga escala.

O livro, “Análise e produção textual de outros gêneros administrativos”, escrito em coautoria com as colegas Janaína de Aquino Ferraz e Scheyla Brito Alves, editado pelo CEAD, aborda o uso da norma culta, a concisão e a formalidade necessária no tratamento entre as partes. O livro tematiza a eficiência da mensagem para que não haja erros de interpretação no ambiente de trabalho.

III. O verbo que ilumina: ética, fé e existência

Neste pavilhão, a arquitetura de minha produção intelectual alcança sua dimensão mais íntima e vertical, voltada para os alicerces invisíveis que dão sentido a todo o labor profissional. Aqui, a palavra não busca apenas o intelecto, mas a fundação da alma e o posicionamento do ser diante da vida. É importante delimitar que as obras aqui apresentadas não se fundamentam nas métricas ou nas teorias da academia estrita, mas, de modo igualmente vigoroso, distanciam-se do gênero da autoajuda. Enquanto a academia busca a prova e a autoajuda busca o conforto imediato, esses livros buscam a reflexão, o saber integrado que sustenta o ser em meio às tensões do mundo.

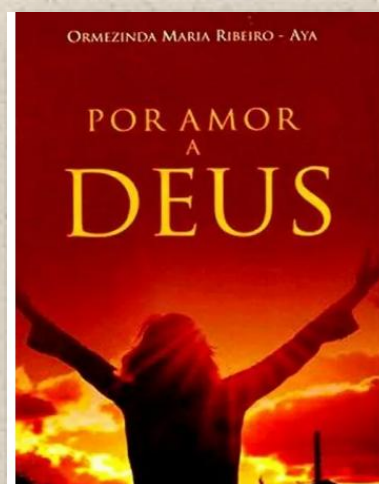


Figura 21 Livro Por Amor a Deus.

Aqui, o saber teológico é o suporte emocional e espiritual que garante a estabilidade da designer. Ele é o alicerce que não aparece na planta baixa, mas que impede a estrutura de ruir.

Neste pavilhão, a arquitetura torna-se mais íntima, voltada para os alicerces invisíveis do ser, a ética e a espiritualidade que guiam todo o labor profissional:

“O Ano de Elias. Um tempo de posicionamento” (2026): Essa obra autoral é o manifesto desse lugar intermédio e representa uma reflexão teológica amadurecida. Se a arquitetura exige o cálculo exato do solo, esse livro trata do posicionamento espiritual, o ato de fincar bases firmes em tempos de transição. É uma obra que convoca à coragem de escolher o alicerce sobre o qual a vida pessoal e o ministério acadêmico são erguidos. Nela, o tempo não é apenas cronológico, mas um kairós de definição, em que o design da existência exige uma postura clara e inabalável diante dos desafios do presente.

Ela não propõe uma "autoajuda", mas um posicionamento diante do tempo e do propósito de vida. Representa o momento em que a vida exige uma definição de valores, funcionando como um reforço estrutural para o caráter e para a ética que emprego em todas as outras esferas da minha vida.

“Conheçamos e prossigamos em conhecer” (2025) e “Na Presença!” (2024), nesses textos, a busca socrática encontra a busca espiritual. São registros de um caminhar que reconhece o conhecimento como uma jornada contínua de iluminação, em que o "prosseguir" é o dínamo que impede a estagnação da alma. São escritos que dão continuidade a esse movimento de busca pela sabedoria que transcende a técnica. São os vitrais que permitem a entrada da luz da fé na solidez da construção acadêmica, lembrando que o saber é um caminho contínuo de iluminação.

“Portas Abertas” (2015) e “Por Amor a Deus” (2012) reúnem textos que convidam o leitor a habitar uma ética do cuidado, em que a palavra se faz acolhimento e o design da vida é pautado pelo amor e pela transcendência.

São trabalhos que convidam à ética do cuidado e à transcendência, oferecendo uma luz que refrata a realidade cotidiana sob a ótica do amor e da responsabilidade espiritual.

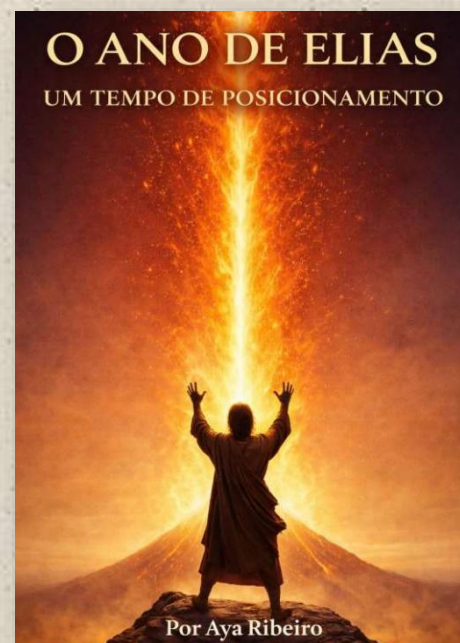


Figura 22 Livro O Ano de Elias.

Ao longo dessas décadas, cada livro publicado foi uma tentativa de garantir que a universidade fosse, de fato, o Espelho da Cidade. Minhas obras não buscam o isolamento das prateleiras, mas o desgaste saudável do manuseio em sala de aula, nas mãos daqueles que, como eu, acreditam que a linguagem é a arquitetura definitiva da nossa humanidade.

3.2.1.2 Ágoras acadêmicas: coletâneas e diálogos coletivos

As coletâneas que organizei funcionam como praças públicas ou ateliês compartilhados, nas quais múltiplas vozes se encontram para desenhar soluções para a complexidade contemporânea:

“Diálogos Acadêmicos: Os significantes e os significados das pesquisas e experiências em Linguística e Educação” (Org.). Esse livro funciona como uma simbólica ágora do grupo de pesquisas SIGNO. Nele, a teia acadêmica expande-se para acolher a diversidade de olhares dos pesquisadores do grupo, buscando desvelar os sentidos profundos que unem a teoria linguística à prática educativa. É uma obra que demonstra a força do design colaborativo, em que cada contribuição é um fio essencial para a sustentação do saber coletivo.



Figura 24 Livro Diálogos Acadêmicos.

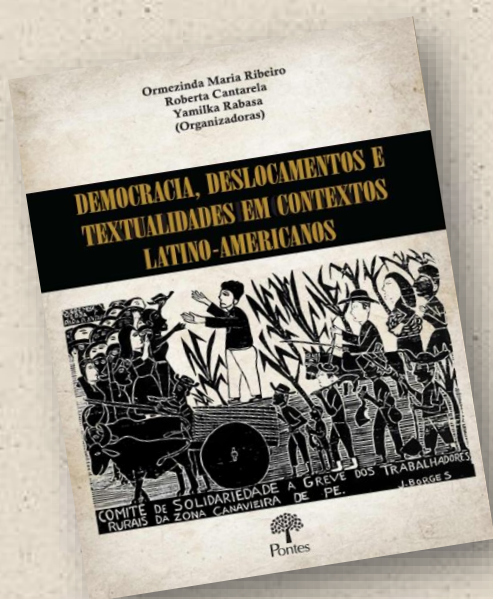


Figura 23 Democracia, deslocamentos e textualidades em contextos latino-americanos.

“Democracia, deslocamentos e textualidades em contextos latino-americanos” (Org. 2022) é uma obra de escala continental. Nela, coordenei o encontro de vozes que discutem como a linguagem reflete as fissuras e as esperanças de nossa arquitetura social latina, tratando o deslocamento como um fio que reconfigura identidades.

“Meditações e cantares poéticos de António Machado” (Org., 2019): Um

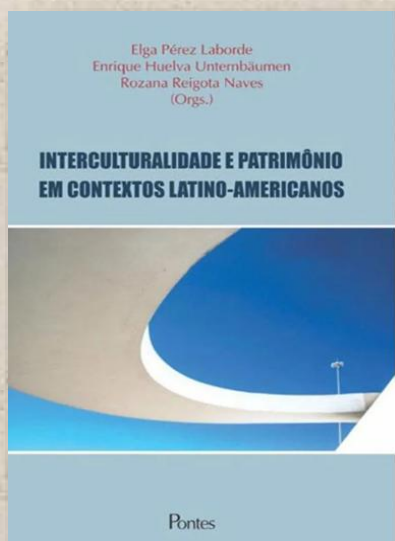


Figura 25 Interculturalidade e patrimônio em contextos latino-americanos.

exercício de design estético e memorialístico, no qual a poesia é o elemento que refrata a luz da história e da alma.

“Interculturalidade e patrimônio em contextos latino-americanos” (Org., 2016). Essa obra atua como um inventário do nosso patrimônio vivo. Nela, a interculturalidade é vista como a base sobre a qual se constrói a identidade da nossa região. Organizar esse volume foi um exercício de preservação, ao entender que

as tramas culturais latino-americanas são frágeis e potentes, exigindo um design de preservação que passe, necessariamente, pela valorização da diversidade e do diálogo entre os povos, expresso nos trabalhos de pesquisa sobre a língua, a literatura e a educação no contexto latino-americano.

3.2.1.3 Pórticos e prólogos: a escrita como acolhimento e travessia

Além da autoria e organização de volumes, minha produção intelectual estende-se ao papel de "arquiteta de portais", redigindo prefácios e prólogos que buscam preparar o leitor para o universo de outros autores. Como afirmei sobre o desafio de Narciso (Ribeiro, 2023), atravessar o espelho exige um guia, e nesses textos atuo como o fio que conduz o leitor para além de suas próprias percepções.

Prefácio – “Eis o movimento!” (2024). Escrito para a obra “Avaliação da Aprendizagem para o Desenvolvimento Integral”, de Vera Lucia Lopes Silveira e José Lucas Pedreira Bueno, esse texto utiliza a metáfora do jogo de xadrez para discutir a autonomia docente e a desconstrução da racionalidade técnica na avaliação. Nele, ao apresentar o livro, resultado da pesquisa de doutorado de uma ex-aluna do Projeto Gestar 2 de Língua Portuguesa em Rondônia, e de cuja banca participei, argumento que o professor não deve ser um mero

repetidor de movimentos, mas um estrategista capaz de lutar em "terrenos estranhos".

Recupero aqui o conceito de refração, central na minha produção, para afirmar que o educador não pode apenas refletir a imagem do sistema, mas deve refratá-la, criando imagens e caminhos a partir da sua ação consciente. É um convite para que o sujeito da educação se liberte de atributos normalizadores e se multiplique em incontáveis campos de visão, transformando o "tabuleiro" da sala de aula num espaço de desenvolvimento integral e humano.



Figura 26 Livro O Poeta que Pariu.

Nesse texto convido ao exercício de reflexão sobre a dinamicidade do saber. Nele, exploro a ideia de que a imobilidade é o oposto da vida acadêmica; o conhecimento só se torna significativo quando se põe em marcha, rompendo as conformações estáticas da cultura para alcançar novas textualidades.

Prefácio ao livro "O Poeta que Pariu" (EUA, 2021), de Hudson de Oliveira, nesse texto, de circulação internacional, registro um dos momentos mais significativos da minha trajetória como educadora e pesquisadora. O autor, meu aluno nas disciplinas de Oficina de Produção de Textos (OPT), em 2013, vivenciou nessas aulas não apenas o nascimento de um escritor, mas um profundo resgate de sua autoestima em um momento de extrema fragilidade existencial.

É um testemunho de como a escrita pode atuar como um dispositivo de sobrevivência: o aluno, que posteriormente confessou-me a intenção de tirar a própria vida, encontrou na "tecelagem" das palavras e no espaço dialógico da sala de aula a força para demover tal intenção e parar a si mesmo como poeta. Esse episódio foi um dos dínamos que impulsionou minha pesquisa de Pós-Doutoramento em 2019, quando investiguei a escrita como ato de resistência. Utilizando a metáfora do tecido (*textum*), descrevo esse exercício literário como a coragem de "nascer do próprio parto" (Lispector, 1999), transformando o

ambiente acadêmico em um canteiro de obras de reconstrução humana, quando a gratidão se torna o laço final que une mestre e aprendiz.

Prólogo a "Um novo olhar para um velho quadro" (Editora Dialética, 2020). Escrito para o fechamento da publicação de uma ex-aluna de doutorado, Ana Cristina Vieira Lopes Romeiro, esse texto é o coroamento de um processo de acompanhamento e diálogo acadêmico. Tendo contribuído como membro de suas bancas de qualificação e de defesa no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FE/UnB), utilizo esse prólogo para chancelar uma pesquisa inovadora sobre o ensino de Língua Portuguesa. É o exercício de olhar o "velho quadro" da tradição pedagógica através de uma nova lente, incentivando a renovação



Figura 28 Um novo olhar para um velho quadro.

metodológica e o

rompimento com paradigmas estagnados. Como o título sugere, esse texto convida o leitor a uma mudança de perspectiva. É a aplicação direta do design intelectual para reconfigurar a visão sobre temas já conhecidos, incentivando o "atravessar do espelho" para encontrar novos sentidos no que parecia comum.

Prefácio para Urpi, escrito para o livro de Armando Gutiérrez Cisneros, "Quíchua Ayacuchano: panorama sócio-histórico, linguístico e educacional" (Editora Dialética, 2022). Esse texto é um marco do meu compromisso com a Arquitetura da Alteridade. O autor, nascido na aldeia de Condorsinca (Peru) e carinhosamente chamado de Urpi (pomba) por sua mãe

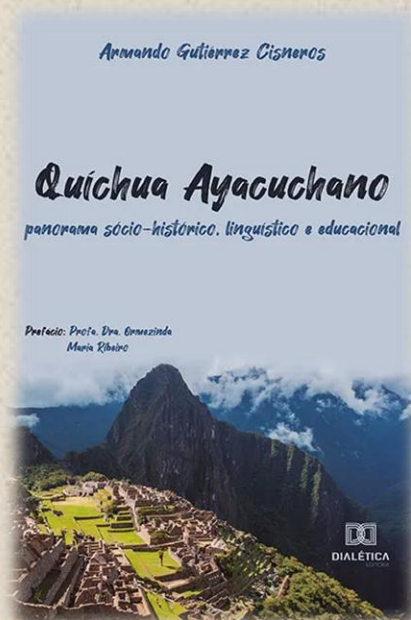


Figura 27 Quíchua Ayacuchano.

quíchua, foi meu orientando de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB e segue, atualmente, sob minha orientação no Doutorado.

Nesse prefácio, destaco a "quebra do espelho" protagonizada pelo autor. Alfabetizado em espanhol, Armando precisou atravessar a fronteira da própria língua de berço para compreendê-la como objeto científico. O texto descreve o Quíchua não apenas como um sistema linguístico polissintético e onomatopaico, mas como uma língua sinestésica que nasce dos ruídos da natureza. Ao validar esse texto, celebro o deslocamento de Urpi, o pequeno pássaro que ganhou asas para estudar em Estocolmo e no Brasil, mas que manteve seu ninho no centro de seus interesses acadêmicos, promovendo a valorização do povo Inca e a organização do ensino de Quíchua para brasileiros por meio da Pedagogia da Expressão, a ele apresentada por mim, com base em uma das minhas especializações.

3.2.2. O canteiro de obras: produção de material didático e instrucional

Refratar é ir além da imagem projetada, é criar outra imagem a partir do reflexo, é somar a partir das divisões, é multiplicar nas subtrações. Refratar é, pois, reconhecer uma reintegração entre as ciências e, até mesmo, entre elas e outras esferas humanas de razão e de sensibilidade como uma saída em direção à descoberta do novo, em todos os campos de criação do saber (Ribeiro, 2023, p. 61).

Se os livros são monumentos e os artigos são diálogos, o material didático e instrucional é o Canteiro de Obras. Nesta seção, a produção intelectual deixa de ser apenas teoria para se tornar refração: o ato de não apenas refletir o que as ciências dizem, mas de recriar imagens e possibilidades para o ensino e para a gestão pública. Cada guia, cartilha ou laboratório aqui listado materializa essa "reintegração entre as ciências e as sensibilidades humanas", buscando a descoberta do novo no cotidiano escolar e institucional.

Divido este canteiro em três frentes de atuação refratária:

I. Refrações na Formação Docente e Laboratórios de Ensino

Nessa frente, o material didático atua como a ferramenta que permite ao futuro professor "ir além da imagem projetada" dos manuais tradicionais.

Série Laboratórios de Ensino (2021-2024): Materiais que propõem "multiplicar nas subtrações", transformando o ensino de gramática, redação e leitura em espaços de criação viva, elaborado para o Curso de Letras da Universidade Aberta do Brasil-UnB.

1. "Da estante à sala de aula: orientações para o estágio supervisionado" (2024): Mais que um guia, é um instrumento de reintegração entre a universidade e o chão da escola.
2. "Laboratório de Ensino de Gramática" (2023);
3. "Laboratório de Produção de Textos para o Ensino Fundamental e Médio" (2022);
4. "Laboratório de leitura e criação literária para o ensino fundamental e médio"- (2021).

Coletâneas destinadas ao Projeto Veredas (2005) - que exemplifica a "reintegração entre as ciências", unindo ética, estética, política e cultura como bases para a formação docente integral.

1. A Educação e as diferentes instituições e organizações sociais. V1 (2005);
2. A Educação e as múltiplas dimensões humanas: ética e estética. V2 (2005);
3. A Educação e as múltiplas dimensões humanas: o papel da linguagem. V3 (2005);
4. Educação e Contexto: processos políticos, filosóficos e antropológicos. V4. (2005);
5. Educação e Contexto: tendências pedagógicas. V5 (2005);
6. Educação e cultura. V6. (2005).

II. A Linguagem como Razão, Estratégia e Ética: Capacitação Institucional e Jurídica

Nessa frente, a linguística e a retórica são aplicadas à transparência e à eficiência dos atos administrativos. Os materiais produzidos para o CEAD-UnB e para a Escola da Advocacia Geral da União-EAGU buscam transformar a redação técnica em um exercício de clareza e capacidade argumentativa.

Aqui, a Redação Oficial deixa de ser uma grade normativa (reflexo) para se tornar um campo de clareza e transparência (refração).

1. Análise e produção textual de outros gêneros administrativos (Brasília: CEAD, 2010, v.01): Obra voltada para a sistematização de gêneros que circulam na administração pública, oferecendo ao servidor as ferramentas necessárias para uma escrita funcional e precisa.

2. Aspectos Gerais da Redação Oficial (ed.1. Brasília: CEAD-UNB, 2010): Um manual de fundamentos que estabelece as bases para a padronização e a ética na comunicação oficial, tratando a norma culta como um instrumento de cidadania.
3. Curso de Argumentação e Redação Oficial de Peças e Pareceres (Escola da Advocacia Geral da União - EAGU): Produção de material didático para a formação de advogados públicos, dividido em dois módulos complementares: Módulo 1 - Argumentação e Retórica: no qual a linguagem é tratada como ferramenta de persuasão ética e fundamentação lógica, essencial para a construção do pensamento jurídico; Módulo 2 - Redação Oficial de Peças e Pareceres: Foco na estrutura técnica e na precisão linguística necessárias para a defesa do interesse público e a clareza dos atos administrativos.
4. Produção de textos oficiais na UnB (2013) e Módulos de Redação Oficial (2009-2011): Materiais que padronizam e qualificam a comunicação na Universidade, tratando a linguagem técnica não como burocracia, mas como serviço ao cidadão.
5. Curso de Competências Linguísticas para Servidores da UnB (2011): Foco na atualização e no domínio da norma culta aplicada ao contexto funcional. Um esforço de reintegração do saber linguístico à prática do serviço público.

III. Inovação Social e Novos Campos de Saber (UAB, IESB e Educação para o Campo)

A justificativa para o desenvolvimento desses materiais instrucionais reside na constatação ao longo de minha carreira de que a arquitetura da linguagem só cumpre sua função social quando se torna habitável por aqueles que estão à margem dos grandes centros de produção acadêmica. Desenvolver recursos para a Educação a Distância (UAB), para o ensino privado (IESB) e para a Educação para o Campo foi um exercício de tradução e democratização: tratou-se de refratar o saber erudito para que ele pudesse florescer em contextos diversos, respeitando as singularidades de cada público e promovendo a inclusão por meio do domínio da palavra.

Esses materiais foram projetados como pontes de acesso, buscando diminuir as distâncias impostas pela geografia ou pela desigualdade social, e reafirmando que a inovação pedagógica deve ser, antes de tudo, um ato de hospitalidade linguística.

1. Oficina de Produção de Textos: competências linguísticas e midiáticas (UAB-UnB, 2010): Material desenvolvido para o sistema de Universidade Aberta do Brasil, cuja linguagem foi adaptada para a integração entre o rigor do texto acadêmico e a fluidez das novas mídias digitais.
2. Coletâneas de Leitura e Produção de Textos (IESB, 2010): Uma sequência didática produzida para o ensino presencial e a distância, focada em níveis de leitura, multimodalidade e na desmitificação do texto acadêmico para alunos ingressantes no ensino superior:
 - Leitura e produção de textos: Texto e discurso e multimodalidade. V.1
 - Leitura e produção de textos: Níveis de leitura: a leitura como processo de levantamento de sentidos. V. 2
 - Leitura e produção de textos: O texto acadêmico: qualidades e defeitos V.3
 - Leitura e produção de textos: Prática de leitura e produção de textos V.4



Figura 30 Cartilha Amigo do Campo.

3. Gibi "Projeto Amigo do Campo" (2005): Essa cartilha representa a "refração" entre razão e sensibilidade. Ao utilizar a linguagem das histórias em quadrinhos para tratar de temas complexos da educação do campo, o material rompe com o academicismo para dialogar diretamente com o trabalhador rural, transformando a ciência em uma ferramenta de cidadania e reconhecimento de direitos no campo. Para um trabalho de educação e sustentabilidade, criei o personagem "Zé Gabiroba" a fim de estabelecer um diálogo

pedagógico direto com as crianças e comunidades rurais. A partir do ditado popular "barriga cheia, pé na areia", explorei a interpretação literal que as crianças faziam dessa expressão para construir um processo de significação e letramento. Ao invés de simplesmente corrigir o sentido, utilizei o ditado para discutir segurança alimentar, identidade com o território e a relação entre o dizer e o fazer. Zé Gabiroba tornou-se o fio condutor que

permitiu dialogar com o saber local, evidenciando que a ciência linguística pode (e deve) se traduzir em ferramentas de cidadania que respeitem e valorizem a cultura do campo. Assim, ao traduzir o saber técnico para a linguagem dos quadrinhos na educação do campo, procurei demonstrar que a ciência se refrata em acolhimento e cidadania.

3.2.3 Artigos em periódicos: a pesquisa em movimento

A linguagem de Alice é a do questionamento, o da não aceitação do pronto, do já estabelecido. É, sem pretensão de ser, uma atitude filosófica. Alice indaga,



Figura 29 Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

questiona. Não aceita o imposto, o suposto, ou o pressuposto (Ribeiro, 2023, p. 63).

Publicar em periódicos é, para mim, o exercício constante da "atitude filosófica de Alice". É o momento em que a pesquisa deixa o gabinete para ser indagada e questionada pela comunidade científica. Meus artigos não aceitam o "já estabelecido"; eles buscam tensionar conceitos sobre avaliação, políticas afirmativas, preconceito linguístico e formação docente, mantendo o saber em perpétuo movimento.

A seguir, a produção organizada por eixos que materializam a polifonia da minha trajetória como pesquisadora:

I. Eixo de Impacto e Políticas Públicas (Qualis A1)

Esse grupo reúne as produções de maior impacto nacional, com destaque para a interlocução com o INEP, quando o questionamento de Alice se volta para as bases da educação brasileira.

1. E se Narciso conhecesse Alice? Conjeturas a respeito de um tema da educação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP. v.87, 2019. [Qualis A1]
2. Família e escola: uma parceria necessária para o processo de letramento. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP. v.87, 2019. [Qualis A1]
3. Fiandeiras do cotidiano: um alinhavo de saberes pessoais e profissionais nas tramas da educação. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP. v.89, 2019. [Qualis A1]
4. Por que investir em pesquisa qualitativa? Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP. v.81, 2019. [Qualis A1]
5. Sala de aula e produção de subjetividades medos e perigos. Revista Educação (PUCRS). v.02, 2005. [Qualis A1]

II. Linguagem, Sociedade e (Re)Existência

Nesse eixo, a pesquisa indaga a língua como território de identidade, resistência e inclusão social, alcançando comunidades quilombolas e contextos internacionais.

1. Diálogos Brasil-Itália: uma proposta de sequência didática com textos poéticos. Revista Linguagem em Foco, v.17, n.1, 2026. p. 1-22. [Qualis A2].
2. A Sociolinguística na sala de aula quilombola. Revista JNT - Facit Business and Technology Journal. v.03, 2023. [Qualis A2].

3. Pensamento e ação. (Con)Textos Linguísticos. v.16, 2022. [Qualis A2]
4. A Linguagem em (Des) Compasso. Cadernos de Linguagem e Sociedade. v.21, 2020. [Qualis A3].
5. L&S Cadernos de Linguagem e Sociedade (Resenha Letramentos). v.1, 2022. [Qualis A3].
6. Dourado. Metáfora de um grupo: um estudo sobre o cômico e o ambíguo na fala de uma comunidade mineira. Linguagem em Foco. v.3, 2011. [Qualis A2].
7. O reflexo da oralidade na escrita: um estudo de metaplasmos em textos escolares de alunos do ensino médio. Facit Business and Technology Journal, v. 10, p. 116-127, 2019. [Qualis A2]
8. ¿Por que, como y que investigado? Las preguntas sobre os fundamentos... Comunicaciones en Humanidades. v.5, 2017. [Qualis]
9. Produzir poesia e aprimorar a escrita... Revista Comunicaciones en Humanidades. v.6, 2019. [Qualis]

III. Formação Docente, Letramentos, Escrita Criativa e Extensão

Reflexões que não aceitam o "pressuposto" pedagógico, propondo oficinas de escrita e novas dinâmicas para a formação de professores, a extensão e a produção textual.

1. Navegantes que procuram por novos mundos: oficinas de escrita criativa. Travessias. v.17, 2023. [Qualis A4]
2. Flor Branca. Revista Triângulo. v.15, 2023. [Qualis A4]
3. As charges e a produção de sentidos: por um diálogo entre a imagem e o ensino. Revista Educação e Linguagens. v.9, 2021. [Qualis A3]
4. Onde estão Racumin e Racutia em tempos de tecnologia? Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UNB). 2018. [Qualis B3 B3]¹⁹
5. Pibid: a prática docente em três dimensões reflexivas. Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UNB). 2016. [Qualis B3]²⁰
6. Práticas de extensão na formação do/a professor/a de Português: uma experiência de pesquisa-ação. PARTICIPAÇÃO (UnB). v.I, p.16-25, 2011. [Qualis B3]

¹⁹ A avaliação Qualis considerada foi a de 2013-2016, tendo em vista a descontinuidade do periódico em anos posteriores, no entanto não a incluí no Anexo, para fins de pontuação na Tabela de pontos de atividades avaliadas para promoção titular classe "E" do Instituto de Letras

²⁰ Idem.

7. Do Ensino Fundamental ao Ensino Superior: relatos de experiências sobre o ensino remoto em tempos de pandemia. Fólio - Revista de Letras. v.14, p.195-214, 2022. [Qualis A3]
8. A variação linguística à maneira dos jovens: um jeito maneiro de falar o português. Outras Palavras (Brasília). v.04, p.99 - 121, 2007. [Qualis B1]
9. Nas trilhas do letramento: onde gramática e leitura se encontram. Outras Palavras (Brasília), v. 01, p. 121-138, 2008. [Qualis B1]

IV. Diálogos Interdisciplinares: EaD, Literatura e Linguística

A pesquisa que rompe fronteiras, unindo a linguística, a literatura, educação e a arte.

1. Diálogos Oblíquos - um desafio para as humanidades: apropriar sem plágio. Contextos: Estudos de Humanidades y Ciencias Sociales (Chile). v.1, 2020. [Qualis A3]
2. Tempos e redes: a arquitetura de uma sala de aula em EAD. Revista. FAEEBA v.23, 2014. [Qualis A1].
3. Além do pórtico: retratos da escrita do candidato ao ingresso na universidade. Athos & Ethos. v.05, 2005. [Qualis B3]²¹
4. De Fernando Sabino a Machado de Assis: uma releitura de Dom Casmurro. Linguagem & Ensino (UCPEL. IMPRESSO). v.07, p.157 - 174, 2004. [Qualis A2]
5. A Arquitetura da realidade: espaço e criação, linguagem e gênese. Revista Digital Art&. v.II, 2004. [Qualis B5]

V. O Ensino de Gramática em Questionamento

Trabalhos que questionam o já estabelecido no ensino de língua materna.

1. Ensinar ou não a gramática na escola: eis a questão. Linguagem & Ensino (UCPEL). v.04, 2001. [Qualis A2]
2. Alguns aspectos do ensino de gramática na escola: uma proposta de reflexão. Letras & Letras (UFU). v.21, 2005. [Qualis A2] A3
3. Na gramática da escola cidadã todo verbo é transitivo... Série Diversidade e Cidadania. 2007. [Qualis B3]
4. A variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo. Travessias Interativas. v.14, 2024. [Qualis A3]
5. Por uma engenharia da leitura: construindo trajetórias para a leiturização. Linguagem & Ensino (UCPEL. IMPRESSO). v.06, p.107 - 148, 2003. [Qualis A2]

²¹ Considerada a avaliação Qualis 2013-2016: última avaliação do periódico que mudou de objeto posteriormente.

V. A Linguagem no Campo Jurídico: Polissemia e Poder

As publicações na revista UNIJUS representam a gênese de uma investigação sobre a linguagem em contextos institucionais, indicando que a minha preocupação com a "linguagem no interior de práticas determinadas" já se manifestava no diálogo interdisciplinar com o campo do Direito.

Minhas primeiras publicações já sinalizavam a "atitude de Alice" ao questionar as verdades estabelecidas do texto legal, buscando compreender as múltiplas faces do discurso nas suas diversas áreas de abrangência. Assim,

investigo como a pluralidade de sentidos (polissemia) desafia a pretensa objetividade do campo jurídico, analisando a circulação desses sentidos na mídia. Aplico o instrumental da sociolinguística para analisar a lei não como uma abstração, mas como um texto vivo, sujeito às variações e tensões sociais. E estabeleço o alicerce da minha atuação interdisciplinar, defendendo que a justiça não se faz sem a compreensão profunda dos processos linguísticos que a sustentam.

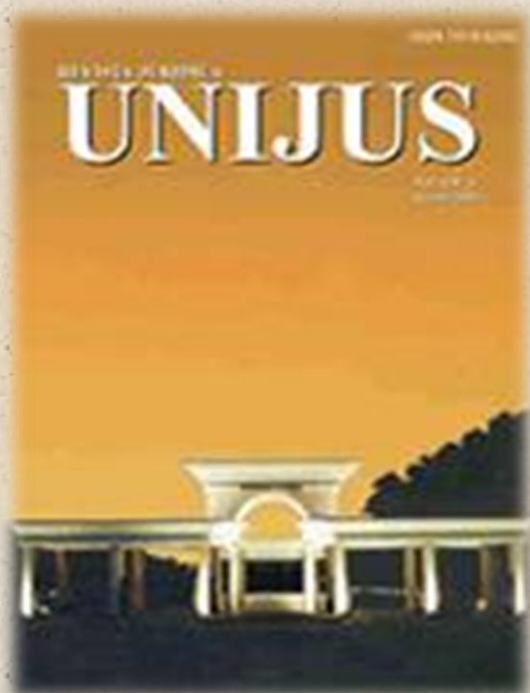


Figura 31 Revista UNIJUS.

1. As múltiplas faces do discurso: um olhar da sociolinguística sobre o texto legal (UNIJUS, v.06, 2003). [Qualis B1]
2. As palavras e a Justiça: considerações sobre a polissemia a partir de uma notícia de jornal (UNIJUS, v.05, 2002). [Qualis B1]
3. Direito e Linguística: uma relação de complementaridade (UNIJUS, v.03, 2000). [Qualis B1]

3.2.3.1 Janelas para a cidade: a crônica como ponte para a popularização da linguística

Para além dos periódicos especializados, meu trabalho com a disseminação científica é marcado pelo esforço contínuo de "abrir janelas" entre a universidade e a sociedade. Compreendo que o conhecimento linguístico deve ser um bem compartilhado, e não um segredo restrito a

especialistas. Por essa razão, desenvolvi uma iniciativa sistemática de publicação de crônicas em jornais impressos e portais *online*.

Nessa produção, utilizo o humor, a ironia e o jogo de palavras para ensinar linguística a leitores de todos os níveis acadêmicos. Ao tratar de temas como variação linguística, cacofonia, e a "arquitetura" das palavras sob uma ótica divertida e acessível, busco desmitificar a gramática normativa e despertar o prazer pela descoberta da língua. Essa prática reflete a "atitude de Alice" ao questionar o rigor árido e substituí-lo por um diálogo próximo, pensando o jornal como uma extensão da sala de aula.

Considero importante destacar que toda essa produção de crônicas e textos de divulgação está devidamente listada e documentada em meu Currículo Lattes, na seção de Textos em Jornais, destacando que a extensão e a popularização da ciência são pilares indissociáveis da minha produção intelectual como docente da UnB.

Destaques dessa produção:

- Transposição Didática: Tradução de conceitos de Linguística Textual e Sociolinguística para a linguagem jornalística.
- Impacto Social: Democratização do acesso ao saber acadêmico e combate ao preconceito linguístico em espaços de grande circulação.
- Engajamento: Uso de estratégias narrativas (como o tom de "conversa com o leitor") para aproximar a ciência da vida comum.

3.2.4. Capítulos de livro: a teia colaborativa

Assim, o mistério do aprender estende-se como nunca a uma possibilidade polissêmica de descobertas e de integrações de ideias empíricas e teóricas. Uma multiplicidade de olhares e de compreensões que pouco a pouco descobre que não há mais caminhos únicos e nem olhares exclusivos (Ribeiro, 2023, p. 65).

Se os livros autorais são as fundações, os capítulos aqui reunidos compõem uma galeria de mosaicos. Cada texto é uma peça que integra ideias empíricas, colhidas no chão da escola, nas comunidades quilombolas e nas aldeias andinas, fundamentadas em reflexões teóricas rigorosas. Essa produção materializa a possibilidade polissêmica do meu percurso: nela, não busco um caminho único, mas o exercício de múltiplos olhares

que se integram para desvendar o mistério do aprender em diferentes contextos e linguagens. Nesse sentido, demonstram a minha capacidade de dialogar com outros pesquisadores e grupos de pesquisa (nacionais e internacionais), tecendo o conhecimento de forma coletiva.

Nessa seção, a minha "Arquitetura da Linguagem" torna-se plural, habitando desde o rigor da gramática Quíchua até a irreverência dialógica dos textos humorísticos e das redes sociais. Para seguir a dinâmica que desenhei para este Memorial, apresento essa produção bibliográfica em 4 eixos:

I. A Escrita como (Re)Existência e Resistência

Este eixo concentra as reflexões sobre o impacto humano da escrita e o texto como ferramenta de reconstrução subjetiva.



Figura 32 Livro *Em busca de um horizonte*.

1. Fagulhas de uma fênix: a escrita como ato de resistência. In: *Em busca de um horizonte: narrativas sobre educação, arte e resistências*, ed.1. Brasília; Manizales: Edições REDEXP; Editorial Universidad de Manizales, 2019, v.1, p. 216 - 233.

2. A (Re)construção da identidade e da autoestima por meio da escrita: exercícios de escrita e de resistência. In: *Democracia, deslocamentos e textualidades em contextos latino-americanos*. Campinas-SP: Pontes, 2022, v.1, p. 103 - 115.

3. Heterogeneidade na redação do Enem. O discurso da receita de Miojo. In: *Linguística textual: Dimensões linguísticas, semióticas e discursivas*.

São Paulo: Parábola, 2025, p. 76 - 86.

4. Letras, atendimento e interação. In: *Em busca de um horizonte: narrativas sobre educação, arte e resistências*, ed.1. Brasília- DF; Manizales-CO: Edições REDEXP; Editorial Universidad de Manizales, 2019, v.1, p. 240 - 246.

II. Linguística originária, variação e contato de línguas

Aqui, a multiplicidade de olhares volta-se para as línguas em sua dimensão histórica e social. Estudos dedicados às línguas originárias e à diversidade do português, sob o prisma da memória e da identidade sociopolítica.

1. Aspectos estruturais da Língua Quíchua: gramática e léxico. In: RIBEIRO, O. M.; TATAGIBA, A. B.; SANTOS, H. S. (Orgs.) *Diálogos Acadêmicos: pesquisas e experiências em Linguística e Educação*. Curitiba-PR: CRV, 2026. v. 1 p. 135-150.
2. Formação e evolução da língua quíchua: preconceito linguístico-social e atitudes positivas. In: *Democracia, deslocamentos e textualidades em contextos latino-americanos*. Campinas-SP: Pontes, 2022, v.1, p. 151 - 161.



Figura 33 Livro *Linguística do Português em Contexto Italiano*.

3. A variação linguística como marca de (re)existência. In: *Linguística do Português em Contexto Italiano*, ed.1. Goiânia- GO: Cegraf UFG, 2025, v.1, p. 140 - 165. (Capítulo publicado em contexto internacional (Itália), discutindo a língua como território de identidade.

4. O cômico e o ambíguo na fala de uma comunidade mineira: memória e identidade. In: Laborde, Elga Pérez; Unternbäumen, Enrique Huelva; Naves, Rozana Reigota. (Org.). *Interculturalidade e patrimônio em contextos latino-americanos*. 1ed.Campinas- SP: Pontes, 2016, v. 1, p. 171-190.

III. A Arquitetura da Formação Docente e o Horizonte Digital.

Investigações sobre os novos espaços de formação e os desafios da educação sem distância. Reflexões sobre a integração de tecnologias e a formação do professor para o novo século.

1. Cronos, o labirinto e os desafios da educação a distância. In: *Educação digital: olhares e perspectivas*, ed.1. Florianópolis- SC: Contexto Digital, 2020, v.01, p. 04 - 14.
2. Entre cronos e kairós: por uma educação sem distância. In: Francisca Cordélia Oliveira da Silva; Michelle Machado de Oliveira Vilarinho. (Org.). *O que a distância revela. Apontamentos analíticos*. Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 2017, v. 2, p. 6-23.
3. De Maria a Maria: recursos semióticos como práticas de letramentos na perspectiva do ensino a distância. In: Francisca Cordélia Oliveira da Silva; Michelle Machado de Oliveira Vilarinho. (Org.). *O que a distância revela. Apontamentos analíticos*. 1ed.Brasília-DF: Editora Universidade de Brasília, 2017, v. 2, p. 116-139.

4. A Formação Continuada de Avaliadores de Redações do ENEM em AVA: Aproximar, Valorizar, Avaliar. In: Elga Perez Laborde; Maria Luísa Ortiz Alvarez. (Org.). O Poder de Comunicações em Contextos Latino-Americanos. Campinas- SP: Pontes, 2015, v., p. 131-140.
5. Um novo sistema – a formação continuada baseada nas TIC: do estado do conhecimento aos espaços de formação. In: RIBEIRO, O. M.; TATAGIBA, A. B.; SANTOS, H. S. (Orgs.) Diálogos Acadêmicos: pesquisas e experiências em Linguística e Educação. Curitiba-PR: CRV, 2026. v. 1 p. 43-68.

IV. Diálogos Pedagógicos: A Escrita entre Fatos e Poesia

Textos que registram a interlocução entre a universidade e a educação básica. Estudos que aproximam a universidade da Educação Básica e ressignificam o processo de ensino-aprendizagem, em uma proposta de uma prática docente que rompe com caminhos únicos.

1. Professora, eu já me sinto professor! Um relato sobre diálogos pedagógicos entre a universidade e a educação básica. In: Formação inicial e continuada de professores: da teoria à prática, ed.1. Ponta Grossa-PR: Atena, 2019, v.1, p. 245 - 249.
2. A Pedagogia da Expressão e o ensino de Língua Portuguesa: um desafio à criatividade. In: (Trans)Formação de Professoras/es de Línguas: Demandas e tendências da Pós-Modernidade, ed.1. Campinas- SP: Pontes, 2019, p. 271 - 290.
3. Nesta sina de mudar: um currículo para estudantes em situação de itinerância na perspectiva da formação de professores. In: Práticas interdisciplinares na educação: diálogos, interfaces e desafios, ed.1. Goiânia- GO: Editora Espaço Acadêmico, 2020, v.1, p. 113 - 123.
4. Caminhos que se fazem ao caminhar: representações de professores sobre a leitura e sua mediação no processo ensino-aprendizagem In: Leitura: Aspectos Teóricos Metodológicos no Ensino de Línguas, ed.1. Campinas- SP: Pontes, 2021, p. 117 - 150.
5. Aprender ensinando. O PIBID como modelo de formação. In: Gissele Alves; Luciane Cristina Eneas Lira; Raquel Sena Mendes. (Org.). Linguagem e ensino em diálogos. 1ed.Campinas- SP: Pontes, 2018, v. 1, p. 179-190.
6. Embarque nesse trem: caminhos pedagógicos para o trabalho com letramentos. In: LABORDE, E.. P.; RIBEIRO, O.M.; NAVES, R.R. (Org.). Textualidades e (re)orientação social na América Latina. 1ed.Campinas-SP: Pontes, 2018, v. 1, p. 81-96. Produzir poesia e aprimorar a escrita: contribuições teóricas para a prática do educador. (2018).
7. Ressignificando o processo de letramento na EJA: quando ler é fazer sentido. In: Juliana Alves de Araújo Bottechia. (Org.). A Formação

Continuada de Jovens e Adultos: cenários, buscas e desafios. Campos de Goitacazes-RJ: Instituto Brasil Multicultural de Educação e Pesquisa IBRAMEP, 2018, v. 1, p. 82-92.

8. Práticas de letramento em uma turma de Mestrado em Linguística da UnB. In: Renata Barbosa Vicente, Cristina Lopomo Defendi. (Org.). Estudos de linguagem em perspectiva: caminhos da interculturalidade. Porto de Galinhas- PE: URFPE, 2020, v. 1, p. 2247-2254.
9. Família e escola: uma parceria para o processo de letramento. In: Ribeiro, O. M. et. Al. Diálogos sobre letramentos. De professores para professores. Campinas: Pontes, 2015. p. 125-146
10. Ri melhor quem ri na escola: Quando o texto humorístico é também pedagógico. In: Juliana Dias Freitas. (Org.). Ler e (re)escrever textos na universidade: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino. 2ed.Campinas- SP: Pontes, 2018, v., p. 69-107.
11. Ri melhor quem ri na escola: Quando o texto humorístico é também pedagógico. In: Juliana Dias Freitas. (Org.). Ler e (re)escrever textos na universidade: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino. 2ed.Campinas- SP: Pontes, 2019, v., p. 70-108.
12. Tagarelado com um certo Pé de Laranja Lima: efeitos de dialogismo em textos dissertativo- argumentativos na percepção de estudantes de Ensino Médio. In: RIBEIRO, O. M.; TATAGIBA, A. B.; SANTOS, H. S. (Orgs.) Diálogos Acadêmicos: pesquisas e experiências em Linguística e Educação. Curitiba-PR: CRV, 2026. v. 1 p. 15-32.
13. Entre saberes da língua escrita do Ensino Médio e a posição professor de língua portuguesa: notas sobre interlocução. In: RIBEIRO, O. M.; TATAGIBA, A. B.; SANTOS, H. S. (Orgs.) Diálogos Acadêmicos: pesquisas e experiências em Linguística e Educação. Curitiba-PR: CRV, 2026. v. 1 p. 107-118.
14. Escrita acadêmica: anotações sobre a passagem do texto ao discurso. In: BATISTA JR, J. R. L. Cadernos de Letramentos Acadêmicos. Gêneros, inclusão e multiletramentos: caminhos para a escrita acadêmica contemporânea São Paulo: Pá de Palavra, 2026. V. 4. p. 116-124.
15. Mediação da informação para letramento informacional em bibliotecas universitárias. O papel do bibliotecário. In: BATISTA JR, J. R. L. Cadernos de Letramentos Acadêmicos. Gêneros, inclusão e multiletramentos: caminhos para a escrita acadêmica contemporânea. São Paulo: Pá de Palavra, 2026. V. 4. p. 213-222.
16. A história do Português brasileiro na perspectiva do contato de línguas. In: RODRIGUES, U. R.S. (Org.) Na rota do contato linguístico: interfaces e resultados. V. 1. Campinas: Pontes, 2006.

17. Neutro de ontem e neutro de hoje: implicações sociolinguísticas, sociopolíticas e socioeconômicas. RODRIGUES, U. R.S. (Org.) Na rota do contato linguístico: interfaces e resultados. V. 2. Campinas: Pontes, 2006.
- 18.

3.2.5. Capítulos de livro no prelo: arremate de fios para 2026

1. A arquitetura da memória: o gênero memorial entre fatos e poesia.
2. Sob as lentes da BNCC: a variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. In: MAGALHÃES, R. S. (Org.) Práticas socioculturais em perspectivas Sociolinguísticas e de Letramentos.
3. Desvelando saberes: letramentos, gêneros e identidades no território Kalunga. In: MAGALHÃES, R. S. (Org.) Práticas socioculturais em perspectivas Sociolinguísticas e de Letramentos.
4. Gênero literário epistolográfico e retórica clássica: importância, influência e uso nas cartas neotestamentárias. In: A Era da Inteligência Artificial e as Humanidades. Campinas: Pontes, 2006.
5. Entre Serras e Vãos: Oralidade, Resistência e Letramentos nos Saberes Tradicionais do Quilombo Kalunga Monte Alegre de Goiás. In: BATISTA-SANTOS, D. O.; SILVA, D. H. P. O; BATISTA, R. M. S.. Práticas de linguagem, Educação e Insurgência.

3.2.6 A arquitetura da escuta e o despertar do conhecimento: diálogos em eventos acadêmicos nacionais ou internacionais

O estímulo e a informação caminham juntos, ao lado da ética, no trabalho de despertar o interesse pela busca e divulgação do conhecimento (Ribeiro, 2023, p. 56).

É o momento em que a pesquisa se torna viva por meio do diálogo direto. Nesta seção, apresento como o meu trabalho tem buscado "despertar o interesse" de estudantes e pesquisadores, levando os resultados das minhas investigações sobre Linguística, EAD e Sociolinguística para além dos muros da UnB, sempre sob a égide da ética e do compromisso social. Nesta seção, a "atitude de Alice" encontra o público, e o "mistério do aprender" é compartilhado coletivamente, cumprindo a função social da universidade pública de divulgar e democratizar o acesso ao conhecimento.

A apresentação de trabalhos em eventos científicos é, para mim, o exercício máximo da ética do compartilhamento. Com um histórico de 106 produções apresentadas, esta seção materializa o movimento de saída do gabinete para o auditório, da teoria para o debate público. Minha atuação em congressos, conferências e simpósios reflete a "arquitetura da escuta": um esforço contínuo para democratizar o saber, seja discutindo a retórica clássica, a variação linguística em comunidades quilombolas ou os desafios da educação em tempos de pandemia, uma vez que minha perspectiva na academia sempre foi a de manter equilibrado o tripé que sustenta a Universidade. Como uma Alice que transmuta e não se envergonha de questionar, ou ser questionada, que encolhe e se estica, entre 2009 e 2026, minha voz acadêmica percorreu auditórios nacionais e internacionais, levando a produção feita na UnB para o centro da discussão sobre letramentos, inclusão e ética textual.

3.2.5.1 Diálogos em eventos nacionais e internacionais

Apresento a síntese dessa trajetória organizada por eixos de impacto e contemporaneidade, com o intuito de demonstrar que minha presença constante em eventos nacionais e internacionais não apenas divulgou a produção da UnB, mas também formou redes de cooperação técnica e

científica. Essa atuação se divide em três frentes de impacto que refletem a circulação do conhecimento em contextos globais, consolidando parcerias e intercâmbios, destacando temas como a Língua Quíchua, o Português em contexto italiano e a escrita como resistência.

I. Internacionalização e fronteiras poéticas (diálogos internacionais)

Neste eixo, apresento palestras, conferências e comunicações cujo estímulo ao conhecimento rompe fronteiras geográficas, estabelecendo pontes culturais e poéticas. Destaco aqui os principais trabalhos de circulação global, os intercâmbios culturais e as parcerias com instituições estrangeiras, unindo pesquisa linguística e sensibilidade estética. Aqui, a ética acadêmica se volta para as vozes historicamente silenciadas, transformando a pesquisa em ato de resistência.

1. Contato, cultura e ensino: rotas e reflexões I, (Em Mindelo-Cabo Verde-setembro de 2025).
2. A Gualín do TTK: variação linguística e (re)existência no Brasil. (Em Lece, Itália-novembro de 2024).
3. A língua e a cultura dos Kalunga, descendentes de povos escravizados no Brasil (Em Lece, Itália-novembro de 2024).
4. Diálogos Brasil-Itália: por uma apropriação da arte, da cultura e da história na produção de textos poéticos. (Em Lece, Itália-maio de 2023).
5. Diálogos oblíquos: intertextos em contexto poético (Em Lece, Itália-maio de 2024).
6. Língua e Cultura na Comunidade Kalunga Vão de Almas: um panorama. (Em Lece, Itália-novembro de 2024).
7. Siminchispi Rimasun K'uskiyninchiskunamanta A língua Quíchua em espaços virtuais e de pesquisa (comunicação em Cusco- Peru em agosto de 2023).
8. Transculturalidade Sul-Americana e Escandinava: deslocamento de um quíchua peruano para Brasil e Suécia, 2023.
9. Minha pátria é minha língua: diversidade linguística e cultural do Brasil", (Em Lece, Itália-maio de 2023).
10. O que é o Brasil? Etimologia e cultura. (Em Lece, Itália-novembro de 2023).
11. Alemão e Lídiche: Uma Controvérsia do Nacionalismo Alemão. (Em Santiago do Chile em outubro de 2022).
12. Dialogar é preciso: conectando práticas educativas entre Brasil e Portugal. (Coimbra- Portugal em setembro de 2022).

13. Poemas quechuas presentes en el tercer milênio. (Em Cusco- Peru em agosto de 2022).
14. (Re) Encontro com antigos e recentes olhares: a cosmovisão andina e a língua quíchua pela pesquisa bibliográfica. (Em Cusco- Peru em agosto de 2021).
15. Runa shimi tupachiy hawampi quilqirayku kouqa simkunawan, 2021.
16. Experiências no ensino língua Quíchua no novo contexto do ambiente virtual. 2020.
17. A variedade das Minas e a do Mato Grosso: Aspectos da (semi) criouliização do Português no Brasil, 2019.
18. Formação e evolução da língua quíchua: Preconceito linguístico-social e atitudes positivas, 2019.
19. O extremo triângulo vocálico do quíchua yacuchano: descrição socioestrutural e questões linguísticas pertinentes, 2018.
20. A Dinâmica Cognitiva das Metáforas no Texto e no Discurso. IV Ciclo de Seminários em Língua e Literatura Lusófonas do Curso de Língua e Traduzione Língua Portuguesa e Brasileira, Dipartimento di Studi Umanistici, Università Del Salento (Lecce-Itália), 2026.
21. Entre Serras e Vãos: O Inventário dos Letramentos Orais como Resistência no Quilombo Kalunga. IV Ciclo de Seminários em Língua e Literatura Lusófonas do Curso de Língua e Traduzione Língua Portuguesa e Brasileira, Dipartimento di Studi Umanistici, Università Del Salento (Lecce-Itália), 2026.

II. A Base na UnB: EAD e interação com a educação básica

Eixo voltado para o diálogo com a escola pública, formação docente, letramento, extensão universitária e o papel do PIBID. Este eixo reúne os trabalhos que apresentam em eventos a minha atuação na formação de leitores e produtores de texto, unindo a prática extensionista na educação básica ao estudo das matrizes clássicas da comunicação. Aqui, a retórica e os gêneros ancestrais são revisitados para fundamentar a compreensão da autoria contemporânea.

1. Neutro de ontem e neutro de hoje: implicações sociolinguísticas, sociopolíticas e socioeconômicas, 2025.
2. No caminho com Maiakóvski: os significados do lide, o fluxo da notícia e a poética à luz da GDF e da ATD, 2025.
3. O lide e o texto principal: estar em rede sem ser enredado, 2025.
4. Ensino da língua quíchua e a inteligência artificial- IA, 2025.

5. Gênero literário epistolográfico e a retórica clássica: importância, influência e uso nas Cartas neotestamentárias, 2025.
6. Escrita acadêmica: anotações sobre a passagem do texto ao discurso, 2024.
7. O texto e seus teares: pesquisa e ensino. Palestra na V Semana Acadêmica de Letras da UDF “Tornar-se professor(a) pesquisador(a): caminhos da formação inicial e continuada” (2024).
8. Mediação da informação para letramento informacional em bibliotecas universitárias: o papel do bibliotecário, 2024.
9. Criatividade e escrita: práticas de ensino de textos multimodais no Ensino Médio, 2023.
10. Da educação totalitária: uma análise do nazismo sob a ótica da formação docente, 2023.
11. Ouvir estrelas: espaços de escuta e de interação na formação continuada de servidores técnicos da UnB, 2023.
12. Tecer textos: fios e desafios da escrita com a “última flor do Lácio”, 2023.
13. A Escrita Acadêmica: intertextualidade, ética e criatividade, 2022.
14. Por um espaço crítico: prospectivas e perspectivas acerca de estudos de letramentos, 2022.
15. Práticas de Produção Escrita com Alunos do Ensino Médio: Desenvolvimento da Escrita Crítica e Autoral, 2022.
16. Vozes entrelaçadas: uma busca por práticas dialógicas de ensino da escrita, 2022.
17. Na teia de Penélope: reflexões sobre o estágio, 2021.
18. Imagens, redes e ensino: um olhar pedagógico para os gêneros de circulação social. 2021.
19. Intertextualidade: ética e criatividade no texto acadêmico, 2020.
20. A Universidade como um não lugar, 2019.
21. A voz do docente na formação continuada, 2019.
22. Competências comunicativa e interacional no ensino de língua portuguesa: a variação linguística no ensino médio., 2019.
23. Expectativas e realidades de pesquisa em sala de aula de português para jovens e adultos, 2019.
24. Fagulhas de uma fênix: exercícios de escrita e de resistência., 2019.
25. Letramentos na perspectiva crítica: direitos (des)assegurados, 2019.
26. O impacto do acolhimento e da sala de leitura no letramento informacional em escola de ensino médio do Distrito Federal., 2019.
27. Fagulhas de uma fênix: a escrita como ato de resistência, 2018.

28. Formação Continuada de Servidores Técnicos Administrativos no Instituto de Letras- UnB, 2018.
29. Letramento informacional: práticas de inclusão em pesquisa na graduação em Secretariado Executivo Bilíngue, 2018.
30. Letras, Atendimento e Interação, 2018.
31. Pobreza e educação: neoliberalismo, ética e escola pública, 2018.
32. Produzir Poesia e Aprimorar a Escrita: Contribuições teóricas para a prática do educador em sala de aula, 2018.
33. Um desafio para as humanidades: apropriação sem plágio, 2018.
34. Embarque nesse trem: caminhos pedagógicos para o trabalho com letramentos, 2017.
35. Ressignificando o processo de letramento na EJA: o que é ler?, 2017.
36. A prova de redação do ENEM para professores/as do ensino público: aspectos temáticos e critérios de avaliação., 2017.
37. Abrindo as portas para a Universidade: competências linguísticas para a redação do Exame Nacional do Ensino Médio, 2016.
38. Ciranda de projetos para formação inicial: O Programa Institucional de Bolsa para Iniciação à Docência (PIBID) em foco, 2016.
39. Letramento, discursos e formação docente: desafios e possibilidades, 2016.
40. Por que, como e para que pesquisamos? Indagações sobre os fundamentos da pesquisa científica em Direito e Educação, 2016.
41. Tango e outros ritmos: língua, cultura e criatividade no ensino de produção textual, 2018.
42. Fios e desafios: práticas de ensino na UnB. Materiais, recursos didáticos e organização de livro(s), 2016.
43. Embarque nesse trem: práticas interdisciplinares na escola, 2015.
44. Família e escola: parceiros para o letramento, 2015.
45. Letramento escolar: a construção da leitura por meio de projetos interdisciplinares e participativos, 2015.
46. Nos trilhos da interdisciplinaridade: caminhos pedagógicos para o trabalho com letramentos, 2015.
47. PIBID: A prática docente em três dimensões reflexivas, 2015.
48. Avaliar as avaliações em larga escala: desafios e possibilidades, 2014.
49. Da matriz à diretriz: pesquisa, ensino e extensão no Exame Nacional de Ensino Médio-ENEM, 2014.
50. Efeito bumerangue: as práticas de letramento da Universidade à Educação Básica, 2014.

51. Pibid: Experiências que metamorfoseiam a teoria e a prática docente, 2014.
52. Pretexto: embates e debates sobre a produção textual e o impacto provocado pelo ENEM no currículo escolar, 2014.
53. Interação entre Universidade e escolas: o Programa de Avaliação Seriada da UnB, 2010.
54. Reforço Escolar: Português e Matemática No Projeto Garatuja, 2014.
55. Um galo sozinho não tece a manhã: do primeiro grito à mudança curricular, 2014.
56. A formação de professores nos espaços de extensão na Universidade de Brasília: reflexões sobre a teoria e a prática., 2012.
57. Ler com prazer, escrever sem medo: habilidade linguísticas em leitura e produção de textos, 2012.
58. Mostra de Livros produzidos por alunos da Disciplina 'Oficina de Produção de Textos', 2012.
59. Coordenação de GT: Para além dos muros da universidade: o ensino de língua portuguesa na perspectiva da formação continuada., 2011.
60. Mesa Redonda Interação Universidade e Educação Básica- 15 anos de PAS/UnB, 2011.
61. Interculturalidade e formação docente: desafios para a educação básica, 2011.

III. A Sala de Aula sem Paredes: tecnologias de (re)existência, inteligência artificial e novas fronteiras digitais em tempos pós-pandêmicos

Este Eixo é dedicado à inovação pedagógica por meio das TIC, ao ensino remoto emergencial e ao uso do humor e da multimodalidade no ambiente virtual. A informação caminhando ao lado do estímulo em tempos de crise, redesenhando a arquitetura do ensino. Inclui a perspectiva da formação de novos pesquisadores por meio da consciência do texto e da autoria.

1. Neutro de ontem e neutro de hoje: implicações sociolinguísticas, sociopolíticas e socioeconômicas, 2025.
2. No caminho com Maiakóvski: os significados do lide, o fluxo da notícia e a poética à luz da GDF e da ATD, 2025.
3. O lide e o texto principal: estar em rede sem ser enredado, 2025.
4. Ensino da língua quíchua e a inteligência artificial- IA, 2025.
5. Da caneta ao cursor: representações sociais de alfabetizadores acerca da formação continuadas permeadas pelas TIC, 2022.
6. Sala de aula sem paredes: uma arquitetura do ensino de Língua Portuguesa para uma sociedade sem distâncias, 2022.
7. Sujeitos, linguagem e educação: Uma busca por práticas dialógicas de ensino da escrita em contexto pandêmico, 2022.

8. A produção de textos em uma sala de aula sem paredes: navegar é preciso?, 2021.
9. Imagens, redes e ensino: um olhar pedagógico para os gêneros de circulação social, 2021.
10. Ri melhor quem ri em casa: Linguística Textual com humor em tempos de pandemia, 2021.
11. Do ensino fundamental ao superior: relatos de experiências de estudantes sobre como está sendo o ensino/aprendizado da língua com a adição do ensino híbrido em tempos de pandemia, 2020.
12. Movimentos, contratempos e expectativas no antes, durante e depois: projetos e planos acadêmicos em tempos de pandemia, 2020.
13. Ri melhor quem ri em casa: linguística textual com humor em tempos de pandemia, 2020.
14. Saberes indígenas en los espacios virtuales: tiempos de la pandemia COVID-19, 2020.
15. Todos juntos, cada um no seu quadrado: espaços virtuais de construção de aprendizagens em tempos de conflitos, 2020.
16. Palestra: Ri melhor quem ri na escola, 2018.
17. Palestra: Ri melhor quem ri na escola- Quando o texto humorístico é também pedagógico-, 2018.
18. Ri melhor quem ri na escola: quando o texto humorístico é também pedagógico, 2017.
19. Ensinar Português com novas tecnologias. Navegar é preciso?, 2015.
20. O cômico e ambíguo na fala de uma comunidade mineira: memória e identidade, 2015.
21. Ri melhor quem ri na escola: quando o texto humorístico é também pedagógico, 2015.
22. Gestão e currículo na Universidade Aberta do Brasil, 2014.
23. Tempos e redes: a arquitetura de uma sala de aula em EAD, 2014.
24. Por uma educação sem distâncias: o professor supervisor e a arquitetura de uma sala de aula em EAD, 2012.
25. Quem é o professor no ensino de graduação a distância? Reflexões sobre o papel do professor numa sala de aula sem paredes, 2012.
26. Mesa Redonda: Multimodalidade, Humor e Ensino- Encontros Possíveis, 2011.

Nesse período recente, a pesquisa foca-se na ética do texto, nos diálogos transatlânticos e nos desafios impostos pela era digital e pandêmica, bem como na variação, (Re)existência e saberes ancestrais. Aqui, a ética acadêmica se volta para as vozes historicamente silenciadas, transformando a pesquisa em ato de resistência.

3.2.5.2 A formação como ato de tecelagem: cursos e oficinas (2009-2026)

Além das conferências, minha atuação entre 2009 e 2026 foi marcada por uma intensa atividade docente em cursos de extensão e aperfeiçoamento. Se as palestras "despertam o interesse", os cursos aqui listados são o espaço do fazer ético e compartilhado.

Ao longo de 16 anos, como professora efetiva na UnB, atuei como uma tecelã de saberes, conectando a pesquisa às necessidades prementes da educação básica e da administração pública. Assim, procurei sempre não só participar, mas colaborar em eventos e salas de formação nesse interstício de 2009 a 2026, com temas que evoluem da gramática normativa para a ética da inteligência artificial e da resistência cultural.

Esses cursos respondem aos desafios do tempo presente e às necessidades de grupos específicos, e não devem ser lidos como atividades isoladas de treinamento, mas como o desdobramento prático e social do trabalho de pesquisa e orientação. Cada curso ministrado representa o resultado de investigações levadas à comunidade, muitas vezes fundamentadas e oxigenadas pelas orientações de mestrado e doutorado que conduzi no âmbito da Universidade de Brasília, constituindo-se também no caminho metodológico traçado em várias orientações realizadas.

Essa dinâmica estabelece um ciclo virtuoso: a pesquisa acadêmica fornece o substrato teórico e metodológico; a orientação docente lapida esse conhecimento; e os cursos de extensão e aperfeiçoamento funcionam como a "janela aberta" por onde esse saber circula e transforma a realidade de professores da rede pública, de servidores e da comunidade em geral, ao tempo em que funciona como estratégia de geração de dados para as minhas pesquisas e a dos meus orientandos.

Assim, a extensão torna-se o braço visível da minha produção científica, a fim de que o conhecimento gerado na pós-graduação cumpra a sua função ética de impacto social.

Organizo essa produção em eixos que revelam o alcance da minha contribuição para a UnB e para a sociedade em geral:

I. O Tecido da Escrita: Criatividade, Autoria e Ética (2018-2022)

Eixo focado na subjetividade e no desenvolvimento da escrita autoral, desdobrando pesquisas sobre processos de criação e ética textual.

Nesse eixo, o foco é a desconstrução do medo de escrever e a promoção da autoria crítica.

1. Palavras Criativas: O desenvolvimento da escrita crítica e autora (2022).
2. Fios e Desafios da Escrita: Intertextualidade, Ética e Criatividade (2022).
3. Fagulhas de uma Fênix: Escrita criativa e autovalorização (2019).
4. Ler, imaginar e escrever: criação de mundos com o uso da Língua Portuguesa (2022).
5. Oficinas de Produção Textual: Perspectivas dialógicas (2022).
6. Tecer textos: fios e desafios' (2021).
7. A (re)construção da identidade e da autoestima por meio da escrita (2019).
8. Os significantes e os significados do ensino e da produção de textos (2018).
9. Oficina do Professor Escritor: Escrita criativa e acadêmica (Edições 2017/2018).
10. Oficina Práticas inovadoras em Língua Portuguesa: Um desafio à criatividade (2018).
11. Oficina de Produção de Textos: Fios e desafios (2016).

II. Arquiteturas de Avaliação e o Impacto Nacional (ENEM e GESTAR II)

Minha expertise em avaliação de larga escala materializou-se na formação de milhares de professores e avaliadores em todo o Brasil e pode ser representada pelos diversos cursos que ministrei ao longo dos anos, cujas produções também refletem minha contribuição para a implementação de políticas públicas de ensino médio.

1. Literatura e competência leitora: Um olhar para a prova do ENEM (2022).
2. A prova de redação do ENEM: Temas e aspectos de avaliação (2018).

3. A prova de redação do ENEM para professores/as do ensino público (2015).
4. O ENEM e os cinco eixos cognitivos: Dominar linguagens para escrever com autoria (2016).
5. Curso de Formação Continuada para Avaliadores do ENEM (Edições 2012, 2013).
6. Cursos de Formação do GESTAR II: Língua Portuguesa para professores do DF e dos estados, GO, MA, MG, PE, RN, RO, RR, RS, SP e TO, (2009-2011).

II. A Universidade sem Paredes: Tecnologia, Estágio e Inclusão

Cursos que traduzem iniciativas que levam a pesquisa da UnB para contextos de vulnerabilidade, imigração e novos ambientes digitais.

1. Da caneta ao cursor: Formação de alfabetizadores para os desafios do ensino remoto (2022).
2. Na teia de Penélope: Reflexões sobre o estágio (2021).
3. A educação de alunos imigrantes (2019).
4. Ouvir estrelas: Narrativas dos servidores técnicos sobre formação (2019).
5. Oficinas de Produção Textual na EJA e contextos de vulnerabilidade.
6. Portas abertas para a Universidade: Competências para provas discursivas (2013, 2015).
7. Laboratório de Produção de Textos para Professores de Ensino Médio (Turmas I e II, 2010).

IV. Linguagem Institucional e Jurídica: O Rigor da Palavra Oficial

Contribuições para a qualificação do texto oficial na UnB e em órgãos da administração pública. São cursos voltados para a qualificação técnica interna e externa, unindo teoria linguística e prática documental.

1. Metodologia Científica para Elaboração e Revisão de Textos (2019).
2. Oficina de revisão de artigos: Revista Linhas Críticas (2018).
3. Redação Oficial de Peças e Pareceres Jurídicos (2016, 2017).
4. Língua Portuguesa e Redação Oficial (Edições 2011, 2018).

5. Produção de Textos Oficiais na UnB (2013).
6. Cursos de Redação Oficial para Ministérios: Cidades, Trabalho e Emprego (2012).
7. Curso de Extensão para Revisores de Textos: Da prática à teoria (2011).
8. Português Instrumental: Produção de textos científicos (Especialização, 2010).
9. Texto e construção de sentidos (Especialização, 2010).
10. Curso preparatório para o teste ANPAD (2014).

3.2.5.3. Síntese do impacto social e acadêmico

As oficinas, minicursos e formações continuadas descritas anteriormente materializam o compromisso da UnB com a sociedade. Ao transpor os resultados das minhas pesquisas e orientações para o diálogo com professores da rede pública, servidores e comunidades diversas, encerro este ciclo de produção com a convicção de que a análise da produção revela que o foco não reside apenas em responder questões, mas em redefinir o campo do possível na Educação.

Cada publicação é uma semente plantada que resulta em novos caminhos para a formação de educadores e para a melhoria do ensino. A pesquisa atua como uma intervenção crítica, oferecendo tanto as lentes para analisar a realidade quanto as ferramentas (as metodologias) para transformá-la. A trajetória, portanto, é marcada pela coerência entre a teoria crítica assumida e a práxis pedagógica aplicada.

3.2.6 Curadoria e alteridade: a atividade editorial como expansão dos jardins do inérito

Há sempre perguntas a serem feitas e as respostas são sempre provisórias (Ribeiro, 2023, p. 59).

Se na escrita autoral eu busco as minhas próprias janelas, na atividade editorial eu me dedico a abrir as janelas dos outros. Atuar como membro de conselhos consultivos e comitês editoriais de revistas nacionais e internacionais é um exercício de alteridade e de reconhecimento de que a ciência é um diálogo sem fim. Conforme destaquei em meu livro (Ribeiro, 2023), a pesquisa é movida pela pergunta; o editor é o guardião desse

questionamento, aquele que compreende que toda resposta científica é um degrau provisório rumo a novas descobertas. Se a pesquisa autoral é o plantio das próprias sementes, a participação em conselhos consultivos é o ato de cultivar o jardim comum da ciência.

Nesta seção, apresento minha contribuição para a Expansão dos Jardins do Inédito. Avaliar o trabalho de pares não é um ato de julgamento estático, mas uma curadoria ética que busca o frescor do pensamento novo, o rigor da dúvida e a qualidade da comunicação científica. Ao participar de conselhos editoriais, ajudo a garantir que as "perguntas que precisam ser feitas" encontrem solo fértil para florescer em periódicos de excelência.

Atuar na editoria científica é, para mim, uma forma de garantir que a "atitude de Alice", a indagação e o questionamento, encontre espaço em periódicos de excelência. É um trabalho de bastidor que exige ética e visão estratégica, a fim de que a produção linguística brasileira e internacional mantenha o frescor da inovação sem perder o alicerce do rigor metodológico.

Assim, nesta seção, registro minha atuação como membro de comitês editoriais, quando o rigor técnico se une à sensibilidade necessária para identificar e lapidar o inédito.

Enfatizo que minha trajetória nessa área não se limitou à avaliação de pares; ela foi marcada por iniciativas fundantes e liderança estratégica, visando estreitar o diálogo entre a universidade, a educação básica e a qualidade da difusão científica. Nesta seção, portanto, procuro demonstrar como minha atuação como editora e parecerista reflete a "atitude de Alice": um olhar que não se satisfaz com o que já está posto, mas que busca, no texto do outro, a fagulha de uma nova indagação que faça a ciência avançar.

3.2.6.1 Liderança e projetos editoriais estratégicos

Considero relevante destacar que trabalhei pela criação de espaços de interlocução e pela inovação nos processos de editoração acadêmica, nos espaços acadêmicos nos quais atuei e ainda atuo.

Fui a autora da proposta de criação e da denominação da Revista de Divulgação de Iniciativas Pedagógicas PAS/UnB. O nome PASSEI, por mim sugerido, opera em múltiplas camadas semânticas: celebra o êxito do

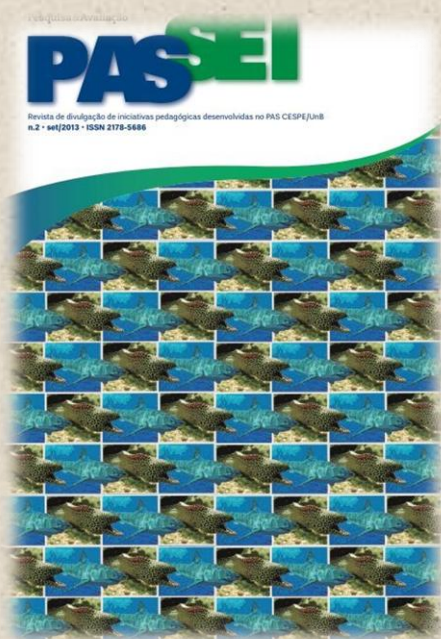


Figura 34 1a. Edição da Revista PASSEI.

estudante que ingressa na Universidade, remete diretamente à sigla do programa (PAS), mas, fundamentalmente, explora o verbo no presente do indicativo como uma jornada de saber para o ingresso. Propus o nome para significar que a travessia para o ensino superior não se faz apenas por um exame, mas pelo "passar" por novos saberes e pela apropriação de competências linguísticas e pedagógicas. A revista foi concebida para ser o registro dessa travessia, servindo de interlocução entre a Gerência de Interação do CESPE²² e a Educação Básica e materializou o compromisso da UnB em devolver à sociedade as reflexões

geradas pelos processos avaliativos.

Editoria Associada e Salto Qualitativo na Revista Linhas Críticas (FE/UnB):

Ao assumir como Editora Associada em 2017, implementei o Programa de Revisão em Revistas (Seção 4.1.4). Essa iniciativa não foi apenas burocrática, mas pedagógica: liderei uma equipe de revisores e fomentei cursos de formação científica. O resultado direto dessa gestão foi a ascensão da revista no Qualis-Capes, progredindo do nível A4 para o nível A1, consolidando-a como um dos principais periódicos de educação do país.

3.2.6.2 Vínculos em corpos editoriais e conselhos consultivos

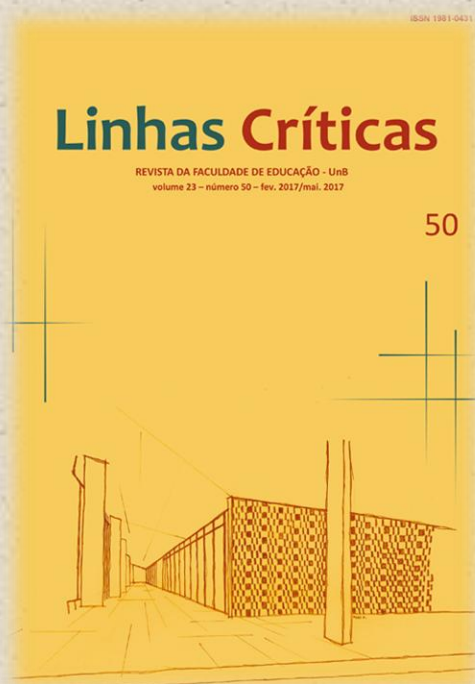
Minha inserção na rede científica é atestada pela participação ativa em diversas instâncias editoriais de prestígio, nas quais atuo zelando pela ética e pelo rigor das respostas "sempre provisórias" da ciência.

Além dos periódicos já citados, a seguir, elenco os periódicos e instituições nas quais exerço a curadoria científica, seja como membro de

²² Exerci a função de Gerente de Interação Educacional no período de 2011 a 2013.

corpo editorial ou como parecerista *ad hoc*. Esta lista reflete uma inserção nacional e internacional que atravessa as áreas de Linguística, Educação e Divulgação Pedagógica.

1. Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia (Membro do Conselho Consultivo): Esta é uma das publicações mais inovadoras da área de Letras e Linguística no Brasil. Focada na cultura livre, no software livre e na hipertextualidade, a revista é um expoente na discussão sobre como as tecnologias digitais reconfiguram a linguagem. Minha atuação como



consultora neste periódico alinha-se à minha pesquisa sobre a transição da "caneta ao cursor", avaliando trabalhos que investigam a autoria em ambientes digitais e o ensino de línguas mediado por tecnologias. É uma revista com alto impacto (estrato superior do Qualis A1) e rigoroso sistema de *peer-review*.

2. Revista Intercâmbio (Congressos Internacionais de Humanidades - UnB) (Membro do Conselho Editorial): Periódico de vocação interdisciplinar, vinculado aos Congressos Internacionais de Humanidades da UnB. Minha participação foca na seleção de produções que promovam o diálogo entre a Linguística e outras áreas das Humanidades, possibilitando o rigor científico em publicações que nascem de debates internacionais realizados na nossa instituição.
3. Revista Fluxos (Membro do Conselho Editorial): Atuação focada na curadoria de textos que discutem os fluxos de conhecimento na educação e nas linguagens, zelando pela coerência teórica e pela inovação temática das submissões.
4. Travessias (UNIOESTE - Online) (Membro do Conselho Editorial / Parecerista): Revista consolidada na área de Letras e Artes, onde atuo

na avaliação de artigos que exploram a linguagem em suas múltiplas fronteiras, especialmente na interface com a cultura e a identidade.

5. Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal (Membro do Conselho Editorial): Publicação estratégica para a educação no DF, voltada para a articulação entre a academia e a prática docente na educação básica. Minha presença no conselho reforça meu compromisso com a formação de educadores e com a melhoria da escola pública.
6. Revista Participação (ISSN 1677-1893 / 2238-6963) (Membro do Conselho Editorial): Órgão de divulgação da Extensão Universitária da UnB, no qual minha atuação visa validar e incentivar o registro das práticas extensionistas como produção de conhecimento acadêmico de alta relevância social.
7. Editora Contexto Digital (Membro do Conselho Editorial): Atuação na supervisão de coleções e livros digitais, focando na qualidade da produção científica voltada para o ambiente virtual e para o acesso aberto.
8. CEGRAF-UFG (Conselho Consultivo Editorial): Atuação em órgãos de fomento à publicação acadêmica regional (Centro de Recursos Gráficos da UFG) e institucional.

3.3.6.3 A Escuta Crítica: Atuação como Parecerista Ad Hoc

Minha atuação como avaliadora e parecerista em periódicos situados nos estratos superiores do sistema Qualis (A1 e A2) tem me permitido contribuir ativamente com a validação da produção científica nas áreas de Linguística e Educação. Essa prática de assessoria técnica, pautada pelo rigor e pelo diálogo constante com os pares, reforça o vínculo de cooperação acadêmica e reflete a inserção mútua em debates de alto impacto na pesquisa nacional e internacional.

I. Periódicos de Referência em Linguística e Humanidades

1. Bakhtiniana (Revista de Estudos do Discurso): Um dos periódicos mais prestigiosos da área, no qual avalio trabalhos que dialogam com o

pensamento de Bakhtin e o Círculo, eixo central de muitas de minhas reflexões sobre o humor e a linguagem.

2. Domínios de Linguagem: Importante veículo de difusão de pesquisas teóricas e aplicadas em Linguística.
3. Textos em Linguística Aplicada (TLA): Avaliação de pesquisas focadas no uso real da língua e no ensino.
4. Texto Livre: Continuidade da colaboração técnica na intersecção entre linguagem e tecnologia.

II. Periódicos de Excelência em Educação e Política Pedagógica

Minha contribuição nesta frente foca na qualificação das respostas "provisórias" para os desafios da escola e da formação docente:

1. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP/INEP): Atuação como Consultora Ad Hoc para o INEP, avaliando estudos de impacto nacional sobre políticas educacionais.
2. REVEDUC (Revista Eletrônica de Educação - UFSCar): Parecerista em um dos principais canais de debate acadêmico sobre práticas educativas.
3. Cadernos de Pesquisa: Tradicional publicação da Fundação Carlos Chagas, referência em pesquisa educacional no Brasil.
4. Olhar de Professor e Ensino Superior: Avaliação de relatos e pesquisas sobre a docência e os desafios da universidade contemporânea.

III. Extensão, Sustentabilidade e Interdisciplinaridade

1. Revista Brasileira de Extensão Universitária: Validação de práticas extensionistas como saber científico.
2. Revista Sustentabilidade: Avaliação de temas emergentes e sua relação com o discurso e a sociedade.
3. Carpe Diem: Revista de caráter interdisciplinar e humanístico.

IV. Comitês Científicos de Eventos Internacionais

1. Simpósio Internacional de Ensino de Língua Portuguesa (SIELP): Além da atuação em revistas, componho o Comitê Científico deste que é um dos maiores eventos da área, decidindo sobre a relevância e o rigor das pesquisas apresentadas por pesquisadores de diversos países.

3.3. A arquitetura da rede: design e estrutura da colaboração em pesquisa

Arquitetura é linguagem e em toda linguagem há uma arquitetura, no sentido de criação (Ribeiro, 2023, p. 39).

A excelência na pesquisa exige uma estrutura de colaboração bem definida e um design estratégico de redes que amplificam a atuação e o alcance dos estudos. Onde há linguagem, há a possibilidade de se criarem estruturas; e onde há arquitetura há a linguagem do planejamento e da forma. Assim, a minha atuação demonstra a crença de que a produção de conhecimento não é um ato isolado, mas uma construção colaborativa e planejada.

Minha participação ativa em grupos de pesquisa e redes internacionais é um pilar importante nessa arquitetura dessa rede de colaboração que se desenvolve em três níveis de escalabilidade, refletindo o crescimento contínuo de minha imersão na ciência.

3.3.1 A base da colaboração: formação e prática docente (GAPP)

Não se trata de aceitar uma mistura apressada de ideias ou uma superposição de domínios populares aos conhecimentos acadêmicos, ao contrário, o que se propõe é uma convergência de campos do saber (Ribeiro, 2023, p. 87).

A fundação dessa arquitetura de redes reside na experiência inicial de colaboração interdisciplinar e no engajamento com a prática docente. O Grupo de Apoio Pedagógico e Pesquisa (GAPP) funcionou como o primeiro canteiro de obras, a partir do qual o diálogo entre diferentes áreas do saber estabeleceu a metodologia de trabalho em equipe e o foco na resolução de problemas concretos da educação.

Assim, minha intensa participação em grupos de pesquisa teve início no GAPP. Inicialmente criado na Universidade de Uberaba com o objetivo de oferecer apoio pedagógico aos docentes que não tinham formação na

área, o GAPP ministrou o curso de especialização “O Fazer e o Pensar no Cotidiano da Sala de Aula” com o objetivo de promover o desenvolvimento pedagógico dos professores, visando o seu contínuo aperfeiçoamento a partir da reflexão de sua prática educativa.

Sem perder esse propósito inicial, o GAPP evoluiu rapidamente para um espaço de investigação e manteve estreita colaboração com professores do Mestrado em Educação: Formação de Professores dessa Universidade, elegendo o curso como objeto de sua pesquisa. Dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa, o grupo se propôs a investigar como teorias, conceitos, ideias e métodos pedagógicos tinham sido compreendidos, assimilados e utilizados pelos professores que frequentaram o curso.

Composto por uma equipe multidisciplinar de professores, o grupo, que integrei como linguista, dedicou-se à formação continuada de professores e a pesquisar as práticas docentes. Essa experiência inicial foi crucial para consolidar meu interesse na intersecção entre linguagem, educação e práticas pedagógicas transformadoras, temas que formam a espinha dorsal de minhas orientações atuais.

3.3.2 Grupos de pesquisa nacionais (liderança e interdisciplinaridade)

O esforço includente e cada vez mais aberto a novos campos de pesquisas (Ribeiro, 2023, p 87).

A consolidação da pesquisa em nível nacional se deu pela criação e liderança de grupos que materializam a interdisciplinaridade e a crítica. O design da rede nacional permite a costura de diferentes fios, como:

3.3.2.1 ALEA – Laboratório de Associação da Linguística, Literatura, Educação, Estatística, Antropologia e Artes em estudos do Contato de Línguas, Variedades Linguísticas, Grupos Sociais e Culturas em Áfricas, Europa e Américas:

Neste laboratório de associação, a pesquisa se desenvolve em uma perspectiva verdadeiramente interdisciplinar, conectando áreas como Linguística, Literatura, Educação e Ciências Humanas para estudar fenômenos complexos.

O foco em Contato de Línguas, Variedades Linguísticas, Grupos Sociais e Culturas em diferentes continentes (África, Europa e Américas) permite uma compreensão aprofundada da diversidade linguística e cultural, tema central da minha linha de pesquisa.

Minha atuação contribui diretamente para a consolidação de estudos que ultrapassam as fronteiras disciplinares tradicionais, gerando conhecimento inovador sobre a dinâmica da linguagem em contextos multiculturais.

Este Grupo, portanto, é a expressão máxima da interdisciplinaridade, buscando mapear as complexas relações de contato linguístico e cultural, com um forte foco nas diásporas e nas variedades em contextos sociolinguísticos diversos e me permite alinhar as pesquisas linguísticas às práticas de sala de aula.

3.3.2.2 SIGNO: significantes e os significados do ensino e da produção de textos: pesquisa, ação, reflexão:

O grupo SIGNO é fundamental para ancorar as pesquisas na prática pedagógica e na ação transformadora. O foco em ensino e produção de textos ressoa diretamente com as temáticas de letramento e autoria desenvolvidas nas orientações de Mestrado e Doutorado e, nas supervisões de Pós-Doutorado.

A metodologia pautada na pesquisa, ação e reflexão garante que os resultados dos estudos sejam aplicáveis e relevantes para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, particularmente no que tange aos gêneros textuais e à competência comunicativa, uma vez que toma a pesquisa como norteadora das ações pedagógicas que, por sua vez, desencadeiam a reflexão sobre a prática.

O grupo SIGNO atua como o motor para a renovação pedagógica, concentrando-se na relação entre teoria e prática na produção e ensino de textos. A estrutura do grupo promove um ciclo de pesquisa, ação e reflexão, cooperando para que as descobertas acadêmicas se traduzam diretamente em intervenções qualificadas na sala de aula.

3.3.3 Redes de estudo internacionais (projeção e alcance global)

Não se trata de negar as ciências consagradas, nem tampouco a filosofia e a arte, mas de assegurar um lugar também para a imaginação humana em todos os seus campos, em todas as suas dimensões e em todas as suas possibilidades de criação (Ribeiro, 2023, p. 88).

A expansão da Arquitetura da Rede alcança sua máxima projeção nas colaborações internacionais. Com esse entendimento, defino a missão desse alcance global delineada na epígrafe: a pesquisa não pode se restringir aos modelos estabelecidos. Pelo contrário, ela deve abrir espaço para a imaginação humana em sua plenitude, integrando a ciência, a filosofia e a arte em um esforço contínuo de criação.

As Redes de Estudo Internacionais materializam essa busca por uma visão holística e desterritorializada do conhecimento. Elas são o ponto de convergência indicando que a experiência local brasileira dialoga com as tendências globais, contribuindo para que as descobertas da minha linha de pesquisa tenham pertinência transnacional e contribuam para o avanço da Linguística Aplicada ao Ensino e do Letramento Crítico em escala mundial.

Essa articulação se dá por meio de convênios estratégicos que endereçam questões de alta complexidade social e cultural:

3.3.3.1 BADALA - Banco de Dados de Línguas Africanas e Afrodescendentes (Convênio/Rede Internacional):

O BADALA tem como objetivo reunir pesquisas de diferentes áreas do conhecimento humano para compor um banco de dados multidisciplinar (língua, educação, cultura, entretenimento, economia, saúde, entre outras) de línguas africanas e afrodescendentes, como o Português Brasileiro, o Kabuverdianu e outras línguas crioulas.

Essa rede internacional é estratégica, pois formaliza e divulga um repositório de dados de natureza bibliográfica, de campo e de aplicação.

A colaboração no BADALA integra os resultados de pesquisas dos projetos correlacionados ALEA e SIGNO, fornecendo uma plataforma crucial para a pesquisa sobre o contato de línguas e a diversidade cultural em uma perspectiva atlântica e global.

Este banco, de alta relevância sócio-histórica, visa construir um repositório de dados sobre línguas africanas, cumprindo uma função de Design Social ao resgatar e mapear o patrimônio linguístico e cultural que atravessa o Atlântico.

3.3.3.2 REDE/Itália²³ - Rede de Estudos da Língua Portuguesa ao Redor do Mundo:

Minha participação nesta rede internacional projeta a pesquisa para o cenário global, conectando o trabalho desenvolvido no Brasil a pesquisadores de diversos países, com especial atenção à Itália, cujo interesse pela língua portuguesa falada no Brasil é traduzido pelos diversos cursos de língua portuguesa ofertados nas universidades italianas.

O foco no estudo da Língua Portuguesa ao redor do mundo é essencial para compreender a dimensão sociolinguística e geopolítica do idioma, alimentando as discussões sobre variação linguística, ensino de Português Língua Estrangeira- PLE e as implicações do contato de línguas em contextos globais.

Essa colaboração fortalece a internacionalização da pesquisa e facilita a troca de conhecimentos, metodologias e experiências com excelência comparativa.

A finalização da arquitetura da rede se dá com a projeção internacional, que assegura o diálogo com o conhecimento global e a pertinência transnacional dos estudos brasileiros. As redes estabelecidas permitem.

Assim, minha participação nesta rede fortalece o estudo da Língua Portuguesa em contextos de migração e internacionalização, contribuindo para a discussão sobre políticas linguísticas e a difusão da cultura brasileira em escala global.

²³ O objetivo geral do projeto REDE/Itália é promover um conjunto articulado de projetos de pesquisa e de pesquisa-ação, no sentido de conhecer descritivamente as multifaces literárias, tipológicas, discursivas e linguísticas que estão na base da sociedade brasileira e, conseqüentemente, da sua língua-cultura, difundir a língua falada e escrita no Brasil e seu grande patrimônio literário cultural de modo a aumentar a procura pela formação em português como língua estrangeira e língua de herança em contexto universitário na Itália.

3.4. Participação em bancas examinadoras e comissões julgadoras

Aí entra a pesquisa. Sem pesquisa não há ação que se sustente. É na universidade que se desenvolve a pesquisa. E é a partir das descobertas, ou dos resultados dessas pesquisas, que se eleva o padrão de vida da sociedade, quer no plano da educação, da saúde, da tecnologia ou do meio ambiente (Ribeiro, 2023, p. 56).

A atuação em bancas examinadoras representa um dos pilares da responsabilidade institucional do docente, configurando-se como um momento de rigorosa validação da produção científica e de compromisso com a renovação dos quadros acadêmicos. Ao longo da minha trajetória, tenho sido solicitada a integrar comissões em diferentes níveis, desde processos seletivos para a carreira docente até defesas de alta complexidade em programas de pós-graduação.

Minha participação nessas instâncias é pautada pelo equilíbrio entre o rigor metodológico e a escuta dialógica, buscando sempre contribuir para o aperfeiçoamento dos trabalhos apresentados e para a excelência dos processos de seleção. Essa atividade de avaliação é, em última análise, um exercício de assessoria científica prestado à comunidade acadêmica, no qual o olhar experiente colabora para a manutenção dos padrões de qualidade que regem o Instituto de Letras e a Universidade de Brasília.

As bancas de pós-graduação *stricto sensu* representam a minha inserção no debate científico de alto nível. Ao avaliar teses e dissertações, busco exercer uma crítica construtiva que assegure o rigor metodológico e a originalidade das pesquisas. Minha contribuição nessas instâncias visa não apenas a titulação do candidato, mas o fortalecimento das linhas de pesquisa em Linguística e em Educação, esperando que os trabalhos que recebem o aval da banca representem avanços significativos para a ciência nacional e internacional.

Nas bancas de pós-graduação, esse "entrelaçamento" manifesta-se no diálogo entre o saber do candidato e a crítica dos pares. A avaliação aqui visa consolidar a maturidade do pesquisador, ensejando que a sua tese seja um fio forte e original no tecido da ciência contemporânea.

Destaco a honra e a alegria de ser lembrada por ex-alunos e por colegas e convidada com frequência a compor bancas de qualificação e de defesa.

A seguir, apresento as participações, organizadas por natureza de avaliação, a minha contribuição ao diálogo acadêmico ao compor essas bancas.

3.4.1. Bancas de concursos públicos e processos seletivos

De repente me pareceu que o melhor caminho seria perguntar isto: por que essas escolhas? Por que reproduzimos modelos em educação e não refletimos sobre a nossa própria prática, construindo novos modelos? (Ribeiro, 2023, p. 15)

A atuação em bancas de concursos públicos e processos seletivos é o momento em que a reflexão ética e política se materializa na prática institucional. Entendo esses certames como o momento máximo da 'escolha de fios' para a teia acadêmica: seja ao selecionar o futuro colega docente que oxigenará a universidade, seja ao identificar o futuro pesquisador que trará novos pontos e tramas para o Mestrado e o Doutorado.

Em ambos os cenários, minha interrogação é a que apresento na epígrafe: busco sujeitos que não apenas reproduzam modelos estáticos, mas que tenham a coragem de habitar a própria prática com criticidade. Na seleção de novos docentes, priorizo o compromisso com a transformação do ensino público; nos processos seletivos de pós-graduação, busco o brilho da curiosidade e o rigor técnico que permitam ao candidato não apenas entrar no labirinto acadêmico, mas saber percorrê-lo com autonomia.

A atuação em bancas de concursos públicos e processos seletivos é o momento em que a reflexão proposta em meus livros se materializa na prática institucional. A escolha de novos docentes para a universidade é o momento máximo da "escolha de fios" para a teia institucional. Essa interrogação guia o meu olhar avaliador: busco profissionais que não apenas reproduzam modelos, mas que tenham a coragem de refletir sobre a própria prática, contribuindo para a renovação e solidez da UnB e de outras IFES.

Ao participar da escolha de novos docentes e pesquisadores, busco romper com a simples reprodução de modelos estáticos, priorizando candidatos que demonstrem, além do rigor técnico, a capacidade de refletir sobre sua própria prática e de contribuir para a construção de novas frentes na educação e na linguagem. Essa atividade é exercida com o compromisso de selecionar profissionais que oxigenem a universidade e assumam o papel de sujeitos ativos na evolução do ensino público superior.

Entendo, assim, que participar dessas escolhas é zelar pela renovação da vida institucional, garantindo que a UnB e outras IFES continuem sendo espaços de invenção e não de mera repetição.

Segue, a seguir, o registro da minha contribuição na seleção de novos professores e pesquisadores:

Registro a seguir o acompanhamento da formação inicial e do amadurecimento das pesquisas:

3.4.2 Bancas de mestrado: o refinamento da trama

É essa a figura que buscamos na educação. Sair do discurso do senso comum e buscarmos na diversidade de pontos de vista o caminho para nossas aprendizagens. (Ribeiro, 2023, p. 69).

Nesta categoria, a avaliação transcende o 'alinhavo' inicial da graduação para se tornar o refinamento da trama. Ao participar de bancas de qualificação e defesa de Mestrado, entendo que meu papel é tencionar os fios da pesquisa, desafiando o pós-graduando a superar a superfície do óbvio e a mergulhar na densidade do saber científico. Aqui, a diversidade de pontos de vista mencionada por Ribeiro não é apenas um exercício de escuta, mas a matéria-prima para que o pesquisador consolide sua própria voz no diálogo acadêmico.

Encaro esse papel como um compromisso com a solidez da urdidura: zelar para que o tecido da tese ou dissertação suporte o peso da crítica e a exigência da inovação. Avaliar, neste nível, é um ato de curadoria intelectual, onde buscamos garantir que o egresso não apenas domine a técnica, mas habite a teoria com a segurança de quem sabe navegar em águas profundas.

Registro, a seguir, as contribuições para o amadurecimento dessas pesquisas e para a consolidação de novos mestres:

Quadro 4 Participações em bancas de mestrado

	Mestrando	Qualificação/Defesa	Data
1	Alex Uilamar do Nascimento Cunha	Defesa	10/03/2020
2	Alex Uilamar do Nascimento Cunha	Qualificação	09/05/2019
3	Aluizio Moreira de Oliveira Filho	Defesa	10/02/2023
4	Ana Cristina Lopes Romeiro	Defesa	13/12/2018
5	Ana Cristina Lopes Romeiro	Qualificação	27/08/2018
6	Annaihê Catherine dos Anjos Ribeiro	Defesa	26/02/2025
7	Annaihê Catherine dos Anjos Ribeiro	Qualificação	28/06/2024
8	Armando Gutierrez Cisneros	Defesa	27/02/2020
9	Armando Gutiérrez Cisneros	Qualificação	18/01/2019
10	Bárbara Carolina Vanderley Boaventura	Defesa	31/08/2023
11	Carlos Eugênio da Silva Rêgo	Defesa	21/02/2024
12	Carlos Eugênio da Silva Rêgo	Qualificação	11/07/2023
13	Debora Torquato de Almeida	Qualificação	27/03/2029
14	Diego Souza Santos	Defesa	30/11/2022
15	Diego Souza Santos	Qualificação	26/08/2022
16	Edilaine Mendes Dias de Andrade	Defesa	14/05/2024
17	Edilaine Mendes Dias de Andrade	Qualificação	11/12/2023
18	Erildo Fernandes de Souza	Qualificação	24/03/2023
19	Fabiana Rodrigues de Araujo	Defesa	20/11/2019
20	Fabiana Rodrigues de Araujo	Qualificação	25/04/2019
21	Genildo Fernandes Gonçalves	Defesa	26/04/2024
22	Giovanna da Silva Mendes	Defesa	15/05/2024
23	Giovanna da Silva Mendes	Qualificação	07/12/2023
24	Ivonete da Silva Oliveira	Defesa	13/11/2020
25	Jandira Azevedo da Silva	Qualificação	25/03/2019
26	Jean Marcio Silveira	Defesa	26/02/2016
27	Jean Marcio Silveira	Qualificação	17/08/2015
28	Jeanne Michelle Matozinhos de Carvalho Ferreira	Defesa	11/05/2020
29	Jeanne Michelle Matozinhos de Carvalho Ferreira	Qualificação	25/11/2019
30	João Otavio Sousa	Qualificação	24/04/2023
31	Karana Martins Machado Albernaz	Defesa	22/02/2017
32	Karana Martins Machado Albernaz	Qualificação	07/07/2016
33	Leonardo Jose Ferreira dos Santos	Defesa	01/12/2020
34	Lucas Aryel	Qualificação	17/02/2025
35	Luisa Barbosa de Lima	Defesa	09/03/2018
36	Manuel Carlos Marques Montenegro Lopes da Cruz	Defesa	19/05/2021
37	Marcelo José Rodrigues da Conceição	Defesa	05/07/2019
38	Marcelo José Rodrigues da Conceição	Qualificação	15/10/2018
39	Marta Divina Pereira da Silva	Defesa	01/06/2020
40	Marta Divina Pereira Silva	Qualificação	08/03/2019
41	Michelle Pereira Soares	Defesa	05/07/2019
42	Michelle Pereira Soares	Qualificação	15/10/2018
43	Mircea Cândida Ferreira	Defesa	15/12/2020

44	Mirceia Candida Ferreira	Qualificação	12/07/2019
45	Paulo Vitor Rodrigues de Melo	Defesa	25/02/2026
46	Poliana Coutinho Campos da Silveira	Qualificação	26/09/2022
47	Raissa Newman Simão	Defesa	15/08/2018
48	Renata Rocha Cardoso	Qualificação	12/12/2022
49	Renata Rocha Cardoso	Qualificação	12/12/2022
50	Seânio Sales Avelino	Defesa	08/12/2025
51	Seânio Sales Avelino	Qualificação	25/06/2025
52	Selma Monteiro Coelho	Defesa	11/03/2020
53	Selma Monteiro Coelho	Qualificação	10/07/2019
54	Solange Maria Pereira da Silva	Defesa	18/12/2023
55	Stephanie Sales Rodrigues Nonato	Defesa	05/12/2022
56	Stephanie Sales Rodrigues Nonato	Qualificação	20/04/2022
57	Susana Menezes Araújo	Defesa	28/02/2020
58	Susana Menezes Araújo	Qualificação	18/01/2019
59	Tayse Castelo Ribeiro	Defesa	03/07/2023
60	Tayse Castelo Ribeiro	Qualificação	16/05/2022
61	Thayles Moura dos Santos Silveira	Defesa	12/07/2019
62	Túlio Felipe Villafañe Ribeiro	Defesa	30/09/2020
63	Valker Lopes Quirino	Defesa	11/10/2022
64	Valker Lopes Quirino	Qualificação	30/06/2022
65	Vivian de Lima Maia	Defesa	17/12/2025
66	Vivian de Lima Maia	Qualificação	28/05/2025
67	Weruska Karrize Soares Coutinho Furriel	Defesa	26/06/2023
68	Weruska Karrize Soares Coutinho Furriel	Qualificação	28/04/2022
69	Wescley da Silva Alves	Defesa	26/02/2021
70	Wilma Jose Sabino Kamiura	Defesa	06/07/2018

3.4.3 Bancas de doutorado: o arremate da trama

A noção de entrelaçamento está muito mais ligada à relação que os sujeitos da educação estabelecem consigo mesmos e com os seus pares...(Ribeiro, 2023, p. 96).

Se a graduação é o alinhavo e o mestrado o refinamento, o doutorado representa o arremate da trama. Participar de bancas de doutorado é, para mim, um exercício de alteridade radical: é o encontro entre pares, onde a avaliação deixa de ser uma orientação para se tornar o reconhecimento da autonomia plena do pesquisador.

Nesta etapa, o rigor avaliativo busca identificar a solidez de uma construção que suporte não apenas o método, mas a coragem do inédito. O 'arremate' aqui não significa o fechamento do saber, mas a segurança de um ponto bem dado, que permite ao novo doutor lançar seus próprios fios sobre o desconhecido com firmeza e autoridade. Avaliar uma tese é,

portanto, zelar pela integridade de uma obra que agora possui resistência própria para sustentar o peso da crítica e o vigor da inovação.

Quadro 5: Participações em bancas de doutorado

	Doutorando	Qualificação/Defesa		Data
1	Ademar dos Santos Lima	Defesa		05-12-22
2	Alessandro Borges Tatagiba	Defesa		28-06-19
3	Armando Gutiérrez Cisneros	Qualificação		24/02/24
4	Audiney José Pereira	Defesa		24-02-26
5	Audiney José Pereira	Qualificação		20/02/25
6	Bruno Bonadio Toledo	Qualificação		03/12/25
7	Edilan Kelma Nascimento Souza	Defesa		28-08-23
8	Edilan Kelma Nascimento Souza	Qualificação		12/08/26
9	Erly Kiel Rosa de Aguiar Silva	Defesa		20-12-21
10	Erly Kiel Rosa de Aguiar Silva	Qualificação		21/02/21
11	Gilberto Antonio Peres	Qualificação		23/11/23
12	Glaucia Cristina Maia Rega e Serra	Qualificação		21/11/20
13	Jandira Azevedo da Silva	Qualificação		26/10/23
14	Jaqueline Gomes dos Santos Teles	Defesa		29-07-21
15	Joao Balbino Silva	Qualificação		30/06/23
16	João Balbino Silva	Defesa		27-02-26
17	Josiane Prescendo Tonin	Defesa		01/08/25
18	Kelly Cristina Nunes de Oliveira	Defesa		23-01-24
19	Limerce Ferreira Lopes	Defesa		25-02-25
20	Lucimar França dos Santos Souza	Defesa		31/07/24
21	Lucimar França dos Santos Souza	Qualificação		10/10/22
22	Luisa Barbosa de Lima	Defesa		02-08-24
23	Luisa Barbosa de Lima	Qualificação		21-07-23
24	Luiz Eduardo Mendes Batista	Defesa		16-02-22
25	Luiz Henrique Gomes Silva	Defesa		30-11-20
26	Maria Cristina Moraes de Carvalho	Defesa		23-11-18
27	Maria Marlene Rodrigues da Silva	Defesa		27-08-18
28	Maria Marlene Rodrigues da Silva	Qualificação		18/12/15
29	Michele Denise da Silva	Defesa		05-07-24
30	Monalisa Angêlica Santana	Defesa		15-03-21
31	Natahalie Letouzé Moreira	Defesa		30-09-19
32	Ofelia Maria Imaculada	Qualificação		19/05/23
33	Rodriana Dias Coelho Costa	Defesa		28-02-20
34	Rodriana Dias Coelho Costa	Qualificação		31/07/18
35	Rosana Budny	Defesa		06-04-15
36	Rosimeire Ferreira Diniz	Qualificação		27/03/25
37	Rosimeire Ferreira Diniz	Defesa		12-03-26
38	Ruy Martins Batista dos Santos	Defesa		17-07-24
39	Ruy Martins Batista dos Santos	Qualificação		29/09/22
40	Shashi Jaiswal	Defesa		20/12/25
41	Susana Menezes Araújo	Qualificação		29/06/23
42	Susana Menezes de Araujo	Defesa		17-12-25
43	Vera Lucia Lopes Silveira	Defesa		01-10-24
44	Vera Lucia Lopes Silveira	Qualificação		28/02/24
45	Victor de Araújo Coutinho	Qualificação		24/04/25

IV O Espelho da Cidade- Gestão e Extensão

A escola deveria devolver ao todo da pessoa a dimensão parcial da função profissional e permitir que as identidades pessoais e profissionais de seus atores culturais, na escola e ao redor da escola considerados desde o ponto de vista da integridade de suas existências, dentro e fora do exercício de uma função pedagógica do eixo ensinar-e-aprender, sejam profundamente percebidas. Não só refletidas, mas refratadas (Ribeiro, 2023, p. 69).

A seção O Espelho da Cidade aborda o trabalho de Gestão e Extensão como a materialização do compromisso institucional com a sociedade. O espelho aqui proposto não se limita a refletir a realidade externa; como aponta a epígrafe, ele deve refratá-la, permitindo que as identidades de todos os atores (professores, alunos e comunidade) sejam percebidas em sua integridade existencial.

O Design Institucional nesse contexto visa conectar o eixo ensinar-e-aprender ao viver-e-transformar. A universidade, atuando como o espelho que refrata a luz, tem a função de quebrar a parcialidade da função profissional e de devolver ao indivíduo a sua totalidade, intervindo ativamente no tecido social.

Essa atuação se desenvolve em duas dimensões complementares, que serão detalhadas a seguir:

- 1- A Gestão como Arquitetura da Instituição: O trabalho em cargos de gestão que estabeleceu as bases curriculares e organizacionais necessárias para a excelência acadêmica.
- 2- A Extensão como Diálogo com a Comunidade: Os projetos de extensão que levaram o conhecimento da universidade para além de seus muros, promovendo o desenvolvimento comunitário e a crítica social aplicada.

4.1. Ecoar para além dos muros: extensão e a devolução do saber

Tirar os muros da escola e abrir grandes portas e enormes janelas para o mundo que a circunda (Ribeiro, 2023, p.91).

Este item foca na Extensão Universitária como a ponte necessária para o diálogo bidirecional entre a academia e a comunidade. Entendendo que a pesquisa e o saber acumulado nos Pavilhões da Inovação (Seção III) não se encerram nos muros da universidade; eles devem ecoar e retornar à sociedade em forma de serviço e transformação. A Extensão, assim, é o mecanismo pelo qual a universidade cumpre seu papel de devolução do saber, promovendo a inclusão social e o desenvolvimento cultural.

O trabalho de Extensão Universitária é o catalisador que transforma a crítica acadêmica em ação social. Se a pesquisa (Seção III) é a coluna da descoberta, a Extensão é o canal pelo qual o calor do conhecimento atinge a comunidade, promovendo a integração indissociável entre ensino, pesquisa e sociedade.

Neste eixo, o conceito de devolução do saber é central. Não se trata de simplesmente levar a universidade para fora, mas de estabelecer um diálogo bidirecional em que o saber científico é aplicado e, simultaneamente, enriquecido pelo conhecimento e pelas necessidades da comunidade.

A Extensão Universitária é o momento em que a Universidade se constitui como o Espelho da Cidade, não apenas refletindo a realidade social, mas refratando-a por meio do conhecimento transformador. Minha atuação nesta frente é guiada pelo princípio de que o saber acadêmico só atinge sua plenitude quando retorna à sociedade como ferramenta de emancipação e cidadania.

Minha trajetória na Extensão abrange desde a gestão institucional até a execução de projetos que impactam diretamente a Educação Básica, a inclusão de minorias e a qualificação profissional:

Os projetos de extensão liderados ou integrados demonstram o compromisso com o Letramento Crítico e o Design Social em contextos de alta vulnerabilidade e necessidade de transformação. Assim, listo aqui os projetos mais significativos, do mais recente aos mais antigos, e que exemplificam minha atuação na extensão desde que ingressei na Universidade de Brasília, tendo sempre em mente que a Arquitetura deste Memorial foi desenhada para mostrar a solidez do Ensino (alicerce) e a inovação da Pesquisa (pavilhões), então, a Extensão representa as portas e janelas abertas dessa edificação. Ela é o elo vital que garante que os frutos colhidos nos laboratórios e salas de aula

não fiquem confinados ao espaço acadêmico, mas se transformem em fios que tecem a realidade social.

Empregando a metáfora da Teia de Penélope, que escolhi para o desenho deste Memorial, considero que a Extensão é o momento em que o tecido da educação, feito e refeito internamente, expande seus fios para se entrelaçar com outras tantas teias da comunidade. É o ato de "esperar aquele que virá" (Ribeiro, 2023), preparando o terreno para que o cidadão comum encontre na Universidade não uma torre de marfim, um lugar inatingível, mas um porto seguro de transformação.

A importância da Extensão reside em sua capacidade de transformar a Universidade no Espelho da Cidade. No entanto, compreendo que esse espelho não deve apenas refletir a realidade como ela é. Pelo contrário, a Extensão opera uma refração, pois ela recebe as demandas sociais e, ao passá-las pelo prisma do conhecimento científico e do ensino crítico, devolve-as à sociedade transformadas em solução, consciência e justiça social.

Assim, nesta arquitetura, a Extensão é o elo que dá propósito à pesquisa: O "Fio de Ariadne" que nos guia nos labirintos da investigação científica (Seção III) encontra seu destino na solução de problemas reais da comunidade, seja no letramento de jovens da rede pública ou na tradução de direitos para línguas indígenas.

A Extensão dá vida ao ensino: é o momento em que a "Poesia do Ofício" (Seção II) ganha corpo quando o aluno de graduação sai da sala de aula para aplicar o que aprendeu em cursinhos populares ou projetos de capacitação, vivenciando a universidade em sua plenitude universal.

A Extensão também consolida o Design Institucional, no equilíbrio do tripé universitário, pois a Gestão (4.2) atua para que a Extensão não seja um apêndice, mas o eixo que justifica o investimento público na ciência e na educação.

A Extensão, portanto, é a prova de que a nossa teia é viva e solidária. Ela é o compromisso ético de que cada descoberta acadêmica deve se traduzir em um benefício concreto, contribuindo para que a arquitetura universitária seja, acima de tudo, um espaço de habitação humana e de construção de cidadania.

Para demonstrar esse entendimento, inicio citando os Projetos de Letramento e Inclusão Social:

4.1.2. A universidade e a escola pública: diálogos e inclusão

Meu trabalho, portanto, volta-se para a dinâmica da sala de aula, para uma abordagem qualitativa, para a quebra de preconceito e a busca de novos paradigmas no ensino da língua materna (Ribeiro, 2023, p. 16).

Na arquitetura deste Memorial, este subitem representa a ponte que conecta o conhecimento teórico à realidade prática dos jovens que buscam na educação um caminho de libertação. Assim, cumpre enfatizar que essa relação não é apenas um "serviço prestado", mas a própria essência da função social da universidade.

Neste pavilhão da Extensão, a relação entre a Universidade e a Escola Pública assume o papel de viga mestra. Se a universidade pretende ser o Espelho da Cidade, ela deve, necessariamente, refletir e intervir na realidade da educação básica, lá onde se forjam as bases da cidadania. Esse diálogo não se dá por uma transferência unidirecional de saberes, mas por uma gênese transgressora (Ribeiro, 2023), quando a academia aprende com a escola ao mesmo tempo em que oferece a ela o rigor da pesquisa e a inovação do ensino.

A inclusão, aqui, é compreendida em sua dimensão mais profunda: não apenas o acesso físico ao *campus*, mas o letramento crítico e a posse da palavra que se faz criadora. Ao levar projetos de leitura, escrita e literatura para as salas de aula da rede pública, estamos, na verdade, tecendo os fios da Teia de Penélope de forma solidária, permitindo que o tecido da educação seja "desfeito e refeito" para acolher as singularidades dos estudantes que virão (Ribeiro, 2023).

A atuação nesta frente é o exercício máximo do Design aplicado à justiça social. É o momento em que a pesquisa sobre Letramentos (Seção III) deixa de ser um gráfico estatístico para se tornar o brilho nos olhos de um aluno que, pela primeira vez, percebe-se como autor de sua própria história e capaz de ingressar no ensino superior.

Os projetos detalhados a seguir materializam esse compromisso de transformar a arquitetura social por meio do verbo que ilumina e inclui. Nessa

perspectiva, o compromisso com a democratização do acesso ao ensino superior manifesta-se em projetos de largo alcance como os descritos a seguir:

1. PROGRAMA: UnB e Rede de Cursinhos Populares do Distrito Federal e Entorno (2025-2026) O presente Programa em Rede, apresentado no Edital DEG/DEX 1/2025, visa envolver os estudantes dos cursos de Licenciatura da Universidade de Brasília (UnB) nas atividades da Rede de Cursinhos Populares do DF e Entorno (RCPDFRA). A Rede de Cursinhos Populares do Distrito Federal e Entorno é uma iniciativa que tem por objetivo construir uma rede de apoio e articulação entre os Cursinhos Populares que atuam na região, promovendo ações em conjunto e fortalecendo a Educação Popular. Com a colaboração institucionalizada, por meio deste programa, e de seus projetos vinculados, espera-se potencializar as atuações da rede com seu fortalecimento e ampliação no DF e Entorno, possibilitando acesso à universidade para cada vez mais estudantes da rede pública.
2. O IL e a Rede de Cursinhos Populares do DF e Entorno (2025-2026): um dos cinco projetos que integra o Programa supracitado e que implementar cursos de formação para estudantes de Letras, que, por sua vez, ministrarão cursos de leitura, produção de textos e análise linguística contextualizada para os alunos do ensino médio e egressos em uma rede de cursinhos populares do DF e Entorno. Neste projeto faço a articulação entre licenciandos da UnB e cursinhos populares para garantir que estudantes da rede pública tenham suporte qualificado para o ingresso na universidade.
3. Leitura crítica e escrita para a universidade (2024).A ação promove a articulação entre universidade e ensino básico, propiciando que licenciandos/as em Letras-Língua Portuguesa e respectiva Literatura pesquisem diretrizes de educação e planejem aulas e materiais didáticos com base em metodologias interativas de ensino-aprendizagem sociodiscursivas e

sociointeracionais para conduzirem atividades como oficinas de leitura crítica, de redação, de revisão textual, de reflexão linguística, entre outros, direcionadas a estudantes regulares da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF) sob minha supervisão como professora de Estágio Supervisionado em Português da UnB e de docentes da SEEDF. O projeto busca: 1. articular professores/as em formação da Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa e respectiva Literatura e professores/as efetivos da SEEDF contribuindo para formação inicial docente e formação continuada; 2. aprimorar competências e sensibilidades linguístico-discursivas de estudantes do Ensino Fundamental e Médio de escolas da rede pública tendo em vista sua formação crítica, cidadã, profissional, bem como sua preparação para processos seletivos e exames nacionais de avaliação; 3. produzir e publicar textos científicos e materiais didáticos de apoio elaborados no âmbito do projeto.

4. Oficinas de Leitura Crítica e ENEM (2022-2024): Projetos como "Leitura crítica e escrita para a universidade" (2024) e "Literatura e Competência Leitora: um olhar para a prova do ENEM" (2022), "O ENEM e os cinco eixos cognitivos: dominar linguagens para escrever com autoria e criatividade" (2016), "Ler, escrever, contar. Portas abertas para a Universidade: Competências linguísticas para a redação de provas discursivas (2016), "Formação de cidadãos para a educação do futuro" (2015-2016), "A prova de redação do ENEM para professores/as do ensino público: aspectos temáticos e critérios de avaliação" (2015), "Como se sair bem na redação de provas discursivas" (2013), "Ler com prazer e escrever sem medo: habilidades linguísticas em leitura" (2011), levaram metodologias socio discursivas para dentro das salas de aula da rede pública (SEEDF), preparando jovens para processos seletivos e para o exercício da cidadania.
5. "Da caneta ao cursor: formação de alfabetizadores para os desafios do ensino remoto" (2022), materializou-se como um curso de formação de professores alfabetizadores para conhecer

os seus desafios e potencialidades, considerando as necessidades advindas da pandemia do COVID-19.

6. Projeto Garatuja (2013-2016): Atuação direta no reforço escolar em Língua Portuguesa e Matemática para estudantes em situação de vulnerabilidade. O Projeto visou promover o melhor desempenho escolar das alunas matriculadas no Projeto Garatuja, por meio de acompanhamento nas disciplinas de Português e Matemática. O desenvolvimento de atividades nessas disciplinas básicas teve por objetivo suprir a carência no aprendizado das alunas, incentivando o gosto pelo estudo e pela leitura e a busca pela capacitação profissional. Foram atendidos 50 crianças e adolescentes com poucos recursos financeiros entre 9 e 17 anos, residente em São Sebastião DF. O Projeto teve sucessivos desdobramentos tais como “Reforço Escolar: Português e Matemática no Projeto Garatuja”(2014), “Reforço Escolar de Português e Matemática no Projeto Garatuja: Letramento e Cidadania” (2016).

4.1.3. Tradução, diversidade e direitos

O sujeito da Escola Cidadã há que garantir o seu direito de participar de maneira o mais livre e motivada possível da escolha de seus objetos do conhecimento. Não para saber, no futuro, o que o outro sabe ou como o outro sabe, mas para que tenha uma plena consciência de seu saber, para que seu saber tenha sabor. (Ribeiro, 2023, p. 48).

A extensão universitária, nesta trajetória, consolidou-se como o espaço por excelência para o exercício da alteridade e o fortalecimento da cidadania. Ao transpor os muros acadêmicos, a prática extensionista funciona como uma ponte necessária para a valorização de saberes tradicionais e a garantia de direitos fundamentais.

Instigada pela provocação de Rubem Alves, para quem o ato de conhecer é indissociável do prazer da descoberta, lembrando-nos que "saber" e "sabor" compartilham a mesma raiz etimológica, minha atuação na extensão universitária pautou-se pelo compromisso de devolver o sentido de fruição ao conhecimento.

Inspirada pela memória e pela poética de Rubem Alves, compreendo que o saber é, muitas vezes, uma "primeira maçã" guardada em gavetas que só se abrem quando o conhecimento faz sentido e ganha sabor. Como ele nos ensina:

A memória é poder estranho. Ela guarda coisas nas suas gavetas, coisas que nem sabemos que existem. Não adianta tentar abrir as gavetas. Elas não abrem. Elas só abrem quando querem. Pois assim aconteceu. Uma gaveta se abriu e dentro dela havia uma maçã vermelha, embrulhada num papel de seda amarelo. Era minha primeira maçã (2005, p. 15).

Assim, concordando que o conhecimento deve ter "sabor", ou seja, deve fazer sentido para quem o produz e para quem o recebe, minha atuação buscou assegurar que os sujeitos envolvidos nos projetos não fossem apenas receptores, mas protagonistas de suas próprias escolhas intelectuais.

Nesta seção, apresento as iniciativas que integraram tradução, respeito à diversidade e promoção de direitos, reafirmando o compromisso de uma universidade que reconhece e honra a plena consciência do saber de cada sujeito.

A extensão também atuou como ponte para a valorização de saberes tradicionais e a garantia de direitos:

1. Estatuto da Criança e do Adolescente em Línguas Indígenas (2022-2025): Participação no projeto de tradução e interpretação das normas do ECA para três línguas indígenas, visando a compreensão e proteção dessas comunidades.
2. Comunidade Kalunga: Embora formalizada como pesquisa, a imersão na comunidade Vão de Almas (2022-2024) promoveu uma devolutiva social significativa ao valorizar os letramentos e manifestações culturais locais.

4.1.4. Qualificação técnica e profissionalização: o design da eficiência e a engrenagem institucional

Além de guardar e repassar o saber produzido fora de seu âmbito, a universidade passou a produzir o conhecimento, por meio de pesquisas, que são devolvidas à sociedade, quer em forma de formação de novos profissionais, quer em forma de extensão universitária, cuja interlocução com a sociedade deve ser o fator preponderante (Ribeiro, 2023, p. 54).

A Extensão como um "Design de Sistemas" (4.2) também se aplicou ao serviço público por meio de projetos e cursos de capacitação. Nessa categoria, o Design de Sistemas (que detalharei em 4.2) é aplicado para aprimorar o funcionamento das instituições e a qualificação de profissionais e estudantes. A extensão atua como uma oficina de ferramentas essenciais, em que o rigor linguístico e a fluência tecnológica são compartilhados para sustentar a qualidade da produção universitária:

1. Capacitação para a AGU e MTE: Desenvolvi e coordenei cursos de Redação Oficial e competência linguística para servidores da Advocacia-Geral da União (2016-2018) e do Ministério do Trabalho e Emprego (2012), utilizando ambientes virtuais de aprendizagem para ampliar o alcance da formação. O objetivo foi transformar a escrita burocrática numa comunicação ética e clara, utilizando o Design Institucional para democratizar o acesso ao padrão culto da língua no serviço público.
2. Programa de Extensão: Revisão em Revista (2018-2020): Programa de extensão que abrigou os projetos afins com o objetivo de promover ações de capacitação e de formação de revisores em periódicos de revistas científicas.
3. Formação de Revisores para Revistas Universitárias: Este projeto (2011-2020) focou na capacitação para revisão de texto com enfoque gramatical, textual e metodológico (ABNT). Numa arquitetura de saber, os revisores são os guardiões da norma e da clareza; eles garantem que os "fios" do tecido científico estejam devidamente alinhados, fortalecendo a credibilidade e o alcance das publicações da nossa universidade. "Projeto Revisão em Revista: Com Censo" (2018); "Projeto Revisão em Revista: Linguística Antropológica" (2018-2020) "Revisão em Revista: ensaios e papéis" (2017-2019); "Curso de Extensão para Revisores de Texto: da prática à teoria(2011).
4. Capacitação de Tutores para o Ensino a Distância (2014-2015): No projeto "A atuação de tutores em disciplinas", o foco foi preparar alunos de graduação para a mediação pedagógica em ambientes virtuais. Essa ação é o reflexo direto da "Sala de Aula sem Paredes", quando a sua palavra criadora formou novos mediadores capazes de manter a teia da educação coesa, mesmo em espaços digitais.

5. Bastidores da Sala de Aula Sem Paredes (2013): Projeto que familiarizou estudantes e docentes com a plataforma Moodle, assegurando que a técnica estivesse sempre ao serviço da pedagogia e da inclusão digital.

4.1.5. A extensão como objeto de reflexão crítica

Para se possibilitar a manutenção da cidadania é preciso conjugar saber com aprender como algo vivo, dinâmico, irrepetível, que pede sempre um complemento; criticar é ação de repensar o que está posto, sem se condicionar ao suposto. (Ribeiro, 2023, p. 42).

Minha atuação não é apenas prática, mas teórica. O projeto "A extensão universitária como possibilitadora do desenvolvimento de práticas acadêmicas" (2020-2024) investigou como essas ações contribuem para o letramento acadêmico de todos os envolvidos, fechando o ciclo entre fazer e pensar a extensão.

Assim, a Extensão em minha carreira não é um apêndice da pesquisa, mas o seu propósito final, deixando que a "palavra que se faz criadora" (epígrafe 2.1) ecoe e transforme a arquitetura social para além dos muros universitários.

4.1.6. Extensão universitária: diálogos, saberes e a interiorização do saber: o alcance nacional via polos UAB

Enfim, pensar entre educadores que o conhecimento não se faz apenas e tão somente nos laboratórios esterilizados e nas bibliotecas com acervo seletivo para eruditos, mas no campo e na cidade, nas ruas e nas favelas, no dia a dia de cada pessoa, e no repassar de saberes de pai para filho, de amigo para amigo, de irmão maior para irmão menor e vice-versa (Ribeiro, 2023, p. 87).

Minha atuação na extensão universitária é pautada pela democratização do conhecimento e pela formação de professores que compreendam a linguagem como prática social e libertadora. Um dos pilares mais significativos dessa trajetória é a minha atuação na Universidade Aberta do Brasil (UAB), na qual a extensão se materializa como uma ponte entre a pesquisa acadêmica e as realidades educacionais mais diversas do país, onde a UnB alcança por meio dos polos do Curso de Letras UAB.

Ressalto que minha atuação na orientação de mais de uma centena de estudantes da UAB/UnB não foi um exercício de gabinete; foi uma jornada de transversalidade geográfica. Ao gerir projetos de extensão em diversos municípios do interior do país, ajudei a concretizar a missão da Universidade de Brasília de ser, de fato, uma universidade nacional.

Por meio dos Polos de Apoio Presencial, meu diálogo com os licenciandos em Letras alcançou comunidades em que a UnB se fez presente pela primeira vez. Essa interiorização permitiu a quebra de fronteiras, pois assim como na minha experiência do Projeto Gestar, o saber produzido no Instituto de Letras em Brasília deslocou-se da capital do país para se transformar em prática pedagógica em salas de aula de municípios distantes, transformando o "distante" em "próximo" por meio da linguagem.

Desse modo, consolidamos a valorização das identidades locais, defendida em minhas aulas de sociolinguística. Em cada polo, orientei os estudantes a olharem para suas próprias realidades linguísticas e regionais. A extensão, sob minha supervisão, não foi uma imposição de modelos prontos, mas uma construção de sentidos que respeitava a cultura local, transformando o licenciando do interior em um protagonista da pesquisa-ação em sua própria comunidade.

Assim, cada projeto orientado serviu como um nó em uma imensa rede de formação docente. Levar a "Atitude de Alice" a esses polos significou despertar em centenas de futuros professores a coragem de questionar e inovar no ensino de línguas, independentemente da distância geográfica dos grandes centros urbanos.

4.1.7 A capilaridade da extensão na UAB: orientação de mais de 100 estudantes

Penso em Brandão, quando propõe “a passagem do cotidiano da escola para a educação do cotidiano”. Penso no sentido proposto por esse antropólogo-educador de abrir as portas da escola em busca de compreender os mundos circunvizinhos, antagônicos, próximos e remotos onde estão, onde vivem e convivem com suas culturas do cotidiano os próprios personagens da vida escolar, para trazer para o campo da educação todas as interligações possíveis das experiências sociais e simbólicas da vida, da pessoa, da sociedade e da cultura (Ribeiro, 2023, p. 92).

Defendo que a extensão deve romper os limites geográficos do *campus*, então, em busca da materialização desse argumento, coordenei e orientei mais de uma centena de estudantes do curso de Letras da UAB em seus projetos de extensão. Nesse sentido, precisei considerar a gestão da diversidade de contextos, pois orientar mais de uma centena de licenciandos significou dialogar com realidades escolares de diversos polos, adaptando as teorias linguísticas para soluções práticas em salas de aula de regiões muitas vezes desassistidas por políticas presenciais. Também foi necessário fazer a mediação tecnológica e humana. Na interface da UAB, a orientação de extensão vai além do conteúdo; ela é um exercício de presença virtual, pela qual estimei os futuros professores a desenvolverem projetos que unissem o rigor da Linguística Textual ao acolhimento das identidades locais de seus alunos.

Assim, cumpre registrar o impacto social multiplicador. Se cada um desses mais de 100 estudantes orientados impactou, em média, 30 a 40 alunos em suas intervenções extensionistas, minha atuação como orientadora atingiu, indiretamente, milhares de cidadãos brasileiros, fortalecendo o papel da UnB como motor de transformação social em âmbito nacional.

A orientação de mais de uma centena de estudantes do curso de Letras da UAB/UnB foi a materialização prática dessa "educação do cotidiano". Ao atravessar as fronteiras geográficas e levar a UnB aos polos de municípios remotos e circunvizinhos, meu objetivo foi justamente "abrir as portas" da universidade para que ela pudesse aprender com as culturas locais e, simultaneamente, oferecer novas ferramentas de leitura de mundo.

Essa experiência reafirma o que descrevo em meu livro, revisitado nas epígrafes que permeiam este Memorial, sobre a "coragem de olhar com outros olhos": encarei o desafio da escala numérica não como uma tarefa burocrática, mas como uma oportunidade de semear a atitude de Alice em professores em formação por todo o Brasil.

4.1.8 Síntese da prática extensionista: o canteiro de obras da cidadania

Refletir tão somente sobre esse ou aquele ato educativo não nos basta. O espelho reflete aquilo que se apresenta a sua frente. E o professor não pode, a respeito de sua

prática docente, simplesmente refletir, mas deve, sobretudo, refratar. No (Ribeiro, 2023, p.61).

A atuação detalhada nesta seção demonstra que a produção acadêmica é uma força motriz para a justiça social, concretizando a visão do Espelho da Cidade que não apenas reflete, mas refrata a realidade em busca de novos caminhos. Essa refração ocorre por meio de três eixos estruturantes:

I. Empoderamento e Arquitetura da Escuta

A realização de oficinas de leitura, escrita e letramento digital em comunidades com baixo acesso a recursos informacionais funciona como a construção de andaimes. Esses suportes permitem aos participantes escalar as barreiras do silenciamento social e do preconceito linguístico. É a aplicação prática da Análise Crítica do Discurso (ACD). Ao empoderar o sujeito com ferramentas de linguagem, transformamos o saber técnico em autonomia política e social.

II. O Professor como Multiplicador: Reforço Estrutural na Educação Básica

Se a Universidade é o Espelho da Cidade, a Formação Continuada é o mecanismo que garante que esse reflexo chegue com nitidez às escolas. O professor da rede pública atua como a viga mestra que sustenta a teia educacional em sua base.

Assim, por meio de workshops sobre metodologias ativas e tecnologias (TICs), garantimos que a inovação pedagógica da pós-graduação não fique restrita aos gabinetes, mas se torne prática viva na sala de aula. Nesse aspecto estabeleceu o elo com o ensino de modo a assegurar a sustentabilidade da teia, de modo que a inovação fluísse para a base, impactando indiretamente milhares de estudantes.

III. Design Sócio-histórico: A Teia da Diversidade e Memória

A arquitetura universitária deve ser, acima de tudo, inclusiva e representativa. O Design Sócio-Histórico na extensão busca preservar as

tramas ancestrais que compõem a identidade brasileira, sustentando que nenhum fio seja rompido pelo esquecimento ou pela hegemonia cultural.

Nesse aspecto, estabeleceu uma conexão necessária com a pesquisa, pois iniciativas de mapeamento e preservação de línguas minoritárias e em risco (em diálogo com o grupo BADALA) transformam o interesse acadêmico em proteção do patrimônio vivo. E assim, estabeleceu também o elo com a Sociedade, cumprindo o dever ético da universidade na guarda e difusão do patrimônio cultural, assegurando que as futuras gerações encontrem uma teia cultural rica, diversa e plenamente preservada.

Em suma, a Extensão é a prova cabal de que a universidade cumpre o seu "dever do sempre" (Ribeiro, 2023). Ao articular o rigor da pesquisa com a urgência das demandas sociais, consolidamos uma trajetória que não apenas produz conhecimento, mas constrói, tijolo por tijolo, uma sociedade mais dialógica e equânime.

4.2 A extensão dos fios: do laboratório à comunidade

Aprender se assemelha ao ato de tecer o fio na roca do cotidiano. E nessa trama aparecem inúmeras possibilidades de entrelaçamento desses fios...(Ribeiro, 2023, p.90).

Se o ensino é o alicerce e a pesquisa é a estrutura, a extensão constitui-se como a janela por onde a universidade alcança o mundo. Ao longo de minha trajetória acadêmica, a articulação entre o conhecimento produzido nos laboratórios de investigação e as demandas da sociedade civil não se deu de forma isolada; antes, manifestou-se como um desdobramento da própria ciência da linguagem. Ministrando cursos, proferindo palestras e coordenando ações extensionistas foi, para mim, o exercício contínuo de desatar os nós da teoria para tecer redes de transformação social. É nesse entrelaçamento de fios que a teoria ganha forma, a palavra ganha escuta e a universidade pública cumpre o seu mais nobre papel: o retorno imediato e sensível à comunidade que a sustenta.

4.2.1. O entrelaçamento dos fios: ações institucionais de extensão

Tivesse Narciso ouvido outras vozes, sua imagem teria se somado às outras tantas. Tivesse Narciso conhecido Alice uma pergunta ao menos lhe teria sido feita: como posso sair daqui? (Ribeiro, 2023, p. 64).

Eixo I: Formação Continuada de Professores e Escrita Criativa

Apresento aqui as oficinas e cursos voltados para o fazer docente e o desenvolvimento autoral de educadores e alunos. Entendendo a escrita não apenas como técnica, mas como exercício de si e de cidadania, estas ações buscaram desatar os nós da produção textual na educação básica e superior, fomentando a autonomia e a criatividade.

Quadro 6 Cursos de oficinas Eixo 1

Item	Atividade / Título	Natureza e Escopo da Ação
1	Curso Oficina do Professor Escritor	Formação voltada à autoria e produção de professores.
2	Oficina de Produção de Textos - Fios e Desafios	Oficina prática focada no desenvolvimento da escrita.
3	Curso oficina do Professor escritor - Escrita Criativa e Acadêmica	Articulação entre a sensibilidade criativa e o rigor acadêmico.
4	Oficina de Produção de Textos - Fios e Desafios (2ª Oferta)	Reoferta da oficina prática de aperfeiçoamento da escrita.
5	Curso Os Significantes e os Significados do Ensino e da Produção de Textos	Formação teórica e prática vinculada às linhas de ensino.
6	Palestra Intertextualidade: Ética e Criatividade no Texto Acadêmico	Abordagem reflexiva sobre autoria e integridade acadêmica.
7	Curso Da Caneta ao Cursor: Formação de Alfabetizadores para os Desafios do ensino remoto	Extensão e apoio emergencial a alfabetizadores na transição digital.
8	Oficina de Produção Textual: Perspectivas Dialógicas	Prática de escrita fundamentada em teorias interativas/dialógicas.
9	Curso Literatura e Competência Leitora	Capacitação focada na formação de leitores críticos.
10	Curso Palavras Criativas: o Desenvolvimento da escrita Crítica e Autoral	Fomento ao pensamento crítico e à expressão independente.
11	Curso Ler, Imaginar e Escrever	Oficina de sensibilização literária e produção escrita.
12	Curso Fios e Desafios da Escrita: Intertextualidade, Ética e Criatividade	Imersão nas complexidades ético-estéticas do fazer textual.
13	Palestra Criatividade na Teoria e na Prática	Reflexão sobre o potencial criativo no desenvolvimento humano.

Eixo II: Diálogo com a Escola Pública e Inclusão Social

Este eixo materializa o compromisso ético e político da universidade pública com a democratização do saber. As ações aqui reunidas compreendem palestras, cursos e projetos de intervenção direta voltados à Educação Básica e à Educação de Jovens e Adultos (EJA), focando tanto no acolhimento de estudantes em vulnerabilidade quanto no nivelamento técnico para exames nacionais e no incentivo à leitura emancipatória.

Quadro 7 Cursos de oficinas Eixo 2

Item	Atividade / Título	Natureza e Escopo da Ação
14	Palestra Ressignificando o processo de letramento na EJA	Intervenção teórica e prática voltada à Educação de Jovens e Adultos.
15	Palestra Ri melhor quem ri na escola - CED 3 Sobradinho	Ação de extensão focada na dinâmica escolar e no cotidiano da rede pública.
16	Curso A prova de redação do ENEM	Oficina de democratização e preparação para o acesso ao ensino superior.
17	Curso Portas Abertas para a Universidade	Projeto institucional de acolhimento e aproximação com a comunidade escolar.
18	Curso O ENEM e os Cinco Eixos Cognitivos	Análise metodológica das matrizes de competência do Exame Nacional.
19	Reforço Escolar de Português: Ler com Prazer, Escrever sem Medo	Atendimento e intervenção pedagógica direta com estudantes da educação básica.

Eixo III: Qualificação Profissional e Prática Editorial

Neste eixo, reúno as ações de extensão cujos conhecimentos oriundos da ciência da linguagem e da engenharia textual expandem-se para o campo do desenvolvimento técnico, corporativo e institucional. O foco concentra-se na capacitação em redação oficial e técnica para órgãos ministeriais, assessorias jurídicas e no refinamento da práxis de revisão e editoração científica em periódicos de relevância acadêmica.

Quadro 8 Cursos de oficinas Eixo 3

Item	Atividade / Título	Natureza e Escopo da Ação
20	Curso de Redação Oficial MTE	Capacitação institucional destinada aos servidores do Ministério do Trabalho e Emprego.
21	Oficina de Revisão em Revistas	Formação técnica voltada à editoração e práticas de revisão textual.
22	Curso ANPAD	Preparação linguística e instrumental voltada ao contexto corporativo e de gestão.
23	Curso Argumentação e Redação Oficial de Peças e Pareceres	Formação em escrita técnico-jurídica com foco na eficácia argumentativa destinado aos servidores da AGU.
24	Curso A Comunicação no Ambiente de Trabalho	Desenvolvimento de competências discursivas e relacionais no ambiente organizacional.
25	Redação Oficial de Peças e Pareceres Jurídicos	Qualificação técnica em linguagem e normatização no cenário jurídico, destinado aos servidores da AGU.
26	Curso Argumentação e Retórica	Estudos aplicados sobre persuasão e construção do discurso institucional.
27	Oficina de Revisão de Artigos Linhas Críticas	Atividade de extensão editorial para o periódico científico da UnB.

Eixo IV: Redes Interinstitucionais e Diálogos Culturais

Este eixo abarca as ações de internacionalização e intercâmbio de saberes com outras Instituições de Ensino Superior (IES) e coletivos culturais. São debates, rodas de conversa e conferências que operam na fronteira entre o Brasil e o exterior, tencionando questões fundamentais como a diversidade sociocultural, o contato de línguas em África e a relação entre escrita e existência.

Quadro 9 Cursos de oficinas Eixo 4

Item	Atividade / Título	Natureza e Escopo da Ação
28	Palestra Universidade Católica de Brasília - UCB	Diálogo e intercâmbio de saberes acadêmicos com outras IES locais.
29	Palestra aos Diretores de Cursos da Universidade de Coimbra	Cooperação internacional abordando modelos pedagógicos e de gestão (Portugal).
30	Roda de Conversas Exercícios de Resistência: Escrever e Bem Viver. Diálogos entre Brasil e Portugal	Intercâmbio cultural transatlântico unindo escrita, poética e vivência.
31	Roda de Conversas sobre o Contato Linguístico e Educação em Países Africanos e Afrodescendentes	Debate de extensão voltado à sociolinguística, diversidade e relações étnico-raciais.

4.2.2 A expansão das linhas: palestras e cursos em eventos acadêmicos nacionais ou internacionais

E, como Alice, maravilhada e perplexa diante do que nos parece novo, nos perguntamos: como ensinar o outro como outro? (Ribeiro, 2023, p. 69).

Levar a voz da universidade pública a fóruns nacionais e internacionais significa esticar as linhas do nosso tear linguístico, conectando o saber gestado no laboratório a redes globais de diálogo científico. Proferir conferências e ministrar cursos além-muros, com destaque para a interlocução transatlântica estabelecida com a *Università del Salento*, na Itália, por intermédio do Projeto Rede/Itália, permitiu submeter nossas teses à partilha com outros centros de excelência. É nessa dinâmica de expansão que a palavra se enriquece com a polifonia do mundo para voltar ainda mais forte para a nossa base.

Quadro 10 Palestras e cursos em eventos

Item	Ano	Atividade / Título	Evento / Instituição	Âmbito
1	2026	IV Seminário Unisalento: <i>Entre Serras e Vãos: O Inventário dos Letramentos Oraís como Resistência no Quilombo Kalunga</i>	Università del Salento (Itália)	Internacional
2	2026	IV Seminário Unisalento: <i>A Dinâmica Cognitiva das Metáforas no Texto e no Discurso</i>	Università del Salento (Itália)	Internacional
3	2024	Seminário Diálogos Oblíquos	Università del Salento (Itália)	Internacional
4	2024	Seminário Língua e Cultura	Università del Salento (Itália)	Internacional
5	2024	Palestra Magna	XXXVII ENAEL	Nacional
6	2023	Seminário <i>O que significa estudar a gramática do português</i>	Università del Salento (Itália)	Internacional
7	2023	Seminário <i>Minha Pátria é Minha Língua</i>	Università del Salento (Itália)	Internacional
8	2023	Seminário <i>O que é o Brasil? Etimologia e Cultura</i>	Università del Salento (Itália)	Internacional
9	2019	Conferência na SEMUNI 2019	Semana Universitária – UnB	Local/Regional
10	2018	Palestra sobre as obras do PAS	Semana Universitária (SEMUNI) – UnB	Local/Regional
11	2018	Palestra <i>Ri Melhor quem Ri na Escola</i>	Semana Universitária (SEMUNI) – UnB	Local/Regional
12	2018	Oficina <i>Tango e Outros Ritmos</i>	Semana Universitária (SEMUNI) – UnB	Local/Regional
13	2015	Palestra <i>Ri melhor quem ri na escola</i>	Evento de Extensão Escolar	Local/Regional
14	2021	Minicurso	XX Simpósio de Letras – UEMA	Nacional
15	2017	Palestra	II Seminário Letramento na EJA – EAPE	Local/Regional

4.3. O arquiteto e o design institucional

Aquele com o qual executaremos nossos projetos. Os mais singelos, ou mais elaborados planos: projetos de aula, projetos de curso, projetos de vida, projetos de educação (Ribeiro, 2023, p.13).

Este item aborda a Gestão como um ato de Arquitetura. A atuação em cargos de gestão é vista como o planejamento e a construção das estruturas (currículos, normas, projetos) que sustentam a missão da universidade. O Design Institucional assegura que as políticas internas sejam coerentes com o compromisso social e pedagógico da instituição, estabelecendo o cenário no qual a pesquisa, o ensino e a extensão possam florescer de forma integrada e eficaz.

Se a Extensão (4.1) é o diálogo da universidade com o social, a Gestão é o ato de Arquitetura interna que garante a solidez e a sustentabilidade desse diálogo. Neste item, minha trajetória em cargos de liderança e coordenação é apresentada como o Design Institucional em ação, um processo contínuo de planejar, construir e reestruturar a universidade para que ela possa cumprir sua função refratária na sociedade.

A Gestão é entendida como linguagem de criação, na qual as estruturas administrativas e pedagógicas são cuidadosamente desenhadas para promover a integração, a qualidade e a justiça social.

Minha atuação em Gestão abrangeu diferentes níveis e funções, todas orientadas pelo princípio fundamental de que a excelência é inseparável da inclusão. A Universidade, em sua própria essência e universalidade, só se constitui plenamente quando firmada no tripé ensino, pesquisa e extensão.

Neste contexto, a Gestão é entendida como o Design de Sistemas: ela atua como a força moduladora e o eixo central que garante o equilíbrio dinâmico e a interdependência produtiva desse tripé. Não basta que as três dimensões existam; é crucial que a Gestão:

1. Articule o Conhecimento (Pesquisa ↔ Ensino): Assegurando que as descobertas geradas nos Pavilhões da Inovação (Pesquisa) retroalimentem as práticas em sala de aula (Ensino), promovendo a constante atualização curricular.

2. Conecte a Instituição à Sociedade (Pesquisa/Ensino ↔ Extensão): Desenhando projetos de Extensão que levem o saber para além dos muros, ao mesmo tempo em que trazem as demandas sociais para dentro dos planos de pesquisa e ensino, fortalecendo a missão de Espelho da Cidade.

3. Garanta a Inclusão e a Acessibilidade (Eixo Ético): Assegurando que as políticas e as estruturas (o Design Institucional) promovam a diversidade e a equidade, tornando a excelência um valor acessível a todos os atores da comunidade acadêmica.

A Gestão é, portanto, o ato de Arquitetura Institucional que planeja e implementa as correias de transmissão necessárias para que o movimento de uma dimensão (ensino, pesquisa ou extensão) impulse as outras, resultando em uma instituição robusta, responsiva e verdadeiramente universal.

Nesta seção, a minha formação em Arquitetura encontra a sua aplicação mais pragmática e estratégica. Atuar na gestão universitária é exercer o papel de Arquitecta Institucional: é entender que a universidade é um organismo vivo que exige uma engenharia de fluxos constante para que o Ensino, a Pesquisa e a Extensão coexistam em harmonia.

Se ao longo deste Memorial descrevi o Ensino como alicerce e a Pesquisa como os jardins da descoberta, a Gestão representa a inteligência estrutural que permite a toda essa edificação manter-se de pé. Nesta seção, a minha formação na área da Arquitetura e do Design de Interiores e a minha vivência como Linguista convergem para o que defino como Design Institucional: o ato de projetar espaços, normas e fluxos que permitam à "palavra criadora" circular com liberdade e ética.

Gerir a universidade não é um desvio da atividade fim, mas o exercício de cuidar do tear acadêmico. Cada cargo ocupado, na avaliação, na graduação, na extensão ou na administração superior, foi um movimento de tecer fios transversais que garantiram a sustentabilidade da Teia de Penélope. Na gestão, o "fazer, desfazer e refazer" (Ribeiro, 2023) manifesta-se na revisão de normas, na mediação de conflitos e na constante busca pelo equilíbrio do tripé universitário.

Ao longo da minha carreira na UnB, a construção dessa teia institucional seguiu uma lógica de complexidade crescente, partindo da inspeção técnica da avaliação até a visão urbanística da alta administração. O "verbo que ilumina"

(Epígrafe 2.1) foi, em cada reunião de conselho ou despacho administrativo, a ferramenta para transformar a burocracia em hospitalidade pedagógica.

A seguir, detalho como cada função contribuiu para o design deste sistema vivo que é a nossa Universidade.

4.3.1 Avaliação e monitoramento: a inspeção da obra (CPA e CESPE)

A avaliação é uma ferramenta necessária ao processo de construção dos resultados que planejou produzir, tanto quanto no redimensionamento da direção da ação (Ribeiro, 2023, p.78).

Nenhum projeto se sustenta sem um rigoroso processo de avaliação. Minha atuação na Comissão Própria de Avaliação (CPA), de 2010 a 2019, permitiu um olhar minucioso sobre a qualidade institucional.

1. CPA (2010-2019): Atuei inicialmente em Grupos de Trabalho representando o CESPE, e posteriormente como representante docente do Instituto de Letras (IL). Essa longevidade na comissão permitiu-me compreender as fundações da UnB e propor melhorias estruturais baseadas em dados e na escuta da comunidade.
2. Fórum de Professores do CESPE (2010-2011) e Gerência de Interação Educacional CESPE (2011-2013): Como Coordenadora do Fórum e Gerente de Interação, o foco foi o Design de Diálogos. Trabalhei na interface entre a avaliação de larga escala e a prática pedagógica, afirmando que o saber técnico do CESPE estivesse a serviço da educação.

4.3.2. A engenharia da extensão: expansão e normatização (IL e DEX)

Antes de tudo é premente ter a coragem de encarar o desafio de olhar com outros olhos as possibilidades de conjugações da educação para descobrir interligações, interconexões e intercomunicações onde parece haver hiatos e intransitividades (Ribeiro, 2023, p. 42).

A gestão da Extensão foi o período de maiores “obras externas”, conectando o Instituto à Comunidade Externa.

Coordenação de Extensão do IL (2011-2015): Ao longo de dois mandatos, atuei no desenho de políticas que incentivaram o protagonismo de docentes e discentes em projetos sociais.

I. A Atuação no Instituto de Letras: Diálogos e Fluxos

Como representante e articuladora da extensão no IL, trabalhei para que a vasta produção de linguagem e literatura do instituto transbordasse os muros da universidade. Meu papel foi o de "engenheira de pontes", conectando projetos de ensino de línguas, tradução e revisão às demandas reais da comunidade do Distrito Federal, a fim de que o fluxo de conhecimento não encontrasse "intransitividades".

II. A Presidência da Comissão da Resolução CEX N. 01/2015

A maior prova dessa "engenharia de interconexões" foi a minha liderança na Câmara de Extensão (CEX). Durante meu segundo mandato, assumi a presidência da comissão responsável pela criação da Resolução N. 01/2015.

Esta resolução não foi apenas um documento operacional; ela foi o desenho de uma nova arquitetura para a UnB. Ao estabelecer procedimentos para a institucionalização de atividades de extensão, consegui:

Eliminar Hiatos: Criar um fluxo claro para que projetos isolados se tornassem programas institucionais reconhecidos.

Promover Interligações: Unificar os critérios de avaliação e registro entre diferentes centros e faculdades, conferindo equidade ao tripé universitário.

Garantir a Práxis: Normatizar para que o professor pudesse exercer sua criatividade pedagógica com respaldo administrativo.

III. A Extensão como Conjugação do Possível

Minha passagem pela Câmara de Extensão (2013-2015 / 2015-2017) consolidou o entendimento de que a gestão universitária é, também, um ato educativo. Ao normatizar, eu estava, na verdade, abrindo janelas para que outros docentes e estudantes pudessem "conjuguar a educação" de formas inéditas, levando o saber do IL para o mundo e trazendo o mundo para dentro do IL.

4.3.3. A sustentação e o teto do saber: da graduação à pós-graduação

Mais importante do que o tempo, em educação, são os modos como se organizam as ações que envolvem o processo educativo (Ribeiro, 2023, p. 43).

Gerir cursos é cuidar da habitabilidade do conhecimento. É cuidar do "projeto de interiores" da formação acadêmica: garantir que o currículo seja habitável e transformador para o aluno.

Nessa frente, minha atuação cobriu todo o espectro da formação acadêmica, propiciando que o "Fio de Ariadne" dos nossos estudantes fosse contínuo, desde o ingresso no curso diurno até o refinamento intelectual no doutorado.

1. Coordenação Substituta do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL (2022-2023): Atuar na coordenação do PPGL exigiu um Design de Sistemas de Alta Performance. A Pós-Graduação é o espaço no qual a pesquisa se institucionaliza; gerir este programa significou zelar pela qualidade das teses e dissertações, pela manutenção dos conceitos de excelência da CAPES e pelo fomento a um ambiente de produção científica rigorosa e ética.

2. Coordenação de Graduação - Letras Português Diurno (2017-2019): Nessa função, atuei no suporte direto ao corpo discente e na gestão das matrizes curriculares, assegurando que o "Fio de Ariadne" do estudante não se perdesse nos labirintos burocráticos. Assim, como arquiteta dos fluxos curriculares, trabalhei para que a estrutura pedagógica fosse sólida e inclusiva, mediando a transição dos alunos para a vida profissional ou para a pesquisa acadêmica.

3. Universidade Aberta - Curso de Letras (2014-2015): Como Coordenadora Pedagógica da UAB, desenhei estratégias para o ensino mediado por tecnologias, focando na arquitetura digital da aprendizagem e na formação de tutores, lidando com os professores conteudistas, responsáveis pelas disciplinas.

4.3.4. Governança e alta administração

A educação e seu simbolismo são motivados pela cultura e dela se abastecem, pois tanto a história, quanto a educação se compõem de símbolos e geram símbolos que se reproduzem no seio da comunidade na e pela cultura (Ribeiro, 2023, p. 39).

Assumir cargos de representação e gestão na Universidade de Brasília foi, para mim, um exercício de aplicação direta dessa premissa teórica. Se os significados são construídos em práticas determinadas, a gestão universitária não pode ser um conjunto de regras abstratas; ela precisa ser a compreensão das realidades particulares que compõem o ecossistema acadêmico.

Nesta seção, registro minha atuação em conselhos e órgãos deliberativos, quando busquei garantir que a voz da Linguística e da Educação fosse traduzida em decisões institucionais contextualizadas e éticas.

O ápice da atuação em Design Institucional deu-se na participação em instâncias decisórias da UnB.

4.3.4.1 Conselho de Administração - CAD (2017-2020)

Como conselheira, atuei no Planejamento Estratégico da universidade. Compor o CAD exige uma visão macroscópica, tal qual um urbanista planeja uma cidade, decidindo sobre orçamentos, infraestrutura e políticas de pessoal que garantem a sobrevivência e o crescimento da UnB a longo prazo. Inicialmente, atuei como suplente, todavia, com bastante assiduidade, depois, fui indicada como membro titular.

4.3.5. Gestão e representação na extensão: a arquitetura normativa do tripé universitário

Na linguagem, produzem-se compreensões particulares do mundo, isto é, significados particulares. Tal significado é sempre construído, produzido, de forma contextual, no interior de práticas determinadas (Ribeiro, 2023, p. 38).

Minha atuação na gestão universitária foi pautada pela convicção de que a Extensão não é um apêndice do ensino ou da pesquisa, mas o eixo que garante a porosidade da Universidade com a sociedade. Ao longo de dois mandatos na Câmara de Extensão (CEX/UnB), dediquei-me a consolidar as bases institucionais que regem

essa prática, compreendendo que as normas são, em última análise, a linguagem que dá significado e segurança às ações extensionistas.

4.3.5.1 Membro da Câmara de Extensão (2013-2015 / 2015-2017)

Durante meu primeiro mandato (2013-2015), atuei ativamente nas deliberações que visavam o fortalecimento das políticas extensionistas da UnB. Minha contribuição focou em garantir que as resoluções institucionais refletissem a importância do tripé universitário de forma equânime, protegendo o espaço da extensão como *locus* de produção de conhecimento e não apenas de prestação de serviços.

I. A Gestão do Fluxo e a Otimização no UnB Idiomas

No Instituto de Letras, a "Engenharia da Extensão" enfrentou seu maior desafio prático na gestão e coordenação dos processos vinculados ao UnB Idiomas. Diante do volume massivo de projetos, cursos e parcerias gerados por esse centro, um dos maiores vetores de extensão da Universidade, minha atuação foi pautada pela otimização da tramitação.

Identifiquei que o hiato entre a produção pedagógica e o registro administrativo poderia comprometer a agilidade dos cursos. Por isso, trabalhei diretamente na:

Racionalização dos Processos Implementando critérios de análise que aceleraram a aprovação dos projetos de cursos, sem renunciar ao rigor acadêmico.

Mediação Institucional: Atuando como ponte entre o IL e o DEX para garantir que a especificidade do UnB Idiomas fosse compreendida nas instâncias deliberativas, reduzindo o tempo de espera para a institucionalização das atividades.

Escalabilidade: A otimização que promovi permitiu que o volume enorme de demandas fosse absorvido com maior fluidez, permitindo que o direito da comunidade ao acesso às línguas estrangeiras fosse atendido com eficiência e transparência.

Essa experiência de "chão de fábrica" na coordenação de extensão do IL foi o que me deu o subsídio prático para, posteriormente, presidir a comissão da Resolução CEX N. 01/2015, levando a solução de problemas locais para o nível de normatização sistêmica da UnB.

II. Presidência e Legislação Extensionista (Resolução CEX N. 01/2015)

No segundo mandato, minha atuação atingiu o nível de formulação estratégica. Fui presidente da comissão responsável pela elaboração da Resolução da Câmara de Extensão N. 01/2015, que: "Estabelece procedimentos operacionais para a institucionalização de atividades de extensão na Universidade de Brasília."

Essa resolução representou um marco na "Arquitetura Normativa" da UnB. Presidir esse processo exigiu a articulação entre os diversos centros e faculdades, buscando traduzir a complexidade das práticas extensionistas em normas que garantissem a desburocratização e o reconhecimento acadêmico dessas atividades. Ao normatizar os procedimentos operacionais, colaborei para que a extensão deixasse de ser uma atividade isolada para se tornar um processo institucionalmente forte, seguro e auditável.

4.3.6 Síntese do design institucional: a gestão como equilíbrio das tensões

Arquitetura é símbolo, pois como linguagem não é por si, mas representa. (Ribeiro, 2023, p. 39).

A trajetória administrativa aqui pautada revela que a gestão, longe de ser um hiato na produção intelectual, constitui o seu reforço estrutural. Como Designer de formação e Linguista de ofício, compreendo que as instituições são erguidas sobre dois pilares: a norma (a estrutura) e o discurso (a vida que a habita). Gerir, portanto, foi o exercício de garantir que a norma nunca sufocasse a vida, mas que a vida tivesse uma estrutura sólida para florescer.

Nessa Arquitetura da Gestão, cada cargo ocupado entre 2010 e 2023 representou um nível diferente de responsabilidade técnica e ética na manutenção da Teia de Penélope acadêmica:

- A Escuta e o Diagnóstico (CPA/CESPE): Atuar na avaliação foi o meu "estudo de solo". Antes de projetar mudanças, foi preciso entender as fissuras e as potências da instituição. A gestão baseada em evidências e na escuta docente permitiu que eu me visse no espelho e pudesse cooperar para a busca da excelência da UnB.
- A Fluidez dos Espaços (Extensão e Graduação): Na coordenação da extensão e da Graduação, o foco foi o Design de Fluxos. Atuei para desburocratizar o acesso, mediar conflitos e garantir que o aluno, "aquele que virá", encontrasse uma universidade que não fosse um labirinto, mas um caminho de luz e conhecimento.
- A Sustentabilidade do Todo (CAD): No Conselho de Administração, a visão tornou-se urbanística. Gerir recursos e pessoal em tempos de desafios orçamentários exigiu a coragem de quem sabe que uma teia, para ser forte, precisa de pontos de ancoragem firmes. Minhas decisões

no CAD foram norteadas pelo compromisso público e pela preservação do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão.

Essa síntese ratifica que o meu "Dever do Sempre" (Ribeiro, 2023) manifestou-se na disposição para o serviço coletivo. Utilizei o "verbo que ilumina" para redigir resoluções, presidir reuniões e desenhar políticas que protegem a autonomia universitária. A gestão foi, em última análise, o ato de tecer a rede de proteção que permite a outros docentes e alunos realizarem seus próprios sonhos e pesquisas.

Ao pleitear a Titularidade, trago comigo essa expertise: a capacidade de não apenas habitar a universidade, mas de saber projetar, manter e defender a sua arquitetura democrática e científica.

Ao olhar para o percurso traçado entre a Extensão e a Gestão, compreendo que a atuação administrativa e social não se resume ao pragmatismo do "fazer". Se a gestão exige a agilidade da prática, ela jamais deve prescindir do rigor e do norte da ciência, considerando o que advertia Leonardo da Vinci:

Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino.

A jornada administrativa aqui delineada revela que o ato de gerir não se traduz em um desvio da vocação acadêmica, mas em sua própria sustentação estrutural. Como uma designer da educação que busca projetar espaços de convivência e saber, procurei no "verbo que ilumina" a matéria-prima para humanizar processos, harmonizar diálogos e, com paciência, lançar pontes que integrassem departamentos, o Instituto de Letras e a Reitoria.

Minha atuação foi, em essência, um labor guiado pela ética do cuidado, pela qual cada gesto de gestão buscou o equilíbrio sensível entre o rigor necessário da norma e a delicadeza da vida que habita a universidade. Mais do que ocupar cargos, busquei oferecer meu ofício para que a teia institucional permanecesse firme, acolhedora e pronta para sustentar os sonhos daqueles que a compõem.

Essa jornada, contudo, não foi feita apenas de plantas e normas; ela foi feita de gente, de encontros e de transformações. Ao final deste ciclo de

dezesseis anos entre conselhos, coordenações e projetos sociais, o que resta não é apenas o registro dos cargos, mas a marca que esses eventos deixaram em mim. Recorro, então, ao que diz Jorge Larrosa para dar sentido a esse tempo:

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece... por isso ninguém pode aprender da experiência de outro a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (Bondía, 2002, p. 26-27).

Minha participação na gestão e na extensão foi, portanto, o meu modo de responder aos desafios da UnB. Ao "refazer" o tecido pedagógico e institucional, permiti que a universidade me transformasse enquanto eu tentava transformá-la. Minha atuação foi um labor guiado pela ética do cuidado, quando cada gesto buscou o equilíbrio sensível entre o rigor necessário da norma e a delicadeza da vida que habita a academia. Ofereço esse ofício para que a teia institucional permaneça firme e acolhedora, pronta para sustentar os sonhos daqueles que ainda virão habitá-la.

V O Epílogo e a Permanência: A Consolidação da Obra

A sabedoria é a construção dialética do homem e sua experiência, a síntese dos valores espirituais com os conhecimentos organizados e processados nas mais amplas situações de aprender e de desaprender (Ribeiro, 2023, p.89).

O percurso que se finda na Titularidade não é uma linha reta, mas é como a Travessia de Alice, tecida com a constância e a tessitura insistente da Teia de Penélope. Esse Epílogo não é uma conclusão, mas o momento de uma parada reflexiva, em que a memória do caminho percorrido se funde ao idealismo do futuro que almejo.

Assim, esse epílogo encerra este Memorial, não como um ponto final, mas como um ponto de articulação entre a trajetória percorrida e o futuro a ser construído. Com essa compreensão, retomo a epígrafe que resume a essência desta jornada: a sabedoria não é estática, mas uma construção dialética que exige a capacidade contínua de aprender e desaprender. A consolidação da obra, portanto, reside na síntese entre a experiência humana, os valores espirituais e o rigor dos conhecimentos organizados (pesquisa, gestão e ensino).

Creio que este Memorial serviu para trazer à luz a Planta Autoral construída sob a égide de persistência e integridade, e se estabelece como a afirmação do compromisso com o legado.

A seguir, apresento a síntese da alma acadêmica forjada nas adversidades, seguida da reafirmação da ascensão como um novo e solene ponto de partida.

Esse Epílogo, então, se dedica a amarrar os diversos fios da Teia de Penélope tecida ao longo dos anos, demonstrando que a atuação nas áreas do Ensino (Seção I), da Pesquisa (Seção III) e da Gestão/Extensão (Seção IV) forma um todo coeso e inseparável. A Consolidação da Obra é o testemunho da alma acadêmica que se propôs a ser Designer, Gestora e Mediadora, mas, antes de tudo, Professora.

Por isso, ousou me apropriar do verso de Cora Coralina (1997, p.145), para exprimir, a síntese de minha trajetória: “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou”.

5.1. O volume concluído: a síntese da alma acadêmica

Alice atravessa o espelho e se depara com as suas fantasias, com as metáforas explícitas, com a realidade por detrás do espelho. Alice não sabe aonde ir, mas não quer continuar onde está. E procura um caminho. Sabe que a direção a seguir implica escolhas e admite que não tem preferência quanto ao lugar para onde vai. Mas tem certeza de que não quer ficar onde está. É essa certeza que lhe garante a saída (Ribeiro, 2023, p. 63-64).

Esta subseção apresenta a Síntese da Alma Acadêmica que emerge desse percurso, demonstrando que a trajetória é marcada pela coerência entre a filosofia assumida e a *praxis* realizada. A promoção à Titularidade reconhece essa singularidade, em que a sabedoria, conforme definida no Epílogo, é a construção dialética entre a experiência pessoal e o rigor do conhecimento organizado.

A promoção à Titularidade, nesse contexto, é o reconhecimento da consistência e do impacto da obra já realizada, mas é, sobretudo, a assunção formal de um compromisso institucional de permanência. Ser Titular significa consolidar a posição como referência e polo gerador de novas pesquisas, novas lideranças e novos projetos de alcance social. Implica a responsabilidade de manter e expandir as redes de colaboração (3.3.3) e de garantir a sustentabilidade das linhas de pesquisa criadas, assegurando que o Fio de Ariadne do conhecimento continue a ser tecido para as futuras gerações de pesquisadores.

Este Memorial, portanto, não é apenas a catalogação de atividades e realização ao longo de uma carreira acadêmica, ou apenas um relatório de produção, mas o desenho de uma teia única e particular, urdida por saberes e experiências singulares. Embora impulsionada pelo mesmo fuso da academia (ensino, pesquisa, extensão), o compasso e o ritmo dessa obra são inequivocamente próprios.

É, ao mesmo tempo em que sintetiza a minha jornada ao longo de minha formação e do exercício da docência como opção de vida, um ato de confronto com o espelho: o espelho de Alice, que, ao ser atravessado, revela a verdade sobre a própria identidade. A Crônica da Travessia é o registro da constatação

de que o saber só é construído pela luta estoica contra a adversidade, em que a integridade é o único prêmio.

A singularidade desta carreira reside nas marcas de distinção forjadas nos momentos mais críticos, provando que o esforço não se mede pela ausência de obstáculos, mas pela forma como se escolhe superá-los:

- A Coragem do Idealismo: A dedicação pessoal e a resiliência de atravessar por anos mais de 400 km para manter o compromisso com o saber, transformando a crise logística em força moral.
- O Triunfo da Integridade: A superação da adversidade institucional no Doutorado, defendendo o valor da Planta Autoral contra a arbitrariedade.
- A Função Humanística da Linguística: O desenvolvimento da Pedagogia do Rompimento (*Kairós versus Cronos*) na Oficina de Textos, levando ao projeto de Pós-Doutorado sobre catarse e resgate do eu-autor.
- O Olhar Crítico: A expansão internacional para investigar o Enquadramento Retórico do Lide e Letramento como ferramenta de cidadania contra a desinformação.

Nesse sentido, a Síntese da Alma Acadêmica se manifesta na coerência entre:

- O Estudo da Singularidade (Crítica): A adoção da perspectiva estética e crítica como chave para a revisão contínua dos modelos pedagógicos, focando no indivíduo não padronizável (Seção I e III).
- O Compromisso Metodológico (Pesquisa): O foco na Análise Crítica do Discurso (ACD) e na abordagem qualitativa, buscando a quebra de preconceito e a abertura de novos paradigmas no ensino de Língua Materna (Seção III).
- O Design de Redes (Colaboração): A atuação como arquiteta na criação de estruturas sólidas de colaboração (GAPP, Grupos Nacionais e Redes Internacionais) que garantem a projeção global da pesquisa brasileira, entrelaçando essa teia singular a outras tantas teias internacionais (Seção III).

- A Visão Institucional (Gestão e Extensão): A prática do Design Institucional que utiliza o conhecimento para intervir ativamente na sociedade, fazendo a universidade atuar como o Espelho da Cidade que não apenas reflete, mas refrata a realidade em busca de transformação, respeitando o ritmo singular da comunidade (Seção IV).

Assim, a lição que emerge dessa síntese é a da permanência. A experiência adquirida na construção dialética entre teoria e prática tem o condão de me dotar, como professora-pesquisadora, da maturidade necessária para assumir o patamar de Titularidade como um contínuo aprimoramento.

A Titularidade não é o fim da Travessia de Alice, mas a sua reinvenção. É o momento em que a Professora, agora, assume uma responsabilidade ampliada, não apenas com a dignidade individual, mas com a excelência institucional e o bem-estar social.

Nessa caminhada, aprendi com Brandão, é o momento também de reconhecer a importância de tantos outros seres-em-educação, com os quais interagi e sem os quais não teria razão de ser este momento, não teria o que escrever, não teria tantas lembranças memoráveis: os alunos, os colegas, os servidores como nós, mas no exercício de funções administrativas, os que desprendidamente limpam as nossas salas...

A escola, nesse sentido, metaforicamente representada pelo tear da tecedeira, precisa, antes, para trabalhar com seus fios, da roca, das tintas, do descaroçador, do arco e do bodoque, das cardas e do fuso, do caneleiro; das urdideiras, das cardadeiras, das dobradeiras, metáforas para aqueles que indiretamente trabalham na e pela educação (Ribeiro, 2023, p. 90).

5.1.1 Prêmios, homenagens e o reconhecimento da singularidade

Ser professor é uma conjugação de saberes que extrapolam ao aprendizado nos espaços acadêmicos (Ribeiro, 2023, p. 96).

O reconhecimento formal do trabalho – expresso em prêmios, honrarias e homenagens – constitui a validação externa da singularidade da obra (5.1) e do impacto da atuação em suas diversas frentes. Cada distinção recebida não é um ponto de chegada, mas a confirmação de que o compasso singular e o

ritmo da minha produção acadêmica e de gestão ressoaram positivamente na comunidade científica e social.

A conquista da Medalha do Mérito Legislativo, pela Câmara Municipal de Patrocínio, em abril de 2015, representou mais do que um reconhecimento institucional; foi a validação de uma trajetória alicerçada na crença de que as ações em prol da comunidade e da educação nunca são em vão. Ser professor extrapola o diploma, e essa comenda materializa a união entre a técnica aprendida e a humanidade exercida.

Contudo, tenho o entendimento de que esse reconhecimento não é um mérito isolado. Ele é compartilhado com a rede de mulheres que forjaram minha identidade docente. A peculiaridade do meu fazer pedagógico é, em última análise, o reflexo das singularidades daquelas que me precederam.

Por assim entender, considero esse prêmio, entregue a mim, a única



Figura 35 Diploma e medalhas Mérito Legislativo, 2015. Fonte: Patrocínio Online.

mulher homenageada naquela cerimônia, que esse reconhecimento tem suas raízes na Escola Estadual João Beraldo, onde a identidade e profissionalidade de cada mestra depositou em mim os pilares da minha profissão: a liberdade criativa que

tive com a Profa. Valmira

Silva, quando aprendi que a escola é um espaço de estética e música, onde a arte embala a tarefa; o rigor e a organização que me persegue até hoje e que me foi passado pela Profa. Elizene Freitas que, por meio de sua "firmeza amorosa", ensinou-me que o cuidado com o material e a estética do trabalho são formas de respeito ao conhecimento; a ética e o acolhimento que recebi da Profa. Nilcéia Mansur, como o espelho da integridade. Nela, compreendi que a firmeza nas ações deve caminhar junto ao agasalho do braço carinhoso, lição que hoje replico com meus orientandos.

A transição da "menina normalista" para a profissional de carreira foi impulsionada por olhares que enxergaram além do presente. A "profecia" de Dona Judith Furtado exemplifica o papel do mestre como aquele que expande os horizontes do aluno, impregnando na alma uma didática que livro nenhum ensina.

Esse reconhecimento da singularidade também se deu por intermédio das gestoras que me abriram portas: Helena Nunes, Lenir Guimarães e Elizabeth Barbosa. Essa última, ao reconhecer minha dedicação voluntária no Projeto Alfa, transformou o estágio em uma rampa de lançamento para o magistério público, provando que o olhar sensível de um gestor pode alterar o destino de uma educadora.

Assim, entendi que a outorga desse prêmio é um mérito coletivo que representa todas as mulheres-educadoras que me formaram.

Por ser a única mulher a receber tal honraria nessa edição, percebi ser imperativo desconstruir a ideia do "sucesso individual". A medalha pertence



Figura 36 A única mulher, ao lado dos demais homenageados, recebendo a comenda em 2015. Fonte: Patrocínio Online.

também às irmãs da Escola Normal, às colegas de Patrocínio e à Profa. Mariza Rocha (FAFI), que despertou meu rigor científico ao me apresentar a Ciência Linguística.

Com o sentimento de eu era apenas a procuradora desse prêmio, decidi redigir um texto para ser disseminado nas redes sociais, para que alcançasse as pessoas envolvidas e que comunicasse o meu desejo de dividir esse prêmio com essas mulheres tão significativas em minha vida acadêmica.

"Recebo essa medalha em nome de todas as professoras que fizeram parte da minha formação e que forjaram em mim um caráter resiliente e disposto a seguir a carreira a despeito das forças contrárias."

Em suma, este item do Memorial não celebra apenas um objeto de metal, mas a corrente indelével de influências que me permite, hoje, refratar a luz que recebi para as novas gerações de alunos.

5.1.2 Para além das salas de aula: o legado docente na memória de alunos e orientandos

O verdadeiro sucesso dentro e fora da escola depende da habilidade de relacionamento interpessoal, da capacidade de compreender e comunicar ideias e emoções. Quando entramos em contato com o outro, não gerenciamos apenas informação, mas também a nossa relação com ele (Ribeiro, 2023, p. 44).

Ao longo da minha trajetória, compreendi que a sala de aula é, antes de tudo, um ecossistema de encontros. Os depoimentos e testemunhos aqui reunidos, vindos de alunos, ex-alunos e orientandos, transcendem o conteúdo técnico ministrado. Eles são o reflexo da "gestão das relações" mencionada na epígrafe acima; são a prova de que, ao ensinar gramática, linguística ou metodologia, o que se estabeleceu foi um canal de comunicação emocional e intelectual, dentro de uma pedagogia do encontro.

Esses registros representam o sucesso que não se mede por notas, mas pela capacidade de transformar vidas por meio da escuta e do compartilhamento de ideais. Como pontuado por Ribeiro (2023), o ato educativo não é um mero despejar de informações, mas um exercício constante de compreensão do outro.

A seguir, apresento algumas dessas vozes que, ao longo das décadas, confirmaram que o caminho da "firmeza amorosa" escolhido lá atrás, em Patrocínio, continua produzindo frutos:

5.1.2.1 Elogio recebido pela Ouvidoria da UnB

A eficácia de uma trajetória docente não se encerra na transmissão de conteúdos, mas na qualidade do rastro humano que se deixa. Quando a gestão

da relação interpessoal é bem-sucedida, o reconhecimento transborda a sala de aula e alcança as instâncias institucionais, transmutando-se em testemunhos que validam a singularidade do trabalho realizado.

Em julho de 2022, recebi com profunda emoção o Memorando nº 0838/2022/OUV, encaminhado pela Ouvidoria da UnB à Direção do Instituto de Letras. Mais do que um trâmite administrativo sugerindo o registro em meus assentamentos funcionais, o documento trazia o relato *ipsis litteris* de uma orientanda.

Este elogio é a materialização do que defini como a capacidade de comunicar emoções e gerenciar relações. Nele, a aluna destaca:

"[...] A docente desempenha suas atividades com excelência e, além disso, auxilia seus alunos de forma sistematizada, prezando pela assiduidade, entusiasmo e competência. [...] A educadora motiva seus alunos na e para além da produção acadêmica, despertando-os para a escrita criativa, que até então, estava adormecida pelos muitos *nãos* que marcaram a minha vida de estudante. Meus eternos agradecimentos a ela, Doutora Aya."

Esse registro toca no cerne da minha missão: a valorização do potencial humano. Saber que minha atuação foi capaz de despertar uma "escrita adormecida" e curar cicatrizes deixadas por "muitos *nãos*" anteriores confirma que a didática que me foi impregnada na alma pelas mestras de Patrocínio segue viva.

A competência técnica e a sistematização, heranças de Dona Elizene, unem-se aqui ao entusiasmo e ao acolhimento de Dona Nilcéia e Dona Judith. O título de "Doutora Aya", carinhosamente utilizado pela aluna, simboliza esse lugar de mestre que, ao orientar o rigor científico, não descuida da sensibilidade necessária para fazer o outro florescer.

5.1.2.2 Depoimento de ex-aluno da graduação publicado em livro

A maturidade de uma trajetória docente costuma ser medida pelos prêmios institucionais, mas a sua real grandeza reside no reconhecimento daqueles que foram o alvo de nossa dedicação: os alunos. Neste item, registro

uma homenagem que transcende o protocolo acadêmico e se torna um testemunho da minha práxis pedagógica.



Figura 37 Capa do livro organizado por Juliana Dias. Fonte: imagem de internet.

No livro *Ler e (re)escrever textos na universidade: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino* (organizado pela Profa. Dra. Juliana de Freitas Dias), a apresentação de um capítulo escrito por mim (Ribeiro 2019) foi redigida por um ex-aluno da graduação e do PIBID que, de forma poética e sensível, sintetizou meu legado docente. Sob o título "Os 10 Mandamentos de Aya", ele traduziu não apenas o que ensinei, mas o que representei em sua formação, conforme transcrevo a seguir:

Os 10 Mandamentos de Aya (Por Jessé Lima)²⁴

I - Amarás a prática docente;

A professora Ormezinda Maria Ribeiro, ou simplesmente Aya, já trabalhou em todos os níveis da educação, desde o ensino básico até o superior. O seu amor pela profissão é marcante e impacta todos aqueles que têm o privilégio de prestigiar a sua atuação humana e profissional.

II - Honrarás a tua história de vida;

Aya nasceu em Patrocínio, uma cidadezinha de Minas Gerais, e sempre fez questão de demonstrar toda a sua mineirice. Em suas produções acadêmicas, inclusive em sua tese de doutorado, sempre buscou focar a sua cultura e homenagear o povo da qual faz parte. Isso se chama gratidão e pertencimento.

III - Farás tudo com zelo e dedicação;

²⁴ Extraído de: RIBEIRO, O. M.. Ri melhor quem ri na escola. Quando o texto humorístico é também pedagógico. In: Juliana Dias Freitas. (Org.). *Ler e (re)escrever textos na universidade: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino*. 2ed.Campinas- SP: Pontes, 2019, v. , p. 105-107.

Respeitar o próprio trabalho é um dos lemas dessa grande mulher. Fazer o melhor que puder, com o máximo de entrega possível. Isso sempre retorna em trabalhos bem-feitos e pessoas satisfeitas.

IV - Terás fé;

Fé em Deus, no otimismo e na esperança de que o mundo possa ser melhor do que é agora.

V - Serás forte e incansável;

A pequena estatura nunca foi um impeditivo para Ormezinda correr atrás de seus objetivos, muito pelo contrário. Os obstáculos que surgiram pelo caminho a tornaram mais forte e, como ela mesmo diz, lhe deram “casca grossa” para lidar com as adversidades da vida. Tudo isso ajuda em sua caminhada como profissional e ser humano, seja enquanto professora da Universidade de Brasília, consultora do INEP, mãe, mulher ou em qualquer outro papel que a vida lhe cobre.

VI - Inspirarás os teus alunos;

A prática docente não se trata apenas de “transmitir” conhecimentos aos alunos através de uma relação vertical e imposta. O trabalho de Aya se pauta sempre na horizontalidade e preza pelo trabalho em conjunto com os alunos. Isso inspira uma grande quantidade de futuros professores a terem a mesma conduta enquanto profissionais.

VII - Terás consciência social;

E extensão universitária? Também tem! Ormezinda é uma das professoras que mais prezam por esse pilar tão importante para a sociedade. Seja através do PIBID ou de projetos internos da própria UnB, ela sempre está envolvida em ações que envolvem leitura e escrita, e o melhor é que os alvos são jovens e adolescentes de comunidades carentes. Esse olhar demonstra cuidado e preocupação com aqueles que estão a margem de nossa sociedade injusta.

VIII - Não te prenderás aos métodos engessados de ensino;

Qual seria o lema de trabalho de Aya? “Amor e humor”, segundo a própria. Infelizmente, o ensino de português é um dos mais odiados pelos alunos nas escolas de educação básica, e a culpa disso é do tremendo engessamento que essa área do saber encontra nas unidades escolares. É preciso repensar as aulas de linguagem e fazer esforços para que os docentes se aproximem dos jovens, e uma ótima forma de empreender

tal feito é usando o humor. Aya usa essa forma de ensinar há mais de vinte anos e possui vários exemplos de como ele dá certo.

IX - Lutarás pelo que acredita;

Educar é uma forma de construir um mundo melhor e mais justo. A missão do professor vai além de ensinar conteúdos programáticos.

X - Darás a volta por cima.

Talvez esse seja o maior princípio da vida de Aya. Em meio a todas as decepções e tropeços que temos durante a vida, nunca desistir e lutar para mudar a situação é a sua maior marca registrada. A propósito, o capítulo desse livro que vocês lerão nasceu de uma situação assim: havia um congresso e o palestrante que iria encerrar o evento ficou doente e não pode comparecer. Com apenas dois dias de antecedência, Ormezinda foi convocada para substituí-lo e escreveu esse artigo que embasou a sua apresentação. A proposta deu tão certo que você irá conhecê-la aqui”.

Esse decálogo, publicado em obra acadêmica, é um reconhecimento espontâneo sobre a minha atuação docente. Ele revela que minha presença na Universidade de Brasília não se limitou à transmissão de conteúdos linguísticos, mas à construção de uma postura ética e política diante do saber.

Ao mencionar que "não te prenderás aos métodos engessados" e "honrarás a tua história de vida", o aluno confirma que a mensagem central da minha carreira, a de que a linguagem é um lugar de (re)existência e de construção de mundos, foi plenamente colhida. Ser homenageada dessa forma é a prova de que a "Engenharia da Extensão" e a "Arquitetura da Orientação" que descrevi ao longo deste Memorial produziram, acima de tudo, cidadãos conscientes e pesquisadores inspirados.

5.1.2.3 A Voz do Outro: O Arremate no Afeto

Nesta caminhada, nada é mais sólido do que o eco da voz de quem dividiu comigo o espaço da sala de aula. Recebo, com frequência, depoimentos espontâneos de ex-alunos que, hoje profissionais, revisitam nossa convivência para relatar como aquela 'teia' tecida entre as carteiras da graduação ainda sustenta suas práticas. Esses retornos, despidos de qualquer formalidade acadêmica, são a prova de que a docência é, em última análise, uma forma de permanência. Ao ler essas mensagens, que surgem em um encontro casual ou em um e-mail inesperado, ou até mesmo em mensagens pelo WhatsApp, compreendo que na Arquitetura da Memória habitamos sozinhos; ela é um monumento coletivo, no qual o maior reconhecimento não reside no título que carregamos, mas na certeza de que a semente da criticidade e da ética segue germinando em mãos alheias.

A seguir apresento uma pequena amostra, com o depoimento espontâneo de um ex-aluno, por ocasião de meu aniversário em março de 2026:

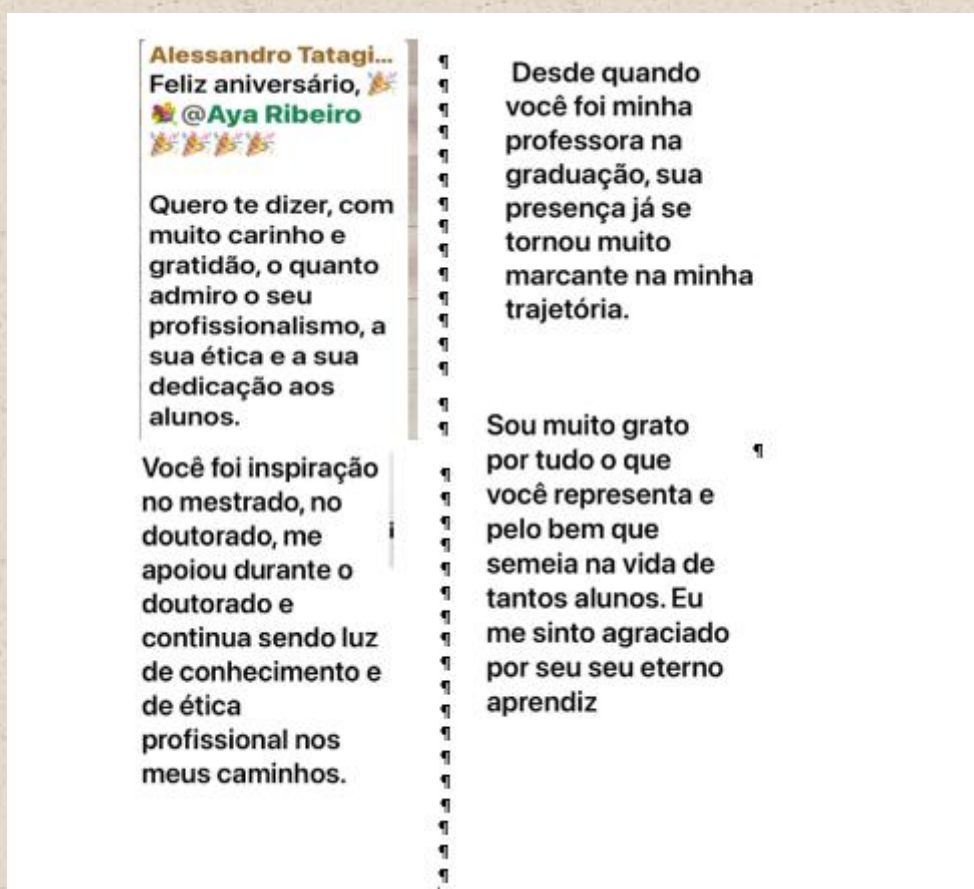


Figura 38 Prints do WhatsApp.

5.2 O compromisso do titular é de permanência:

Aproprio-me do dever do sempre: o futuro como uma construção solidária em cada momento do cotidiano presente e a educação por toda a vida (Ribeiro, 2023, p.16).

A promoção à Titularidade, neste contexto, é o reconhecimento da consistência e do impacto da obra já realizada (5.1), mas é, sobretudo, a assunção formal do dever do sempre. Ser Titular é abraçar a responsabilidade de encarar o futuro como uma construção solidária, quando a experiência e a sabedoria acumuladas são colocadas a serviço do coletivo em cada momento do cotidiano presente.

Esse compromisso de permanência implica três pilares essenciais:

- 1 Liderança e Sustentabilidade: Consolidar a posição como referência e polo gerador de novas pesquisas, novas lideranças e novos projetos de alcance social. Isso significa garantir a sustentabilidade das linhas de pesquisa criadas e das redes de colaboração (Seção III), assegurando que o Fio de Ariadne do conhecimento continue a ser tecido.
- 2 Educação por Toda a Vida: Viver e promover o princípio da educação por toda a vida, tanto na própria atualização contínua (aprender e desaprender) quanto na formação de estudantes e professores, transformando a universidade em um motor de crescimento e transformação ininterrupto.
- 3 Coerência Institucional: Manter a Gestão (Seção IV) alinhada com o ideal de construção solidária, defendendo o tripé ensino-pesquisa-extensão de forma equilibrada e inclusiva, para que a excelência se traduza em justiça social.

A permanência, portanto, é a promessa de que a singularidade da obra (a teia única de 5.1) continuará a ser entrelaçada com o futuro, em um ritmo que beneficia a comunidade acadêmica e a sociedade. Nessa esteira, o compromisso é garantir a continuidade da Teia de Penélope, projetando as redes (SIGNO/ALEA/REDE/Itália) para a vanguarda da pesquisa transnacional; continuar a formar novas gerações com a liberdade de escolha e a ética do eu-autor, rompendo o ciclo de repetição; manter viva a esperança e promover a

renovação, reconhecendo que a fidelidade sustenta a obra, e que as novas páginas serão escritas a cada manhã, com o olhar focado na busca de perfeição do ofício.

A promoção à Titularidade, então, é o reconhecimento da consistência e do impacto da obra já realizada, mas é, sobretudo, a assunção formal de um compromisso institucional de permanência. Ser Titular significa consolidar a posição como referência e polo gerador de novas pesquisas, novas lideranças e novos projetos de alcance social. Implica a responsabilidade de manter e expandir as redes de colaboração (3.3.3) e de garantir a sustentabilidade das linhas de pesquisa criadas, assegurando que o Fio de Ariadne do conhecimento, que me guiou até aqui, continue a ser tecido para as futuras gerações de pesquisadores.

Reconheço, contudo, que esta trajetória não se reduz à frieza dos relatórios, à linearidade das tabelas, ou à quietude e sincronicidade das fotografias que aqui se apresentam. Como na travessia de Riobaldo, a vida acadêmica é feita de uma matéria que se esquia de definições fáceis, quando o rigor científico convive com a astúcia do viver. Afinal, como nos ensina o mestre do sertão:

O senhor entende, o que conto assim é resumo; pois, no estado de viver, as coisas vão enqueridas com muita astúcia: um dia é todo para a esperança, o seguinte para a desconsolação (Rosa, 1967, p. 310).

5.3. O Olhar para o horizonte: o compromisso do titular

Tal qual a teia de Penélope, o tecido da educação é feito, desfeito, refeito, para esperar aquele que virá (Ribeiro, 2023, p.13).

A metáfora do tecer incessante de Penélope revela a natureza mais profunda da minha jornada no Instituto de Letras: a educação não é um monumento estático, mas um processo de constante renovação. Sob essa ótica, a condição de Titular não representa o ápice ou o fim de uma carreira, mas sim o ponto de partida para um novo ciclo de liderança e de responsabilidade ampliada.

Registro, então, o compromisso de quem já não tece apenas para si, mas para sustentar a rede que acolherá os que virão. Se Penélope tecia para

preservar um lugar, o Professor Titular tece para expandir fronteiras. É o momento de converter a experiência acumulada em solo fértil, permitindo que o "fazer, desfazer e refazer" acadêmico seja o motor da inovação e da justiça social, mantendo viva a chama da curiosidade e o rigor da ética para as gerações que já despontam no horizonte da universidade.

O Olhar para o Horizonte é, portanto, a projeção do meu compromisso de permanência em ações futuras, anunciadas nas metáforas usadas neste Memorial. Nesse sentido, sintetiza a visão do futuro, expressa no texto em epígrafe, assumindo que o tecido da educação é dinâmico, exigindo que a obra seja feita, desfeita e refeita incessantemente para esperar aquele que virá – o novo estudante, o novo professor, o novo desafio social.

O Titular assume, assim, a função de guardião e arquiteto desse processo de renovação contínua, pois ocupar a cátedra de Professora Titular é, acima de tudo, aceitar que o horizonte não é uma linha de chegada, mas um campo aberto de novas criações que exigem, além de método, uma dose corajosa de convicção. Como nos recorda Lewis Carroll (2000, p.62), "a única forma de conseguir algo é acreditar que você pode". É sob o signo dessa crença, na potência da educação e na força da nossa Instituição, que meu compromisso futuro se concentra em três frentes fundamentais, ensejando que a Universidade de Brasília continue a ser, em sua essência, um espaço de aprender e desaprender:

- 1- Inovação curricular e formação de novas lideranças: Assumo o desafio de oxigenar o ensino por meio da extensão e da integração de pesquisas de ponta, cultivando um ambiente no qual novos talentos possam florescer com autonomia e rigor.
- 2- Expansão e sustentabilidade das redes: Dedicar-me-ei ao fortalecimento das colaborações nacionais e internacionais, a fim de que as pontas do nosso conhecimento se conectem a outros mundos, fortalecendo a presença do Instituto de Letras e, conseqüentemente, da UnB, no cenário global.
- 3- Impacto social e ético: Reafirmo minha atuação na defesa da justiça social, buscando influenciar políticas públicas que tornem a linguagem e a educação ferramentas de emancipação e inclusão.

Dessa forma, encaro o futuro com a serenidade de quem sabe que a experiência não deve servir para cristalizar certezas, mas para nos dar a coragem de desfazer o que for preciso em prol de um ensino mais relevante.

Projeto, assim, uma atuação para os próximos anos que não se limita à gestão de processos, mas ao desenvolvimento de projetos estratégicos que mantenham a Universidade viva, pulsante e, sobretudo, humana.

Nessa perspectiva, esse horizonte é encarado como um campo de novas criações, nas quais a experiência é a base para a coragem de desfazer o que for preciso em prol de um ensino mais relevante e inclusivo.

Entendo que a identidade acadêmica não se encerra em si mesma, mas se consolida quando a trajetória percorrida se oferece como um caminho a ser visitado e compartilhado por outros.

Assumir a Titularidade é, portanto, aceitar a permanência deste compromisso: manter a Teia de Penélope em constante tecelagem, trabalhando para que o tecido da educação permaneça vivo, resistente e sempre aberto ao novo.

Este Memorial é o volume concluído de uma trajetória acadêmica marcada pela perseverança, pela integridade e pela busca incessante da Planta Autoral. A Crônica da Travessia que aqui se encerra é, pois, a convicção de que o saber é construído pela luta estoica, na qual o homem, como ensina Hemingway, pode ser testado, mas jamais derrotado em sua essência.

A Alma Acadêmica está pronta para as novas e desafiadoras páginas que a vida de Professor Titular reserva. Por isso, pela Arquitetura da Memória, construí esta Crônica da Travessia, em que esboço a poética da carreira docente, assumindo que o que aqui foi lembrado, merece continuar a ser.

Escrever este Memorial, portanto, não foi um simples ato de catalogar eventos, mas um exercício de discernimento. Como bem observou Bastos Tigre (1943) “a memória possui a ciência de filtrar, pelo mais fino dos tamises, fatos, impressões, sensações, para trazer à luz do momento atual somente aquilo que, tendo sido, mereça continuar a ser”.

Sob essa perspectiva, o que apresentei foi o resultado desse refinamento: um filtro rigoroso que busca resgatar da minha trajetória não apenas o volume da produção, mas a essência das ações que moldaram minha identidade como docente e pesquisadora.

Ao finalizar esta narrativa, compreendo que o Memorial não é o registro de uma chegada, mas o mapa de um percurso que se renova. Se utilizei o “fino tamis” de Bastos Tigre para filtrar o que merecia ser dito, e se mantive a

"atitude de Alice" para ousar o impossível, encerro este ciclo reportando-me a José Saramago, que nos ensina que a viagem é um processo infinito:

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante se sentou na areia da praia e disse: 'Não há mais o que ver', saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já [...] É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre! (Saramago, 1999, p. 451).

A Classe de Professor Titular, para mim, não representa o repouso do caminhante que "já viu tudo", mas a oportunidade de "ver outra vez o que se viu já" sob a luz da maturidade. É o momento de olhar para a seara verde da graduação e para o fruto maduro da pós-graduação com o mesmo zelo de quem recomeça.

Ao chegar ao fim desta crônica, compreendo que esta Arquitetura da Memória não é um monumento estático, mas uma estrutura em permanente construção. Olho para os fios que tracei desde 1983, do chão da Escola Mariana Tavares às salas de aula da Universidade de Brasília, e percebo que cada aluno, cada projeto e cada desafio foram os tijolos que sustentaram essa travessia.

Não pleiteio a condição de Professora Titular como um ponto de chegada, mas como o reconhecimento de uma maturidade que me permite continuar erguendo paredes e projetando horizontes com ainda mais vigor.

Minha história não se encerra nestas páginas, nem se resume ao meu currículo. Ela segue viva no rastro que deixei nas mais de 160 turmas na UnB, na autonomia de cada orientando e na ética que tentei semear em cada debate educacional e linguístico. Se a memória é o que amamos, e o que amamos fica eterno, então esta arquitetura está bem guardada: ela habita o futuro de todos aqueles que ajudei a se encontrar na educação.

Que a fidelidade ao ensino, à extensão e à pesquisa, que me sustentou até aqui, continue a se renovar a cada projeto e a cada nova manhã de trabalho.

Este Memorial, portanto, cumpre sua função de prolongar a experiência em narrativa, mas não encerra o meu ofício. Submeto esta trajetória à

Comissão Especial Avaliadora com a convicção de que o título acadêmico pretendido é, em essência, o passaporte para caminhos novos que agora passarei a traçar ao lado daqueles que ajudei e ajudarei em sua busca constante de formação.

Com a serenidade de quem ainda espera tecer e a coragem de quem ainda tem muito a projetar, entrego este Memorial. A teia continua...

À espera daquele que virá!.

Brasília, outono de 2026.

Professora Ormezinda Maria Ribeiro- Aya

Referências

- ALICE no País das Maravilhas. Dirigido por Tim Burton. Produzido por Walt Disney Pictures, 2010.
- ALVES, Rubem. A maçã. In: **A maçã e outros sabores**. Campinas, SP: Papirus, 2005, p. 11-15.
- BACH, Richard. **Ilusões**: as aventuras de um messias indeciso. 35. ed. Tradução de Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 3-20.
- BAKHTIN, M. Observações finais. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2002. p. 349-362.
- BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Almeida Revista e Atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 11 jan. 2026.
- BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória Sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo: Editorial Cone Sul; Uberaba: Universidade de Uberaba (UNIUBE), 1998
- CARROLL, Lewis. **Alice através do espelho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Isabel de Lorenzo. 2. ed. São Paulo: Objetivo, 2000.
- Lucio Costa, “O arquiteto e a sociedade contemporânea”. I Congresso Internacional de Artistas. Veneza, 1952. Republicado em XAVIER, Alberto.[org.]. **Lucio Costa**: sobre arquitetura. Porto Alegre: UFRGS, 1962.
- DURAS, Marguerite. **Écrire**. Paris: Gallimard, 1993a [versão em português : Escrever. Trad. de Rubens Figueiredo. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2009c. v. 3.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. M. Foucault, **Microfísica do poder**. 30ª reimpressão. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

GALEANO, Eduardo. **Dias e noites de amor e de guerra**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001.

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser criança**. 9. ed. (Tradução de Yan Michalski). São Paulo: Summus, 1981.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Sophia Zanotto. 2. ed. São Paulo: EDUC/Mercado de Letras, 2002.

LISPECTOR, C. **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PRADO, Adélia. Disponível em:
<https://facetasculturais.com.br/2021/01/16/sobre-as-memorias-afetivas-lico-es-de-adelia-prado/> Acesso em 12 mar. 2026

RIBEIRO, O. M. Ri melhor quem ri na escola. Quando o texto humorístico é também pedagógico. In: Juliana Dias Freitas. (Org.). **Ler e (re)escrever textos na universidade**: da prática teórica e do processo de aprendizagem-ensino. 2.ed. Campinas- SP: Pontes, 2019, v., p. 71-107.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Na teia de Penélope**. Metáforas na educação. 2. ed. Campinas: Pontes, 2023.

SARAMAGO, José. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TIGRE, Bastos. **Martins Fontes**. Santos: Edição da Sociedade dos Amigos de Martins Fontes, 1943.



Foto de meu crachá, da UnB. Fonte: acervo pessoal.

Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te
esqueças de nenhum de seus benefícios.
(Salmos 103:2)

Pela Arquitetura da Memória. Uma crônica da travessia na poética da carreira docente.

Esta Arquitetura da Memória não é um monumento estático, mas uma estrutura viva, tecida ao longo de quatro décadas de absoluta fidelidade à vocação docente. É mais do que o relato de uma trajetória acadêmico-profissional; constitui-se como um manifesto de amor ao magistério superior. Das primeiras letras na alfabetização em 1983 à densidade teórica da Linguística na Universidade de Brasília, a autora compartilha uma crônica autobiográfica que recusa o isolamento dos gabinetes para habitar, com afeto e rigor, o canteiro de obras da sala de aula. Guiada pelas epígrafes que costuram o texto, a autora utiliza a metáfora da Teia de Penélope para traduzir o ofício docente: um ato contínuo de tecer e destecer saberes, em que cada fio representa a paciência da escuta e a persistência do ensinar. Ao lançar os fundamentos de sua história, articula de forma reflexiva o ensino, a pesquisa, a extensão e a gestão universitária, revelando seu modo de ser e estar na universidade pública. Sob a premissa de que a verdadeira edificação do conhecimento se faz no encontro humano, este Memorial registra o testemunho de uma vida sustentada pelo propósito Divino e pela gratidão, oferecendo o vislumbre consciente de quem compreende que o rastro de um educador é indelével. Entre os fios da prática e os pilares da ciência, este Memorial não celebra apenas um ponto de chegada, mas reafirma o propósito de continuar edificando saberes enquanto a vida e a memória pulsarem.